



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA
DOUTORADO EM LINGUÍSTICA APLICADA

TICIANE RODRIGUES NUNES

LÍNGUA(GEM) E CULTURA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DOS CAMPOS
LEXICAIS DE VAQUEIROS DO CEARÁ



FORTALEZA – CEARÁ

2018

TICIANE RODRIGUES NUNES

LÍNGUA(GEM) E CULTURA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DOS CAMPOS
LEXICAIS DE VAQUEIROS DO CEARÁ

Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Orientação: Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes.

FORTALEZA – CEARÁ

2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Universidade Estadual do Ceará

Sistema de Bibliotecas

Nunes, Ticiane Rodrigues.

Língua(gem) e Cultura: um estudo etnográfico dos campos lexicais de vaqueiros do Ceará [recurso eletrônico] / Ticiane Rodrigues Nunes. ? 2018.

1 CD-ROM: il.; 4 ? pol.

CD-ROM contendo o arquivo no formato PDF do trabalho acadêmico com 368 folhas, acondicionado em caixa de DVD Slim (19 x 14 cm x 7 mm).

Tese (doutorado) ? Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Fortaleza, 2018. área de concentração: Linguagem e interação. Orientação: Prof. Ph.D. Expedito Eloísio Ximenes.

1. Linguagem do vaqueiro. 2. Léxico. 3. Língua e Cultura. 4. Campos lexicais. I. Título.

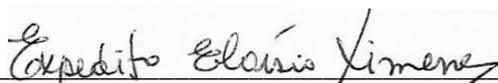
TICIANE RODRIGUES NUNES

LÍNGUA(GEM) E CULTURA: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO DOS CAMPOS
LEXICAIS DE VAQUEIROS DO CEARÁ

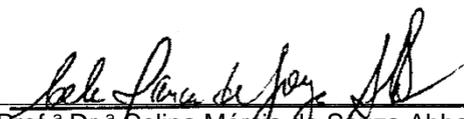
Tese apresentada ao Curso de Doutorado em Linguística Aplicada do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, do Centro de Humanidades, da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística Aplicada. Área de concentração: Linguagem e Interação.

Aprovada em: 30 de dezembro de 2018.

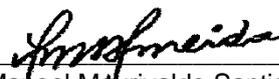
BANCA EXAMINADORA



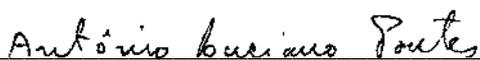
Prof. Dr. Expedito Eloísio Ximenes (Orientador)
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof.^a Dr.^a Celina Márcia de Souza Abbade
Universidade do Estadual da Bahia – UNEB



Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida
Universidade de São Paulo – USP



Prof. Dr. Antônio Luciano Pontes
Universidade Estadual do Ceará – UECE



Prof.^a Dr.^a Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará – UECE

Aos vaqueiros de Canindé e Morada Nova.

Aos meus pais, Gláucia e Eduardo.

Ao meu orientador, amigo e conselheiro,

Prof. Expedito Eloísio Ximenes.

Muito do que vivemos está registrado nas
linhas desta tese.

AGRADECIMENTOS

Depois de quatro anos de uma convivência intensa, enriquecedora e inigualável, aqui estou eu com a difícil tarefa de transpor em palavras o quão sou grata a todos que estiveram comigo ao longo desses anos. Todas as palavras do mundo são suficientes para agradecer a contribuição de cada um para a realização desta pesquisa, que representa mais que a realização de um sonho, a conquista de uma vitória que não é só minha, mas de todos que me querem bem e acreditam em mim.

Primeiramente, quero agradecer a Deus pelo dom da vida e pela graça de me tornar capaz de chegar até aqui.

Aos meus pais Eduardo e Glaucia, por estarem comigo sempre e acreditarem na minha luta e entenderem todas as ausências e renúncias do caminho!

A minha família, pelo apoio e por serem um pouco de mim!

Aos vaqueiros de Canindé e Morada Nova, pela singeleza com a qual me acolheram, pela generosidade, pelas parcerias, por cada lição ensinada com toda paciência e dedicação. Sem vocês esta pesquisa não teria razão de ser, pois, em nossa convivência, tornei-me ainda mais apaixonada pela cultura vaqueira e pude entender o amor que cada um de vocês têm ao gibão que veste.

Como uma forma de reconhecer o valor dos bravos cavaleiros do sertão, gostaria de citar alguns dos tantos vaqueiros-coautores que contribuíram com a pesquisa, para que os seus nomes fiquem marcados, não apenas na minha memória, mas na história da cultura vaqueira. Aos que não coube aqui citar, sintam-se também homenageados e representados nos nomes que se seguem: **Canindé:** Antônio Alves Paiva, Antônio Luciano Soares Araújo, Antônio Viana Vaz (Mitônio), Francisco Moreira dos Santos, Francisco Rogério Ribeiro Castelo, Francisco Welder Cunha Rodrigues, José Evangelista de Abreu, José Ferreira da Cruz (José Marçal), José Moreira Gomes, Júlio Cesar Tavares, Júlio Gomes da Silva, Moisés Paula Uchôa, Pedro Alves Oliveira, Pedro Costa Freitas e Raimundo Evenilson de Oliveira Lima; **Morada Nova:** Aderson Façanha Filho, Cambraia, Cleigerduque Maia, Clinton Rabelo Maia, Crisóstomo Lemos Rabelo, Egídio Freitas (Égídio da Valentina), Elisênia Freitas, Vanderli, Francisco Gleyson Lemos Girão, Francisco José Girão Silva (Dédé do Egídio), Gilvan Barbosa de Oliveira, João de Deus Girão Filho, Joaquim Bezerra de Araújo Filho, José Wagner Felipe Raulino, José Wesio Ferreira Lima (Dudu), Klaygerduck Maia Júnior, Mateus Andrade, Nilsinho Cacodé e Tayane Kelly de Freitas Rodrigues.

À Associação dos Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé (AVABOCRI) e à Associação dos Vaqueiros e Criadores de Morada Nova (AVCMN), pela acolhida, pelo apoio e pela cessão do espaço para o desenvolvimento da pesquisa. Sou-lhes muito grata por terem acreditado que juntos podemos resistir para que a cultura vaqueira não morra! Quero agradecer em especial, às diretorias da AVABOCRI, nos nomes dos vaqueiros José Cordulino Filho, Evandro Gomes da Silva, Edilânio Freitas e Dina Maria Martins (Mestra da Cultura); e às diretorias da AVCMN, nos nomes do vaqueiro Luzardo Nogueira Girão e da filha de vaqueiro Fátima Andrade Girão de Oliveira.

Aos amigos Vaqueiro Egídio da Valentina (*in memoriam*) e Dr. Clóvis Pereira Lima (*in memoriam*), pela simpatia e pela generosidade com que sempre me receberam. Obrigada pelas longas e ricas conversas, aprendi muito sobre a cultura vaqueira com os senhores!

Ao Museu do Vaqueiro de Morada Nova, agradeço grandemente pela semente plantada em mim, que floresceu e deu como fruto esta tese.

Aos amigos do Museu do Vaqueiro, em especial ao Prof. Sivaldo Carneiro e à Socorro Maria Girão (Socorrinha), companheiros de tantas conversas em manhãs e tardes que passavam tão rápido e sempre me deixavam na vontade de voltar.

Ao Museu da Cultura Cearense, que desde criança me apresentou a cultura vaqueira na Exposição Vaqueiros, onde vi de perto pela primeira vez a minha paixão como pesquisadora, onde, anos depois, pude reencontrar o universo do vaqueiro.

Aos amigos Robério Mesquita e Benedito Alves, sem vocês o campo não teria se aberto para a pesquisa, sua generosidade foi ponte!

Agradeço também a Tânia Silva Cordulino (querida D. Tânia), Sr. José Cordulino, Benedito e suas Marias – Maria mãe, Maria Heloísa e Maria Helena –, por fazerem me sentir em casa no seio de vossos lares. Vocês são a família que a pesquisa me deu!

Aos meus amigos das andanças de pesquisa: **Canindé:** Antônia Alves Paiva (Alci), Quitéria de Oliveira, Marlúcia Silva e Passarinho aboiador; **Morada Nova:** Ana Claudia Girão, Ceguinho Aboiador, Eliene do Egídio, José Cleudo de Oliveira, Josefa Ylzair de Castro, Lúcia Lopes, Sílvia Pinheiro, Sandra Valesca e Socorro Magal.

Ao meu orientador, Prof. Expedito Eloísio Ximenes, pela parceria que não me deixou fraquejar durante a prazerosa e árdua jornada de pesquisa. A vida me deu mais que um orientador, um grande amigo!

À Profa. Celina Abbade, pela disponibilidade em discutir comigo as minhas dúvidas, pela leitura atenta e pela alegria de sempre. Obrigada por compartilhar comigo esse momento!

Ao Prof. Mourivaldo Santiago, pela disponibilidade, pela minuciosa e reveladora e pela simpatia. Obrigada por viver comigo esse momento!

Ao Prof. Luciano Pontes, por me iniciar na pesquisa acadêmica e por me apresentar aos estudos do léxico. Obrigada por estar comigo até aqui!

À Profa. Claudiana Alencar, querida Clau, pela amizade generosa, pelas conversas e por me apresentar aos estudos culturais. O mundo precisa de mais Claudianas!

Aos amigos do *Voyage Voyage*, Gislene Carvalho, Hylo Leal e Filipe Fontenele, pelas risadas e pelos momentos de partilha e escuta que vivemos!

A minha amiga Jeanny Nogueira, pelas longas conversas e pelas infundáveis terapias! Você me ouve, me entende e me ajuda a me entender. Quero muito te ver mestre, doutora e realizada também!

A Renato Tavares, uma pessoa especial e fora do comum, que me fez repensar muitas das certezas que eu tinha na vida! Você chegou para mim no momento certo!

Ao Grupo PRAETECE – Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará, minha família acadêmica com quem posso contar todas as horas.

Aos amigos de PosLA e UECE, mas que também são de vida, Wagner Loiola, Nadja Pinheiro, Poly Oliveira, Felipe Coelho, Carlos Eduardo, Marco Antonio, Andrezza Queiroz, Aurilene Sampaio, Rodrigo Viana, Fernanda Kécia, Saulo Lemos, Grayce Sousa, Máuria Limaverde e Narcélio Lopes, vocês são mais que parceiros de pesquisa e trabalho, são pessoas preciosas!

A Wagner e Andrezza, pelos olhares atentos na revisão destas tantas linhas.

Aos amigos e companheiros de turma, Alana Kercia, Benedita Sipriano, Fernanda Ribeiro, José Edelberto, Maria Eduarda Peixoto, Sâmia Araújo e Tatiane Almeida, viver com vocês o seminário de tese foi renovador.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UECE – PosLA, por ser a minha casa nos últimos sete anos, casa onde cresci como pessoa, docente e pesquisadora. Agradeço especialmente aos professores do PosLA e da UECE por todas as lições!

Aos queridos Jamile Azevedo e Ismael Rebouças, pela atenção, presteza e compreensão com que sempre me recebem e atendem.

À Universidade Estadual do Ceará, por me receber menina e me formar uma profissional certa do caminho que quero seguir.

À Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, pelo apoio financeiro concedido à minha pesquisa. Sem esse auxílio, eu não teria vivido a etnografia como vivi!

E aos meus queridos professores, Aldeni Araújo, Fernanda Novais, Claudiana Nogueira, Silvia Souza, Aila e Giomário Batista, por serem sempre uma inspiração de docência para mim!

Quero também agradecer ao grande plano de expansão da educação brasileira executado pelos governos Lula e Dilma, que me proporcionou ter a experiência discente e docente que tive durante a minha pós-graduação.

Grande é o homem que acredita no valor do que tem,
que entende que a salvação vem de si e não de fora,
porque povo valente não luta contra o chão que tem,
aprende com ele o amor e o ofício.

E se o homem é feito do barro do semiárido.
E se com a vida ele aprende mais que com as palavras.

Ali, ele se ergue!

É por amor ao sertão que o homem vira a terra e a terra vira o homem,
e o seu coração desce pro chão e bate... bate... bate até que se enterra.

(Manelito Dantas)

RESUMO

O vaqueiro foi responsável pela ocupação do território do Ceará e por meio dele foi possível estabelecer no estado, então Capitania do Siará Grande, a atividade da criação de gado e, posteriormente, de outros animais. Reconhecendo que o vaqueiro é emblemático no sertão, ressalta-se, na presente tese, a linguagem desse ator social como patrimônio cultural e constituinte da cearensidade (PORDEUS JUNIOR, 2003). Desse modo, a presente pesquisa tem como objetivo investigar a linguagem do vaqueiro do sertão do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural, o que justifica o desenvolvimento de um estudo léxico-cultural, ressaltando a identidade do grupo estudado e divulgando as problemáticas vivenciadas por esse grupo. A metodologia deste estudo é de natureza qualitativa e se fixa no âmbito do método etnográfico para o desenvolvimento de uma observação participante nos municípios de Canindé e Morada Nova, ambos localizados no estado do Ceará. O percurso metodológico é composto por observações *in loco*, entrevistas semiestruturadas, delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*, elaboração do vocabulário desse campo e discussão reflexiva sobre as relações léxico-semântico-culturais que estruturam esse vocabulário. Como apoio para a realização deste estudo, o referencial teórico é composto por Hoggart (1957), Williams (1960), Thompson (1963), Bauman (2005) e outros teóricos que dialogam na perspectiva dos estudos culturais; por Biderman (1981, 2001), Krieger (2006a) e Pontes (2009), no contexto dos estudos do léxico; por Coseriu (1981) e Bakhtin/Voloshinov (2006), no que se refere à perspectiva da léxico-semântica e às concepções de realidade linguística na Linguística e na Linguística Aplicada; e por Coseriu (1981), Faulstich (1980) e Abbade (2009), quanto à teoria dos campos lexicais. Por fim, chegou-se ao denominador de 641 lexias distribuídas em 12 macrocampos, que por sua vez foram subdivididos em 41 microcampos, divididos também em 28 subcampos e, conseqüentemente, em 9 sub-subcampos. A partir dessa estrutura, foi possível organizar onomasiologicamente o vocabulário da *cultura do vaqueiro* e discuti-lo como elemento cultural estruturado léxico-semânticamente, a fim de verificar as relações sígnicas e lexicais inerentes ao âmbito de linguagem dos vaqueiros canindeenses e moradanovenses. Conclui-se que o presente estudo contribui para o reconhecimento da cultura vaqueira como uma cultura nordestina, que traz em seu arcabouço os traços das comunidades rurais do passado, mas que (re)existem até a contemporaneidade por meio da força de vontade

em resistir, preservar e divulgar a tradição responsável pelo povoamento da região Nordeste e, principalmente, do estado do Ceará. Portanto, considera-se que o campo lexical que estrutura o *corpus* de pesquisa trazido a lume não está fechado, mas pode ser ampliado com a continuidade das investigações, estendendo o estudo a outros municípios e comunidades de vaqueiros do estado do Ceará, ou até mesmo de outros estados que também têm a cultura vaqueira em sua tradição.

Palavras-chave: Linguagem do vaqueiro. Léxico. Língua e Cultura. Campos lexicais.

ABSTRACT

Cattlemen were responsible for the occupation of Ceará State territory, formerly established in “Siará Grande” Captaincy cattle raising activity and, later, of other animals. The importance of cattlemen as symbols is widely recognized in northeastern countryside, due to the influence of their dialect on the current inhabitants of Ceará, in other words, "cearensidade" (PODREUS JUNIOR, 2003). In this context, this research aims to investigate the language of the cattlemen's lexical fields as the linguistic, historical and cultural heritage, which justifies the development of a lexical-cultural study, just because it is important to study the identity and the problems experienced by this group. The method in this research has a qualitative approach and follows the ethnographic observation of the inhabitants of Canindé and Morada Nova, cities in Ceará. The research method is composed of *in loco* observations, semi-structured interviews, delimitation of the lexical field of the cattlemen culture, elaboration of the vocabulary and discussion about lexical-semantic-cultural about this vocabulary. Several studies were considered as reference framework for this paper, including Hoggart (1957), Williams (1960), Thompson (1963), Bauman (2005) and other authors of cultural studies; Biderman (1981, 2001), Krieger (2006a) and Bridges (2009), in the context of lexical studies; Coseriu (1981) and Bakhtin/Voloshinov (2006), about the lexicon-semantic perspective and the conceptions of linguistic reality in Linguistics and in Applied Linguistics; and Coseriu (1981), Faulstich (1980) and Abbade (2009), in the studies of lexical fields. At last, we reached 641 lexias distributed in 12 macrofields, subdivided in 41 microfields, in 28 subfields and, consequently, in 9 sub-subfields. With this structure, it was possible to organize onomasiologically the vocabulary of cattlemen culture and to discuss it as a lexical-semantically structured. This research concluded that the lexical relationships, that build the *corpus* of the research, is not a closed field but it could be enlarged with other studies in other cities and states that deal with the cowboy culture. Therefore, it is the relevance of this study to consolidate cattlemen culture, enlightening the resistance, preservation and spreading of the countryside northeast tradition.

Keywords: Cattlemen language. Lexic. Language and Culture. Lexical fields.

RESUMÉ

Le vacher était responsable pour l'occupation du territoire du état de Ceará et, grâce à lui, il était possible d'établir dans l'état, à l'époque Capitainerie de Siará Grande, l'activité d'élevage des vaches et, plus tard, d'autres animaux. Reconnaisant que le vacher est emblématique dans le bois de Nord-est du Brésil, dans cette thèse, nous présentons cet acteur social comment un patrimoine culturel et constituant de la « cearensidade » (PORDEUS JUNIOR, 2003). La présente recherche vise à investiguer la langue du vacher du bois de Nord-este du Ceará comme un patrimoine linguistique, historique et culturel, ce qui justifie le développement d'une étude lexico-culturelle, que mettant en évidence l'identité culturel du groupe étudié et diffusant les problèmes rencontrés dans da recherche. La méthodologie de cette étude est de nature qualitative et s'inscrit dans le cadre de la méthode ethnographique à propor du développement d'une observation participante dans Canindé et Morada Nova, situées dans l'état du Ceará. Le cours méthodologique est composé par les observations situées, les entretiens semi-structurés, la délimitation du champ lexicale de la culture du vacher, l'élaboration du vocabulaire du vacher et la discussion réfléchissant sur les relations lexical-sémantique-culturelles que structurent ce vocabulaire. La base théorique de cette étude est composée par Hoggart (1957), Williams (1960), Thompson (1963), Bauman (2005) et l'autres auteurs qui dialoguent avec la perspective des études culturelles; Biderman (1981, 2001), Krieger (2006a) et Bridges (2009), dans le contexte des études lexicales; Coseriu (1981) et Bakhtin/Voloshinov (2006), à propor de la perspective lexicale-sémantique et des conceptions de la réalité linguistique dans la Linguistique et la Linguistique Appliquée; et par Coseriu (1981), Faulstich (1980) et Abbade (2009), sur la théorie des champs lexicaux. Enfin, nous rencontrons 641 lexias organisé en 12 macrochamps, subdivisés en 41 microchamps, également divisés en 28 sous-champs et, par conséquent, en 9 sous-sous-champs. À partir de cette structure, nous organisons onomasiologiquement le vocabulaire de la culture du vacher et faisons une discussion sur le vocabulaire comment un élément culturel structuré dans les principes lexicaux et sémantiques, pour vérifier les relations de sens et lexicales inhérentes à le langage des vachers « canindeenses » et « moradanovenses ». Nous concluons que cette recherche contribue pour la reconnaissance de la culture des vachers comment une culture du bois de Nord-est du Brésil, qui apporte dans son cadre les traces des communautés rurales du passé,

mais qui (ré)existent jusqu'à la contemporanéité par d'une volonté de résistance, pour préserver et diffuser la tradition responsable pour la colonisation de la région du Nord-Est et, en particulier, de l'état du Ceará. Donc, nous considérons que le champ lexical structuré à partir du corpus de cette recherche n'est pas fermé, mais peut être étendu avec la continuation des investigations dans l'autres municipalités et communautés de vachers de l'état du Ceará, ou même dans l'autres états du Brésil qui ont également la culture de vacher comme une tradition.

Mots-clés: Langage du vacher. Lexique. Langue et Culture. Champs lexica

RESUMEN

El vaquero fue responsable de la ocupación del territorio de Ceará y por medio de él fue posible establecer en el estado, en la época Capitanía del Siará Grande, la actividad de la cría de ganado y, posteriormente, cría de otros animales. Reconociendo que el vaquero es una figura emblemática en el *sertão*, se resalta, en la presente tesis, el lenguaje de ese actor social como patrimonio cultural y constituyente de la *cearensidade* (PORDEUS JUNIOR, 2003). De esta manera, el presente estudio tiene como objetivo investigar el lenguaje del vaquero del *sertão* de Ceará como un patrimonio lingüístico, histórico y cultural, lo que justifica el desarrollo de un estudio léxico-cultural, resaltando la identidad del grupo estudiado y divulgando las problemáticas vivenciadas por ese grupo. La metodología de este estudio es cualitativa y se fija en el ámbito del método etnográfico para el desarrollo de una observación participante en los municipios de Canindé y Morada Nova, ambos ubicados en el estado de Ceará. El camino metodológico está compuesto por observaciones *in loco*, entrevistas semiestructuradas, delimitación del campo lexical cultura del vaquero, elaboración del vocabulario de ese campo y discusión reflexiva sobre las relaciones léxico-semántico-culturales que estructuran ese vocabulario. Como apoyo para la realización de este estudio, el referencial teórico está compuesto por Hoggart (1957), Williams (1960), Thompson (1963), Bauman (2005) y otros teóricos que dialogan con la perspectiva de los estudios culturales; por Biderman (1981, 2001), Krieger (2006a) y Puentes (2009), en el contexto de los estudios del léxico; por Coseriu (1981) y Bakhtin/Voloshinov (2006), en lo que se refiere a la perspectiva léxico-semántica y a las concepciones de realidad lingüística en la Lingüística y en la Lingüística Aplicada; y por Coseriu (1981), Faulstich (1980) y Abbade (2009), en cuanto a la teoría de los campos lexicales. Finalmente, se llegó al denominador de 641 lexías distribuidas en 12 macrocampos, que a su vez fueron subdivididos en 41 microcampos, divididos también en 28 subcampos y, consecuentemente, en 9 sub-subcampos. A partir de esa estructura, fue posible organizar onomasiológicamente el vocabulario de la cultura del vaquero y discutirlo como elemento cultural estructurado léxico-semánticamente, a fin de verificar las relaciones sígnicas y lexicales inherentes al ámbito de lenguaje de los vaqueros *canindeenses* y *moradanovenses*. Se concluye que el presente estudio contribuye al reconocimiento de la cultura vaquera como una cultura nordestina, que trae en su

estructura los rasgos de las comunidades rurales del pasado, pero que (re)existen hasta la contemporaneidad por medio de la fuerza de voluntad en resistir, preservar y divulgar la tradición responsable por el poblamiento de la región Nordeste y, principalmente, del estado de Ceará. Por lo tanto, se considera que el campo lexical que estructura el *corpus* de investigación traído a la luz no está cerrado, sino puede ser ampliado con la continuidad de las investigaciones, extendiendo el estudio a otros municipios y comunidades de vaqueros del estado de Ceará, o incluso de otros estados que también poseen la cultura vaquera en su tradición.

Palabras clave: Lenguaje del vaquero. Léxico. Lengua y Cultura. Campos lexicales.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplo de verbete do vocabulário.....	64
Figura 2 – Exemplo de campo associativo.....	75
Figura 3 – Representação gráfica da rede semântica e campo lexical <i>luz</i>	79
Figura 4 – Mapa dos caminhos de Capistrano de Abreu.....	91
Figura 5 – Mapa das estradas das boiadas.....	94
Figura 6 – Mapa da Capitania do Ceará com suas vilas, povoamentos e fluxos.....	97
Figura 7 – Mapa do Ceará com detalhe dos municípios.....	132
Figura 8 – <i>Software LexiquePro</i>	152
Figura 9 – Microestrutura abstrata no <i>software LexiquePro</i>	168
Figura 10 – Tela de digitação do verbete no <i>software LexiquePro</i>	169
Figura 11 – Tela de visualização do verbete eletrônico no <i>software LexiquePro</i>	170
Figura 12 – Versão impressa gerada pelo <i>software LexiquePro</i>	171
Figura 13 – Campo lexical <i>cultura do vaqueiro</i>	177
Figura 14 – Relações semânticas secundárias do campo lexical <i>cultura do vaqueiro</i>	281
Figura 15 – Relações semânticas secundárias do macrocampo <i>sujeitos</i>	283
Figura 16 – Relações semânticas secundárias do macrocampo <i>animais</i>	284
Figura 17 – Relações semânticas secundárias dos microcampos <i>práticas medicinais e eventos religiosos</i>	285
Figura 18 – Relações sinonímicas do macrocampo <i>sujeitos</i>	287
Figura 19 – Relações sinonímicas do macrocampo <i>animais</i>	288
Figura 20 – Relações sinonímicas do macrocampo <i>instrumentos de trabalho</i>	289
Figura 21 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo <i>geografia</i>	292
Figura 22 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo <i>sujeitos</i>	293
Figura 23 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo <i>instrumentos de trabalho</i>	294

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Quadro etnia do vaqueiro (Museu do Vaqueiro de Morada Nova)...	100
Foto 2 – Vaqueiro vestindo a indumentária de couro completa.....	104
Foto 3 – Missa do Vaqueiro em Canindé (2017).....	105
Foto 4 – Vaquejada dos sócios de Morada Nova (2018).....	107
Foto 5 – Marcas de ferrar expostas no Museu do Vaqueiro em Morada Nova.....	108
Foto 6 – Vaqueiros e seus cavalos e cachorro na cavalgada dos Targinos, em Canindé (maio/2017).....	112
Foto 7 – Búzio.....	113
Foto 8 – Chocalhos.....	115
Foto 9 – Sede da AVABOCRI em Canindé.....	135
Foto 10 – Exposição <i>Vaqueiros</i> do Museu da Cultura Cearense em Fortaleza.....	136
Foto 11 – Sede da AVCMN em Morada Nova.....	137
Foto 12 – Museu do Vaqueiro em Morada Nova.....	138

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Taxionomia das lexias, de acordo com Pottier (1978).....	55
Quadro 2 – Leis brasileiras relacionadas ao vaqueiro.....	117
Quadro 3 – <i>Lócus</i> da pesquisa.....	133
Quadro 4 – Participantes das entrevistas semiestruturadas.....	140
Quadro 5 – Culminâncias da pesquisa.....	143
Quadro 6 – Organização do vocabulário.....	153
Quadro 7 – Microestrutura abstrata dos verbetes do vocabulário.....	166
Quadro 8 – Síntese metodológica.....	171
Quadro 9 – Macro e microcampos do campo lexical <i>cultura do vaqueiro</i>	176

LISTA DE LEIS

Lei 1 – Lei Nº 11.928: Dia do vaqueiro nordestino.....	119
Lei 2 – Lei Nº 14.625: Dia estadual do vaqueiro.....	120
Lei 3 – Lei Nº 14.520: Missa do vaqueiro em Canindé.....	121
Lei 4 – Lei Nº 12.870: Regulamentação da profissão de vaqueiro.....	122
Lei 5 – Lei Nº 13.364: Eleva o rodeio e a vaquejada a manifestações da cultura nacional e a patrimônio cultural imaterial.....	124
Lei 6 – Lei Nº 16.321: Regulamentação da vaquejada como prática desportiva e cultural, assegurando o bem-estar dos animais.....	125

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABL	Academia Brasileira de Letras
adj.	Adjetivo
AVABOCRI	Associação dos Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé
AVCMN	Associação de Vaqueiros e Criadores de Morada Nova
fras.	Fraseologia
LA	Linguística Aplicada
loc.adj.	Locução Adjetiva
MCC	Museu da Cultura Cearense
PRAETECE	Grupo de pesquisa Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará
s.col.	Substantivo coletivo
s.comp.	Substantivo composto
s.f.	Substantivo feminino
s.pl.	Substantivo plural
s.m.	Substantivo masculino
UECE	Universidade Estadual do Ceará
v.	Verbo

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAIS: COMO ESSE CAMINHO COMEÇA.....	27
2	ESTUDOS LINGUÍSTICOS E CULTURAIS: DISCUSSÕES E REFLEXÕES TEÓRICAS	41
2.1	CULTURA: DISCUTINDO PRESSUPOSTOS QUE CONTEMPLEM O CAMPO	42
2.2	LÉXICO: CONCEITOS E DISCUSSÕES SOBRE O PATRIMÔNIO DA LÍNGUA.....	51
2.3	REALIDADE LINGUÍSTICA: A LINGUAGEM EM SOCIEDADE	65
2.4	CAMPOS LEXICAIS: ORDENANDO AS TEIAS DA LINGUAGEM	71
3	O VAQUEIRO E O SERTÃO: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS NO CAMINHO	87
3.1	CONTEXTO HISTÓRICO: QUANDO E COMO ESSA HISTÓRIA COMEÇOU	88
3.2	VIDA DE VAQUEIRO: “FAZER DA FRAQUEZA A FORÇA”	99
3.3	PROFISSÃO DE VAQUEIRO: A LEGALIZAÇÃO E O RECONHECIMENTO	116
4	METODOLOGIA: O PERCURSO ETNOGRÁFICO E SUAS PARTICULARIDADES	127
4.1	MÉTODOS E ABORDAGENS: OS CAMINHOS DA PESQUISA.....	128
4.2	CONTEXTOS DA ETNOGRAFIA: POR ONDE ANDEI.....	131
4.3	PARTICIPANTES DA PESQUISA: QUEM SÃO? COMO INTERAGIMOS?	139
4.4	PROCEDIMENTOS DE COLETA DO CORPUS: COMO TUDO ACONTECEU.....	142
4.5	COMPOSIÇÃO DO CAMPO LEXICAL: COMO SURTIU A TEIA	150
4.6	ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO: COLOCANDO TUDO NO SEU DEVIDO LUGAR	151
4.7	SÍNTESE METODOLÓGICA: O CAMINHO PERCORRIDO... ..	171
5	A LINGUAGEM DO VAQUEIRO DO CEARÁ: DO CAMPO LEXICAL AO VOCABULÁRIO	174
5.1	CAMPO LEXICAL <i>CULTURA DO VAQUEIRO</i> : A TEIA E OS FIOS QUE A TECEM.....	175

5.2	VOCABULÁRIO DA <i>CULTURA DO VAQUEIRO</i> : AS MINÚCIAS DO CAMPO LEXICAL.....	178
5.2.1	Macrocampo: Sujeitos	179
5.2.1.1	Microcampo: Genéricos	179
5.2.1.2	Microcampo: Vaqueiros.....	180
5.2.1.3	Microcampo: Não vaqueiros.....	184
5.2.2	Macrocampo: Animais	186
5.2.2.1	Microcampo: Finalidade	186
5.2.2.1.1	<i>Subcampo: Genéricos</i>	186
5.2.2.1.2	<i>Subcampo: Animais de criação</i>	189
5.2.2.1.3	<i>Subcampo: Animais de trabalho</i>	191
5.2.2.2	Microcampo: Desenvolvimento.....	194
5.2.2.2.1	<i>Subcampo: Fases de desenvolvimento</i>	194
5.2.2.2.1.1	Sub-subcampo: Genéricos	195
5.2.2.2.1.2	Sub-subcampo: Fases dos bovinos.....	195
5.2.2.2.1.3	Sub-subcampo: Fases dos equinos	196
5.2.2.2.1.4	Sub-subcampo: Fases dos caprinos	197
5.2.2.2.1.5	Sub-subcampo: Fases dos ovinos.....	198
5.2.2.2.1.6	Sub-subcampo: Fases dos suínos	198
5.2.2.2.1.7	Sub-subcampo: Fases das aves	199
5.2.2.2.2	<i>Subcampo: Processos de desenvolvimento</i>	200
5.2.2.2.2.1	Sub-subcampo: Genéricos	200
5.2.2.2.2.2	Sub-subcampo: Processos dos equinos.....	200
5.2.2.3	Microcampo: Anatomia.....	201
5.2.2.3.1	<i>Subcampo: Genéricos</i>	201
5.2.2.3.2	<i>Subcampo: Anatomia dos bovinos</i>	203
5.2.2.3.3	<i>Subcampo: Anatomia dos equinos</i>	204
5.2.2.4	Microcampo: Raças.....	205
5.2.2.4.1	<i>Subcampo: Raças dos bovinos</i>	206
5.2.2.4.2	<i>Subcampo: Raças dos ovinos</i>	207
5.2.2.4.3	<i>Subcampo: Raças dos equinos</i>	208
5.2.2.5	Microcampo: Cores	209
5.2.2.5.1	<i>Subcampo: Cores dos bovinos</i>	209
5.2.2.5.2	<i>Subcampo: Cores dos equinos</i>	210

5.2.2.6	Microcampo: Ações.....	211
5.2.2.6.1	<i>Subcampo: Ações dos bovinos</i>	211
5.2.2.6.2	<i>Subcampo: Ações dos equinos</i>	212
5.2.3	Macrocampo: Alimentação	213
5.2.3.1	Microcampo: Genéricos	213
5.2.3.2	Microcampo: Alimentação dos vaqueiros	214
5.2.3.2.1	<i>Subcampo: Líquidos</i>	215
5.2.3.2.2	<i>Subcampo: Sólidos</i>	216
5.2.3.3	Microcampo: Alimentação dos bovinos	219
5.2.3.3.1	<i>Subcampo: Líquidos</i>	220
5.2.3.3.2	<i>Subcampo: Sólidos</i>	220
5.2.3.4	Microcampo: Alimentação dos equinos	221
5.2.3.4.1	<i>Subcampo: Líquidos</i>	221
5.2.3.4.2	<i>Subcampo: Sólidos</i>	222
5.2.4	Macrocampo: Instrumentos de trabalho	222
5.2.4.1	Microcampo: Indumentárias	222
5.2.4.1.1	<i>Subcampo: Indumentária dos vaqueiros</i>	223
5.2.4.1.2	<i>Subcampo: Indumentária dos bovinos</i>	224
5.2.4.1.3	<i>Subcampo: Indumentária dos equinos</i>	226
5.2.4.2	Microcampo: Utensílios	231
5.2.4.3	Microcampo: Recursos.....	238
5.2.5	Macrocampo: Atividades laborais	239
5.2.5.1	Microcampo: Genéricos	239
5.2.5.2	Microcampo: Procedimentos	240
5.2.6	Macrocampo: Acidentes de trabalho	246
5.2.6.1	Microcampo: Genéricos	247
5.2.6.2	Microcampo: Acidentes dos vaqueiros	247
5.2.6.3	Microcampo: Acidentes dos animais	249
5.2.7	Macrocampo: Práticas medicinais	249
5.2.7.1	Microcampo: Doenças dos animais	249
5.2.7.2	Microcampo: Remédios.....	251
5.2.7.3	Microcampo: Tratamentos.....	252
5.2.8	Macrocampo: Ambientes de trabalho	253
5.2.8.1	Microcampo: Genéricos	253

5.2.8.2	Microcampo: Ambientes internos	254
5.2.8.3	Microcampo: Ambientes externos	254
5.2.9	Macrocampo: Geografia	256
5.2.9.1	Microcampo: Clima.....	256
5.2.9.2	Microcampo: Espaço.....	257
5.2.9.3	Microcampo: Vegetação.....	259
5.2.9.3.1	<i>Subcampo: Genéricos.....</i>	<i>259</i>
5.2.9.3.2	<i>Subcampo: Rasteiras</i>	<i>261</i>
5.2.9.3.3	<i>Subcampo: Arbustos</i>	<i>262</i>
5.2.9.3.4	<i>Subcampo: Árvores.....</i>	<i>263</i>
5.2.10	Macrocampo: Medidas.....	264
5.2.10.1	Microcampo: Unidade	265
5.2.10.2	Microcampo: Peso.....	265
5.2.10.3	Microcampo: Volume.....	266
5.2.10.4	Microcampo: Extensão	267
5.2.11	Macrocampo: Religiosidade.....	268
5.2.11.1	Microcampo: Genéricos	268
5.2.11.2	Microcampo: Entidades.....	268
5.2.11.3	Microcampo: Práticas.....	271
5.2.11.4	Microcampo: Objetos	272
5.2.12	Macrocampo: Eventos	273
5.2.12.1	Microcampo: Genéricos	274
5.2.12.2	Microcampo: eventos sociais	274
5.2.12.3	Microcampo: eventos religiosos	275
6	RELAÇÕES SEMÂNTICAS: O QUE O CAMPO LEXICAL CULTURA DO VAQUEIRO ME REVELA...	277
6.1	RELAÇÕES SEMÂNTICAS PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS: OS PRIMEIROS SENTIDOS DO CAMPO LEXICAL	278
6.2	RELAÇÕES SINONÍMICAS E POLISSÊMICAS: OS SENTIDOS QUE SE CRUZAM NO CAMPO LEXICAL	286
6.3	RELAÇÕES SEMÂNTICAS HIPERONÍMICAS E HIPONÍMICAS: AS HIERARQUIAS DE SENTIDO DO CAMPO LEXICAL	292
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CAMINHO TEM FIM?.....	296
	REFERÊNCIAS	304

APÊNDICES	316
APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DOS VAQUEIROS	317
APÊNDICE B – FOTOS	318
APÊNDICE C – ÍNDICE REMISSIVO	338
ANEXOS	345
ANEXO A – LEI FEDERAL Nº 12.870, DE 15.10.2013	346
ANEXO B – LEI ESTADUAL Nº 16.321, DE 13.09.2017	347
ANEXO C – PARECER SUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA DA UECE	350
ANEXO D – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	354
ANEXO E – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	355

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS: COMO ESSE CAMINHO COMEÇA¹

“Ai, ai, que bom
 Que bom, que bom que é
 Uma estrada e uma cabocla
 Cum a gente andando a pé
 Ai, ai, que bom
 Que bom, que bom que é
 Uma estrada e a lua branca
 No sertão de Canindé
 Artomove lá nem sabe se é home ou se é muié
 Quem é rico anda em burrico
 Quem é pobre anda a pé
 Mas o pobre vê nas estrada
 O orvaio beijando as flô
 Vê de perto o galo campina
 Que quando canta muda de cor
 Vai moiando os pés no riacho
 Que água fresca, nosso Senhor
 Vai oiando coisa a grané
 Coisas qui, pra mode vê
 O cristão tem que andá a pé.”
 (CAMINHO DE CANINDÉ – LUIZ GONZAGA).

A sociedade é composta por indivíduos que são atores sociais com seus hábitos e costumes. Esses atores, por sua vez, são tomados pelo sentimento de pertencimento ao contexto onde vivem ou estão situados. Por meio desses hábitos e costumes, os indivíduos, os espaços e a sociedade como um todo se reconhecem e são reconhecidos, identificados e caracterizados. Cada um com suas particularidades é visto como parte de um grupo ou região, mostrando os valores e as especificidades que o identificam como pertencente a um grupo integrando uma sociedade.

A identidade cultural do Ceará é construída por uma variedade de aspectos a que Pordeus Júnior (2003) denomina de cearensidade, pois a cearensidade traz consigo vários ícones emblemáticos que autenticam a existência dessa identidade e que atribuem a esses sujeitos o sentimento de pertença, responsável pela inclusão deles na cultura cearense, como o jangadeiro, a rendeira e o vaqueiro. Sendo assim, no Ceará, esses grupos dão identidade ao estado, e a eles se juntam ainda agricultores, pescadores, rezadeiras, profetas da chuva, trabalhadores dos engenhos de rapadura, índios e negros (SERAINÉ, 1983), que geralmente têm a luta pela sobrevivência motivada pelas condições sociais e climáticas desfavoráveis. Não

¹ Neste trabalho utilizo a primeira pessoa do singular quando se trata de situações e experiências vividas por mim como pesquisadora inserida na (n)etnografia e em diálogo com informações que me marcaram como pesquisadora e leitora. Em outros momentos, utilizo a primeira pessoa do plural quando se fizer presente a pluralidade de vozes no discurso e no diálogo com teóricos e teorias.

obstante as dificuldades, esses grupos resistem às secas, ao meio hostil e ao contexto de desigualdades, preservando suas linguagens e tradições, que constituem a identidade cultural cearense, em outras palavras, a cearensidade.

Ao observar as culturas cearenses como essa cearensidade, é inegável a relevância da vivência desses grupos para o reconhecimento da cultura cearense. Essa observação me chama atenção para destacar a cultura local e as realidades linguísticas desses grupos como um sinal de (re)existência da cultura genuinamente cearense (PORDEUS JÚNIOR, 2003), gestada desde o contexto de colonização do estado, que tenta não se sufocar diante do contexto hegemônico da vida moderna, que, corriqueiramente, impõe, de modo incisivo, as novidades e fazem adormecer as tradições dos grupos que deram origem à sociedade cearense contemporânea.

A partir do reconhecimento desses grupos cearenses, nos quais tenho minhas raízes, pude verificar que o vaqueiro é um exemplo vivo da identidade cultural cearense, da cearensidade, que, dentre tantos outros grupos presentes no sertão cearense e, conseqüentemente, no contexto em que vivem, resistem com sua tradição, suas crenças, seus valores, suas vestimentas, sua alimentação e suas formas de falar e de expressar o seu rico vocabulário.

Nesse âmbito, o vaqueiro assume o lugar de agente que habita o sertão cearense, sendo reconhecido como nativo desse contexto, onde a luta constante pela subsistência motiva a esperança em cada amanhecer. O cavaleiro do sertão se estabelece nesse âmbito como um agente tomado pela identidade cultural de cearense, tendo em vista a posição de destaque que assumiu perante o processo de colonização do estado do Ceará e a importância da disseminação de sua atividade laboral para as efetivas ocupação e colonização do sertão.

Destarte, o Nordeste árido é constantemente considerado o lugar de origem do vaqueiro, pois, com o passar dos tempos, ele se adaptou à sequeidão e à escassez de recurso do sertão, comportando-se como parte da caatinga e responsável pela manutenção e preservação desse ambiente.

Investigando a relevância e a representatividade desse ator social desde o período colonial brasileiro, pude verificar a sua presença em diversas obras artísticas e intelectuais, dentre as quais destaco algumas obras das literaturas cearense, brasileira e portuguesa que retratam o cotidiano do vaqueiro.

Na obra *O monólogo do vaqueiro*, Gil Vicente (século XVI) retrata o costumeiro ato português da visitação dos vaqueiros aos seus senhores para

oferecer-lhes presentes, que eram fruto de seu trabalho. Esse personagem é lembrado pelo dramaturgo português como o trabalhador que labuta na propriedade rural e, por sua vez, também é responsável pela manutenção e pela ordem do local.

Lembro-me também da célebre obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, cujo autor relata sagas e lutas de jagunços saídos de grupos de vaqueiros de grandes propriedades rurais. Sem citar Mariano, vaqueiro pantaneiro do conto *Entremeio com o vaqueiro Mariano*, também de autoria de Guimarães Rosa (1985), em que um pesquisador desconhecido conta sua estadia no Pantanal do Mato Grosso em companhia de Mariano, morador da Nhecolândia.

Como esquecer os vaqueiros retratados na obra de Euclides de Cunha (1905)? *Os Sertões* traz, em suas segunda e terceira partes, *O Homem* e *A Luta*, respectivamente, os vaqueiros como os indivíduos que povoaram a região do médio São Francisco² e, conseqüentemente, responsáveis pela formação étnica do sertanejo, juntamente com os bandeirantes e os portugueses das missões jesuítas. O autor³ retrata também o modo de se vestir do vaqueiro, afirmando que “[...] a roupa de couro do vaqueiro se faz a armadura flexível do jagunço [...]”⁴ que se protege da vegetação árida e espinhenta da caatinga.

Não posso esquecer ainda Fabiano, famoso personagem da obra *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, vaqueiro, homem simples, morador da caatinga nordestina que se mantém com a família a duras penas em um lugar inóspito e castigado pelas adversidades climáticas.

Por último, mas não menos importante, há também Chico Bento, vaqueiro e retirante da obra *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, que deixa Aroeiras em Quixadá, juntamente com a sua família, para buscar meios de sobrevivência na Capital. Mesmo diante do sofrimento do caminho, a perda dos filhos, a humilhação e a necessidade extrema, Chico Bento não desanima, transformando a adversidade em força para buscar melhores condições de vida.

Ao fazer referência às obras de Gil Vicente, Guimarães Rosa, Euclides da Cunha, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, constato o quanto o vaqueiro é

² Pela grande extensão territorial ocupada pelo Rio São Francisco, o seu percurso é geralmente dividido em baixo, médio e alto São Francisco, correspondendo, respectivamente, à nascente do rio até a cidade de Pirapora em Minas Gerais; de Pirapora, seguindo por Remanso até Paulo Afonso na Bahia; e de Paulo Afonso até a foz do rio, entre os estados da Bahia e de Sergipe.

³ *Ibid.*

⁴ *Ibid.*, p. 100.

lembrado na literatura, sem mencionar tantos outros personagens de outras obras literárias (romances, contos, crônicas, poemas, cordéis etc.) que também são vaqueiros. No entanto, no âmbito dos estudos da linguagem, a academia apresenta uma lacuna de pesquisa relacionada a esse ator social.

Em uma pesquisa nos bancos de teses e dissertações, periódicos científicos e livros, pude verificar que há um número considerável de pesquisas nas áreas de História, de Sociologia, de Agronomia, de Comunicação Social e de Literatura voltadas para a exploração de temáticas que envolvem o vaqueiro. Dentre elas, destaco a pesquisa de Brandão (2008), intitulada *O vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão*, publicada no livro *História: cultura e sentimento*, em que a autora faz uma análise da representação geográfico-social do vaqueiro como um ator ativo no território sertanejo e responsável pela manutenção da vida, da ordem e da produção.

Destaco, também, a pesquisa de Vieira (2007), intitulada *Cultura de vaqueiro: o sertão e a música dos vaqueiros nordestinos*, publicada nos Anais do III Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Em sua pesquisa, Vieira (2007) busca encontrar os espaços – reais e imaginários – ocupados pelo vaqueiro e caracterizá-lo a partir de suas cantigas, realizando uma análise sociológica e cultural desse ator social. Já na pesquisa de mestrado de Tapety (2007), intitulada “*O vaqueiro no Piauí*”: *representações e práticas socioculturais (1960 a 2000)*, o autor busca construir uma identidade sociocultural do vaqueiro no estado do Piauí por meio de um *corpus* composto por histórias orais propiciadas pela reconstituição da história cultural do vaqueiro no estado.

No contexto cearense, destaco a obra de Jucá Neto (2012), intitulada *Primórdios da urbanização no Ceará*, resultado de sua tese de doutoramento, em que o autor realizou um estudo urbanístico minucioso sobre a ocupação do território cearense no período setecentista. Jucá Neto (2012) concentrou sua análise na ocupação da Vila do Aracati e retratou o vaqueiro como um sujeito essencial por abrir o caminho das boiadas, acesso indispensável para a criação de vilas no Ceará. Destaco, ainda, no âmbito da área de comunicação social, o documentário *Vaqueiros*, de autoria e direção de Nogueira (2015), cujo teor aborda uma discussão sobre a seca, a vaquejada e a regulamentação da profissão de vaqueiro no município de Morada Nova – Ceará.

Já no âmbito dos estudos linguísticos, ressalto as dissertações de mestrado de Peixoto (2007), intitulada *A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical*, em que a autora realiza uma análise semântico-lexical de aspectos da fala dos vaqueiros de uma comunidade de Teofilândia, município do estado da Bahia; e de Silva (2011), intitulada *O campo lexical do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo*, em que a pesquisadora apresenta uma análise lexicológica de documentos pessoais enviados por vaqueiros e negociantes no final do século XIX ao Barão de Jeremoabo. Peixoto (2007) utiliza ainda em sua pesquisa o referencial teórico da Dialetoлогия, da Semântica e da Lexicologia, o que a diferencia da pesquisa aqui realizada, pois proponho um estudo voltado para a perspectiva do léxico e da cultura, considerando as relações semânticas que envolvem o vocabulário do campo lexical da cultura do vaqueiro em uma realidade linguística, utilizando também como arcabouço teórico a teoria coseriana dos campos lexicais. Já Silva (2011) estruturou o campo lexical do *trabalho*, considerando 24 cartas escritas por vaqueiros e negociantes do recôncavo baiano com a utilização da teoria dos campos lexicais e dos preceitos da Lexicologia para retratar as relações de trabalho existentes no contexto estudado.

Considerando os estudos citados, realizo minha pesquisa como uma maneira de preencher uma lacuna desse tipo de investigação no Ceará, que contempla um estudo sistemático da linguagem do vaqueiro em uma perspectiva teórica voltada para o léxico e a cultura, com o objetivo de divulgar a imagem e a identidade cultural do vaqueiro como um ator social atuante no Ceará, desde os primórdios da colonização desse estado brasileiro até a contemporaneidade.

Busco, ainda, despertar na sociedade acadêmica cearense um interesse em explorar as potencialidades locais, ou seja, conhecer as particularidades que cercam a realidade linguística e cultural do vaqueiro e, por meio desse conhecimento, propagar a cultura local como um traço importantíssimo para a construção da identidade dos brasileiros, dos nordestinos e, acima de tudo, dos cearenses.

Desde o período colonial brasileiro, o povoamento do Ceará teve como ponto primordial a criação de gado, já que o litoral nordestino era tomado pela produção de cana-de-açúcar, principal fonte econômica do Brasil colônia. Desse modo, o vaqueiro, descendente da mestiçagem entre brancos europeus, índios, negos e outros indivíduos de etnias indeterminadas (PORDEUS JÚNIOR, 2003), passou a zelar e a disseminar a cultura de criação do gado bovino. Isso aconteceu,

primeiramente, em virtude de uma necessidade produtiva, pois, à época, o *gado vacuum* foi mandado ao Ceará por estar destruindo os canaviais na antiga Capitania de Pernambuco.

De acordo com Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016), a segunda razão pela qual a pecuária se institui no sertão, principalmente dos estados do Ceará e da Paraíba, foi o fato de o gado ter se adaptado ao território árido com grandes extensões de terra e condições favoráveis à agricultura, ou seja, mais adequado para a criação do gado, pois apresenta a cobertura vegetal mais rica em espécies de flora nativa, possui a melhor média de chuvas, bem como a maior densidade demográfica em zona árida. Todas essas razões contribuíram sobremaneira para a instalação dos rebanhos, juntando-se também o fato de ser inviável a instituição de uma atividade econômica que dependesse direta e regularmente do uso da água, pois a instabilidade pluviométrica não garantia – e nem garante – a produção agrícola, tendo em vista que as plantas têm necessidade regular de consumo de água.

Com base nessa informação e observando o histórico de ocupação do Nordeste brasileiro, percebemos a presença marcante da pecuária. De acordo com Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016) e Jucá Neto (2012), é possível perceber essa cultura na toponímia, com os nomes dados aos acidentes geográficos e às cidades, por exemplo, Rio dos Currais, cidades de Currais Novos e Parelhas; ou aos períodos históricos, como a Civilização do couro; e no atual rebanho brasileiro visto que cerca de 85% desses bovinos são da raça Zebu ou de alta cruza Zebu, raça abundante na colonização do Nordeste que, por sua vez, são resistentes ao clima árido e adverso.

A partir do período de colonização do Brasil, a pecuária instalou-se no Ceará e com ela o vaqueiro, que até hoje, tem sua cultura disseminada no estado. O vaqueiro é, desde o período colonial, a pessoa que trabalha diretamente com o gado, ou seja, a sua rotina é cercada por elementos que remetem à atividade laboral de criar gados e de zelar pela propriedade rural.

Pensando no vaqueiro como um ator social que foi responsável pela manutenção e pela ordem da região interiorana do estado do Ceará e que ainda tem muita importância no cenário do sertão cearense, busco colocá-lo em evidência a partir do estudo do campo lexical da cultura do vaqueiro por meio da organização do vocabulário onomasiológico desse léxico, utilizando como base teórico-metodológica os campos lexicais coserianos. Para tanto, reúno um *corpus* que contempla o ator social vaqueiro inserido em seu contexto real e de uma base sociocultural, para

realizar o estudo das relações de significado responsáveis pela composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*; e analisar minuciosamente o *corpus* coletado por meio de entrevistas, imagens e documentos para a elaboração do vocabulário, a fim de que esse produto lexicográfico seja uma fonte de disseminação da cultura vaqueira, para que os leitores a reconheçam e apaixonem-se pelas raízes culturais do nosso Ceará.

Não só nas obras literárias supracitadas, mas nos registros históricos e midiáticos, observo que um dos aspectos que se mostra como característico do sertão é a luta pela sobrevivência, motivada pelas condições desfavoráveis do clima. As representações do sertão cearense são utilizadas na constituição de uma identidade cultural cearense, uma dessas representações, além da seca, é o vaqueiro. Ao lembrarmos do vaqueiro, lembramos ainda da caatinga, vegetação característica do Nordeste do Brasil, tão presente no sertão cearense e que sofre diretamente com a aridez e a falta de chuvas, responsável pelas adversidades vivenciadas pelo cavaleiro do sertão.

Não é mero acaso que esse ator social seja um forte representante da cultura local, uma vez que o vaqueiro se destacou na ocupação do território do Ceará. Como bem destaca Jucá Neto,

Sem um projeto metropolitano específico para a ocupação do território cearense, a Capitania foi conquistada pelos vaqueiros que conduziam as boiadas provenientes tanto do Piauí como do litoral açucareiro. O Estado Português nada mais fez do que utilizar os caminhos das boiadas, procurando capitalizar a atividade pecuarista, exatamente nestas veredas sertanejas, abertas pelos vaqueiros, as vilas cearenses foram criadas. (JUCÁ NETO, 2012, p. 110-111).

Por esta razão, os vaqueiros guiaram os portugueses no século XVIII pelas veredas abertas a golpes de facão na caatinga nordestina, proporcionando assim a fundação de vilas e o escoamento do gado (JUCÁ NETO, 2012).

No caminho das boiadas, muitos municípios surgiram, dentre eles Morada Nova, município cearense localizado no vale do Rio Jaguaribe e considerado a terra do vaqueiro no Ceará, pois, na região jaguaribana, a criação de gado é uma atividade que se apresenta como de alta rentabilidade para os grandes produtores, o que atraiu desde muito cedo a atividade do vaqueiro, considerado na região como o principal empregado da propriedade rural.

O município abriga ainda duas instituições que estão diretamente ligadas ao sujeito vaqueiro, a saber: o *Museu do Vaqueiro de Morada Nova* e a *Associação de vaqueiros e criadores de Morada Nova*.

O Museu do Vaqueiro foi criado em 1985 e reúne um acervo que é composto por objetos (utensílios pessoais e de trabalho), vestimentas, fotografias, documentos, dentre outros elementos. Ressaltamos ainda que o acervo do Museu comporta itens ligados não apenas à lida do profissional cuidador do gado, mas também itens de uso pessoal do vaqueiro.

Em visita ao Museu do Vaqueiro de Morada Nova, em 20 dezembro de 2013, constatei uma grande riqueza cultural, histórica e vocabular no universo linguístico que cercava e cerca este importante ator social habitante, há muito tempo, no território cearense. Verifiquei também, por meio do diálogo estabelecido pelo condutor da visita, uma infinidade de histórias a serem contadas sobre o vaqueiro, pois, apesar de haver um número considerável de documentos escritos que registram ações e determinações relacionadas à atividade e ao indivíduo, a cultura oral é muito presente entre os vaqueiros e entre as comunidades que compartilham com eles a mesma realidade linguística.

Em conversa com o responsável pelo Museu do Vaqueiro, Professor e Historiador Sivaldo Carneiro, ele relatou várias histórias que esclarecem muitas das práticas realizadas por estes profissionais.

Quanto à *Associação dos vaqueiros e criadores de Morada Nova*, ela foi criada em 13 de junho de 1943 e teve a sua primeira reunião em 4 de julho do mesmo ano. A primeira reunião contou com a presença do primeiro presidente e de seus sócios fundadores, dentre os quais estavam pequenos e grandes criadores de gado da região e os vaqueiros que trabalhavam nas propriedades de Morada Nova e seu termo. Ressalto que, à época da realização da pesquisa de campo, alguns dos sócios-fundadores ainda eram vivos, o que fortaleceu a realização deste estudo de campo em que pude entrevistá-los e saber, com riqueza de detalhes, histórias, causos e minúcias sobre a atividade laboral do vaqueiro, e que muito contribuíram para o entendimento da dimensão da cultura vaqueira no município.

Outro município relevante no contexto da cultura vaqueira no Ceará é Canindé, localizado no sertão central cearense e que, embora não esteja situado no caminho das boiadas, possui uma forte tradição de criação de gado e, conseqüentemente, da presença do vaqueiro. Quanto à escolha de Canindé, essa

ocorreu, principalmente, pelo fato da trajetória sócio-histórica do município ser marcada pela pecuária, criação de gado, o que tornou a atividade de vaqueiro um dos trabalhos responsáveis pela manutenção desse território, visto que concentra desde o século XIX, um grande número de propriedades rurais voltadas para essa atividade, além de estar situado no sertão central cearense, território também carente de povoamento, à época, e às margens do Rio Canindé, que fornecia ao rebanho condições de vida favoráveis diante do clima árido do Ceará.

Outros aspectos que me levaram a escolher Canindé é o fato do grupo de vaqueiros desse município ter como uma de suas lideranças uma mulher, a vaqueira e mestre da cultura, Dina Martins; e a existência da Associação dos *Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé*⁵ (AVABOCRI), que fortalece a atividade da região e dissemina a cultura vaqueira para outros municípios e estados. Por meio do trabalho da associação, a força da presença do vaqueiro, na região do sertão central do Ceará, é percebida de modo mais incisivo, pois os líderes e os associados promovem constantemente eventos para reavivar a presença do vaqueiro na sociedade atual e ressaltar a importância desse grupo para a cultura cearense.

Em Canindé, a cultura vaqueira é muito presente, desde a festa do vaqueiro, realizada pela associação todos os anos, em 22 de agosto, até a participação ativa dos vaqueiros do município nas vaquejadas da região, nas cavalgadas e em eventos constantes em outros municípios. O município de Canindé, assim como o de Morada Nova, também conta com um equipamento cultural de exposição de longa duração, a exposição *Vaqueiros do Museu da Cultura Cearense* situado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, que reúne um acervo elaborado com a colaboração significativa de ambos os municípios.

Tendo em vista o contexto deste estudo, o âmbito do grupo de pesquisa PRAETECE – Práticas de Edição de Textos do Estado do Ceará –, é preciso fixar que os relatos dos participantes da pesquisa são considerados documentos orais e foram transcritos, de modo a tornarem-se em documentos escritos, o que os assegura como *corpus* de base filológica, pois, como bem defende Malmberg, “os textos orais são também objeto da Crítica Textual⁶. [...]” (SILVA, 1994, *web*). Nesse sentido, Malmberg

⁵ Em respeito à identidade da Associação de Canindé, o nome da Associação AVABOCRI foi escrito como consta nos registros da instituição.

⁶ Considero aqui, de acordo com Ximenes (2013), *Crítica Textual* como sinônimo de *Filologia*.

ênfatiza que a palavra *texto* precisa ser tomada em seu sentido mais amplo nos estudos filológicos, visto que, em estudos do folclore e da cultura, por exemplo, tradições que passam de geração em geração oralmente, não seriam possíveis de transmissão se a Crítica Textual não considerasse os relatos, as falas dos membros das comunidades participantes das pesquisas, pois qual o outro modo de registrar essas falas senão pelas gravações de voz? (SILVA, 1994, *web*).

Para Silva Neto (1960), a tradição oral é, antes de tudo, o modo como os textos da antiguidade passavam às futuras gerações. Desse modo, é parte integrante dos estudos da história da língua, em razão de serem reconhecidos pela coletividade como parte da história daquela dada comunidade, visto que a oralidade se constitui como tradição nesse contexto. Assim como os textos escritos são testemunhos do passado nas perspectivas linguística, social e histórica, essas histórias relatadas pelas gerações mais antigas são igualmente relevantes para que a sociedade compreenda e conheça o patrimônio linguístico, cultural e histórico dos antepassados. Em suma, de acordo com o autor, cabe à Filologia estudar também esses textos que, na atualidade, devem ser registrados por meio da escrita e igualmente estudados no âmbito da linguagem, da cultura e da historicidade, e divulgados às futuras gerações.

Hampaté Bâ (2010) dialoga com o que dizem Malmberg e Silva Neto ao defender a tradição oral como uma tradição viva que não pode ser comportada em sua totalidade pela escrita, pois faz parte dessa tradição a transmissão desse conhecimento de geração a geração, já que essa tradição vive nos indivíduos que a repassam, preservam e defendem. Desse modo, é pertinente considerar que os vaqueiros são a tradição viva da cultura que representam e cabe a esta pesquisa deixar para a posteridade o registro escrito dessa cultura que, há séculos, vive e é repassada pela oralidade, mas que precisa dos próprios vaqueiros para (re)existir, pois sem eles essa cultura não se faz na faina cotidiana.

Partindo dessa concepção de tradição viva, o presente estudo foi realizado com o propósito de preencher uma lacuna de pesquisa, visto que sistematiza teorias linguísticas e socioculturais para exaltar o vaqueiro no contexto acadêmico. Além disso, a temática lançada aqui não foi ainda estudada em âmbito acadêmico, informação que confirma o ineditismo desta pesquisa, pois, como dito anteriormente, em uma breve busca em base de dados acadêmicos, pude averiguar a existência de trabalhos nas áreas de História, Sociologia, Agronomia e Literatura voltados para a

exploração de temáticas que envolvem o vaqueiro, no entanto, o mesmo não acontece nas áreas de Linguística Aplicada⁷, Linguística e Filologia.

Outro fator que me motivou a elaborar esta pesquisa foi a possibilidade de estudar o léxico, partindo de um *corpus* composto por documentos autênticos advindos da pesquisa de campo, em que esse *corpus* é observado, analisado e tratado como registro de uma tradição viva, uma representação cultural, que ao mesmo tempo, documenta, influencia e é influenciado por atores sociais, neste caso, os vaqueiros.

Desse modo, a relevância desta pesquisa centra-se não apenas no registro dos relatos e das vivências de campo, na história oral e na elaboração de um vocabulário que aborda a temática *cultura do vaqueiro*, mas na preservação e na divulgação de uma tradição cultural presente na sociedade contemporânea e que imprime no léxico as marcas dessa prática cultural.

Com base nesses princípios, a presente pesquisa tem como objetivo geral: Investigar a linguagem do vaqueiro do sertão do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural.

A partir do objetivo geral, foram desdobrados os seguintes objetivos específicos:

- a) Compilar o campo lexical da cultura do vaqueiro a partir do *corpus* coletado por meio da etnografia;
- b) Organizar o vocabulário do léxico da cultura do vaqueiro com base teórico-metodológica dos campos lexicais;
- c) Estudar as relações de significado responsáveis pela construção e pela delimitação do campo lexical da cultura do vaqueiro na sociedade contemporânea.

Em consonância com os objetivos traçados, os seguintes questionamentos foram norteadores para as resoluções de nossos problemas de pesquisa:

⁷ Doravante LA.

Questão geral: Quais pressupostos teórico-metodológicos podem ser adotados para realizar um estudo sistematizado acerca da linguagem do vaqueiro, considerando o seu contexto social, histórico e cultural?

Questões específicas:

- a) Como delimitar o campo lexical da cultura do vaqueiro de maneira a identificá-lo como a linguagem de um grupo específico?
- b) Como pode ser sistematizado o estudo do vocabulário cuja nomenclatura é composta por termos do campo lexical da *cultura do vaqueiro*?
- c) Quais relações de significado são responsáveis pela estruturação do campo lexical da cultura do vaqueiro na sociedade contemporânea?

A partir dos objetivos e das questões de pesquisas traçados, inseri-me nos municípios de Canindé e Morada Nova para o desenvolvimento das etapas de campo da pesquisa. No que se refere aos aspectos metodológicos, o presente estudo é considerado de natureza qualitativa e foi pautado no método etnográfico, seguindo os preceitos da observação participante (ANGROSINO, 2009) com a aplicação de entrevistas semiestruturadas e de vivências em campo. Durante o estudo de campo, acompanhei os participantes da pesquisa em festas, datas comemorativas e em momentos cotidianos, como tirar o leite e entregá-lo para venda, separar o gado, carregar e conduzir as reses, visando participar do contexto de modo mais intenso e próximo do real.

Com a conclusão da coleta dos dados, essas informações constituíram subsídios para a elaboração do vocabulário do campo lexical da *cultura do vaqueiro*, que posteriormente foi utilizado nas análises das relações sógnicas, etapa metodológica incluída para que houvesse uma discussão sobre as relações semânticas que estruturam o léxico do vaqueiro na contemporaneidade.

A fim de cumprir os princípios metodológicos citados anteriormente, o presente estudo seguiu como percurso teórico um referencial pautado inicialmente nos estudos culturais produzidos por Mattelart e Neveu (2004), Eagleton (2011), Bauman (2005) e Hall (2006), com o propósito de compreender o panorama dos estudos culturais através dos séculos e discutir os principais conceitos de cultura trazidos pela literatura da área e de identidade cultural como um processo de

constante construção e evolução. Não é meu objetivo nessa discussão teórica mostrar a cultura como algo acabado, mas expô-la como um processo de construção e de interação dos sujeitos em sociedade (HALL, 2006).

Na discussão teórica, volto-me também para a relação entre léxico e cultura, expondo a pertinência dessa relação para uma melhor compreensão da dimensão lexical da língua (SOUSA, 2007) e debatendo sobre os princípios relevantes para a estruturação do produto lexicográfico, da presente pesquisa, o vocabulário do campo lexical da *Cultura do Vaqueiro*, com base nos preceitos de Biderman (1981, 2001), Pontes (2009), Krieger (2006a). Volto-me, ainda, para os conceitos de realidade linguística defendidos por Coseriu (1981), Benveniste (1974), Faraco (2005) e Bakhtin/Voloshinov (2006), e confronto-os com a perspectiva dos estudos da Linguística Aplicada Indisciplinar lançada por Blommaert e Rampton (2011) e pelas obras organizadas por Moita Lopes (2006; 2013). Com essa discussão, busco a delimitação de um novo conceito de realidade linguística capaz de dialogar com a cultura pós-moderna e a cultura do vaqueiro, visto que, ao manter-se viva até hoje, a cultura vaqueira busca preservar suas tradições e, ao mesmo tempo, adaptar-se ao contexto atual, o que muitas vezes gera um conflito de identidade entre os indivíduos inseridos no contexto da cultura vaqueira.

A partir desses conceitos, o referencial teórico dos campos lexicais (COSERIU, 1981; ABBADE, 2009; FAULSTICH, 1980) orienta o modo como os estudos lexicais podem auxiliar no ordenamento e na articulação das lexias encontradas na pesquisa e pertencentes ao contexto de linguagem do vaqueiro do Ceará. Desse modo, promovo um debate acerca das relações culturais das lexias para melhor compreender como se manifestam os significados apresentados pelo campo lexical *cultura do vaqueiro*. Nessa discussão, trago à tona a conexão que há entre o léxico e a cultura, de modo a explicitar como os aspectos culturais estão vinculados ao léxico de uma língua, principalmente de uma língua de um grupo específico.

Concluído o panorama teórico-metodológico desta pesquisa, para efeitos de organização, esta tese está estruturada em dez seções, dentre elas estas *Considerações Iniciais*, *Considerações Finais*, *Referências*, *Apêndices* e *Anexos*. Nas demais seções da tese seguem-se a seção 2, intitulada *Estudos Linguísticos e Culturais: discussões e reflexões teóricas*, seção teórica do trabalho em que apresento os pressupostos dos estudos culturais, do léxico, da realidade linguística e dos campos lexicais em quatro subseções. As discussões desenvolvidas na seção 2

subsidiar as bases que sustentam cientificamente a pesquisa e que merecem ser discutidas em diálogo com diversos autores.

Na seção 3, *O Vaqueiro e o Sertão: memórias e resistências no caminho*, apresento o vaqueiro em posição central e como agente ativo passado e no contexto atual. Nas três subseções, pode ser observado que a discussão aborda o vaqueiro agente da história do Ceará, o ator social vaqueiro e o contexto onde se situa – o sertão –, e o profissional que trabalha na contemporaneidade, a fim de compreendermos como o vaqueiro atravessou o tempo no contexto do estado do Ceará e ainda hoje desenvolve sua atividade laboral.

Já na seção 4, intitulada *Metodologia: o percurso etnográfico e suas particularidades*, é composta por sete subseções, em que discuto os métodos empregados para a coleta e a análise do *corpus*, os contextos da investigação, os participantes da pesquisa, os procedimentos metodológicos, e os detalhamentos acerca da coleta dos dados, da delimitação do campo, da elaboração do vocabulário e da análise das relações sócio-culturais do léxico da cultura do vaqueiro.

Na seção 5 da tese, intitulada *A Linguagem do Vaqueiro do Ceará: do campo lexical ao vocabulário*, inicio a exposição dos resultados da pesquisa, expondo a delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro* e como ocorreu a análise para que eu chegasse a essa delimitação e, em seguida, apresento o vocabulário, produto lexicográfico da pesquisa, que traz, em verbetes, as lexias coletadas durante a (n)etnografia da pesquisa.

Já na seção 6, intitulada *Relações Semânticas: o que o campo lexical da cultura do vaqueiro me revelou...*, apresento e discuto as relações sócio-culturais verificadas no léxico da cultura do vaqueiro, a partir da composição do campo lexical, e exploro as potencialidades relacionais das lexias, com base nos usos observados durante a (net)etnografia.

E, por fim, trago as *Considerações Finais*, onde apresento as conclusões às quais pude chegar com o recorte proposto para a presente pesquisa à luz das teorias que fundamentaram o estudo; e os encaminhamentos para futuras pesquisas que podem dar continuidade ao estudo aqui iniciado, visto que é sabido ser a temática aqui lançada ainda pouco explorada, o que suscita inúmeros vieses de estudos em múltiplas perspectivas.

2 ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E CULTURAIS: DISCUSSÕES E REFLEXÕES TEÓRICAS

“Eu me transformo ao transformar, eu sou feito pela história ao fazê-la.”

(FREIRE, 1985, p. 4).

Nesta seção, são discutidos os preceitos teóricos que norteiam esta tese. Percorremos os principais conceitos dos estudos culturais e linguísticos que serviram de base para as discussões aqui desenvolvidas. Juntamente com os conceitos de cultura e de léxico, trazemos à tona a discussão sobre o conceito de realidade linguística até chegar à teoria dos campos lexicais desenvolvida por Coseriu (1981).

O léxico é uma importante parcela da língua que armazena a essência do significado dos enunciados e guarda os aspectos sócio-histórico e culturais do povo que o utiliza. Por sua vez, as escolhas lexicais são o reflexo da intencionalidade de comunicação e também do contexto em que os sujeitos estão inseridos, da realidade de linguagem, e de suas tendências norteadas pelas necessidades individuais e culturais.

Assim sendo, contemplamos aqui um referencial teórico que recorre aos estudos contextuais da linguagem em uma perspectiva léxico-semântica e cultural, desenvolvendo as concepções de cultura lançadas por Hoggart (1957), Williams (1960), Thompson (1963), Bauman (2005) e outros teóricos da perspectiva anti-hegemônica de cultura. Além disso, estabelecemos diálogos também com estudiosos do léxico, como Pontes (2009) e Krieger (2006a).

Na perspectiva da léxico-semântica, nossas discussões percorreram as concepções de realidade linguística na Linguística Aplicada, trazendo a lume teóricos como Coseriu (1981), Benveniste (1974), Faraco (2005) e Bakhtin/Voloshinov (2006), e as obras organizadas por Moita Lopes (2006, 2013). E, por fim, fechamos a seção teórica com uma discussão sobre campos lexicais, protagonizada por especialistas na área, como Trier, Weisgerber⁸, Geckeler (1976), Coseriu (1981), Faulstich (1980) e Abbade (2009).

Portanto, as discussões teóricas aqui ocorridas constroem um percurso de produção científica para situar e fomentar a resolução de conflitos teórico-

⁸ As citações de Trier e Weisgerber são advindas dos escritos de Geckeler (1976) e Abbade (2009).

metodológicos acerca das relações entre léxico e cultura, de modo a esclarecer a partir do contexto histórico dessas produções, a pertinência desses conceitos para a realização do estudo da linguagem do vaqueiro do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural.

2.1 CULTURA: DISCUTINDO PRESSUPOSTOS QUE CONTEMPLAM O CAMPO

Nesta subseção, discorreremos sobre a cultura em diversas perspectivas, traçando o percurso sócio-histórico que percorre os estudos culturais até a contemporaneidade e ressaltando os conceitos, as linhas de pensamentos e os principais teóricos e vertentes que pautam a discussão sobre o assunto, a fim de proporcionar uma discussão que conduza o leitor para melhor perceber o conceito de cultura adotado neste estudo e como esse conceito se relaciona à linguagem em contexto autêntico.

A cultura é um processo coexistente em toda a sociedade, seja ela urbana, rural, privilegiada ou desfavorecida. Por meio da cultura, conhecemos as particularidades de cada grupo social ou comunidade, pois cada grupo possui seus próprios costumes e padrões de aceitação ou de rejeição.

Segundo Bluteau (1712, p. 636), cultura é “O modo, a arte, a acção de cultivar a terra”, ou ainda no sentido metafórico de “*cultus animi*. [...] A cultura das artes. Cultura das sciencias”. Nesse sentido, o autor se volta para a etimologia da palavra, pois, como bem define Dubois *et al.* (1993, p. 163), “[...] Nessa acepção, a palavra engloba os conceitos que dependem da literatura e das belas-artes, mas excedendo-os muito amplamente; assim também os conhecimentos científicos de um indivíduo, designados muitas vezes por ‘cultura científica’”.

Melo (1974) corrobora as acepções de Bluteau e Dubois *et al.* ao nos lembrar que, etimologicamente, a palavra *cultura* resulta da junção do verbo *colere* no supino acrescido do sufixo abstractivo (*cultum + ura = cultura*), o “amanho” da terra.

Já para Eagleton (2011, p. 9), cultura é um termo complexo e polissêmico, ao qual, muitas vezes, é atribuído como algo que possui o significado oposto ao de natureza. A própria terminologia da palavra cultura é predominantemente vista como um desdobramento da natureza. Assim, para o autor, “[...] Um dos seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola”, o cultivo do que cresce naturalmente” (EAGLETON, 2011, p. 9).

Ainda segundo Eagleton (2011),

Se cultura significa a procura activa de crescimento natural, a palavra sugere, então, uma dialéctica entre o artificial e o natural, aquilo que fazemos ao mundo e aquilo que o mundo nos faz. Trata-se de uma noção epistemologicamente «realista», na medida em que pressupõe a existência de uma natureza ou matéria-prima para além de nós próprios; mas tem também uma dimensão «construtivista», uma vez que esta matéria-prima tem de ser trabalhada até ser-lhe conferida uma forma humana com significado. (EAGLETON, 2011, p. 13).

Logo, o autor coloca o conceito do próprio termo cultura diante de sua dualidade que está presente dentro e fora do homem, visto que abrange não apenas questões ligadas à natureza, do que está externo ao homem, o que cresce fora dele como “matéria constitutiva do mundo” (EAGLETON, 2011, p. 15), mas o que “[...] sugere uma divisão dentro de nós mesmos, entre aquela parte de nós que se cultiva e refina, e aquilo dentro de nós, seja lá o que for, que constitui a matéria-prima para esse refinamento” (EAGLETON, 2011, p. 15).

Ressaltamos que essa ideia de cultura externa ao ser humano é concebida num primeiro momento dos estudos culturais, mas logo se desestabiliza, pois vai de encontro ao conceito de identidade cultural, visto que em nós também é cultivada a semente que nos faz pensar e que nos define como de um determinado grupo ou lugar. Esse posicionamento, deixa claro que a contraposição de cultura como algo interno ou externo ao homem é uma ideia controversa na contemporaneidade, visto que questões de identidade sobressaem às imposições externas. Porém, veremos mais adiante que Bauman (2005) ao lançar a ideia de cultura líquida, híbrida, traz à tona outro questionamento, a saber: como os aspectos externos ao homem influenciam de modo tão incisivo as culturas pós-modernas?

Respondendo ao questionamento levantado por Bauman (2005) e aludindo ao preceito lançado por Williams (2007), a palavra *cultura* era um substantivo utilizado para se referir ao processo, mas um processo ainda externo ao homem, ligado ao cultivar, ao cuidado com a colheita e com os animais. Contudo, a partir do século XVI, esse “cuidado com o crescimento natural” (WILLIAMS, 2007, p. 118) foi estendido de modo metafórico ao ser humano, passando a ser considerado o desenvolvimento do homem também como um aspecto cultural. Essa visão dicotômica de *cultura natural* e *cultura humana* perdurou até o século XVIII e meados do século XIX, quando o termo cultura assumiu o *status* de substantivo independente e, conseqüentemente, de processo abstrato e produto do processo (WILLIAMS, 2007).

Ao considerar essa nova perspectiva, admitimos que, assim como a lavoura cultivada, as pessoas desenvolvem-se interagindo em sociedade e cultivando em si e para si as tradições do meio onde vivem e, também, as tradições dos indivíduos com quem convivem, incorporando-as ao repertório das primeiras tradições aprendidas que, com o passar do tempo, podem permanecer como reconhecidas ou dividir espaço com novas tradições, ou ainda, ser preteridas em vista desses novos hábitos. Essa concepção não isenta ainda o processo de desenvolvimento da cultura individual, posto que há nessa cultura, compartilhada em sociedade, práticas de um autocultivar-se.

Bauman (2005), ao discutir a ideia de cultura do autocultivar-se, traz a lume seu próprio exemplo de identidade cultural, ao ser questionado sobre qual hino tocar em uma solenidade em sua homenagem, o autor escolhe que toquem o hino da Europa, pois afirma que, se escolhesse o hino da Polônia, estaria não reconhecendo a Grã-Bretanha que o acolheu, mas, ao mesmo tempo, não poderia renegar seu lugar de origem. Desse modo, Bauman escolheu o hino europeu como uma maneira de incluir os dois países e de mostrar às sociedades polonesa e britânica que se reconhece como europeu que é e sempre foi, pois decidiu ocupar esse espaço e trazer consigo as experiências vividas como um patrimônio que o enriqueceu intelectualmente. Sendo assim, Bauman expõe a sua própria cultura, que possui heranças que não pertencem a nenhuma dessas nações e, ao mesmo tempo, pertencem a todas elas, mas que eram só dele e de nenhum outro indivíduo.

Assim, é imprescindível que haja uma compreensão mais plausível sobre o que é cultura, pois há uma infinidade de concepções voltadas para esse termo e muitas delas vão de encontro à perspectiva aqui defendida. Para tanto, é necessário antes percorrer o trajeto de produção pelo qual esse conceito passou e mostrar como, no decorrer dos tempos, se reconfigurou e se reconstruiu para mostrar a sua amplitude no cenário estudado – a cultura do vaqueiro do Ceará.

Desde o seu surgimento, em meados do século XIX, os estudos culturais configuram espaços de atuação para fazer frente às tradições elitistas que persistem exaltando uma distinção hierárquica entre *alta cultura* e *cultura de massa*, entre *cultura burguesa* e *cultura operária*, entre *cultura erudita* e *cultura popular*. Nessa disposição hierárquica, ao primeiro termo corresponderia a *cultura* entendida como a máxima expressão do espírito humano; de acordo com a tradição elitista, “o melhor que se pensou e disse no mundo” (MATTELART; NEVEU, 2004). Já ao segundo termo

corresponderiam *as outras culturas*, adjetivadas e singulares, expressão de manifestações supostamente menores e sem relevância no cenário elitista dos séculos XIX e XX.

Sendo assim, há duas importantes determinantes históricas para a emergência e o desenvolvimento dos estudos culturais (MATTELART; NEVEU, 2004). A primeira seria a reorganização de todo o campo das relações culturais em decorrência do impacto do capitalismo no surgimento de novas formas culturais que levam à dissolução do campo de forças do poder cultural das elites, a cultura do eruditismo. A segunda teria sido o colapso do império britânico, cujo mapa territorial do poder diminui significativamente após a guerra contra o Egito em 1956, revirando o imaginário social da Inglaterra.

Segundo Escosteguy (2010), três textos que surgiram no fim dos anos 50 são identificados como a base dos estudos culturais: Richard Hoggart com *The Uses of Literacy* (1957), Raymond Williams com *Culture and Society* (1960) e E. P. Thompson com *The Making of the English Working-class* (1963).

Vejamos o que cada um desses autores propôs nessas obras tão emblemáticas para os estudos culturais modernos e como esses escritos modificaram o modo de pensar a cultura a partir de suas proposições.

A primeira, *The Uses of Literacy*, de Richard Hoggart (1957), publicada em Londres, é uma obra considerada, em parte, autobiográfica e, em parte, um panorama da história cultural do meio do século XX. A obra divide-se em duas partes: 1) a de “uma ordem ‘mais antiga’” e 2) a de uma ordem em que “o antigo cede lugar ao novo”. Na primeira parte, as “forças tradicionais”, como a tradição oral, as várias figuras da família, a sensação de privacidade do lar e do ambiente local ou a qualidade das casas habitadas e das roupas utilizadas, são apresentadas como produtoras e reprodutoras de uma tradição autêntica, de si para si, e de uma cultura própria, ou seja, como afirma o autor “não há lugar como o lar” (HOGGART, 1957, p. 32). Já na segunda parte, o autor expõe de forma crítica as diferenças culturais que constituem as “atitudes novas” e, por seu turno, antagônicas às “forças tradicionais”.

A segunda obra, *Culture and Society*, de Raymond Williams (1960), constrói um histórico do conceito de cultura, culminando com a ideia de que a “cultura comum ou ordinária” pode ser concebida como um modo de vida em condições de igualdade de existência com o mundo das Artes, da Literatura e da Música. Ou seja, as vivências cotidianas são práticas culturais tanto quanto o eruditismo, posto que são

passadas de geração em geração e reconhecidas como tradições desses povos e lugares. A contribuição teórica de Williams (1960) é fundamental para os estudos culturais, pois, por meio de um olhar diferenciado sobre a história literária, o autor mostra que a cultura é uma categoria-chave que conecta tanto as análises literárias quanto as investigações sociais.

A terceira e última obra, *The Making of the English Working-class*, de Thompson (1963), reconstrói uma parcela da história da sociedade inglesa de uma perspectiva particular, a história “dos de baixo”. Nessa obra, Thompson propõe um estudo cultural anti-hegemônico dessa sociedade, propondo-se à contraposição de uma elite para mostrar os sujeitos que realmente fazem a cultura popular britânica, as massas, ou seja, as minorias sociais. O autor defende que as experiências são responsáveis pelas relações de produção e pela consciência de classe que é incutida nas pessoas, o juízo de valor capaz de enaltecer ou diminuir os indivíduos de uma comunidade em relação a outras.

Apesar de haver uma aproximação nas datas de publicação das obras de Hoggart, Williams e Thompson, décadas de 50 e 60 do século XX, e uma coerência quanto às discussões desenvolvidas, os Estudos Culturais não constituem um conjunto articulado de ideias e pensamentos uniformes. Como dizem muitos autores, esses estudos são e sempre foram um conjunto de formações instáveis e descentradas. Há tantos itinerários de pesquisa e tão diferentes posições teóricas que eles poderiam ser descritos como um tumulto teórico.

Em contrapartida, esse tumulto teórico proporcionou aos interessados pelos estudos culturais conhecerem outras formas e concepções de cultura, pois esses teóricos tinham como objeto de estudo não as culturas ditas clássicas ou eruditas, mas grupos comuns, ordinários, de baixo, como os operários, quer dizer, as massas, as minorias sociais consideradas marginais.

A partir dessa visão, volto-me para os participantes de minha pesquisa e vejo que a perspectiva de cultura defendida por Hoggart (1957), Williams (1960) e Thompson (1963) são fundamentais para a compreensão do vaqueiro como uma tradição viva do sertão cearense, visto que o cavaleiro do sertão não é uma classe privilegiada, nem social, nem economicamente, o vaqueiro é o trabalhador braçal da propriedade rural, o responsável pelo cuidado direto com os animais, ou seja, o operário da fazenda. Desse modo, o principal participante do presente estudo pertence à massa de trabalhadores que desde os séculos passados povoou o interior

do Ceará, e deixou aqui para as gerações futuras a sua tradição simples, oral e resiliente ao contexto inóspito, em outras palavras, uma tradição anti-hegemônica.

Hall (2006) corrobora essa concepção, dado que para ele os estudos culturais se constituíram como um projeto político de oposição, e suas movimentações “sempre foram acompanhadas de transtorno, discussão, ansiedades instáveis e um silêncio inquietante” (HALL, 1996, p. 263). Por esta razão, as questões de identidade estão hibridizadas com as relações culturais, ou seja, são definidas historicamente e não biologicamente, por meio das experiências e das vivências.

Em consonância com Hoggart (1957), Williams (1960) e Thompson (1963), percebemos que a nova esquerda britânica de Hall traz à tona pensamentos anti-hegemônicos sobre cultura, pois coloca em evidência as culturas ditas “marginais” e as reconhece como cultura tanto quanto as eruditas. Diante disso, era preciso mostrar que essas “culturas marginais” merecem sim o *status* de cultura, pois possuem valores e identidade que garantem a perspectiva desses grupos e, portanto, suas culturas bem definidas.

É importante destacar, ainda, que as sociedades ou grupos sociais que tem uma (auto)denominação eruditas tinham – e têm – a intenção de se diferenciar da população em geral por se definirem como um saber para poucos, que custa caro e que exige de seus detentores uma complexidade social, intelectual e econômica, pois buscam separar os grupos privilegiados das massas populacionais, tornando a distância entre esses grupos cada vez maior e responsável pela barreira que os separa. Sendo assim, percebemos também a relação direta que há entre a “cultura erudita” e o poder aquisitivo, pois a burguesia, mesmo não detentora do conhecimento, adquiriu os bens artísticos e intelectuais para se autodenominar culta. Ou seja, a erudição tornou-se uma mercadoria na mão dos burgueses, que tinham no dinheiro a garantia de permanência em uma posição privilegiada na sociedade, mas não o mesmo capital intelectual que os grandes estudiosos. Desse modo, o poder aquisitivo tornou-se a saída para mostrar aos eruditos que o capital pode manipular até o conhecimento.

Reconhecemos que, a partir dessas colocações, é importante destacar as três categorias para os conceitos de cultura definidas por Williams (2007), a saber:

- (i) O substantivo independente e abstrato que descreve um processo de desenvolvimento intelectual, espiritual e estético, a partir do século XVIII.

(ii) O substantivo independente, quer seja usado de modo geral ou específico, indicando um modo particular de vida, quer seja de um povo, um período, um grupo ou da humanidade em geral [...].

[...]

(iii) O substantivo independente e abstrato que descreve as obras e as práticas da atividade intelectual e, particularmente, artística. [...]. (WILLIAMS, 2007, p. 121).

Percebemos que a intenção dos teóricos não é primordialmente eleger uma ou outra concepção de cultura como certa ou errada, mas expor os diversos olhares das áreas sobre o mesmo objeto conceituado, a *cultura*. Mais tarde, Williams (2007) chama a atenção do leitor para observar que o mais interessante, em toda essa diversidade de concepções sobre o que é cultura, é a multiplicidade de fatores envolvidos nas argumentações sobre as concepções e a complexidade de informações levantadas para construir essas argumentações.

Nesse cenário, é perceptível que não há uma intenção por parte do autor de sobrepor uma concepção a outras, mas expor, como ele mesmo afirma, o leque de opções disponíveis para os interessados e para a sociedade em geral, a fim de que cada indivíduo possa conhecê-las e empregá-las conforme as suas necessidades de comunicação, entendendo a partir da arqueologia e da antropologia da palavra como cada concepção traduz o que é cultura em suas múltiplas perspectivas.

Outra concepção de cultura amplamente difundida é a de *cultura popular*, modo como frequentemente é rotulada a cultura vaqueira e tantas outras culturas não hegemônicas de grupos sociais e étnicos desfavorecidos sócio-histórico e culturalmente. É válido ressaltar que essa concepção é frequentemente atribuída a esses grupos como um modo de enfatizá-los como uma cultura menor, sem relevância social e que não alcança o *status* de cultura, no sentido erudito da palavra, por não deter conhecimentos elitizados, científicos ou de uma origem superior.

Segundo Catenacci (2001, p. 28), o termo *cultura popular* é definido por muitos estudiosos como sinônimo de folclore. Nessa perspectiva, Vilhena (1997) postula que os estudiosos dessa vertente se interessavam pelo bizarro, exótico, e por isso são “[...] responsáveis pela fabricação de um popular ingênuo, anônimo, espelho da alma nacional, [sendo] os folcloristas seus continuadores, buscando no Positivismo emergente um modelo para interpretá-lo” (VILHENA, 1997, p. 24).

Há ainda a discussão levantada por Ortiz (1985) acerca do folclore e do romantismo, visto que a cultura popular é tratada como uma evidência pura da tradição produzida no passado pelos grupos rurais populares e que está supostamente

ameaçado pela modernidade da sociedade contemporânea. Sendo assim, em consonância com Canclini (2003, p. 160), preservar as culturas populares é uma maneira de restaurar e resgatar do esquecimento “[...] algo que recebemos do passado com tal prestígio simbólico que não cabe discuti-lo”, mas mantê-la intacta para que as futuras gerações conheçam e preservem essa tradição tal qual ela é, para que apreciem o espetáculo representado pelos grupos guardiões dessas expressões culturais situadas às margens da modernidade.

O romantismo, por sua vez, influenciou os folcloristas a exaltarem as tradições populares como valiosos resíduos de um passado, exaltando as suas tradições como particularidades das culturas locais, assegurando a sobrevivência dessas culturas populares no contexto moderno (ORTIZ, 1985). Em contrapartida, a ideia de particularidade defendida por Ortiz (1985) não impediu que as culturas populares fossem categorizadas como uma “cultura nacional”, que traz elementos qualificadores de um passado popular e rural.

Canclini (2003) ressalta que, no contexto romântico de preservação da cultura popular, os folcloristas tratam o resguardo das tradições e dos objetos dessas culturas como uma missão de resgate do passado, que reconhece, mas não conhece esses povos, já que pouco é dito sobre os indivíduos que compuseram essas sociedades, mas valoriza sobremaneira o concreto para exibir o exótico em museus ou espetáculos folclóricos.

Ortiz (1985) relata, ainda, que até o século XVII não havia uma fronteira precisa entre a *cultura popular* e a *cultura de elite*, pois, as elites participavam sem restrição das práticas culturais das massas –4 práticas essas .particulares a esses grupos –, sendo que o mesmo não acontecia das classes populares para com as culturas elitizadas. O motivo para essa distinção era, principalmente, de caráter político, pois permitir que os subalternos tivessem contato com a cultura da nobreza era torná-los iguais aos membros da corte e, conseqüentemente, reconhecer a cultura subalterna tão legítima quanto à cultura das elites.

Sendo assim, agora conhecedores do percurso percorrido pela palavra *cultura* no contexto dos estudos de âmbito social, antropológico e político, passamos à discussão dos aspectos individuais que influenciam as culturas e o modo como essas práticas culturais delimitam esses conceitos e garantem a unicidade desses sujeitos com o contexto onde estão inseridos, porém, sem renunciar suas individualidades e escolhas ideológicas.

Dando início a essa discussão, destacamos a visão de Bauman (2005) que defende estar o conceito de identidade cultural ligado não apenas ao social, mas às implicações que a identidade construída no meio social acarreta ao indivíduo e às suas relações em sociedade. Segundo o autor⁹, a identidade é o sentimento de pertencimento que toma o indivíduo diante da cultura da qual ele julga fazer parte. Todavia, ser ou não ser de determinada cultura é algo que na contemporaneidade é uma decisão do próprio indivíduo, tendo em vista que esse sentimento toma o ser pertencido ou é tomado por ele, constituindo, assim, a identidade cultural do indivíduo (BAUMAN, 2005, p. 17).

Podemos considerar que a descrição feita por Bauman (2005) sobre identidade traduz o contexto aqui pesquisado, pois os vaqueiros têm em suas atitudes e no discurso performatizado esse sentimento de pertencimento diante da cultura vaqueira, já que, quando indagados sobre ser vaqueiros, eles respondem com suas histórias de vida e sua descendência. Ao afirmarem que são vaqueiros, todos os participantes afirmam também suas identidades sociais que são viventes no contexto de formação de cada um deles individualmente, mas que os caracteriza como grupo forte e coeso com relação ao restante da sociedade, sendo isso o que garante a (re)existência dessa comunidade cultural e, assim, dessa cultura.

É relevante afirmar, ainda, que a presença da cultura vaqueira no território nordestino traz à tona a dicotomia de cultura lançada por Williams (2007), possível de ser observada de modo subversivo com a relação de subsistência que os participantes afirmam ter com a terra, diferentemente da relação espiritual que os indígenas têm com a terra. No discurso dos vaqueiros, a relação de dependência com a terra é sempre lembrada e reafirmada, pois é possível perceber a relevância desse elemento da natureza para a permanência da cultura vaqueira no contexto em que se fixou, o sertão do Nordeste e, em nosso contexto mais preciso, o sertão do Ceará. No entanto, além da metáfora construída e reconhecida pelo grupo que se autentica como fruto da terra, o que nos lembra mais uma vez a etimologia da palavra cultura (*colere* > *cultum*), com o sentido de cultivar (apesar de se contrapor ao pensamento abstrato de cultura defendido pelos teóricos desde o século XIX), contribui para ressaltar um aspecto que corrobora a existência do vaqueiro cearense até hoje, a sua identidade cultural, a cearensidade (PORDEUS JÚNIOR, 2003).

⁹*Ibid.*

Por sua identidade cultural, o vaqueiro do Ceará se distingue de todos os outros sujeitos que habitam esse território desde os períodos mais remotos. Pois, como dito anteriormente, o vaqueiro, por ter em sua descendência a herança cultural dos nativos brasileiros, desenvolveu a capacidade de se adaptar às adversidades climáticas e geográficas, contribuindo, assim, para a permanência desse grupo em um contexto desfavorável, sem abundância de recursos naturais. Melo (1974) denomina essa capacidade de adaptação de movimento intracultural.

Desse modo, a cultura vaqueira resiste às adversidades e se enriquece, modificando o contexto e o próprio sujeito. E, por essas razões, não podemos negar que a linguagem é parte integrante da cultura vivida e defendida pelos vaqueiros, porque a linguagem, além de ser diretamente responsável pelo estabelecimento das relações sociais, é um movimento cultural que traz consigo as representações e as práticas dos indivíduos, tornando possível as relações intra e entre culturas, e proporcionando a criação de universos culturais a partir dessas relações.

Em apoio às atitudes de (re)existência e resiliência assumidas pelos vaqueiros participantes desta pesquisa, como atores sociais sujeitos de uma tradição viva (HAMPATÉ BÂ, 2010), rompemos aqui com a nomenclatura de *cultura popular* e assumimos a cultura vaqueira como uma *cultura de raiz*, visto que esse grupo não se subalterna e se orgulha de sua tradição, buscando nas novas gerações um meio de perpetuar as práticas e vivências da cultura vaqueira.

A vivência desses sujeitos e o seu modo de lidar no meio em que vivem, gera uma cultura linguística que caracteriza seu *modus vivendi*, expressa, sobretudo, em formas lexicais que o identifica. A fim de entendermos de modo mais detalhado a relação entre cultura e linguagem, delimitamos neste estudo, a perspectiva do léxico como o aspecto linguístico que traz consigo a carga semântica das línguas. Desse modo, na próxima subseção, discorreremos sobre os conceitos, os fenômenos e os fatores que qualificam esse aspecto linguístico como pertinente e diretamente relacionado à cultura.

2.2 LÉXICO: CONCEITOS E DISCUSSÕES SOBRE O PATRIMÔNIO DA LÍNGUA

Na presente subseção, discutimos a relevância da relação do léxico com a cultura e com os conceitos e as categorias desta área dos estudos linguísticos, expondo a pertinência desses conceitos para uma melhor compreensão da dimensão

lexical da língua. Debateremos também sobre os princípios teóricos relevantes para a estruturação do produto lexicográfico, resultante da presente pesquisa, o vocabulário do campo lexical *cultura do vaqueiro*, um dos resultados deste estudo.

Com relação à linguagem, podemos destacar o léxico, objeto de estudo desta investigação, como elemento linguísticos capaz de traduzir os significados e disseminar esses sentidos através dos textos. Como bem destaca Sousa (2007), estudar o léxico de uma comunidade é destoldar seus costumes e práticas sociais, sua história, suas manifestações mítico-religiosas, seus ideais, seus valores, ou seja, é revelar o patrimônio sociocultural construído ao longo do tempo, e que ficará para a posteridade.

Com esta afirmação, Sousa (2007) aponta para a compreensão do léxico como um aspecto indexicalizador¹⁰ das formas de vida da cultura, ou seja, é produzido por uma comunidade, grupo, ou classe, para interagir, registrar e documentar as informações. Contudo, é de conhecimento dos estudiosos da língua e dos falantes em geral que a língua é viva e se modifica com o passar do tempo, fazendo com que o léxico sofra transformações influenciado pela sociedade, mas que também pode influenciar a sociedade no decorrer dos anos.

Uma forte razão para compreendermos o grau de representatividade do léxico para uma coletividade é tentarmos dissociar o léxico da cultura. Ao arriscarmos delimitar os limites entre léxico e cultura, deparamo-nos com um difícil questionamento: como poderia a sociedade ser como é, na contemporaneidade, se não fosse a interação proporcionada pela expressão oral e escrita?

Silva Neto ensaiou uma resposta a esse questionamento em 1960, afirmando que “[...] os estudos linguísticos encontravam [no léxico] o seu verdadeiro e adequado lugar como parte integrante da história da cultura [...]” (SILVA NETO, 1960, p. 47). Com essa afirmativa, o autor corrobora a ideia defendida por nós na presente pesquisa, e avultada também por Rajagopalan (2003), em que o léxico é defendido como uma unidade da língua que traz consigo uma atitude cultural e política, visto que o ato de nomear é, além de uma maneira de marcar a presença de uma tradição, um modo de inserir, excluir e/ou interagir em sociedade, categorizar e

¹⁰ De acordo com Blommaert e Maly (2014), a indexicalidade é a dimensão do significado em que características textuais sinalizam (indexam) os significados recuperáveis contextualmente. Sendo assim, o léxico possui o aspecto lexicalizador, porque por meio do léxico conseguimos relacionar os sentidos atribuídos pelos interlocutores, trazendo à tona aos aspectos sociais, culturais e relacionais envolvidos no ato comunicativo.

categorizar-se diante dos mais diversos contextos sociais, políticos e, acima de tudo, comunicativos.

Diante do questionamento levantado e das ideias de Rajagopalan (2003), adentramos nos estudos do léxico para situar a presente pesquisa também nesse âmbito de estudo da linguagem. De certo que o léxico comporta a parte significativa da língua, trazendo à tona as representações sociais, políticas, coletivas, individuais e, sobretudo, culturais dos atores que dela se utilizam e que a transformam de acordo com as suas demandas comunicativas.

Sendo assim, iniciamos com uma primeira definição de léxico, de acordo com Pontes (2009):

O léxico de uma língua se define como um conjunto de palavras, vistas em suas propriedades, tais como: as categorias sintáticas, as categorias morfossintáticas, aspectos gramaticais diversos, informações etimológicas. Além disso, as palavras têm uma representação fonológica e uma representação semântica e estão associadas a um étimo. (PONTES, 2009, p. 18).

É possível observar que a definição de Pontes se volta para o léxico numa perspectiva formal, observando seus aspectos estruturais, categoriais e composicionais. Já para Biderman (2001), o léxico é:

“[...] o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras [...]”. (BIDERMAN, 2001, p. 12).

Portanto, o léxico não é apenas o agrupamento de palavras de uma língua, mas um patrimônio em constante desenvolvimento, pois as línguas são vivas assim como os seus falantes, ou seja, a todo instante, novas necessidades comunicativas surgem, a partir de novas realidades de linguagem, que, por sua vez, são motivadas por novas realidades sociais, políticas, tecnológicas, cognitivas e intelectuais.

Krieger (2006a, p. 163) corrobora a concepção de Biderman ao afirmar que o léxico é um sistema aberto a integrar criações, transformações e ressignificações capazes de referenciar pessoas, objetos, entidades, instituições e lugares. Por meio do léxico denominamos tudo que existe no mundo, seja numa perspectiva concreta ou abstrata, os aspectos culturais de uma comunidade de falantes são revelados, pois trazem consigo os significados capazes de expressar informações, opiniões, fatos

sobre o mundo que os rodeia e que é o reflexo de suas tradições. Contudo, essas formas de expressão não são estanques, mas se modificam para acompanhar a evolução dos falantes e de seus contextos. Por essa dinamicidade, Krieger (2006a, p. 163) afirma ser “[...] o léxico o pulmão das línguas, e, simultaneamente, um objeto multifacetado e em constante mobilidade”.

Desse modo, é pertinente considerarmos que o léxico não é apenas um aspecto linguístico inserido na vida das pessoas para que elas possam se comunicar, mas uma estrutura linguística capaz de imprimir em seu conteúdo conhecimento, ideologia, aspectos sociais, políticos, culturais, espirituais e emocionais. Através do léxico é possível perceber como as sociedades se organizam, como pensam os atores inseridos nessas sociedades e suas tradições. Ou seja, o léxico é dotado de significados atribuídos pelos falantes e que estão diretamente relacionados com as suas vidas e com o contexto em que vivem.

Partindo das concepções de léxico, passamos ao entendimento do que vêm a ser as lexias. Para Dubois *et al.* (1993, p. 361, grifos do autor), “[...] *lexia* é a unidade de comportamento léxico. Opõe-se a *morfema*, menor signo linguístico, e a *palavra*, unidade mínima construída [...]”. Ou seja, é uma unidade da língua que surgiu de um hábito associativo, que lhe atribuiu caráter de lexicalização, de unidade significativa (FAULSTICH, 1980, p. 17).

Já, segundo Pottier (1978), as lexias são unidades funcionais significativas de comportamento linguístico, podendo constituir-se de um único lexema¹¹ ou de uma sequência lexemática¹², uma palavra. A partir dessa concepção, o autor constrói uma taxionomia para as lexias, estabelecendo uma gradação de composição para que possamos perceber o processo de formação do léxico das línguas, a saber:

- a) Lexias simples: corresponde à palavra, menor unidade lexemática, seja em sua forma mais simples ou derivada (exemplo: vaca, cavalo, sela);

¹¹ Lexema é a unidade de base do léxico, numa oposição léxico/vocabulário, em que o léxico é colocado em relação com a língua e o vocabulário com a fala. Conforme as teorias, entretanto, o lexema será assimilado ao morfema (= morfema léxico) ou à unidade de significação (frequentemente superior à palavra).

Por exemplo: *trabalhamos* = *trabalh-* (lexema – radical) + *-a-* (morfema – desinência modo temporal) + *-mos* (morfema – desinência número pessoal). (DUBOIS *et al.*, 1993, p. 360).

¹² Na subseção 2.4, *Campos lexicais: ordenando as teias da linguagem*, discutimos o conceito de Lexemática.

- b) Lexias compostas: caracteriza-se por ser o produto de uma integração semântica entre palavras, isto é, a junção de lexias simples e/ou derivadas, seja por aglutinação ou justaposição para uma composição polilexemática (exemplo: vaca parida, cavalo castanho, sela de coxim);
- c) Lexias complexas: sequência estereotipada em processo de lexicalização; uma construção polilexemática, com dois ou mais lexemas, fixada a partir de sua recorrência na língua e que assume o *status* de uma significação única, pois o significado é inerente a essa construção (exemplo: tirar o leite, selar o cavalo);
- d) Lexias textuais: *lexia complexa* que alcança o nível de um enunciado ou de um texto; também considerada polilexemática por reunir um número indeterminado de lexemas que assumem a condição de estrutura fixa na língua pela recorrência de uso (exemplo: todo dia tem que tirar o leite da vaca e das cabras, selar o cavalo para começar a lida).

Desta feita, vejamos o quadro sintético proposto por Silva (2006) para esquematizar a taxionomia de Pottier (1978):

Quadro 1 – Taxionomia das lexias, de acordo com Pottier (1978)

LEXIA			
Monolexemática	Polilexemática		
simples	composta	complexa (fraseologia)	textual
vaca	vaca parida	tirar o leite	todo dia tem que tirar o leite da vaca e das cabras

Fonte: Adaptado de Silva (2006, p. 12).

Diante da taxionomia de Pottier e da sistematização do Quadro 1, podemos observar que as lexias complexas podem ser consideradas fraseologias, pois, segundo Corpas Pastor (1997, p. 20), as fraseologias são “[...] formadas por mais de duas palavras gráficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível da

oração composta”¹³. Vale ressaltar que, embora Pottier (1978) não utilize o termo fraseologia, há semelhanças formal e conceitual com lexia complexa. Em virtude dessa semelhança, adotamos no vocabulário da *cultura do vaqueiro* a denominação fraseologia para designar as lexias complexas e decidimos não trabalhar com as textuais.

Em continuidade à discussão lançada acerca das concepções de fraseologia, vejamos o que postulam outros estudiosos do assunto.

Ruiz Gurillo (1997, p. 14) define unidade fraseológica como “[...] uma combinação fixa de palavras que apresenta algum grau de fixação e, eventualmente, de idiomatidade”¹⁴.

Para Dubois *et al.* (1993, p. 293):

Chama-se, geralmente, de fraseologia a uma construção própria de um indivíduo, de um grupo ou de uma língua. Contudo, como o termo *idioleto* serve frequentemente para designar o fenômeno linguístico próprio de um indivíduo, reserva-se, seguidamente, o termo de fraseologia para a evocação de uma construção própria de uma língua.

Já Krieger e Finatto (2004) concebem a fraseologia como um fenômeno linguístico prático e abrangente, visto que:

A ideia de fraseologia está associada a uma estrutura linguística estereotipada que leva a uma interpretação semântica independente dos sentidos estritos dos constituintes da estrutura. É nessa perspectiva que se enquadram expressões idiomáticas, frases feitas e provérbios utilizados nas diferentes línguas. Além disso, locuções nominais e verbais são também compreendidas como fraseologias, bem como outras estruturas típicas de determinado tipo de comunicação, como é caso das fórmulas protocolares de abertura e fechamento em correspondências formais. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 84).

Com esta assertiva, as autoras expõem a problemática que segue a fraseologia no âmbito brasileiro de pesquisa, pois além da imprecisão na delimitação do que seja de fato uma fraseologia, as autoras também conotam uma ampla abrangência de objetos de estudos que são investigados por essa área do conhecimento. A essa lista Ximenes (2013, p. 253) inclui ainda “[...] adágios, aforismos, axiomas, ditames, máximas, refrões, sentenças, provérbios, rifões [...] e as

¹³ [...] unidades léxicas, formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta. (CORPAS PASTOR, 1996, p. 20, tradução nossa).

¹⁴ [...] una combinación fija de palabras que presenta algún grado de fijación y eventualmente de idiomatidade. (RUIZ GURILLO, 1997, p. 14, tradução nossa).

unidades fraseológicas das línguas de especialidade”, pois todas essas estruturas têm em comum os aspectos da fixidez e da recorrência.

Contudo, vale ressaltar que a fraseologia é também uma lexia que revela detalhes da cultura dos indivíduos que a utilizam, pois “[...] transmitem experiências de vida e sabedoria do povo que as utiliza, sabedoria esta sintetizada em fórmulas linguísticas” (XIMENES, 2013, p. 233). Ou seja, por meio de ocorrências da língua conhecemos o passado e o modo como esse passado se estruturou com suas tradições, organização social, contextos político e ideológico para que chegássemos ao presente.

Diante desse cenário e seguindo a discussão entre os autores, podemos observar que o léxico engloba as lexias e as fraseologias e é uma estrutura da língua estudada por diferentes ciências do léxico, dentre as quais podemos destacar a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia. Em face ao *rol* das ciências do léxico, necessitamos de esclarecimentos acerca do objeto de estudo e da concepção teórico-metodológica dessas ciências, pois cada uma delas se detém a uma perspectiva diferente dos estudos do léxico.

A partir da leitura das pesquisas de Faulstich (1980), Biderman (1981, 2001), Krieger e Finatto (2004) e Pontes (2009), percebemos claramente que as ciências do léxico são agrupadas em conformidade com os seus objetivos específicos. De acordo com Biderman (2001), a Lexicologia estuda e analisa as palavras, a categorização lexical e a estruturação do léxico como um todo; a Lexicografia tem como objeto de estudo os dicionários, dedicando-se também ao fazer e ao analisar dicionários; já “a Terminologia se ocupa de um subconjunto do léxico de uma língua, a saber, cada área específica do conhecimento humano” (BIDERMAN, 2001, p. 17); estabelecendo a parceria, a Terminografia pode ser considerada a parte prática da Terminologia, pois busca uma denominação para os conceitos, agindo de maneira inversa, buscando primeiramente um conceito específico para depois encontrar o termo que é utilizado para representar o conceito observado, ocupando-se também da organização de obras voltadas para o léxico específico, como os glossários.

Diante da definição das ciências do léxico e do contexto aqui estudado, discorreremos mais atentamente sobre a Lexicologia e a Lexicografia, posto que são ciências fundamentais para o estudo aqui realizado.

Primeiramente, voltamo-nos para a Lexicologia, ciência mais ampla que estuda o léxico, pois, de acordo com seu princípio, o léxico pode ser investigado em

seu aspecto geral inserido ou não no dicionário. Assim sendo, destacamos o que Ullmann nos diz sobre esta ciência. Para o autor,

A Lexicologia, por definição, trata de palavras e dos morfemas que as formam, isto é, de unidades significativas. Conclui-se, portanto, que estes elementos devem ser investigados tanto na sua forma como no seu significado. A Lexicologia terá, por conseguinte, duas subdivisões: a morfologia, estudo das formas das palavras e dos seus componentes, e a semântica, estudo dos seus significados. É este, pois, o lugar da semântica, no sentido estrito do termo, dentro do sistema das disciplinas linguísticas. (ULLMANN, 1964, p. 64).

Com esta afirmação, Ullmann insere a Lexicologia nos estudos léxico-semânticos, visto que admite, e até mesmo já subdivide, as unidades lexicais como dotadas de plano da expressão e plano do conteúdo.

Em diálogo com Ullmann (1964), Biderman (2001, p. 14) nos diz ainda que “embora se atribua à Semântica o estudo das significações linguísticas, a Lexicologia faz fronteira com a Semântica, já que, por ocupar-se do léxico e da palavra, tem que considerar sua dimensão significativa”. Deste modo, temos aqui mais uma confirmação da importância do significado para os itens lexicais¹⁵ e, conseqüentemente, para o agrupamento dos campos lexicais.

Krieger e Finatto (2004) reforçam essa perspectiva afirmando que:

[...] Considerando que a constituição da palavra reside, em sua essência, na dualidade forma/contéudo, o que pressupõe ainda a funcionalidade das unidades lexicais, a Lexicologia relaciona-se intimamente com a gramática, em especial com a Morfologia, envolvendo a problemática da composição e derivação das palavras, da categorização léxico-gramatical; bem como vincula-se aos enfoques sobre a estrutura dos sintagmas, além das relações com a Semântica. (KRIEGER; FINATTO, 2004, p. 45).

Não podemos esquecer que muitos estudiosos da Lexicologia têm se dedicado ao estudo estrutural das palavras e ao surgimento de novas lexias, ou seja, estudam os itens lexicais em uma perspectiva morfológica, o que confirma a dualidade que compõe o léxico de uma língua.

Nesse sentido, Barbosa (1990, p. 157) postula que a “[...] Lexicologia estuda o universo de todas as palavras, vistas em sua estruturação, funcionamento e mudança”, buscando compreender o repertório léxico das línguas como um patrimônio

¹⁵ De acordo com Dubois *et al.* (1993, p. 355), item lexical é uma unidade do conjunto do patrimônio lexical de uma língua, ou seja, um elemento do léxico que possui propriedades semânticas.

vivo e dinâmico, e dialogando com outras áreas do conhecimento para ampliar as pesquisas acerca do léxico.

Esse enfoque foi assumido também por Krieger e Finatto (2004, p. 44) ao afirmarem que a Lexicologia é um campo de conhecimento de caráter transdisciplinar, visto que “[...] a palavra é um lugar de encontro e interesse particular de muitas ciências [...]. Sendo assim, é por meio da palavra que as ciências se expressam, se configuram e se perpetuam nos escritos publicados. Logo, cabe à Lexicologia, em sua abrangência dos estudos do léxico, investigar seu objeto de estudo em múltiplos vieses que proporcionem aos estudiosos não apenas conhecimentos morfológicos, mas também semânticos e pragmáticos.

É com essa concepção que observamos o léxico da cultura do vaqueiro, pois, por meio desse aspecto linguístico, conseguimos perceber a organização cultural, social e histórica desse grupo que atravessou séculos da história do Ceará. Por esse grande valor, buscamos registrar essa cultura, para que as gerações futuras conheçam esse grupo através das vozes dos próprios vaqueiros e a academia reconheça a relevância deles para a cultura e a história do Ceará. Sendo assim, recorreremos à Lexicografia para sistematizar em um vocabulário as informações coletadas na etnografia e articuladas no campo lexical da cultura do vaqueiro. Logo, é preciso esclarecer alguns conceitos sobre a Lexicografia e a prática de organizar vocabulário.

No que se refere à Lexicografia, o dicionário é o objeto de estudo central, visto que essa ciência se ocupa em produzi-los e analisá-los, subdividindo-se em duas segmentações:

- a) A *Lexicografia Prática*, em que o dicionário é o objeto, visto que essa ciência se ocupa em produzir dicionários;
- b) E a *Metalexicografia* que busca analisá-los e teorizá-los, visando ao aprimoramento das obras.

Observemos, então, que a Lexicografia surgiu de uma necessidade de catalogação do léxico das línguas e de suas significações, além de uma melhor compreensão das obras que reúnem uma parcela do repertório léxico de uma língua, pois ambas se constituem não apenas como um registro da linguagem, mas também como a própria linguagem em um determinado momento no tempo e no espaço.

Verificamos, portanto, que o dicionário é o principal objeto inserido na Lexicografia, ou seja, esta ciência tem nele o seu objetivo central, fazer dicionário, por meio da Lexicografia Prática; e de análise, ao investigar as obras lexicográficas com o propósito de entendê-las e melhor direcioná-las, por meio da Metalexicografia.

No que se refere à teoria lexicográfica, para Pontes (2009), o dicionário é um gênero textual que organiza o repertório vocabular de uma dada língua, que se apresenta, na maioria das vezes, organizado em ordem alfabética (semasiológica) e que reúne informações gramaticais, semânticas, pragmáticas, discursivas e socioculturais.

Já Borba (2003), na tentativa de melhor esclarecer o que é este produto lexicográfico, explica o que é um dicionário a partir de uma comparação entre o dicionário e a gramática. Assim, segundo Borba (2003),

A gramática e o dicionário são instrumentos pedagógicos de primeira linha; têm pontos em comum, mas não se superpõem. Diga-se primeiramente que o dicionário é o lugar do particular, do tópico e a gramática é do genérico, das regras. O dicionário enumera palavras, a gramática enumera regras; o dicionário é um acervo de formas livres, a gramática contém um conjunto de regras que, aplicadas, mostram como a língua funciona. A gramática apresenta, de forma sistemática, um conjunto de regras de combinatória dos constituintes da língua, em seus diversos níveis. Assim, em princípio, não compete à gramática dizer como se usa uma palavra, já que ela não se ocupa de palavras isoladas, mas de conjuntos ou classe de entidades que compõem o sistema linguístico. [...] Já o dicionário arrola os usos de cada um deles [as palavras]. A gramática estabelece critérios para o agrupamento das palavras em classes a partir de traços em comum sejam eles funcionais ou semânticos. O dicionário não discute, toma decisões e pode rotular cada palavra como pertencente a uma classe. [...]. (BORBA, 2003, p. 301-302).

A partir dessas percepções de dicionário, podemos observar que cada autor atribui a essa obra uma característica diferente, pois esses teóricos o concebem como gênero textual, registro da língua, na língua, e, ainda, como exposição detalhada da língua, ou seja, um gênero textual metadiscursivo, já que utiliza a própria língua para descrevê-la.

É válido ressaltar que, assim como há diversas concepções de dicionário, há também diversos tipos de obras lexicográfica e terminográfica, dentre as quais podemos classificar o produto lexicográfico que aqui constituímos, o vocabulário da *cultura do vaqueiro*. Desse modo, observemos, segundo Pontes (2009, p. 31-39), quais os tipos de dicionários de acordo com o seu público-alvo, os consulentes:

- a) Dicionários gerais: apresentam uma macroestrutura extensa e geral e são direcionados a usuários que já possuem uma competência linguística desenvolvida;
- b) Dicionários para aprendizes: obras destinadas a usuários em processo de aprendizagem da língua. Podem ainda ser divididos em dicionário de:
 - Língua materna: infantil (para crianças em fase de aquisição da leitura e da escrita) e escolar (para crianças e jovens em fase de consolidação e aprimoramento da leitura e da escrita);
 - Língua estrangeira: bilíngue (para usuários em processo inicial de aprendizagem de uma língua estrangeira, permite a codificação de conceitos em dois idiomas e é ideal para atividades de compreensão e produção em segunda língua), monolíngue (direcionado a usuários que já possuem uma dada competência na língua estrangeira, apresenta informações pertinentes para o falante estrangeiro da língua, pois reúne informações que podem não ser relevantes para um falante nativo, mas de fundamental importância para a compreensão e a expressão de um falante não nativo da língua), e semibilíngue (são uma ótima opção de escolha e muito adequadas para pessoas em processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, pois apresentam verbetes no idioma ao qual se está aprendendo, definições simples e objetivas, mas há em sua microestrutura um sinônimo na língua materna do consulente);
- c) Dicionários etimológicos, de dúvida e de sinônimos: são obras não destinadas a um grupo específico de usuários, mas são frequentemente utilizados em situações específicas de pesquisa, leitura e produção escrita;
- d) Dicionários especializados ou terminológicos: obras que reúnem os termos específicos de uma ciência, área, técnica ou arte. São destinados a grupos particulares e objetivam a divulgação e o esclarecimento de usos específicos dos termos de uma ciência, área, técnica ou arte.

É válido ressaltar, ainda, que quando falamos em obras lexicográficas ou terminográficas, sempre nos lembramos dos dicionários, no entanto, há outros tipos de obras de consulta que também foram descritas para fins específicos e que precisam ter suas funções e composições melhor compreendidas, como o *glossário* e o *vocabulário* (BARBOSA, 2001).

Barbosa (2001) já anunciava que há uma linha tênue que separa essas duas obras, visto que, por serem destinadas a fins específicos de compilação de uma parcela o léxico, merecem atenção para que possam se adequar ao contexto apropriado e ser produzidas em conformidade com seus objetivos. Destarte, discutiremos sobre as concepções desenvolvidas pelos teóricos acerca do glossário e do vocabulário, para que possamos compreender as diferenças e os propósitos de cada uma dessas obras lexicográficas.

Segundo Krieger e Finatto (2004, p. 143), “[...] em geral glossários são repertórios de termos que não têm uma pretensão de exaustividade [...]”, ou seja, ao contrário dos dicionários, os glossários reúnem informações relacionadas a uma parcela do repertório léxico de uma língua, não buscando a compilação de todas as unidades léxicas pertencentes à língua descrita em sua nomenclatura, ou buscando uma descrição parcial do léxico selecionado, pois não esgota as acepções que podem estar relacionadas às entradas, destacando a acepção que se refere ao uso específico do léxico no contexto destacado.

De acordo com Boutin-Quesnel *et al.* (1985, p. 29-30, grifos do autor), “**glossário** é um repositório que define ou explica termos antigos, raros ou desconhecidos”¹⁶ e “**vocabulário** é o inventário de termos de um domínio discursivo em que são descritas as acepções designadas por esses termos por meio de definições e ilustrações [...]”¹⁷. As concepções de Boutin-Quesnel *et al.* direcionam essas obras para fins diferenciados, pois enquanto o glossário busca revelar as significações desconhecidas, já há um direcionamento para que o vocabulário se restrinja ao esclarecimento das acepções de palavras de um domínio discursivo.

Faulstich (1995), por sua vez, se aproxima de Boutin-Quesnel *et al.* (1985) por igualmente tratar glossário e vocabulário como repositórios de lexias específicas,

¹⁶ **Glossaire** Répertoire qui définit ou explique des termes anciens, rares ou mal connus”. (BOUTIN-QUESNEL *et al.*, 1985, p. 30, grifos do autor).

¹⁷ **Vocabulaire** Répertoire qui inventorie les termes d’un domaine, et qui décrit les notions désignées par ces termes au moyen de définitions ou d’illustrations. [...]. (BOUTIN-QUESNEL *et al.*, 1985, p. 30, grifos do autor).

mas delimita um campo de atuação, afirmando ser o “**glossário** Repertório que define termos de uma área científica ou técnica, dispostos em ordem alfabética, podendo apresentar ou não remissivas” e o “**vocabulário** Repertório que inventaria os termos de um domínio e que descreve os conceitos designados por esses termos por meio de definições ou de ilustrações”.

Em contrapartida, Barbosa (2001) ratifica ser necessário distinguir o que de fato vem a ser o glossário e o vocabulário em critérios qualitativos e quantitativos, visto que são obras que atendem a vieses de produção e organização do léxico em contextos diferenciados. Sendo assim, de acordo com Barbosa (2001, p. 36):

[...] o **vocabulário** busca ser representativo de um universo de discurso – que compreende, por sua vez, *n* discursos manifestados –, pelo menos; configura uma norma lexical discursiva; o **glossário** pretende ser representativo da situação lexical de um único texto manifestado (no limite, de um macrotexto) em sua especificidade léxico-semântica e semântico-sintática, numa situação de enunciação e de enunciado, numa situação de discurso exclusivas e bem determinadas.

Desta feita, em nosso caso, temos o vocabulário resultante da presente pesquisa que se configura como o repertório do universo discursivo do vaqueiro e que compila o léxico dessa cultura, acompanhado de suas respectivas definições e organizado onomasiologicamente, de acordo com as relações semânticas, por seguirmos o princípio da Teoria dos Campos Lexicais para essa organização.

Não podemos esquecer que esse vocabulário também segue os postulados da Lexicografia para a organização dos verbetes¹⁸ de cada lexia, visto que é necessário nos ancorarmos na tradição lexicográfica para tornar didática a composição do vocabulário da *cultura do vaqueiro*, o que viabiliza a leitura de futuros consulentes.

Portanto, em consonância com Pontes (2009), dentre as estruturas utilizadas nos verbetes do vocabulário da *cultura do vaqueiro* temos:

- a) Entrada (lexia da cultura do vaqueiro a ser definida);
- b) Variante (registro de variações de âmbito lexical e/ou fonético);
- c) Pronúncia (registro da pronúncia quando houver variação fonético-fonológica);

¹⁸ Não é nosso interesse aqui discutir sobre os elementos macro e microestruturais. Desse modo, tomamos trataremos a entrada como um elemento estrutural do verbete.

- d) Informação gramatical (normatização da lexia de acordo com a norma gramatical e a taxionomia de Pottier);
- e) Definição (conceito atribuído à lexia-entrada no contexto da cultura do vaqueiro);
- f) Exemplo de uso (contexto retirado do *corpus* da pesquisa em que a lexia-entrada é empregada);
- g) Informação paradigmática – sinônimo (indicação de outra entrada que tem o mesmo valor semântico da lexia definida) e remissiva (indicação de outra lexia já definida que tem o mesmo valor semântico da entrada);
- h) Informação enciclopédica – notas (informações complementares sobre a entrada).

Figura 1 – Exemplo de verbete do vocabulário

chinelos

Variant: (chinela(s))

[ʃiˈnelus , ʃiˈnelas]

s.pl.

- calçado de couro simples e sem tira que compõe o traje de couro do vaqueiro.

Aos poucos a vaqueirama foi trocando as chinelas pela bota.

Sinón: *alparcatas, sandálias*

cam.lex.: *cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.:*

Nota: A variante “chinelas” é recorrente na fala dos participantes da etnografia. De acordo com os vaqueiros participantes da etnografia, as variantes lexicais “chinelas”, “alpargatas” e “sandálias” são todas reconhecidas pelos vaqueiros.

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dessa estrutura, o vocabulário do campo lexical *cultura do vaqueiro* foi organizado de modo a sistematizar e esclarecer as informações coletadas na etnografia, que, por sua vez, nos fizeram perceber a dimensão dessa cultura no estado Ceará.

Investigar o léxico é descobrir a riqueza da linguagem desses atores sociais, visto que, além de ser um elemento significativo na língua, o léxico nos permite ter acesso a outros tempos e lugares. Como bem postulam Barreiros e Barreiros (2015, p. 397), “o estudo do léxico é amplo e envereda pela história, hábitos e

costumes de um povo, já que é o resultado de inúmeras e complexas relações verificáveis num contínuo histórico da língua, sempre em constante movimento [...]”.

Logo, é possível afirmar que a linguagem é uma característica marcante da sociedade, pois possibilita uma vivência concreta das práticas culturais de uma comunidade ou grupo, comportando-se como parte deste grupo e materializando-se através do léxico utilizado pelos falantes. Essa relação entre linguagem e cultura vai ao encontro a acepção sociológica de cultura de Melo (1974), pois para o autor:

Esse patrimônio social transmite-se, de uma geração para outra, ao longo do tempo, com perdas e conquistas novas, com empobrecimento e com enriquecimento. Aí está o sentido *sociológico* de cultura [e linguagem], que traz como conotação necessária a tradição, o tempo, a história. Cultura, assim entendida, é, pois, um produto histórico-social. E, por isso, não se pode entendê-la, compreendê-la, sem o passado [...]. (MELO, 1974, p. 19-20).

Portanto, é pertinente destacar que os estudos linguísticos aqui realizados consideram a linguagem como uma prática da cultura vaqueira, que, por sua vez, situa-a e a contextualiza na história para uma melhor compreensão da magnitude cultural do vaqueiro. Para tanto, não podemos desprezar o conceito de realidade de linguagem como o conceito motriz de nosso trabalho, visto que os vaqueiros foram observados e questionados em seu contexto real, e as lexias coletadas foram, por sua vez, organizadas de acordo com o seu contexto de uso.

2.3 REALIDADE LINGUÍSTICA: A LINGUAGEM EM SOCIEDADE

O termo *realidade linguística* foi amplamente divulgado por Eugenio Coseriu em sua obra intitulada *Princípios de Semântica Estrutural* (1981). O autor utilizou este conceito para sistematizar a Teoria dos Campos Lexicais, sobre a qual discorreremos na próxima seção, e para demonstrar que a existência dos campos está relacionada à linguagem em uso, pois é por meio do uso que conseguimos estabelecer os limites e as nuances de atuação de lexias.

Tomando como ponto de partida a concepção de realidade linguística teorizada por Coseriu (1981) e os estudos realizados no âmbito da *Linguística Aplicada*, buscamos desenvolver uma concepção de realidade linguística associada à perspectiva da Linguística Aplicada proposta por Blommaert e Rampton (2011), pelas obras organizadas por Moita Lopes (2006, 2013) e pelos estudos enunciativos desenvolvidos por Benveniste (1974).

Ressaltamos como marco teórico para a discussão aqui anunciada, o estabelecimento de um diálogo entre os escritos de Benveniste (1974), Coseriu (1981), Faraco (2005) e Bakhtin/Voloshinov (2006). Estes pesquisadores não apenas retratam, mas defendem as suas concepções de realidade linguística e demonstram o contraponto entre a idealização e a comprovação da existência de uma realidade de linguagem vivida pelos falantes de uma língua.

Já tendo em vista os estudos contemporâneos sobre a linguagem que ressaltam a realidade como o propósito para as investigações desenvolvidas no âmbito da LA, destacamos os estudos realizados por Blommaert e Rampton (2011) e pelo grupo de pesquisadores da LA (MOITA LOPES, 2006, 2013) como pesquisas que propõem uma LA indisciplinar, ou seja, que transcende o código linguístico e tem nas relações e nas tensões sociais um ambiente onde o conflito acontece na e pela linguagem.

É com esta intenção que lançamos aqui o diálogo entre a LA indisciplinar e a concepção de realidade linguística de Coseriu (1981), já que os escritos que lançaram as primeiras concepções de realidade linguística foram publicados há mais de cinco décadas e até então são pouco explorados pelos linguistas. Dessa maneira, a concepção coseriana de realidade linguística se aproxima da LA indisciplinar no sentido de que a LA lança seu olhar sobre os estudos da linguagem em interação na sociedade, trazendo à tona os aspectos sócio-históricos e culturais expressos no discurso das comunidades de falantes e no modo como a linguagem desse grupo é construída, desde a léxico-semântica à pragmática. Essa perspectiva confirma nosso propósito de estudo como inserido nessa área de conhecimento, posto que os vaqueiros são sujeitos de um grupo profissional ativo, desde a colonização do Ceará, e vivem à margem da sociedade, unindo-se a outros grupos regionais e movimentos pelo sertão numa atitude de (re)existência cultural.

É pertinente esclarecer também que a concepção de realidade linguística na visão de Coseriu (1981) corrobora a concepção da LA para os estudos da língua, pois, em nosso contexto, o campo suscitou a realização da presente pesquisa, assim como os fluxos sociais motivam os estudos da linguagem no âmbito da LA (ALENCAR, 2014) por trazerem, em seus discursos, conflitos e inquietações inerentes ao contexto onde vivem. Partindo dessa perspectiva, é impossível ignorar as necessidades sociais de desenvolvimento de estudos sobre a linguagem com a apreciação do contexto

contemporâneo como um campo plurissignificativo e permeado por atores sociais que buscam compreender a sua realidade de linguagem.

É com este pensamento que discutimos sobre realidade linguística, com a intenção de relacioná-la aos conceitos contemporâneos estudados pela LA, para construirmos uma concepção de realidade linguística que contemple as tensões sociais e linguísticas retratadas nas práticas culturais do vaqueiro e nos contextos onde essa cultura se insere.

Antes de adentrar na discussão sobre o termo realidade linguística, é preciso entender a linguagem como uma atividade que proporciona autonomia aos falantes da língua que se utilizam e que, segundo Coseriu (1978), é antes de tudo uma atividade criadora que permite aos falantes empregarem suas habilidades físico-fisiológicas, sociais e psíquicas. Desse modo, o autor afirma que, para que haja a ativação desses aspectos, precisa haver antes uma necessidade comunicativa advinda de uma realidade imediata. Ou seja, a fala concreta pode, por sua vez, ser considerada em sua realidade imediata como um ato linguístico e como uma sequência de outros atos linguísticos, que também ocorreram concretamente, de acordo com as escolhas dos falantes.

Essa colocação permite-nos concluir que a realidade de linguagem que vivenciamos é a continuidade de outras realidades linguísticas e esses múltiplos conjuntos que compõem a língua como um todo são a realidade dos falantes em seus grupos sociais, profissionais e familiares, o que suscita outras concepções sobre o termo.

Bakhtin/Voloshinov (2006), em sua obra *Marxismo e filosofia da linguagem*, se questionam sobre o que seria de fato a concepção do termo realidade linguística. Os autores propõem as seguintes indagações sobre o assunto:

[...] o que é que se revela como o verdadeiro núcleo da realidade linguística? O ato individual da fala – a enunciação – ou o sistema da língua? E qual é, pois, o modo de existência da realidade linguística? Evolução criadora ininterrupta ou imutabilidade de normas idênticas a si mesmas? (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 90).

Em resposta aos questionamentos levantados, Bakhtin/Voloshinov (2006) lançam a ideia de que o objetivismo abstrato¹⁹ pode até ser considerado por muitos

¹⁹ Segundo Bakhtin/Voloshinov (2006), o *objetivismo abstrato* é o fato de a essência linguística encontrar-se no próprio sistema linguístico, ou seja, o domínio da estrutura linguística age sobre os indivíduos, sem que estes interfiram ou ajam sobre o sistema. É válido ressaltar que Saussure é o

como a realidade linguística de uma língua, porém não é esta língua que os falantes utilizam em suas comunicações cotidianas,

[...] Na verdade, se fizermos abstração da consciência individual subjetiva e lançarmos sobre a língua um olhar verdadeiramente objetivo, um olhar, digamos, oblíquo, ou melhor, de cima, não encontraremos nenhum indício de um sistema de normas imutáveis. Pelo contrário, [depararemos-nos] com a evolução ininterrupta das normas da língua. De um ponto de vista realmente objetivo, percebendo a língua de um modo completamente diferente daquele como ela apareceria para um certo indivíduo, num dado momento do tempo, a língua apresenta-se como uma corrente evolutiva ininterrupta [...]. (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006, p. 91).

Com essa afirmação, Bakhtin/Voloshinov defendem que as realidades de linguagem estão em constante processo evolutivo e os jogos de linguagem ocorridos em cada uma delas são resultado das interações reais para o atendimento de uma demanda comunicativa que emerge dos usos praticados pelos falantes da língua. Desse modo, fixá-las como imutáveis é abstrair a realidade dos usos e descaracterizar a concepção de linguagem em uso proposta por Coseriu (1981) e Bakhtin/Voloshinov (2006).

Dando continuidade à discussão, em diálogo com Bakhtin/Voloshinov (2006), Faraco (2005) assume a realidade linguística como a língua estudada pela Linguística Histórica em sua heterogeneidade, sendo esse tipo de pesquisa desenvolvido pelos estudos diacrônicos, tendo em vista que

[...] A realidade linguística é uma totalidade, isto é, devemos estar alertas tanto para o fato de que as mudanças podem ocorrer em várias partes da língua, quanto para o fato de que essas diversas mudanças podem estar inter-relacionadas. (FARACO, 2005, p. 43).

Isso confirma o fato de que as mudanças na língua acontecem na heterogeneidade da língua usada pelos falantes na sociedade, ou seja, a realidade linguística é a língua em uso pelos falantes reais que a modificam o tempo todo, em

pai desse princípio teórico, visto que, com a construção das dicotomias a partir da dicotomia *langue e parole*, buscou estabelecer o objeto de estudo da Linguística e direcionou seus estudos para a língua, por concentrar aspectos sociais, homogêneos e estáveis. Mais tarde, Bakhtin/Voloshinov (2006) faz uma crítica ao *objetivismo abstrato* saussuriano, pois a perspectiva de Saussure destaca a forma linguística em detrimento dos sujeitos que enunciam o discurso e defende a língua como imutável. Em contrapartida, Bakhtin/Voloshinov (2006) argumenta que pensar a linguagem sem a sociedade é algo duvidoso, visto que os enunciados só podem ser compreendidos em seu contexto de uso, sendo assim, os contextos enunciativos podem modificar ou atribuir novos significados às estruturas da língua, sem citar que a cada enunciado os falantes, sem perceber, realizam a língua de modo diferente, ou seja, a língua, por ser viva, passa por modificações o tempo todo, mas algumas só são percebidas quando registradas ou normatizadas.

um processo contínuo e permanente (FARACO, 2005). Essa concepção de realidade linguística é também confirmada por Trier (*apud* GECKELER, 1976), pois, segundo o autor, os falantes são usuários da língua inseridos em realidades linguísticas vivas situadas entre os usos individuais da linguagem e o repertório vocabular do sistema linguístico que acompanha essa evolução.

Entrando em uma perspectiva ainda menos idealista, para Coseriu (1981), realidade linguística é o universo de uso de um determinado termo, palavra, expressão ou unidade fraseológica. Em outras palavras, os domínios discursivos são constituídos por um conjunto de elementos que o falante tem a expectativa de encontrar, pois, somos capazes de perceber a quais situações, indivíduos, finalidades comunicativas estão ligados às lexias e aos discursos que proferimos, a partir das experiências vividas com esses domínios discursivos, sejam elas reais e/ou virtuais, os sujeitos têm contato com as lexias que habitam esse contexto, passando a ampliar o campo de atuação/utilização desses itens lexicais também para esse domínio discursivo.

Nessa perspectiva, as lexias são percebidas não como unidades independentes, mas como unidades que possuem um comportamento semântico e pragmático aproximados pelo uso, não desprezando as suas capacidades combinatórias, mas percebendo-as como possibilidades de uso dentro do discurso a partir das experiências vividas com a língua (COSERIU, 1981).

Benveniste (1974) também nos alerta para a capacidade do ser humano em perceber a adequação de determinadas estruturas para determinadas situações. Segundo o autor, os contextos de uso de alguns pronomes da língua francesa, por exemplo, são determinados não apenas por noções e regras sintáticas ou morfológicas, mas por convenções de uso que podem não estar gramaticalizadas e, no entanto, popularizaram-se e cristalizaram-se através do uso, o que sinaliza a constituição de outra norma que estará presente em situações comunicativas que permitem a sua utilização (BENVENISTE, 1974). Ou seja, podemos compreender que as estruturas morfológicas e sintáticas da língua apresentam informações que ultrapassam os aspectos formais e que são perceptíveis a partir de uma possível situação real de uso/emprego de determinada estrutura.

Percebemos com as concepções Benveniste (1974), de Coseriu (1981) e Bakhtin/Voloshinov (2006) que as realidades de uso dos elementos linguísticos são determinadas por fatores externos à língua, tendo em vista que não apenas a cultura,

mas também aspectos sociais, históricos e antropológicos podem transformar o modo como percebemos a realidade de linguagem que vivenciamos diariamente.

Tomando como exemplo os autos de querela e denúncia do século XIX do estado do Ceará, editados por Ximenes (2006), que compõem o *corpus* de pesquisa de Nunes (2014), os termos presentes nesses documentos estão ligados a sua realidade linguística de elaboração, pois compartilham de uma mesma linha conceitual ou de sentido que reúne relatos de violência denunciados ao estado em que as leis da época foram desrespeitadas em detrimento de uma vítima. Portanto, temos aqui retratada uma realidade linguística: contextos/situações/ações de uso da violência que são descritas como crimes nos autos de querela e denúncia do século XIX do estado do Ceará.

De acordo com a concepção de Coseriu (1981) e Benveniste (1974), tomando como exemplo a realidade linguística delimitada e descrita nos documentos citados, percebemos que a partir dos registros da língua e das experiências vivenciadas por seus usuários, sejam essas experiências e esses registros escritos ou falados, eles são uma comprovação, um testemunho, da realidade de linguagem que cerca os falantes, as situações comunicativas, os contextos e os gêneros textuais produzidos para que a comunicação se estabeleça entre os atores sociais envolvidos. Logo, fica claro, nas concepções de Coseriu (1981) e Benveniste (1974), que as experiências de linguagem são muitas vezes uma condição para percebermos os elementos linguísticos que constituem uma dada realidade linguística, visto que o usuário da língua entenderá, sem maiores dificuldades, a delimitação de uma determinada realidade de linguagem se vivenciá-la ou observá-la em algum momento.

De modo geral, podemos destacar que os teóricos descritos nesta seção consideram a realidade linguística como a língua em uso, ou seja, a língua empregada pelos falantes que dela se utilizam para se comunicarem ou interagirem, e não como a idealização de um sistema abstrato e distanciado da realidade dos usuários da língua.

Por isso, a Linguística Aplicada é tão importante para a composição teórica desta pesquisa, pois a LA estuda a linguagem a partir de sua realidade, dos contextos ocupados por ela na sociedade e são responsáveis pelos conteúdos enunciados.

A LA, em sua interface transdisciplinar, busca ainda compreender em suas pesquisas as tensões sociais permeadas na linguagem, que também acontecem por meio da linguagem, buscando no diálogo entre as suas teorias e as outras áreas do

conhecimento, como a sociologia, a Antropologia e a História, uma maneira de melhor compreender o contexto lexical que cerca as realidades linguísticas estudadas, em nosso caso, a *cultura do vaqueiro*, e que percebe a linguagem desse indivíduo como inerente a ele.

Em continuidade ao que está sendo estudado, exporemos agora a fundamentação teórica baseada na teoria dos campos lexicais que nos auxiliaram no processo de composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

2.4 CAMPOS LEXICAIS: ORDENANDO AS TEIAS DA LINGUAGEM

O termo *campo linguístico* foi introduzido nos estudos linguísticos pelo semanticista alemão Jost Trier (*apud* ABBADE, 2009; LOPES, 2008), na década de 1930, em seu trabalho intitulado *O vocabulário alemão no campo linguístico da mente/compreensão*²⁰. Nesse estudo, o autor mencionou, pela primeira vez, o termo *campo linguístico*, instituindo a ideia de agrupamento de estruturas da língua, e na língua, através de suas informações não apenas semânticas, mas também de aspectos que aproximam estas estruturas em níveis sintagmáticos, paradigmáticos, entre outros.

De acordo com Guiraud e Ullmann (*apud* GECKELER, 1976), a pesquisa desenvolvida por Trier culminou no surgimento da Teoria dos Campos Linguísticos e deixou um importante legado para a Semântica moderna, pois inaugurou uma linha de pensamento que criticou indiretamente o estudo da linguagem que se restringia à estrutura abstrata da língua, trazendo à tona discussões a respeito de uso, sentido e contexto.

Trier (*apud* GECKELER, 1976, p. 118-119), influenciado pelo pensamento saussuriano de língua como um sistema, defende os campos linguísticos como estruturas semanticamente articuladas e organizadas hierarquicamente a partir da influência de elementos linguísticos e extralinguísticos. Em outros termos, os campos constituem um mosaico de palavras vinculadas umas às outras pelas relações de conteúdo existentes entre elas; sendo esse mosaico um âmbito onde “[...] cada palavra adquire sua determinação conceitual a partir da estrutura do todo” (TRIER, 1931, p. 2 *apud* GECKELER, 1976, p. 119). Ou seja,

²⁰ Der deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes. Die Geschichte eines sprachlichen Feldes. Tomo I: Von den Anfängen bis zum Beginn des 13. Jahrhunderts, Heidelberg, 1931.

Os campos são as realidades linguísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e todo o vocabulário, que, como totalidades parciais, têm como característica comum à palavra a articulação [ergliedern] e, com o vocabulário, a organização [ausgliedern]. [...]. (TRIER, 1932, p. 430 *apud* GECKELER, 1976, p. 123, tradução nossa).²¹

A grande contribuição metodológica de Trier ao estudo dos campos é a organização das estruturas em hierarquias, pois, como bem defende o autor, o campo é um todo articulado, composto por estruturas ligadas umas às outras hierarquicamente, sendo assim, essas estruturas precisam ser organizadas de modo progressivo e coerente e não como unidades isoladas, visto que pertencem a subsistemas também interligados. Com a intenção de instituir ordem a esse caos, Trier introduz o termo *macrocampo* para propor uma organização interna do campo linguístico, visto que os limites internos são estabelecidos pelas esferas conceituais que estruturam os domínios discursivos. Em outras palavras,

Na linguagem tudo é articulação. Assim como as palavras são articuladas a partir do campo e têm sua essência, da mesma forma os campos só existem na articulação de magnitudes sobrepostas e, assim, passo a passo, em toda a linguagem. (TRIER, 1932, p. 188 *apud* GECKELER, 1976, p. 122, tradução nossa).²²

Mais adiante, retomaremos essa discussão a respeito dos aspectos metodológicos da Teoria dos campos lexicais já com as contribuições de Coseriu.

Em continuidade aos estudos de Trier, Leo Weisgerber também se apega ao princípio de Humboldt, que afirma ser a língua, em sua real essência, algo passageiro, em constante movimento e desenvolvimento, ou seja, uma atividade dinâmica da vida humana (GECKELER, 1976). Tendo em vista as semelhanças teóricas, ideológicas e metodológicas entre as concepções de campo defendidas por Trier e Weisgerber, muitos estudiosos fazem alusão a um conceito de campo Trier-Weisgerber como uma concepção única (GECKELER, 1976), visto que houve um encadeamento dos estudos desses pesquisadores em conformidade e coerência de pensamento.

²¹ Campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que, en cuanto totalidades parciales, tienen como característica común con la palabra el articularse [ergliedern] y, con el vocabulario, el organizarse [ausgliedern]. [...]. (TRIER, 1932, p. 430 *apud* GECKELER, 1976, p. 123, tradução nossa).

²² En la lengua todo es articulación. Así como las palabras se articulan a partir del campo y tienen su esencia en ello, de la misma manera los campos sólo existen en la articulación de magnitudes superpuestas y así escalonadamente hasta el todo de la lengua. (TRIER, 1932, p. 188 *apud* GECKELER, 1976, p. 122, tradução nossa).

De acordo com Geckeler (1976), muitas críticas foram feitas à terminologia adotada por Trier para a nomeação dos tipos de campo, pois o autor usava sem distinção os termos *campo léxico*, *campo linguístico de signos*, *campo conceitual*, *campo linguístico*, *campo* e *esfera conceitual*, não deixando claro em suas discussões a concepção de cada tipo de campo denominado, mesmo assim, Weisgerber tenta em suas produções esclarecer a concepção desses termos. Sendo assim, Geckeler (1976) adota em sua discussão os termos *campo linguístico* e *campo léxico* em consonância com as concepções estabelecidas por Weisgerber em suas publicações.

Segundo Weisgerber,

Um campo linguístico é uma seção transversal da língua materna, constituída pela totalidade de um grupo de signos linguísticos que cooperam em uma articulação orgânica. Tal articulação é totalmente eficaz, mesmo quando seus proprietários não a conhecem detalhadamente, nem quando ela é transparente para eles. (WEISGERBER *apud* GECKELER, 1976, 126-127, tradução nossa).²³

Observando com atenção a concepção de campo linguístico de Weisgerber, podemos perceber que esta é mais ampla e contempla um vasto repertório vocabular, o que estabelece uma escala de abrangência entre os campos linguístico, lexical e sintático de Trier, isto é, no campo linguístico estão contidos os campos lexical e sintático, já que Trier dá ao campo linguístico a conotação de agrupamento de elementos por afinidades semânticas, lexicais, morfológicas, dentre outras características. Com o avançar dos estudos sobre os campos e as críticas ao modelo teórico trieriano, que não tinha ainda um método descrito para a delimitação do campo, mas apenas uma ideia de hierarquização por meios dos macrocampos, os *campos linguísticos* passam a ser chamados de *campos semânticos*, contudo, seguindo critérios diferentes dos estabelecidos por Trier.

É válido ressaltar que Weisgerber, apesar de ter dado continuidade aos pressupostos teóricos de Trier, preocupou-se com os estudos acerca dos campos, nas perspectivas teórica e prática, e chegou a dois estratos de articulação das palavras, mais tarde desenvolvidos por Coseriu na sistematização metodológica dos campos lexicais como uma crítica ao modelo Trier-Weisgerber, a saber:

²³ Um campo lingüístico es una sección de entremundo de la lengua materna, constituida por la totalidad de un grupo de signos lingüísticos que coopera en una articulación orgánica. Una articulación tal es totalmente efectiva, aun cuando sus poseedores no sean conscientes de ella em detalle, ni les sea transparente. (WEISGERBER *apud* GECKELER, 1976, 126-127).

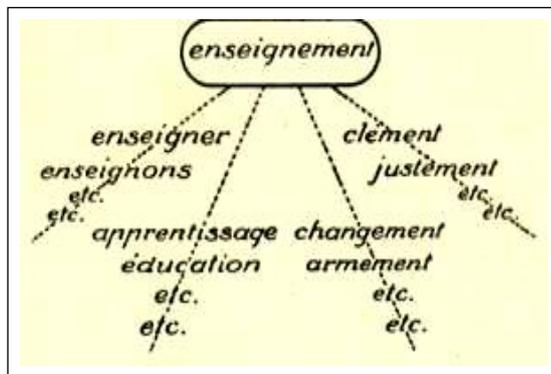
- a) Campos unidimensionais: reúne um conjunto de unidades lexicais organizadas como uma gradação ou progressão (BARBOSA *et al.*, [2000?]);
- b) Campos bi e pluridimensionais: reúne um conjunto de lexias que mantêm relações semânticas e/ou sintática motivadas unicamente pela interseção de aspectos de conteúdo (BARBOSA *et al.*, [2000?]).

Apesar das críticas, os princípios deixados por Trier e Weisgerber aos estudos sobre os campos abriram caminhos para pesquisas nos âmbitos da Semântica e da Lexicologia, visto que, a partir do princípio dessa teoria, foi possível a realização de pesquisas que estudam o léxico na perspectiva do conteúdo, não esquecendo também a concepção de língua como dinâmica/viva e composta por estruturas articuladas em um domínio discursivo. Weisgerber contribuiu sobremaneira para a difusão dessa concepção de campos linguísticos, pois, ao investir nesse estudo também numa perspectiva prática, enfatizou a importância da realidade linguística para a composição dos campos, visto que é a linguagem em seu contexto real de uso que interessa para o entendimento das relações de significado que unem as lexias de um campo.

Em contrapartida, a ideia de campos linguísticos foi tratada por Saussure (2006) como campos associativos, pois o autor, assim como Trier, também defendia que existem outras maneiras de unir lexias, mesmo sem uma realidade concreta (ULLMANN,1964), o que corrobora o objetivismo abstrato defendido pelo pai da Linguística Moderna. Pois, em sua perspectiva abstrata, a língua é composta por estruturas linguísticas que desconsideram a realidade e, por conseguinte, não podem ser alteradas por esses contextos.

Para Saussure, as lexias podem ser agrupadas de acordo com seus aspectos linguísticos, considerando desde as características semânticas às características formais, que podem tornar as lexias pertencentes a uma mesma classe de palavras ou dotadas de uma mesma função. Para melhor compreendermos os mecanismos associativos defendidos por Saussure, vejamos, na Figura 2, um exemplo de campo associativo desenvolvido pelo autor:

Figura 2 – Exemplo de campo associativo



Fonte: Ullmann (1964, p. 499).

Para a constituição desse campo associativo, Saussure partiu da concepção de que *enseignement* (conhecimento) é capaz de ativar outros elementos da língua que compartilham com ele traços semânticos, etimológicos e morfo-fonológicos. Desse modo, os elementos ativados por Saussure a partir da palavra *enseignement* não têm apenas uma semelhança semântica, mas possuem outras características linguísticas que podem ligá-los ao termo que dá nome ao campo associativo constituído. Dentre os elementos do diagrama criado por Saussure, destacamos, primeiramente, o ramo com as lexias que possuem ligações etimológica e semântica com o vocábulo *enseignement*, é o caso de *enseigner* (ensinar) e *enseignons* (ensinamos), que possuem o mesmo radical de *enseignement* e estão contidas no mesmo domínio discursivo, pois são relacionadas a ensino; no segundo ramo, temos as lexias que tem uma ligação semântica com *enseignement*, é o caso de *apprentissage* (aprendizagem) e *éducation* (educação), pois são palavras encontradas no mesmo contexto semântico de *enseignement*, o contexto educacional; já no terceiro e no quarto ramos, podemos encontrar lexias que possuem semelhanças formais de natureza morfo-fonológica com a palavra *enseignement*, nessa situação temos *changement* (mudança), *armement* (armamento), *clément* (clemente) e *justement* (justamente) que podem ter sido consideradas por Saussure como análogas à palavra *enseignement* pela presença do sufixo *-ment*.

Desse modo, podemos observar que os princípios saussurianos de campos associativos se aproximam dos princípios trierianos para os campos linguísticos, posto que ambos os autores consideram múltiplos critérios para delimitação e estruturação desses campos. Contudo, não há uma determinação de quais critérios linguísticos podem ser precisamente empregados para essas delimitações, pois, como podemos

observar no campo associativo constituído por Saussure (Figura 2), os critérios vão desde aspectos semânticos a aspectos morfo-fonológicos. Trier, assim como Saussure, também deixa em aberto os critérios que podem ser empregados para as delimitações dos campos linguísticos, contudo, os questionamentos tomam uma maior proporção, pois, enquanto Saussure propõe os campos associativos, Trier lança os termos *campo léxico*, *campo linguístico de signos*, *campo conceitual*, *campo linguístico*, *campo* e *esfera conceitual* sem estabelecer a concepção de cada um desses tipos de campo e os critérios para agrupamento de seus elementos.

Nesse cenário de discussão acerca dos campos, ainda na década de 1960, a Teoria dos Campos Associativos saussuriana cedeu lugar à Teoria dos Campos Lexicais, que foi descrita e sistematizada por Coseriu (1981), a partir dos princípios teórico-metodológicos de Trier-Weisgerber, em sua obra *Principios de Semántica Estructural*, e mais tarde discutida por seu discípulo Horst Geckeler (1976) na obra *Semántica Estructural y Teoría do Campo Lexico*. Estas obras são ainda as publicações que contém os preceitos básicos da Teoria dos Campos Lexicais, além de reunirem informações pertinentes ao estudo do léxico em uma perspectiva semântica.

Quando citamos os campos lexicais, questionamo-nos sobre a concepção do que seja essa teoria e também sobre as relações de significado que podem haver entre as lexias, que, por sua vez, são capazes de reuni-las em um único grupo, mas sem restringi-las à delimitação desse grupo. Então, vejamos o que nos dizem os estudiosos da área sobre o assunto em suas concepções e discussões.

Enquanto Saussure defende que as lexias podem se juntar a outras a partir de múltiplas afinidades linguísticas, Coseriu (1981) rompe o subjetivismo abstrato saussuriano, propondo que os contextos de uso sejam considerados para esses agrupamentos, desse modo, o autor defende que os campos lexicais são constituídos com base em associações léxico-semânticas e pragmáticas, pois há um ponto comum que cruza o percurso semântico e contextual das lexias, que, por conseguinte, as reúne em um dado domínio discursivo.

Sendo assim, segundo Coseriu (1981):

O campo léxico é uma estrutura paradigmática primária do léxico [...]. Podendo também definir-se como paradigma construído por unidades léxicas de conteúdo (lexemas) que se espalham em uma zona de significação

continua comum e se encontram em oposição imediata umas às outras.²⁴ (COSERIU, 1981, p. 210, tradução nossa).

Lyons (*apud* GECKELER, 1976, p. 296), por sua vez, corrobora o princípio léxico-semântico defendido por Coseriu, pois concebe os “[...] campos lexicais como ‘subsistemas léxicos’, estruturados essencialmente mediante as [...] relações de conteúdo [...]”²⁵, sendo assim, a incompatibilidade, a antonímia, a hiponímia, a reciprocidade e a sinonímia são afinidades semânticas que propiciam o estabelecimento de ligações entre as lexias de um mesmo domínio discursivo.

Já para Abbade (2009), a Teoria dos Campos Lexicais foi concebida como uma teoria que nos permite identificar e agrupar lexias a partir de seus traços semânticos comuns, ou seja, através do compartilhamento de sentidos, podemos reunir termos que participam de uma mesma realidade linguística, contexto ou situação comunicativa, com o objetivo de estabelecer uma cadeia onomasiológica para a construção de sentidos.

De acordo com Abbade (2009), para a definição dos campos lexicais, há uma dependência direta entre o significado extralinguístico das lexias que compõem o campo léxico, pois cada lexia dentro do seu campo é um “corpo articulado” que nos proporciona perceber a sua ligação com as outras lexias do campo. Melhor dizendo,

[...] As palavras estão organizadas em um campo com mútua dependência, ou seja, elas adquirem uma determinação conceitual a partir da estrutura do todo. O significado de cada palavras vai depender do significado de suas vizinhas conceituais. As palavras só têm sentido como parte de um todo, pois só no campo terão significação. Dessa forma, para entender a lexia individualmente é necessário observá-la no seu conjunto de campo, pois fora desse conjunto não pode existir uma significação, uma vez que a mesma só existe nesse conjunto e em sua razão. O valor de uma palavra, nessa ótica, é medid[o], não individualmente, mas como parte de um todo. Ela não tem sentido se faltam outras semelhantes ou opostas, pois necessita sempre de um *campo conceitual*. (ABBADE, 2009, p. 38-39, grifos do autor).

Em consonância com Abbade (2009), podemos afirmar que os campos lexicais articulam-se entre si para dar sentido às palavras em uma realidade linguística, dando, por sua vez, outros sentidos para as palavras no campo, que

²⁴ El campo léxico es una estructura paradigmática primaria del léxico más aún [...]. Puede definirse como ‘paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (“lexemas”) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición inmediata unas con otras’. (COSERIU, 1981, p. 210)

²⁵ Lyons concibe el campo léxico como un “lexical subsystem”, estructurado esencialmente mediante las siguientes relaciones de contenido. [...]. (LYONS *apud* GECKELER, 1976, p. 196, tradução nossa).

ganham vida em seu todo organizado, mas que podem também possuir outros sentidos, em outras realidades linguísticas, articuladas com outras palavras.

Tomando como mote a discussão sobre as relações sógnicas existentes entre as palavras inseridas no campo lexical, cabe aqui retomar o conceito de dialogismo da linguagem defendido por Bakhtin/Voloshinov (2006) e indiretamente discutido por Coseriu (1981; 1987), visto que, enquanto Bakhtin/Voloshinov debate sobre as interações sociais da linguagem, Coseriu sistematiza a teoria dos campos lexicais para provar que há uma relação dialógica contínua entre as realidades de linguagem que habitam a sociedade como um todo. Ou seja, segundo Coseriu (1981), as realidades linguísticas acontecem tão próximas umas às outras que as fronteiras entre elas são tênues e, em muitos casos, não há fronteiras, mas interseções, o que reafirma a ideia de que cada contexto pode modificar ou manter as relações de sentido entre as palavras que nele se inserem.

Em conformidade com Coseriu (1981; 1987), Biderman (1981) diz que

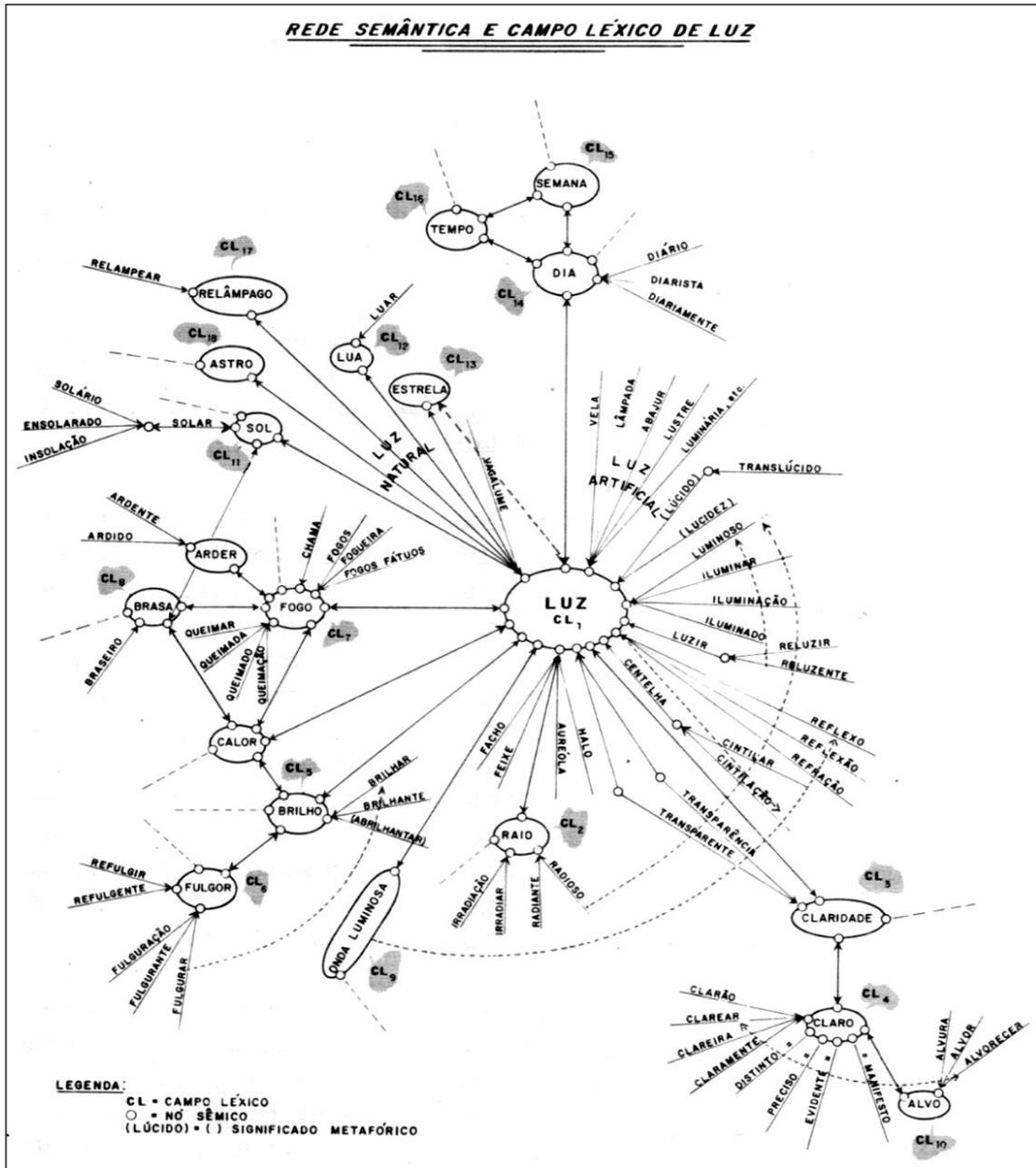
Uma rede semântica é composta da integração estruturada de vários campos léxicos. Um campo léxico integra uma rede semântica juntamente com muitos outros campos léxicos. As palavras nucleares dentro de um campo léxico provavelmente são as palavras mais frequentes dentre as palavras de conteúdo léxico. Podem também constituir os primitivos léxicos de uma língua, sendo por isso, as primeiras palavras significativas que um indivíduo aprenderia. (BIDERMAN, 1981, p. 139).

Para Biderman (1981), os campos lexicais são partes de um todo chamado rede semântica, ou seja, as realidades linguísticas podem ser consideradas grandes redes de significação que agrupam campos lexicais que, por sua vez, reúnem as lexias que compartilham de afinidades semânticas, lexicais e discursivas específicas. Desse modo, podemos perceber que as redes semânticas são constituídas de campos lexicais que podem, ou não, estar relacionados nesse grande âmbito, mas que possuem em comum o traço semântico que suscita o estabelecimento da rede semântica.

No modelo de rede semântica, proposto por Biderman, é possível agrupar e relacionar palavras do patrimônio léxico de uma língua não apenas no interior dos campos lexicais, mas também entre os campos, posto que, pela lógica semântica, as lexias podem se articular também dentro da grande zona de significação em que estão situadas. Como exemplo, para melhor ilustrar essa concepção, Biderman (1981)

propõe a delimitação da rede semântica e campo léxico de *luz*, em que é possível agrupar o patrimônio léxico do português relacionado à lexia *luz* (Figura 3). Vejamos:

Figura 3 – Representação gráfica da rede semântica e campo léxico *luz*



Fonte: Biderman (1981, p. 140).

Observando com atenção o diagrama presente na Figura 3, podemos visualizar graficamente o processo de ativação e de interrelação que há entre as lexias dentro de uma rede semântica, pois a representação gráfica elaborada por Biderman (1981, p. 140) reúne as lexias relacionadas ao núcleo lexical *luz* (CL1).

Tomando como ponto de partida a lexia *luz*, a autora ativa outras lexias que estão diretamente ligadas à palavra *luz* pelo seu significado, sentido ou ainda contexto real, palavras como *raio* (CL₂), *claridade* (CL₃), *brilho* (CL₅), *dia* (CL₁₄), *fogo* (CL₇) e *lâmpada* (CL₁). Por sua vez, as lexias ativadas por *luz* podem compor seus próprios campos lexicais, pois também são unidades léxicas capazes de ativar outras palavras, que podem ou não estar ligadas semanticamente à palavra *luz*, como no campo lexical *dia* (CL₁₄), em que a lexia núcleo *dia* ativa os campos *tempo* (CL₁₆) e *semana* (CL₁₅) e as lexias *diário*, *diarista* e *diariamente*. Observamos que os campos *tempo* e *semana* não possuem uma ligação direta com o núcleo semântico *luz*, porque não possuem traços semânticos ligados à iluminação, porém, há uma ligação mútua entre *tempo* e *semana*, visto que *semana* é uma medida na escala de tempo.

Percebemos com clareza a ligação semântica que pode haver entre algumas lexias, campos léxicos e rede semântica, o que não os retira de suas redes e campos, mas confirma a ideia de que não há um limite preciso entre as redes e os campos lexicais e que uma mesma lexia pode pertencer a redes e campos diferentes, constituindo, assim, uma intercessão entre essas redes e campos. Como, por exemplo, as palavras *alvorecer* e *clarear*, que podem estar nos campos lexicais *alvo* (CL₁₀) e *claro* (CL₄), e mesmo que elas estejam respectivamente nesses campos, a possibilidade de estarem também em outro campo léxico dessa mesma rede semântica não as exclui do contexto que ocupam nem do contexto que poderiam ocupar.

É válido ressaltar que essas possibilidades podem, ou não, atribuir outros sentidos às lexias, pois o significado empregado em cada contexto pode variar de acordo com o uso feito pelos usuários da língua. Nessa perspectiva, a concepção de Biderman deixa em aberto as possibilidades de variação semântica das lexias. Contudo, Abbade (2009), em consonância com Coseriu (1981), afirma que o uso é determinante para definirmos os lugares que as lexias ocupam nos campos, pois “[...] As unidades funcionais de uma língua devem estabelecer-se ali onde funcionaram, e mediante as oposições em que funcionam” (ABBADÉ, 2009, p. 41).

Desse modo, vale ressaltar a concepção socioterminológica discutida por Faulstich (1998) e Marengo (2016) que partem do princípio de que mesmo os contextos especializados ou específicos de comunicação possuem variações, visto que os falantes, em suas comunidades de prática, empregam as lexias de acordo com a intencionalidade de seus propósitos comunicativos. Faulstich (1998, p. 141)

corroborar essa assertiva afirmando que “a polifuncionalidade da unidade lexical [...] pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o mesmo termo”, o que também pode ser observado na linguagem do vaqueiro, pois temos não apenas variações de âmbito lexical (*máscara* e *careta*), mas também variações fonéticas (máscara [’maskara] e mascara [mas’kara]).

Cabré (1993, p. 157) também discute essa perspectiva de variação ao afirmar que “[...] toda linguagem de especialidade, na medida em que é um subconjunto da língua comum, compartilha de suas mesmas características; trata-se, então, de um código unitário que permite variações”. Nesse sentido, é pertinente destacar que os campos lexicais também são passivos de variações, visto que os usos que os falantes fazem do léxico podem suscitar alternância e mudança de sentidos, estabelecendo, assim, variações semânticas e, conseqüentemente, relações pluriunívocas, como polissemia, sinonímia, hiponímia e hiperonímia.

Essa discussão sobre variação dialoga com a dinamicidade dos campos lexicais, que, segundo Krieger e Finatto (2004), são evidências da sistematicidade do componente lexical nessas redes semânticas. Como bem afirma Biderman (2001):

Ao nível do microcosmo lexical, cada palavra da língua faz parte de uma vastíssima estrutura que deve ser considerada segundo duas coordenadas básicas – o eixo paradigmático e o eixo sintagmático. Da conjugação dessas simples coordenadas resulta a grande complexidade das redes-lexicais em que se estrutura o léxico, evidenciando como a palavra inserida numa cadeia paradigmática se articula em combinatórias sintagmáticas, gerando um labirinto de significações linguísticas. (BIDERMAN, 2001, p. 16).

Já Ilari (2012, p. 39) concebe os campos lexicais como compostos por “[...] palavras que nomeiam um conjunto de experiências em algum sentido análogas [...]”. Ou seja, as experiências de linguagem são responsáveis por nos munirem dos significados das palavras que por sua vez se organizam a partir dos próprios significados em campos lexicais.

Segundo Ilari (2012, p. 39-40), contamos com dois recursos para a organização dos campos, a saber:

- a) A *análise componencial* defende que a significação das palavras pode ser fragmentada em unidades menores, chamados *traços sêmicos*, que trazem consigo as informações que não apenas compõem o significado das palavras, mas que também podem ser encontrados em outras

palavras pertencentes ao mesmo campo lexical e definir o grau de semelhança ou diferença entre as lexias comparadas. A análise componencial é uma tentativa de detalhamento sêmico das palavras semelhante a uma fatoração aritmética (ILARI, 2012).

Por exemplo:

cadeira = [+assento] [+braços] [+pernas] [+encosto] [-prancheta]

carteira = [+assento] [+braços] [+pernas] [+encosto] [+prancheta]

banco = [+assento] [-braços] [+pernas] [-encosto] [-prancheta]

- b) E a análise por protótipo é pautada na seleção de um indivíduo ou exemplar que melhor represente uma categoria e, a partir desse protótipo e das experiências com outros elementos da mesma categoria, busca-se entender esses indivíduos (ILARI, 2012). No entanto, esse tipo de análise não é preciso, pois tomar o todo por uma única parte pode deixar lacunas ou, ainda, tornar confusa a composição desse campo lexical.

Por exemplo: selecionar as *tartarugas* para constituir o campo lexical dos *animais aquáticos* pode excluir os animais como *baleias* e *tubarões*, pois características como tamanho e respirar por brânquias, respectivamente, pode excluí-los desse campo.

Dentre as concepções de campo lexical discutidas, a de Coseriu trouxe um legado metodológico considerável para a teoria dos campos lexicais, pois sistematizou um modo de ordenar hierarquicamente as lexias no campo e desenvolveu uma tipologia para a classificação dos campos lexicais de acordo com a sua composição. Vale ressaltar que não é nosso propósito, nesta pesquisa, tipificar o campo lexical da cultura do vaqueiro, mas compô-lo para discutir qualitativamente a perspectiva léxico-semântica das relações sígnicas responsáveis pela articulação das lexias no campo a partir da realidade linguística vivenciada pelo vaqueiro em seu contexto sócio-histórico e cultural. Desse modo, discutiremos os princípios metodológicos de Coseriu que tratam da Lexemática e da hierarquização das lexias.

Conforme Coseriu (1981), por estudar o léxico numa perspectiva semântica, a Lexemática é fundamental para o entendimento e a organização dos campos lexicais, pois os campos articulam as lexias em conformidade com o conteúdo de cada uma delas. Sendo assim, a Lexemática pode ser “[...] entendida como o

estudo funcional do vocabulário, o estudo da significação do léxico, a semântica estrutural lexical” (ABBADE, 2009, p. 41). Desta feita, é preciso discutir os conceitos de *significação* e *designação*, já que, de acordo com Coseriu (1981), o conteúdo linguístico das línguas é composto por essas estruturas.

Em concordância com Coseriu (1981) e Abbade (2009), a *significação* é o conteúdo expressivo das línguas, ou seja, a relação entre os conteúdos semânticos que as línguas detêm em seus sistemas, as possibilidades de *designação* existentes no sistema linguístico. Em continuidade, a *designação* é a relação entre os signos linguísticos e as realidades extralinguísticas, isto é, a partir do repertório de signos de uma dada língua, o falante designa os signos necessários à referência da realidade a nível de representação. Nessa perspectiva, observamos que, apesar de a designação admitir uma relação com a realidade de linguagem em que a comunicação se efetiva por meio das escolhas linguísticas e, conseqüentemente, designação das significações, o caráter estrutural desse contexto é fortemente percebido.

Em contrapartida, a importância dada às realidades linguísticas para a delimitação dos campos lexicais insere nesse âmbito de estudo uma conotação pragmaticista, visto que o valor semântico atribuído à lexia no contexto de uso determina se a lexia pertence ou não ao campo lexical delimitado e o lugar que essa lexia ocupa no campo a partir de seu comportamento na realidade extralinguística em que é recorrentemente empregada pelos usuários da língua.

Apesar da percepção observada e discutida, é possível entender que o estudo da língua proposto por Coseriu (1978; 1981; 1987) pode ser considerado diacrônico e estrutural, pois segundo Abbade (2009, p. 42) o contexto de funcionalidade da língua acontece da “[...] *significação* estrutural para a *designação*, ou seja, a língua é descrita como estruturação dos conteúdos [...]”. Esses estudos, por sua vez, concebem a língua como um sistema uniforme e estável, ou seja, uma língua histórica, considerada como língua a nível de idealização e funcionalidade através dos tempos.

É com esse pensamento que Coseriu propõe uma hierarquização mais detalhada para a composição dos campos lexicais. Tomando como ponto de partida o termo *macrocampo*, lançado por Trier, Coseriu (1981) defende que, nas zonas de significação onde as lexias se situam, os campos lexicais se relacionam em grau de oposição com outras unidades ou arquiunidades, em outras palavras, um campo lexical pode conter outro ou outros campos, ou ainda, se subdividir. Sendo assim,

Coseriu (1981) propõe a subdivisão terciária *microcampo*, pois os campos podem comportar os *macrocampos*, que, por sua vez, podem também ter sua estrutura composta por microcampos, que comportam as lexias, ou seja, nos microcampos as relações de oposição se estabelecem entre as unidades lexicais simples, composta, complexas e textuais.

O princípio de detalhamento hierárquico introduzido por Coseriu lança a possibilidade de outros detalhamentos e subdivisões para a composição dos campos lexicais, sendo assim, os campos podem se organizar hierarquicamente em: campo > macrocampo > microcampo > subcampo > sub-subcampo, de acordo com as relações de domínios entre as lexias envolvidas, o que também motiva a denominação desses campos subordinados.

É válido ressaltar que as relações de dominação que ordenam os campos acontecem de acordo com o movimento centrípeto, ou seja, das lexias para o núcleo que nomeia o campo lexical, pois as lexias buscam, a partir da organização semântica de suas relações, atingir o núcleo sêmico do campo como um ponto de convergência entre todas as lexias, o que também justifica a presença de cada lexia no campo.

Outro aspecto pertinente é o fato de entre as relações de dominação que suscitam a hierarquização dos campos, poderem existir, ainda, relações de dominação secundárias e relações sígnicas, como sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia, que qualificam a constituição do campo lexical, assim, essas relações assumem um caráter secundário nesse contexto, mas também são relevantes para a compreensão das relações semânticas que permeiam o campo delimitado. Como exemplo, na Figura 3, observamos as setas pontilhas que conectam campos e lexias da rede semântica da *luz* a outros elementos também inseridos na rede.

Diante da discussão sobre os aspectos estruturais dos estudos do léxico, vale ressaltar que Coseriu (1981, 1987) já aponta como dificuldade para a delimitação dos campos o grande número de elementos lexicais contidos numa língua, visto que esses elementos são infinitos, ao contrário dos elementos contidos nos planos fonético e sintático. Contudo, como bem afirma Abbade (2009), a composição do campo lexical não é uma tentativa de esgotar ou compilar todo o repertório lexical de uma língua, mas uma proposta de estudo viável de ser desenvolvida a partir de um recorte da língua, ou seja, a delimitação de um *corpus* a ser analisado, em nosso caso, os dados coletados durante o período de desenvolvimento da etnografia com

vaqueiros do Ceará (entrevistas, vídeo, gravações, vivências, fotos, diário de campo, cordéis etc.).

Sendo assim, observar os recortes dos *corpora* é também uma maneira de nos voltarmos para a realidade linguística em que a linguagem de fato aconteceu. Desse modo, com o desenvolvimento dos estudos do léxico, podemos perceber também aspectos culturais dos usos do léxico por parte dos usuários desses termos e compreender melhor como eles podem ser agrupados nos campos lexicais, já que as associações lexicais, assim como a língua, são modificadas, ampliadas ou redefinidas ao longo de nossas práticas de linguagem. Ou seja, como bem defende Trier (*apud* GECKELER, 1976), são elementos de realidades linguísticas vivas, em constante evolução.

Como ponto de partida para percebermos em outra dimensão a problemática da delimitação dos campos, Pinto (1981) lança um questionamento pertinente sobre essa delimitação. O pesquisador se indaga em sua obra sobre o problema da delimitação dos campos e tenta responder por que delimitá-los é uma tarefa tão difícil.

Para Pinto (1981), constituir um campo lexical é uma tarefa que exige esforço e preparo vocabular do pesquisador, pois nenhum método é totalmente seguro para a fixação dos limites desses campos, visto que os termos que fazem parte de um campo constituem também o conjunto aberto das línguas, conhecido como vocabulário de uma língua que, a todo o momento, se expande e sempre constituirá novas conexões entre os termos agrupados e outros termos já existentes ou que virão a existir, podendo proporcionar o surgimento de novos campos lexicais.

Portanto, cientes da problemática que cerca a presente pesquisa e com o desenvolvimento dos estudos do léxico, podemos observar com mais atenção e perceber os aspectos culturais dos usuários destas lexias e, por conseguinte, compreender melhor como essas lexias podem ser agrupadas nos campos lexicais, uma vez que as associações léxicas, assim como o todo que é a língua, podem ser modificadas, ampliadas ou redefinidas pelas práticas de linguagem dos usuários da língua em seus contextos socioculturais.

Findando a seção teórica desta tese, podemos verificar que ela está permeada por discussões acerca dos estudos culturais, das ciências do léxico, do conceito de realidade linguística e dos princípios da teoria dos campos lexicais. Portanto, além de fazermos um apanhado sobre os preceitos que embasam os eixos

teóricos da pesquisa aqui documentada, enfatizamos, a partir desse referencial, nossa concepção de cultura como processo; nossa visão sobre o léxico como patrimônio cultural e sócio-histórico da língua; nosso conceito de realidade linguística como um aspecto linguístico-pragmático; e a nossa visão acerca da teoria dos campos lexicais como um princípio teórico-metodológico propício ao estudo da língua como contextual e dinâmica. Em suma, as discussões aqui apresentadas ensejam o entendimento do estudo léxico-cultural desenvolvido nesta pesquisa.

Para tanto, na próxima seção, tratamos do contexto sócio-histórico da pesquisa, de modo a situar e elucidar questões relacionadas ao contexto espacial, temporal e social, onde viveu e vive o participante de nossa pesquisa, o vaqueiro.

3 O VAQUEIRO E O SERTÃO: MEMÓRIAS E RESISTÊNCIAS NO CAMINHO

“Todo vaqueiro que se preza tem um cachorro! Pode ser pé-duro, não faz diferença o tamanho... onde o vaqueiro vai no cavalo, o cachorro vai atrás. Quando a gente tá procurando a rês no mato, ele vai na frente farejando. Quando acha o bicho, começa a alarmar e, quando a gente corre atrás, ele vai junto. É um companheiro!”
(EVENILSON – CANINDÉ).

Nesta seção, contemplo o vaqueiro e o sertão, o ator social com quem construí minha etnografia, abordando também o contexto habitado por ele desde os primórdios da colonização do estado do Ceará até a contemporaneidade, o sertão do Ceará.

Por esse prisma, é preciso esclarecer o que é de fato o sertão, pois há uma infinidade de concepções que circundam esse âmbito. Sendo assim, de acordo com Menezes (2012, p. 73-74), o “[...] Sertão constitui um espaço geográfico e um processo de experiência socioeconômica de nossa formação como povo e nação, que gerou a cultura característica de uma sociedade, que se assenta sobre a ordem privada e familiar”. O autor complementa, ainda, que

[...] o Sertão é concebido em geral como uma região interior (em oposição ao litoral), de predominante criação de gado, desértica e dura, mais ou menos parada num tempo do passado, que se evoca como **lócus** mais ou menos sagrado e como reserva de tradições ancestrais, depósito cultuado de linguagem e costumes antigos; é o grande mediterrâneo semiárido que compreende parte do Maranhão, os estados do Piauí, Ceará e Rio Grande do Norte, grande parte da Paraíba, de Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, e o norte de Minas Gerais. (MENEZES, 2012, p. 74, grifo do autor).

Ancorada nessa concepção de sertão, reafirmo que conhecer o contexto em que me inseri durante a realização de minha pesquisa foi imprescindível para que eu entendesse a dimensão do universo espacial, social e cultural onde vive o vaqueiro no Ceará. Por esta razão, concebo ser também relevante para esta tese a produção desta seção, pois, perceber o âmbito sócio-histórico, econômico e político em que o vaqueiro está situado, desde o período da colonização, pode elucidar questões antes não respondidas, mas que norteiam o entendimento da pesquisa em seu campo linguístico e cultural.

Desta feita, por meio de um referencial pautado por teóricos que discutem desde a ocupação do território cearense, passando pela problemática da seca e pelos

aspectos culturais do estado, chegando até o vaqueiro, mostrando um panorama de descrições, discussões e reflexões responsáveis pelo modo como concebo o vaqueiro, não apenas no contexto de pesquisa, mas como agente responsável pelo povoamento do interior do estado, sujeito esse que não se acovarda nem recua antes de lutar.

Portanto, trago aqui discussões acerca do percurso histórico trilhado pelo vaqueiro através dos tempos, esse ator social que desbravou o sertão e se fixou nesse espaço para a sua subsistência, e do processo de reconhecimento da profissão.

3.1 CONTEXTO HISTÓRICO: QUANDO E COMO ESSA HISTÓRIA COMEÇOU

Estudar o processo de colonização do estado do Ceará é encontrar-se em diversos momentos e contextos com as práticas culturais do vaqueiro, por esta razão, não podemos deixar de percorrer e discutir o processo pelo qual passou o Ceará para seu povoamento e desenvolvimento social, político e econômico.

Desde a chegada dos portugueses ao território brasileiro, no século XVI, a Coroa Portuguesa estabeleceu em terras atlânticas uma colônia de exploração, de onde visava extrair riquezas e explorar meios de produção para subserviência da Metrópole. Sendo assim, as expedições de entradas e bandeiras²⁶, primeiramente, buscavam metais preciosos, como ouro e prata, e outros recursos valorizados pelo mercado europeu, como o pau-brasil (JUCÁ, 1994; ARAGÃO, 1986a). Contudo, de acordo com Jucá (1994), com o fracasso das expedições em busca de ouro e a decadência da extração do pau-brasil, a agricultura tornou-se a alternativa para a ocupação do território brasileiro, visto que o cultivo das lavouras, além de servir como atividade lucrativa e como meio de subsistência para os habitantes da colônia, também marcaria efetivamente a presença dos portugueses no Brasil colonial.

Com vistas a tornar produtiva toda a América portuguesa, o território brasileiro foi dividido em capitanias hereditárias que se estendiam a leste do Tratado de Tordesilhas até o litoral do Atlântico. Desse modo, cada capitania foi cedida a um donatário, cidadão português que deveria povoar, zelar, manter e produzir na faixa de

²⁶ Entradas e bandeiras eram expedições direcionadas ao interior da América portuguesa, com o intuito de encontrar metais preciosos, como ouro e prata, e outros recursos que possuíam valor de mercado para a geração de recursos para a metrópole. Vale salientar que as entradas eram missões oficiais, chefiadas por agentes representantes do governo, enquanto as bandeiras eram expedições organizadas por particulares.

território recebida; em contrapartida, a capitania permaneceria na família do donatário por gerações. No entanto, nem todas as capitanias prosperaram, pois, cada donatário deveria empregar seus próprios recursos para a crescimento da propriedade (JUCÁ, 1994). Inúmeros estudiosos acreditam ser esse o motivo pelo qual muitas capitanias não se desenvolveram, pois nem todos os donatários tinham recursos para investir ou, ainda, preparo para conduzir a administração de um território tão grande e em condições precárias. A Capitania do Ceará foi um grande exemplo de negligência, pois o seu donatário – Antônio Cardoso de Barros – nem tomou posse de sua doação, vindo ao Brasil, em 1549, por motivos alheios aos da capitania (GIRÃO, 1994a). Vale ressaltar que a cessão das capitanias hereditárias não tornava o donatário proprietário da faixa de terra doada, mas dava-lhe o *status* de poder maior naquela jurisdição, ou seja, era a autoridade que representava ali os interesses da Coroa Portuguesa.

Distribuídas as capitanias, a cana-de-açúcar trazida das ilhas atlânticas foi instituída como prioridade na agricultura e perdurou, até meados do século XVII, na faixa litorânea brasileira, “[...] tendo como núcleos primordiais: Pernambuco e Rio de Janeiro” (JUCÁ, 1994, p. 15). Dentre as capitanias que prosperaram com a produção de cana, Pernambuco destacou-se notoriamente, “[...] principalmente no século XVI e primeira metade do século XVIII, impulsionada pela crescente demanda da Europa” (JUCÁ, 1994, p. 15) e favorecida pelas condições geoclimáticas da região. Esse crescimento também tornou a cana o principal propulsor da economia colonial brasileira, visto que o açúcar era um produto ambicionado e amplamente consumido pelos europeus.

Em decorrência do cenário de produção constituído pela cana-de-açúcar, a pecuária sempre figurou como a atividade secundária da economia do Brasil colonial e, conseqüentemente, responsável pela ocupação do Nordeste, principalmente do interior da região. Um dos fatores determinantes para a fixação da pecuária foi a subsistência do litoral açucareiro, já que a mão-de-obra escrava consumia a carne resultante das charqueadas (ARAGÃO, 1986a).

Diante desse contexto, o litoral Oeste brasileiro era dividido entre a produção da cana-de-açúcar, prioridade à época, e os currais, que cresciam gradativamente com as demandas locais de consumo de carne e também de exportação das charqueadas para a Europa. Sendo assim, de acordo com Jucá Neto (2012), surgiu uma disputa entre os grandes produtores de cana e os pecuaristas, pois, pela pecuária extensiva ou pela ausência de cercas suficientemente eficazes

para conter os rebanhos, o gado invadia as plantações para se alimentar ou, simplesmente, pisotear a lavoura (ANDRADE, 2003).

Nessa conjuntura, entre os séculos XVII e XVIII, a Coroa Portuguesa estabeleceu limites territoriais para as lavouras e os rebanhos. Em outras palavras, como bem afirma Jucá Neto (2012),

[...] enquanto a atividade açucareira se desenvolveu no próximo e rico litoral, à pecuária, no decorrer dos anos, restou o longínquo e pobre sertão. O gado foi, portanto, expulso para a zona sertaneja pela necessidade cada vez maior de terra para o cultivo da cana, exigido pelo mercantilismo europeu. (JUCÁ NETO, 2012, p. 235).

Documentos produzidos entre os séculos XVII e XVIII registram as determinações que impõem a mudança do gado para o sertão e para o litoral Oeste do território colonial e a proibição da criação de gados nas cercanias das lavouras açucareiras. Dentre esses documentos, destacamos a provisão régia de 30 de junho de 1698, que “[...] mandava que os pecuaristas estabelecidos desde Itapuã até o Rio Vermelho, na Bahia, levassem seus gados para o interior dentro do prazo de um mês [...]” (JUCÁ NETO, 2012, p. 235-236).

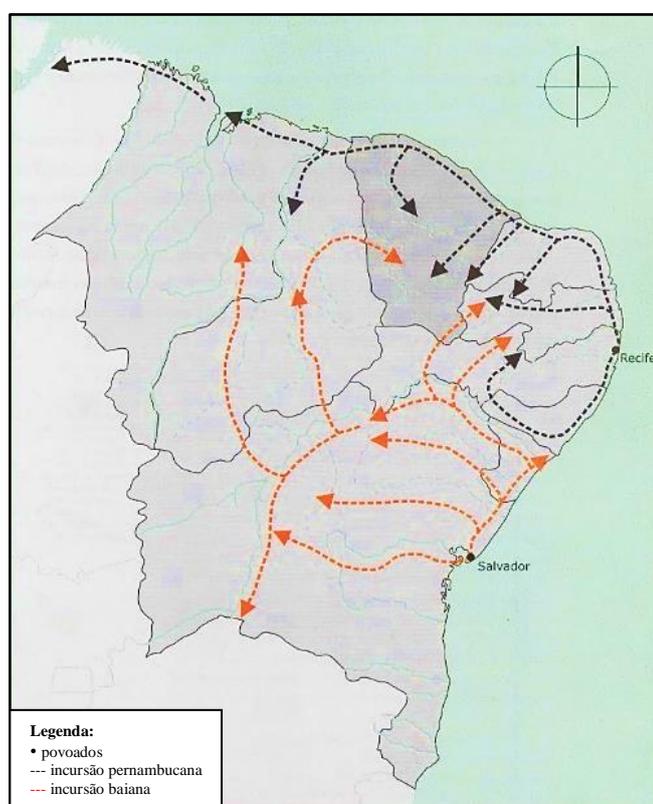
Em 1701, segundo Jucá Neto (2012) e Goulart (1965), a Coroa portuguesa ordenou que os gados deveriam manter uma distância mínima de dez léguas das áreas de plantio de cana-de-açúcar. Já em 1704 e 1705, o Governador do Brasil – Dom Rodrigo Costa –, por meio de cartas, responde negativamente aos oficiais da Câmara da Vila de Boipeba, na Bahia, sobre a solicitação de permissão por parte da população para criar gados e de cessão de mais léguas para que o gado da região tivesse espaço para pastar (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE, 1938, p. 241-242, 279-280). Em ambas as cartas, o Governador justifica suas negativas pelo fato de dever respeito à decisão da Coroa Portuguesa e por preservar a fonte prioritária da economia colonial brasileira, pois os conflitos em torno do compartilhamento do litoral pela agricultura e pela pecuária prejudicavam diretamente as lavouras e, conseqüentemente, o desenvolvimento econômico da colônia.

Desse modo, deu-se início ao movimento migratório das boiadas, que aconteceu não apenas pela carência de espaço no litoral para a plantação de cana-de-açúcar e a criação de bovinos, mas também pela necessidade de povoamento do sertão (JUCÁ, 1994). Sendo assim, a administração colonial priorizou o cultivo da principal fonte mantenedora da economia da colônia e remanejou as criações. Foi

nesse processo que as boiadas começaram a partir da Bahia e de Pernambuco, mais precisamente de Salvador, Recife e Olinda, em direção ao sertão nordestino, em busca de espaço e de recursos para manter a criação para a produção das charqueadas (JUCÁ, 1994; ARAGÃO, 1986a).

A fim de melhor compreendermos o trajeto percorrido pelas boiadas em direção ao sertão e ao litoral Oeste, vejamos na Figura 4 o mapa dos trajetos descritos por Abreu (1998) e cartografados por Jucá Neto (2012):

Figura 4 – Mapa dos caminhos de Capistrano de Abreu



Fonte: Jucá Neto (2012, p. 239).

Sendo assim, os rebanhos eram trazidos para o sertão seguindo o curso dos rios, de modo a aproveitar os recursos naturais para a subsistência do gado e dos vaqueiros, com o intuito de minimizar os prejuízos e as perdas de animais na busca por pastagens.

Nesse sentido, no século XVII, vindos de Salvador, os rebanhos seguiam a ribeira do Rio São Francisco, ocupando o sertão baiano – onde se concentravam um grande número de currais que reunia cerca de um milhão de cabeças (ABREU, 1998) – e parte de Sergipe, alcançando até o Parnaíba e, em seguida, a região de Bons

Pastos no Maranhão (JUCÁ, 1994). Jucá Neto (2012, p. 240) complementa essa informação, afirmando que esse fluxo advindo de Salvador, [...] Retornando do Piauí, tomou a direção no sentido leste, cruzou a serra da Ibiapaba e adentrou o Território cearense pelo rio Poti, alcançando o vale do rio Jaguaribe nas imediações de sua nascente”.

Em consonância com Jucá Neto (2012), ainda no século XVII, no que se refere às correntes migratórias vindas de Pernambuco, as boiadas se direcionaram para Paraíba e Rio Grande do Norte, alcançando o Ceará pelo litoral, percorrido desde o território potiguar, e pelo interior, atravessando o estado da Paraíba de Leste a Oeste até a chegar ao Rio Jaguaribe, à época desconhecido (JUCÁ NETO, 2012).

De acordo com os movimentos migratórios descritos, Abreu (1998, p. 137) chamou as áreas ocupadas por currais, boiadas e populações advindas, respectivamente de Salvador e Pernambuco, de *sertões de dentro* e *sertões de fora*. Essa nomenclatura se deve ao fato de essa área do Brasil ainda carecer de ser desbravada e habitada nos primeiros séculos da colonização.

Contudo, houve algumas tentativas frustradas de reconhecimento do território cearense, a começar pela bandeira liderada por Pero Coelho de Souza, em 1603, em que o fidalgo português teve seus companheiros de jornada dizimados pelas precárias condições da missão, em virtude de não haver chegado os socorros solicitados ao Governo Geral (STUDART, 1923; 2004).

Não podemos nos esquecer da Missão do Maranhão liderada pelos Padres Francisco Pinto e Luiz Figueira, em 1607, que, por sua vez, resultou na produção do documento *Relação do Maranhão* (XIMENES, 2017), a certidão de nascimento do Ceará, datado de 1608 e de autoria do Padre Luiz Figueira. Essa missão tinha como objetivo chegar ao Maranhão para evangelizar os índios e os que lá estavam, porém, a missão não se restringiu apenas ao Maranhão, pois os Padres e os sessenta índios que os acompanhavam seguiam evangelizando também os índios do Ceará. Desta feita, ao chegar à Ibiapaba, os padres tentaram contato com os índios Tapuyas Tocarijús, “índios de má fama” (STUDART, 1923, p. 168), que os atacaram e mataram ao Padre Francisco Pinto durante uma das tentativas de aproximação; desse modo, a missão não pôde ser levada adiante, em virtude da morte do Padre.

Por fim, em 1612, Martin Soares Moreno chega ao Ceará pela segunda vez, já que havia composto a caravana de Pero Coelho em 1603, mas só se fixa mais tarde, em 1621, quando se estabelece como Capitão-Mor da Capitania do Ceará e

permanece no cargo por dez anos. Apesar do grande período de permanência, o capitão não se mobilizou para desbravar o sertão e nem povoá-lo, restringindo, de modo negligente, as suas ações ao litoral.

Diante desse cenário de abandono do sertão por parte das autoridades locais e da Coroa portuguesa, a migração das boiadas foi determinante para o povoamento desse longínquo e esquecido território. Assim, seguindo a descrição dos caminhos de Capistrano de Abreu (1998; ver: Figura 4), observamos que os movimentos das boiadas confluíam, em sua maioria, para Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte, dentre os quais nos delimitamos aos acontecimentos direcionados ao Ceará, em virtude de nosso recorte de pesquisa.

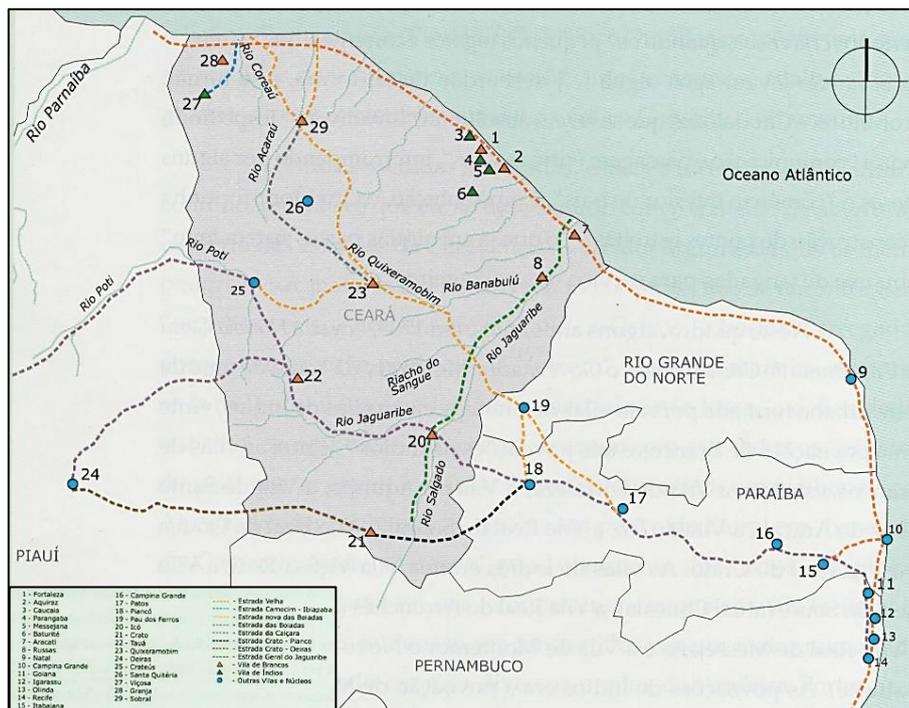
Segundo Studart Filho (1937, p. 34), “dentre os complexos e numerosos factores que influíram na formação e distribuição dos núcleos povoados do interior cearense, as chamadas estradas das boiadas tiveram papel de maior relevância”. Foi nos cruzamentos desses caminhos que vilas e povoados se consolidaram no percurso histórico do Ceará, pois

Durante a travessia, homens e animais careciam naturalmente de repouso e de alimento. Quebrando a monotonia daquelas ermas estradas setecentistas, surgiram assim ranchos, vendas e bodegas, primeiras manifestações de muitos dos hodiernos povoados sertanejos. (STUDART FILHO, 1937, p. 35).

Em meados do século XVIII, o processo de ocupação do sertão se intensificou, assim, os vaqueiros conduziam os rebanhos pelos caminhos naturais, “[...] acompanhavam o leito dos principais rios e riachos onde se localizavam as vilas, em pontos estratégicos para o pouso das boiadas. [...]” (JUCÁ NETO, 2012, p. 244). No transporte dos rebanhos, os vaqueiros abriam as veredas na vegetação seca para que os animais passassem e elegiam lugares propícios ao seu descanso e dos animais, do mesmo modo, os mesmos caminhos eram frequentemente utilizados pelos vaqueiros e, posteriormente, por outros indivíduos que também desbravavam o sertão.

Diante dessa organização do espaço, onde, seguindo o curso dos rios, as boiadas conduzidas pelos vaqueiros traçaram os caminhos que as traziam e levavam, Jucá Neto (2012, p. 262), embasado nas discussões de Studart Filho (1937) sobre cada um desses caminhos, constrói um mapa para ilustrar as estradas coloniais por onde os vaqueiros tangiam o gado (Figura 5).

Figura 5 – Mapa das estradas das boiadas



Fonte: Jucá Neto (2012, p. 262).

Observando o mapa de Jucá Neto, confirmamos o percurso descrito por Abreu (1998) para delimitar o *sertão de dentro*. Sendo assim, vemos: 1) a *Estrada Velha*, que sai de Recife (14), acompanhando o litoral, passando por Paraíba²⁷-PR (10) e Natal-RN (9), seguindo até Sobral (29) e Granja (28) no Ceará; 2) a *Estrada Camocim-Ibiapaba*, que vai de Camocim-CE à Viçosa do Ceará-CE (27) na Serra da Ibiapaba²⁸; 3) a *Estrada Nova das Boiadas*, partindo de Patos-RN (17) e Piancó-RN (18), encontrando-se em Pau dos Ferros ainda no Rio Grande do Norte, segue até Quixeramobim (23) no Ceará, onde se bifurca para seguir para Crateús-CE (25) e Sobral-CE (29), alongando-se até Camocim-CE; 4) a *Estrada das Boiadas*, que parte de Recife-PE (14), passando pelas cidades do litoral pernambucano – Olinda (13), Igarassu (12) e Goiana (11) –, atravessando a Paraíba de Leste a Oeste por Itabaiana (15), Campina Grande (16), Patos (17) e Piancó (18), chegando a Icó (20) e Tauá (22) no Ceará, bifurcando-se para seguir de Crateús (25) no Ceará ao vale do Rio Poti e à Oeiras (24) no Piauí; 5) a *Estrada Crato-Piancó*, que liga Piancó-RN (18) a Crato-CE (21); 6) a *Estrada Crato-Oeiras*, que liga Crato-CE à Oeiras-PI, como uma

²⁷ Atual João Pessoa-PB.

²⁸ A Serra da Ibiapaba é uma região montanhosa localizada no extremo Norte cearense, entre o Ceará e o Piauí.

continuação da *Estrada Crato–Piancó*; e, por fim, 7) a *Estrada Geral no Jaguaribe*, que acompanha o curso do rio, em território cearense, desde seu afluente – Rio Salgado –, passando por Icó (20) e Russas (8), indo até a foz, em Aracati (7).

É válido destacar que Abreu (1998) nos chama a atenção para o fato de que os rebanhos que chegavam ao Piauí retornavam a Leste, passando pela Ibiapaba para chegar ao Ceará, assim, percebemos que esse retorno, possivelmente, era realizado pela bifurcação da *Estrada das Boiadas* que ligava Oeiras-PI à Tauá-CE.

Por conseguinte, esses caminhos também conduziam os sertanejos, viajantes que iam se fixando com suas famílias e requerendo ou comprando sesmarias para formar as fazendas (JUCÁ NETO, 2012). Logo, muitos homens de posse, também produtores de cana-de-açúcar do litoral, buscaram esses espaços e tornaram-se proprietários de amplas extensões de terra no sertão, dando origem aos grandes latifúndios (GIRÃO, 1994a). Essas propriedades eram, geralmente, responsabilidade dos vaqueiros, que descendiam, na maioria das vezes, de índios e negros, ou seja, da mistura de raças (JUCÁ, 1994; GIRÃO, 1994a).

A existência desses caminhos também proporcionou a ligação das fazendas e dos pequenos povoados sertanejos com o litoral e, conseqüentemente, com a zona açucareira e as feiras de compra e venda de gado, pois os criadores precisavam escoar a produção para movimentar o comércio e proporcionar o desenvolvimento da região, ampliando os rebanhos e intensificando a atividade mesmo que, ainda, em posição secundária (JUCÁ NETO, 2012; GIRÃO, 1994a).

Em consonância com Jucá Neto (2012), vale destacar que Pernambuco foi o principal mercado consumidor do gado cearense, primeiramente pela proximidade geográfica, que favorecia o trajeto; pela subordinação que havia da Capitania do Ceará a de Pernambuco; e pela escassez de mercado consumidor no próprio Ceará, visto que a população não tinha recurso para consumir os produtos advindos da pecuária.

De acordo com Jucá Neto (2012), já nas primeiras décadas do século XVIII, a técnica da salga da carne para produção das charqueadas modificou o circuito comercial em torno da pecuária no Ceará, pois, enquanto o gado comercializado em pé, chegava em péssimas condições para negociação em Pernambuco, castigado pelas longas distâncias percorridas a pé e pela escassez de água; com a salga da carne, o produto era conservado de modo eficaz, minimizando as perdas e

propiciando também o aproveitamento do animal como um todo, desde o couro, as solas, o sebo e a gordura.

A partir daí, Aracati, cidade localizada no litoral leste do Ceará, tornou-se um polo onde as charqueadas eram produzidas, juntamente com a secagem do couro, e enviadas da foz do rio Jaguaribe diretamente aos portos do litoral açucareiro, principalmente a Pernambuco (JUCÁ NETO, 2012; GIRÃO, 1994b). A escolha por Aracati é justificada por sua localização próxima ao mar e que permitia o acesso fácil à matéria-prima para as charqueadas – o sal – e o escoamento da produção para todo o litoral da América portuguesa e por potencializar a concorrência com a Vila do Icó, cuja localização favorecia o comércio direto com as feiras de gado em Pernambuco e Paraíba (JUCÁ NETO, 2012).

Destarte, observamos que o movimento das boiadas tangidas pelos vaqueiros e a comercialização de outros produtos advindo da produção pecuária foram determinantes para o povoamento do Ceará, por sua vez, esse povoamento se disseminou em diferentes épocas e localidades, condensando-se, mais tarde e em maior número, no semiárido (JUCÁ, 1994). Por essa razão, as fazendas de gado foram crescendo, gradativamente, em diferentes regiões do Nordeste, onde abundou os conflitos entre os sesmeiros e os nativos (VIEIRA JÚNIOR, 2004).

Para Abreu (1998), a fazenda de gado é a instituição básica do modelo de produção pecuarista, já para Jucá Neto (2012), as fazendas motivaram a ocupação e o projeto de urbanização do território cearense. Desse modo, Abreu (1998) faz uma descrição da propriedade, enfatizando a atmosfera que envolve esse lugar e sua relevância no contexto da época:

[...] casas sólidas, espaçosas, de alpendre hospitaleiro, currais de mourões por cima dos quais se podia passear, bolandeiras para o preparo da farinha, teares modestos para o fabrico de redes ou pano grosseiro, açudes, engenhocas para preparar a rapadura, capelas e até capelães, cavalos de estimação, negros africanos, não como fator econômico, mas como elemento de magnificência e fausto, apresentaram-se gradualmente como sinais de abastança. (ABREU, 1998, p. 137).

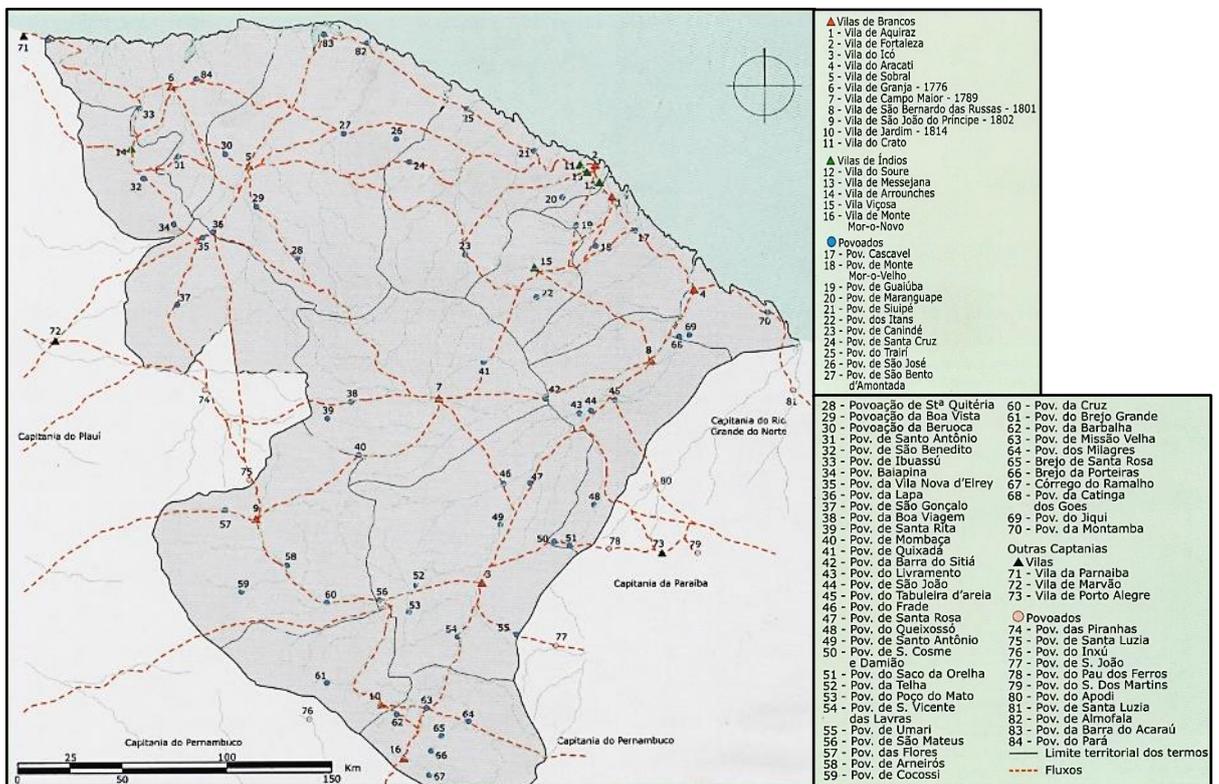
Nesse sentido, o autor nos atenta para o fato de a fazenda ser um lugar, não apenas para a criação de gado e para a moradia, mas um lugar de repouso para os que ali trabalhavam e para os viajantes. Jucá Neto (2012) nos lembra que os alpendres das casas das fazendas eram os espaços onde os viajantes repousavam e se refaziam para continuar a viagem, assim, o alpendre tornou-se uma tradição

necessária na casa da fazenda, pois permitia aos moradores da casa ampararem os que ali chegavam, mas sem desproteger esposas, filhos e agregados, dos desconhecidos (JUCÁ NETO, 2012).

Essa necessidade de proteção acentuava-se pela ausência de cercas, pois, de acordo com os vaqueiros participantes da nossa pesquisa, antes, as fazendas não tinham cercas que as separavam umas das outras, como hoje, “eram todas um campo só”. Assim, os animais eram criados no regime de pecuária extensiva e, quando pastavam, iam de uma propriedade a outra livremente, sendo identificados por meio das ferras dos proprietários e da freguesia de origem. Desse modo, quando havia notícias de um gado desgarrado, circulando entre as fazendas, os vaqueiros percorriam os campos em busca das reses perdidas para trazê-las de volta à propriedade.

Diante de toda essa discussão e para melhor compreendermos a dimensão da ocupação desse espaço, a partir do surgimento das fazendas e do entrecruzamento dos caminhos, observemos a Figura 6, em que Jucá Neto (2012) nos mostra um panorama da ocupação do território cearense em meados de 1817:

Figura 6 – Mapa da Capitania do Ceará com suas vilas, povoamentos e fluxos



Fonte: Jucá Neto (2012, p. 263).

É nesse contexto, agora todo percorrido pelas boiadas e com a existência de povoamentos de brancos e índios, que a pecuária perdurou como principal atividade produtiva em todo o território da Capitania do Ceará até o século XVIII. Contudo, na segunda metade desse século, houve um crescimento considerável da população com a introdução da cultura do algodão, produto que complementava a alimentação dos rebanhos e estava em alta nas cotações do mercado internacional, demonstrando potencial para “ultrapassar a posição assumida pelo açúcar” (JUCÁ, 1994, p. 19).

Mais tarde, de 1790 a 1793, uma grande seca acometeu a Capitania do Ceará e, conseqüentemente, levou ao declínio o ciclo do couro, pois, pela escassez de água e, fatalmente, de pastagens e outros recursos para manter os rebanhos, as reses definharam, diminuindo, sobremaneira, o número de cabeças dos rebanhos cearenses (GIRÃO, 1994a; DOMINGOS NETO, 2010; JUCÁ NETO, 2012).

Mesmo diante dessa situação, o vaqueiro manteve-se no sertão, e, como bem afirma Domingos Neto (2010),

Ao longo do século XIX, a pecuária extensiva perderia paulatinamente seu traço mais forte: a capacidade de expansão linear sobre terras abertas. À medida que sua produtividade decaía, a fazenda de gado era levada a admitir culturas agrícolas em terrenos cercados e absorver mão de obra crescente enquanto a demanda brasileira passava a ser suprida por produtores do Sul, Sudeste e Centro-Oeste. (DOMINGOS NETO, 2010, p. 65).

Nessa conjuntura, o vaqueiro não interrompeu suas atividades, mas foi agente extremamente necessário para a adaptação do modo de criação de gados, pois a sua atividade laboral foi motivada pelo mercado consumidor, e a esse mercado, que estabelece regras e demandas, o vaqueiro continua, ainda no século XXI, a servir, criando o gado em menores extensões de terras ou em confinamentos, fornecendo carne, leite, queijo e tantos outros produtos, frutos do trabalho dos cavaleiros da caatinga, que estão no sertão, há séculos.

Portanto, o vaqueiro e o sertão são inseparáveis, esses homens e a terra são um só e merecem notoriedade e reconhecimento, pois dela tiram o seu sustento e resistem, com resiliência suficiente para continuarem conduzindo as boiadas e a vida no semiárido. Por isso, voltamo-nos agora para o vaqueiro como ator social, agente ativo no Ceará, desde os primórdios da colonização.

3.2 VIDA DE VAQUEIRO: “FAZER DA FRAQUEZA A FORÇA”

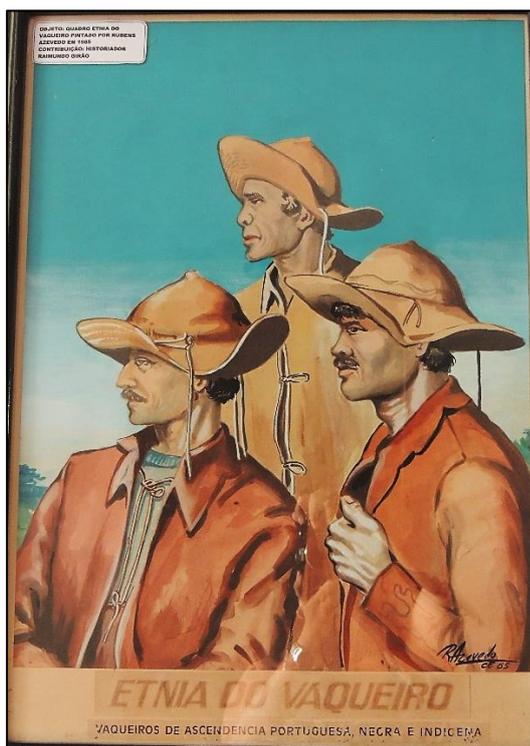
No Brasil, os primeiros registros dos vaqueiros datam do século XVI, quando os primeiros rebanhos vieram para a América portuguesa e houve a necessidade de pastores para zelar e conduzir os gados, inicialmente, dos currais às pastagens, e, depois, para o sertão, a partir do final do século XVII e início do XVIII.

Sendo assim, o vaqueiro começou a viver em outro contexto e teve as suas funções também adaptadas. Abreu (1998) relata que

Adquirida a terra para uma fazenda, o trabalho primeiro era acostumar o gado ao novo pasto, o que exigia algum tempo e bastante gente; depois ficava tudo entregue ao vaqueiro. A este cabia amansar e ferrar os bezerros, curá-los das bicheiras, queimar os campos alternadamente na estação apropriada, extinguir onças, cobras e morcegos, conhecer as malhadas escolhidas pelo gado para ruminar gregariamente, abrir cacimbas e bebedouros [...]. (ABREU, 1998, p. 135).

Diante desse contexto, a remuneração do vaqueiro também precisava ser diferenciada, pois as propriedades precisavam da sua força de trabalho, mas não tinham recursos para pagar-lhes salário. Desse modo, em consonância com o relato dos participantes de minha pesquisa e de Girão (1994a, p. 35), o pagamento acontecia em sistema de quarteação, ou seja, o proprietário da terra fornecia recursos para a manutenção da fazenda, o vaqueiro seguia trabalhando e fazendo a propriedade produzir, servindo-se, juntamente com a sua família, da produção da fazenda para subsistência, e quando os animais comessem a procriar, a cada quatro bezerros nascidos, ele ficaria com um. Logo, os vaqueiros foram compondo seus próprios rebanhos e muitos se tornaram também criadores de gado, com terras cedidas das sesmarias por seus patrões, assim, fixaram-se no sertão com suas famílias e fizeram sua descendência.

Foto 1 – Quadro etnia do vaqueiro (Museu do Vaqueiro de Morada Nova)



Fonte: Rubens Azevedo (1985).

O vaqueiro, de acordo com Jucá Neto (2012) e Vieira Junior (2004), são descendentes de brancos, índios e negros e tantos outros grupos – de designação étnica indeterminada – que se refugiaram no sertão em busca de oportunidades e de mudança de vida. Logo, nesse cenário de conflitos entre os sesmeiros recém-chegados ao sertão e os índios expulsos de suas terras, aqueles índios que não morriam nos conflitos, tornaram-se também uma força de trabalho domada para lidar com o gado.

Já Barroso (2006) afirma ser o sertanejo o “cruzamento do índio com o português”, contudo,

[...] Alguns traem, no gosto pela vida nômade e nas feições, as já diminutas parcelas do sangue irrequeto dos ciganos que o governo da Metrópole mandou povoassem o vale do Jaguaribe. Outros, alourados, fortes, de olhos azuis, lembram os holandeses. Quem viaja pelo sertão encontra amiúde, brincando na porta das casas, criancinhas louras, de inquietos olhos cor de safira. Essas crianças tornam-se adultos queimados, escuros. O sol fana-lhes a cor delicada da meninice, escurece-lhes mais os olhos e dá um tom de cobre ou de latão sujo ao cabelo louro, que endurece e enrosca com um reflexo metálico. (BARROSO, 2006, p. 119).

Barroso (2006, p. 119) descreve-nos também o tipo mais comum entre os cearenses, o mestiço acaboclado, ou seja, “pequena estatura, metro e meio, cabelo escuro e liso, fronte larga, olhar inteligente, cabeça achatada”. Contudo, lembra-nos, ainda, dos tipos mestiços cabras, resultantes da mistura entre negros e índios, e dos mulatos, que advinham do negro e do português. Vale ressaltar que todas essas misturas de raças se encarregavam também de categorizar a sociedade da época, visto que os descendentes de índios e negros eram e são até a contemporaneidade perseguidos pelos estigmas da colonização (NUNES, PINHEIRO, XIMENES, 2018).

Não podemos esquecer que o contexto onde o vaqueiro se insere é inóspito, pois, até o século XVII, as reses dividiam o litoral de terra fresca e com água com as lavouras canavieiras. Contudo, com a provisão régia de 30 de junho de 1698, os gados são direcionados para um território desconhecido e desabitado, o sertão.

Nesse contexto, as estações do ano não acontecem como nos trópicos, pois o sol brilha o ano inteiro trazendo calor, aridez e escassez de água, a esse fenômeno climático e social chamamos de seca. A seca acomete não apenas o Ceará, mas é compartilhada por outros estados do Nordeste, como Piauí, Rio grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia, o que a torna um fenômeno de proporções, muitas vezes, imprevisíveis. Como comenta Vieira Júnior (2004), a seca e a fome andam juntas, impondo ao sertanejo uma morte à míngua pela escassez de alimento.

Capanema (2006), membro da Comissão Científica de Exploração, esteve em expedição científica no Ceará de 1859 a 1861, a convite do Instituto Politécnico, para avaliar a seca no estado e emitir opinião acerca do assunto, apontando caminhos para possíveis soluções para esse contexto. Para o autor (CAPANEMA, 2006, p. 167), “as grandes secas não se evitam, os seus efeitos não se pode modificar”, contudo, ações poderiam tornar o período seco menos hostil, se incentivadas pelo Império, pois seriam adotadas também pela população.

Uma das sugestões do pesquisador para a armazenagem de água é que se façam potes de 200 mil litros, semelhantes às cisternas contemporâneas, para que os moradores do sertão guardassem a água da chuva para os momentos mais secos, e comprovou, a partir de experimentos, que era possível guardar essa água por anos. Assim, os moradores ao ver que essa técnica funcionava, faziam o mesmo por conta própria e, com o passar dos anos, em todas as localidades do sertão teria água para o ano todo.

Outra sugestão do pesquisador é a estocagem de capim forrageiro para a alimentação do gado, sendo essa técnica utilizada até hoje pelos vaqueiros, pois esse alimento é responsável pela complementação da nutrição dos rebanhos, aproveitando a abundância da forragem no período de chuvas.

Capanema (2006a, 2006b) comenta, ainda, sobre a necessidade de haver um acompanhamento próximo do fenômeno climático da seca, pois é preciso tentar prever as possíveis chuvas e os períodos mais secos para que as consequências da falta de água e de alimento não recaíssem com tanta intensidade sobre os sertanejos. No entanto, vale ressaltar que, como bem afirma Rios (2006), o tempo em que a Comissão esteve no Ceará, não foram anos difíceis, pois ocorreram chuvas regulares nesse período. Sendo assim, não houve escassez acentuada de recursos, por essa razão, os resultados relatados limitaram-se a acontecimentos já registrados por inúmeros pesquisadores e estudiosos da seca no Nordeste.

Em consonância com Capanema (2006), Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016), depois de observar dados de mais de um século que registram as chuvas de Taperoá na Paraíba, chegou à conclusão de que de 13 em 13 anos há uma seca no Nordeste, porém, cada par de 13 anos, ou seja, o 26º ano, marca o início do período de uma grande seca no Nordeste, como a de 1790 a 1793 e a de 2012 a 2017. Seguindo esse raciocínio, Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016) observa ainda a distribuição das chuvas durante o ano, pois alega ser esse outro fator influenciador da aridez da região, visto que, em Taperoá, por exemplo, a média anual de chuvas é 600 mm, a mesma média de Paris, no entanto, os 600 mm de Paris caem divididos proporcionalmente em 183 dias, enquanto em Taperoá caem em 42, com dois agravantes: 1) se descontados os dias em que chove menos de 10 mm, restarão em média 24 dias durante o ano em que chove mais de 10 mm; e 2) há uma grande amplitude entre as médias anuais que, de acordo com os registros, variam de 70 mm a 3000 mm, o que torna, segundo o pesquisador, quase impossível prever o volume de chuvas daquele ano, baseado em uma regularidade histórica.

Com esses dados, podemos considerar que o semiárido nordestino é uma região onde seus moradores convivem e sofrem com as adversidades, já que pela negligência dos governos, desde o período colonial, o contexto não favorece condições de vida mais humanas a seus moradores.

No sertão, as adversidades climáticas eram, e ainda são fortemente sentidas não apenas pelos vaqueiros, mas por toda a população e pelos animais.

Barroso (2006), ao relatar as situações pelas quais passam os sertanejos durante a seca, narra o cuidado que os vaqueiros têm com as reses que caem:

Quem primeiro cai no descampado escaldante das várzeas é o “gado de curral”. “Gado de curral” chama o matuto às vacas de leite. É o gado mais fraco e mais necessário à fazenda. O “gado de solta”, bois, novilhos, touros e garrotes, custa a cair; é áspero, semibravio e de uma resistência a toda prova. Quando cai, é sinal de que a seca é medonha, o “isorde”, como diz o sertanejo – terrível e a mortandade espantosa. (BARROS, 2006, p. 15).

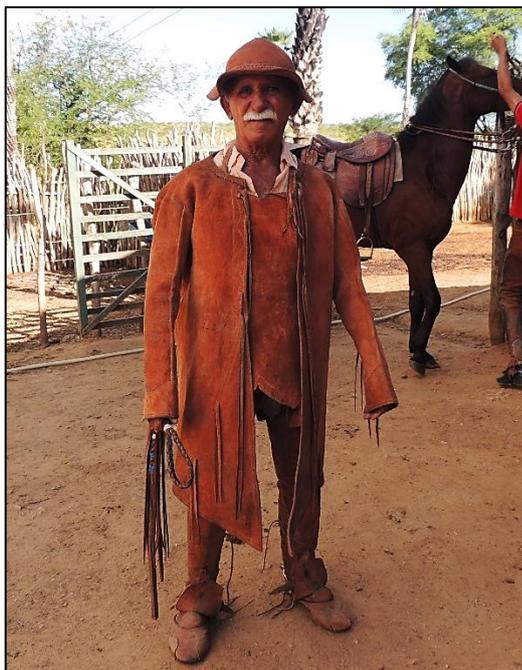
Assim, diante do cair das reses, o vaqueiro se mobiliza para reverter essa situação, intensificando os cuidados para com os animais vulneráveis, amparando-os nas varas e nas redes para que se recuperem, não se machuquem e se alimentem (BARROSO, 2006).

Inserido nesse cenário árido da caatinga, o vaqueiro precisava de uma vestimenta especial para resguardar seu corpo no confronto direto com espinhos e galhos secos e finos que compõem a garranchada que é essa vegetação. Desse modo, o couro tornou-se a matéria-prima da roupa de trabalho do vaqueiro, a armadura do cavaleiro do sertão (VALÉRIO; LIMA, 2012), e tantos outros objetos,

[...] De couro era a porta das cabanas, o rude leito aplicado ao chão duro, e mais tarde a cama para os partos; de couro todas as cordas, a borracha para carregar água, o mocó ou alforje para levar comida, a maca para guardar roupa, a mochila para milhar cavalo, a peia para prendê-lo em viagem, as bainhas de faca, as bruacas e surrões, a roupa de entrar no mato, os bangüês para curtume ou para apurar sal; para os açudes, o material de aterro era levado em couros puxados por juntas de bois que calcavam a terra com seu peso; em couro pisava-se tabaco para o nariz. (ABREU, 1998, p. 135).

Assim, nesse contexto onde a presença do couro era incisiva, o vaqueiro se paramenta para campear no mato com chapéu de couro, gibão, guarda-peito, luvas, perneiras e sandálias ou botas, para, transvestido da armadura de couro produzida pelo seleiro, resguarda-se das estocadas no caminho em busca do gado. Como bem afirmam os participantes de minha pesquisa: “tomar as mangas, se preparar pra entrar no mato, pra tomar o gosto de correr atrás do boi! Só com os couros o vaqueiro é vaqueiro!” (WAGNER RAULINO – MORADA NOVA).

Foto 2 – Vaqueiro vestindo a indumentária de couro completa



Fonte: Elaborado pela autora.

As peças da vestimenta de couro também assumem uma simbologia, pois durante as missas dos vaqueiros, o ritual do ofertório é constantemente repetido em sinal de agradecimento pelo trabalho, nesse momento, os vaqueiros ofertam cada peça do seu vestuário, o cavalo e os principais instrumentos de trabalho, como a cela, os arreios dos cavalos, a máscara, a peia, todos como símbolos de sua luta diária. Nesse ritual é possível observar a abundância de objetos fabricados em couro, o que demonstra que o vaqueiro também se serve diretamente da produção de gados, pois consome não apenas o leite e a carne para subsistência, mas também o couro como matéria-prima.

Aproveitando a remissão à missa do vaqueiro, é preciso lembrar que faz parte da tradição desse ator social a estreita relação com a religiosidade, sendo assim, é comum a realização de missas dos vaqueiros em inúmeras localidades do Brasil em que a cultura vaqueira está presente, principalmente no Nordeste. Vale ressaltar que essa missa é uma homenagem a um grande vaqueiro de Serrita-PE chamado Raimundo Jacó.

Raimundo Jacó foi um vaqueiro valente e destemido, querido por todos por ser uma pessoa humilde e de muitos amigos, sua fama de pegar touros barbatões

corria por todo o Nordeste e despertava a admiração de muitos. No entanto, seus feitos eram também invejados, sendo essa a motivação de sua morte.

Desse modo, em 8 de julho de 1954, um de seus companheiros de trabalho matou-o covardemente pelas costas, sem razões ou explicações, pois, segundo relatos de muitos participantes da pesquisa, Raimundo Jacó era um homem conhecido por ser muito dócil, de muitos amigos e tranquilo, o que descartou a possibilidade de desentendimento entre eles, pois, na própria situação de sua morte, Raimundo Jacó tinha ido para ajudar um amigo a pegar um boi que não era de sua responsabilidade.

Na ocasião, o dito traidor fugiu, não sendo mais visto na região, e apenas o cachorro, que estava presente, não abandonou seu dono e companheiro de lida, inclusive foi o responsável pela localização do corpo do vaqueiro, que foi sepultado com honras de herói no mesmo lugar onde foi assassinado.

Mais tarde, em 1971, por iniciativa do Padre Francisco Cancio, vigário de Serrita, e com o apoio do sanfoneiro Luiz Gonzaga, primo de Raimundo Jacó, deu-se início a tradição da missa que homenageia o vaqueiro mais valente do sertão, Raimundo Jacó, mas acontece também em honra a todos os vaqueiros.

É importante salientar que a tradição da missa do vaqueiro se multiplicou por todo o Nordeste, e hoje nas localidades em que há a presença do vaqueiro, costumeiramente, há também uma missa acompanhada de uma festa para galardoar os cavaleiros do sertão.

Foto 3 – Missa do Vaqueiro em Canindé (2017)



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos municípios participantes desta pesquisa, a missa do vaqueiro também é uma tradição juntamente com a festa anual em homenagem ao vaqueiro, inclusive regulamentadas por lei. Na próxima subseção, discutimos essas leis e a importância delas para a cultura vaqueira.

Outras tradições da vaquerama são a pega de boi no mato e a vaquejada, que surge da própria lida do vaqueiro como um esporte, a que eles chamam constantemente de “brincadeira de gado”. Remonta de meados do século XIX o acontecimento que deu origem essas práticas como a conhecemos hoje, a pega do boi Moleque.

Ocorrida entre os municípios de Quixadá e Morada Nova, a pega do boi Moleque foi um acontecimento, pois esse animal era, de acordo com os relatos dos participantes desta pesquisa, conhecido pela braveza e até então nenhum vaqueiro tinha conseguido pegá-lo. Sendo assim, os vaqueiros do vale do Jaguaribe e arredores iniciaram o campear na região para pegar o boi, que depois de dias de tentativa foi derrubado pela puxada do rabo, caindo de “papo pro ar”. O modo como o boi foi derrubado motivou, especificamente, a regra da vaquejada esportiva, sendo esse um dos aspectos mais discutidos dessa prática.

Semelhante à história contada pelos vaqueiros participantes desta pesquisa, Cascudo (2005) descreve uma pega de boi em que é possível perceber a semelhança com a vaquejada:

Vacas, bezerros, bois velhos, eram afastados. Só os touros, novilhos e bois de era mereciam as honras do “folgado”. Alguns homens, dentro do curral onde os touros e novilhos se agitavam, inquietos e famintos, tangiam, com grandes brados, um animal para fora da porteira. Arrancava este como um foguetão. Um par de vaqueiros corria, lado a lado. Um seria o “esteira” para manter o bicho numa determinada direção. O outro derrubaria. Os cavalos de campo, afeitos à luta, seguiam como sombras, arfando, numa obstinação de cães de caça. Aproximando-se do animal em disparada, o vaqueiro apanha-lhe a cauda (bassôra) envolve-a na mão, e puxa, num puxão brusco e forte, é a *mucica*. Desequilibrando, o touro cai, virando para o ar as pernas, entre poeira e aclamações dos assistentes [...]. (CASCUDO, 2005, p. 108).

Desse modo, podemos constatar que a vaquejada foi inspirada na pega de boi no mato, que acontece até hoje nas propriedades do interior do Ceará e de outros estados. A grande diferença é o fato de a pega de boi no mato ocorrer em terreno de mata nativa, que se assemelha ao contexto de criação extensiva, em que o gado é solto e os vaqueiros buscam-no a fim de capturá-lo, ao derrubar o boi, o vaqueiro precisa ainda mascará-lo, peá-lo e amarrá-lo para trazê-lo de volta ao local de partida

da pega. Já na vaquejada, há uma pista livre de obstáculos em que dois vaqueiros, o esteira e o derrubador, acompanham a carreira do boi até as faixas onde o derrubador deve puxar a calda do bicho para levá-lo ao chão.

Foto 4 – Vaquejada dos sócios de Morada Nova (2018)



Fonte: Elaborado pela autora.

Contudo, hoje, há uma grande polêmica que envolve a preservação e o respeito aos animais e que condena essas práticas culturais como agressivas e desrespeitosas, principalmente a vaquejada. Não desenvolvemos aqui essa discussão, pois a retomamos na próxima subseção.

Além da vaquejada, não podemos nos esquecer da festa de apartação, motivada principalmente pelo sistema extensivo de criação de gados, em que os animais de várias propriedades de uma mesma região se misturavam nos períodos de pastagem, e, ao fim do período chuvoso, era necessário que os vaqueiros se reunissem para pegar e ferrar o gado para que fosse entregue às suas respectivas propriedades.

Segundo Santos (2012), a tradição de marcar os animais a ferro quente remonta de tempos mais antigos que a colonização do Brasil, sendo assim, esse costume já era observado na Europa e em outras partes do mundo, antes mesmo da chegada dos portugueses à América.

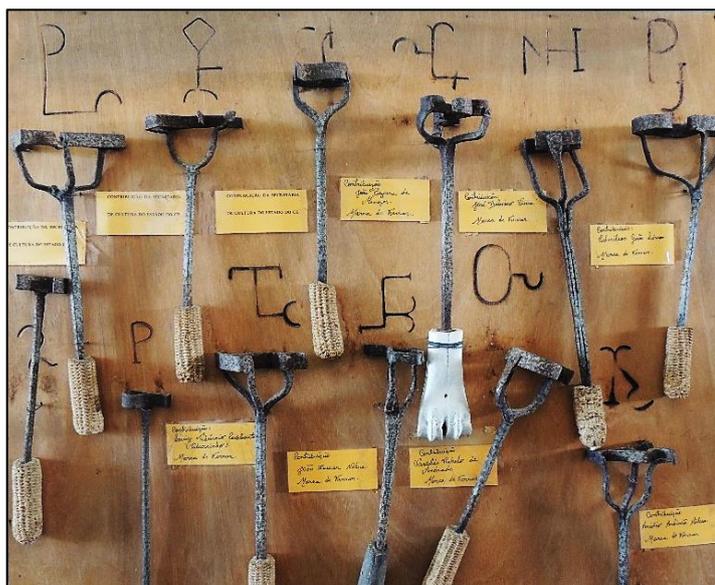
Para Frutiger (2007), marcar os animais nos chifres, no dorso ou nas ancas, é uma maneira de imprimir a demarcação de propriedade sobre os bens, de modo a expressar publicamente e sem possibilidades de adulteração a origem daquele bem.

O autor afirma, ainda, que o costume de marcar a propriedade não se restringia unicamente aos animais, pois

A identificação de propriedade em ferramentas, objetos de uso doméstico, entre outros, era um modo de expressar o desejo individual de marcar os bens, determinado não apenas por questões de segurança, uma vez que a maioria dos equipamentos, móveis, etc. permanecia sob o teto do proprietário. Os animais domésticos, porém, principalmente o gado²⁹, não possuíam um local geográfico fixo dentro dos limites de uma propriedade. As ovelhas, cabras e o gado bovino de toda a comunidade eram sempre reunidos em manadas para serem levados de pastagens em pastagens à procura de alimento. Por essa razão, a marcação do gado era absolutamente necessária [...]. (FRUTIGER, 2007, p. 295).

Nesse sentido, Suassuna (1974) considera as marcas de ferrar os gados como brasões das famílias, posto que, para o autor, há uma heráldica popular que rege o modo de elaboração dessas marcas, como os emblemas dos clubes de futebol e os estandartes dos maracatus e de tantos outros grupos culturais do Nordeste e do Brasil. Logo, segundo Suassuna (1974), as marcas de ferrar os gados têm como base de criação uma representação direta com os nomes dos proprietários, sendo elaboradas, geralmente, com formas curvas e sinuosas a partir de números, letras ou sinais; havendo também uma influência do material utilizados para a fabricação das ferras, o ferro, material mais facilmente moldado em curvas.

Foto 5 – Marcas de ferrar expostas no Museu do Vaqueiro em Morada Nova



Fonte: Elaborado pela autora.

²⁹ A lexia *gado* é aqui empregada pelo autor em seu sentido genérico, como sinônimo de exemplar de animal de criação (cf.: *gado* no vocabulário – subseção 5.2.2.1.1 desta tese).

Em diálogo com os participantes de minha pesquisa, eles relataram também a tradição de marcar o gado com a ferra da freguesia, ou seja, a marca do município de origem do animal e do proprietário, o que, mais uma vez, aponta a procedência do animal. Essa marca é denominada pelos vaqueiros como *freguesia* e representa as iniciais ou um símbolo que remeta ao padroeiro ou a um fato histórico ocorrido no município, a exemplo de Canindé, cuja freguesia é o “F” de São Francisco, e Morada Nova, cuja freguesia é o “E” e o “S” de Divino Espírito Santo, ambos padroeiros dos municípios; já Aracati têm como freguesia uma cruz “†”, pois, no período colonial, o município chamava-se *Santa Cruz do Aracati*.

Diante de todo esse histórico sobre as marcas de ferrar e as freguesias, é preciso retomar a relevância desse procedimento para o percurso histórico e cultural do vaqueiro, pois, como bem enfatiza Cascudo (2005, p. 107-108), “[...] a ‘apartação’ consistia na identificação do gado de cada patrão dos vaqueiros presentes”, o que demonstra a preocupação com o direito de propriedade desde o período colonial.

É válido salientar que em torno desse momento da apartação, por ocasião da reunião de inúmeros vaqueiros da região, aconteciam festas com música e dança, costume até hoje adotado pelos vaqueiros e que tornou esse momento conhecido popularmente como *feira da apartação*.

Outra manifestação popularizada entre os vaqueiros e que ocorre como um momento inserido nas festas, principalmente nas festas anuais em comemoração ao dia do vaqueiro, é a cavalgada. As cavalgadas são, frequentemente, uma introdução para o principal momento das festas. No caso de Canindé, a cavalgada segue de manhã da estátua de São Francisco até o Parque de Exposições do Município de Canindé, e antecede a missa do vaqueiro. Já em Morada Nova, observamos que nos anos de 2015 e 2016 a cavalgada ocorreu pela manhã, depois da missa do vaqueiro, seguindo os cavaleiros montados da Igreja Matriz do Divino Espírito Santo ao Parque de Vaquejada João de Deus Girão, onde foi aberta a vaquejada da festa do vaqueiro; porém, nos anos de 2017 e 2018, a cavalgada foi realizada à tarde e seguiu da Praça do Balão – uma das entradas da cidade – até o Parque de vaquejada, onde ocorreu a missa do vaqueiro na capela de Nossa Senhora Aparecida.

Não posso deixar de expressar a emoção que senti durante as cavalgadas, pois é um clima de comoção, fé, esperança e paixão que guia esse momento. Em meio aos cavalos, acompanhando-os a pé, ouvindo aboios e músicas que os tem como tema, sigo observando as pessoas os saudando das calçadas e acenando de

janelas e portas, os vaqueiros pousam para mim quando os fotografo, acenam quando os filmo, me chamam, perguntam o meu nome, oferecem-me carona nas garupas, essas são apenas algumas de tantas interações ocorridas durante as cavalgadas. Todos esses momentos foram únicos e neles pude viver a pesquisa, ver de perto a paixão que os vaqueiros têm pela profissão.

Nas culminâncias da etnografia, compartilhei muitos momentos de festa promovidos pelos participantes da pesquisa. Momentos repletos de muita alegria, em que os vaqueiros se confraternizavam encontrando amigos que moram distante e veem pouco, dividindo com companheiros de trabalho e familiares as bebidas, as comidas e o prazer da prosa sobre o passado e o presente. Todos esses momentos vivenciados durante minha permanência no campo representaram para mim a expressão de um grupo unido e coeso em busca de um objetivo maior, (re)existir na contemporaneidade sendo vaqueiros por amor à profissão.

Também embasada em minhas experiências e vivências durante a etnografia, de 2015 a 2018, é válido destacar que percebi por parte dos vaqueiros um cuidado com os animais, não apenas com o cavalo, mas com bois, cachorros, cabras, carneiros, dentre outros. Segundo os vaqueiros entrevistados no percurso etnográfico, “o respeito pelos bichos é muito importante porque se os animais são sensíveis diante das situações [...], o homem, a exemplo deles, também pode ser, retribuindo o respeito que o bicho tem com ele” (CLEIGERDUQUE MAIA – MORADA NOVA). Esse cuidado denota, muitas vezes, uma relação de afeto com o bicho, que transparece também no hábito de dar nome aos animais. Os vaqueiros conhecem seus animais pelo nome e é interessante reparar que o nome tem uma relação direta com a personalidade e as características físicas do bicho, como o cavalo preto que se chama *Corcel Negro*, o boi rápido e difícil de pegar que se chama *Sabonete*.

Abreu (1998) descreve de modo singular a maneira como o vaqueiro se dedica aos animais em seu trabalho. Assim, segundo o autor,

[...] Para cumprir bem com seu ofício vaqueiral, [...] deixa poucas noites de dormir nos campos, ou ao menos as madrugadas não o acham em casa, especialmente de inverno, sem atender às maiores chuvas e trovoadas, porque nesta ocasião costuma nascer a maior parte dos bezerros e pode nas malhadas observar o gado antes de espalhar-se ao romper do dia, como costumam, marcar as vacas que estão próximas a ser mães e trazê-las quase como à vista, para que parindo não escondam os filhos de forma que fiquem bravos ou morram de varejeiras. (ABREU, 1998, p. 135).

Entretanto, é inegável que a relação mais estreita é entre o vaqueiro, o cavalo e o cachorro, visto que é preciso existir entre homem e animal uma vinculação pautada no princípio da confiança, já que as ações no campo de trabalho são performatizações do modo de ser do vaqueiro – ser humano –, posto que há por parte dele uma consciência da responsabilidade quanto à sobrevivência dele e do animal. A relação do vaqueiro com o seu cavalo também tem conotação de parceria, visto que homem e animal precisam se harmonizar para conseguirem realizar com sucesso os desafios da lida.

Nos relatos da minha pesquisa, um dos vaqueiros entrevistados conta que

O cavalo é um parceiro de trabalho tão inteligente que cuida até da gente, porque, quando a gente passa numa baixada cheia de garrancho, ele não espera nem o comando, se abaixa suave, descontando a madeira pra gente não se machucar. (CLEIGERDUQUE MAIA – MORADA NOVA).

Observando essa proximidade entre o vaqueiro e o cavalo, durante as incursões no campo de pesquisa, pude observar a variedade de raças, cores e portes dos equinos montados pelos participantes desta pesquisa, o que contradiz em parte a descrição de Barroso (2006), no que se refere ao cavalo do sertão, pois, segundo o autor, “o cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e ele o estima e trata com o maior carinho” (BARROSO, 2006, p. 59).

De acordo com Barroso (2006), os cavalos sertanejos têm raça indeterminada e são resultado de cruzas entre os cavalos portugueses e árabes que foram importados para Pernambuco, à época da implantação da cultura da cana-de-açúcar. Entretanto, o autor defende também a hipótese dessa raça ter se misturado com os cavalos dos ciganos, que povoaram o vale do Jaguaribe durante a colonização.

Essa dualidade de informações – do campo e de Barroso (2006) – mostra que o vaqueiro de hoje monta um animal mais robusto, de maior porte, muitas vezes de raça de alto valor de mercado, e que requer cuidados específicos, como rações especiais, suplementação vitamínica, entre outros. É importante lembrar que não apenas o cavalo é o animal de montaria dos vaqueiros, pois, em campo, foi possível vê-los montados também em burros e jumentos, porém, o alto grau de envolvimento

nessa relação permanece, o que reforça o cuidado e o zelo que os participantes da pesquisa têm com seus animais de montaria.

Continuando as andanças da etnografia, ao ver os vaqueiros é impossível não perceber também a presença de outro animal de trabalho, o cachorro. Também de raça indeterminada, o cachorro sertanejo era, de acordo com Barroso (2006), franzino, resultantes de uma mistura étnica inexplicavelmente elaborada pelas condições de vida através dos tempos.

De acordo com os relatos dos vaqueiros da pesquisa, pude comprovar também a relação de afeto entre os vaqueiros e seus cachorros:

Todo vaqueiro que se preza tem um cachorro! Pode ser pé-duro, não faz diferença o tamanho... onde o vaqueiro vai no cavalo, o cachorro vai atrás. Quando a gente tá procurando a rês no mato, ele vai na frente farejando. Quando acha o bicho, começa a alamar e, quando a gente corre atrás, ele vai junto. É um companheiro! (EVENILSON – CANINDÉ).

Com esse relato, é possível perceber a parceria entre o vaqueiro e o cachorro, não apenas no tocante ao trabalho, pois, assim como se dedica a cuidar dos animais de criação e do cavalo, o cachorro também recebe cuidados e, por ser tradicionalmente um animal doméstico, não está apenas no ambiente laboral, mas também em casa com a família do vaqueiro e em ocasiões de festa, como nas cavalgadas.

Foto 6 – Vaqueiros e seus cavalos e cachorro na cavalgada dos Targinos, em Canindé (maio/2017)



Fonte: Elaborado pela autora.

Com relação ao tratamento dado aos cães observados durante a pesquisa, percebi que esse contexto não condiz com o declarado por Barroso (2006), pois segundo o autor: “o cão sertanejo desconhece o agrado. Nunca lhe fizeram uma carícia. Põem-no fora de casa para que não fure alguma coisa e não encha os quartos de pulgas” (BARROSO, 2006, p. 51). A comparação entre o cenário descrito por Barroso (2006) e o observado durante a pesquisa demonstram a mudança na postura do vaqueiro e de sua família em relação ao cachorro, pois esses animais têm, na maioria das vezes, livre acesso ao interior das casas, são alimentados por quase todos os membros da família, que, conseqüentemente, os acariciam com frequência, principalmente as crianças.

O cachorro pode ser considerado, ainda, um fiel seguidor do vaqueiro, pois o companha não apenas nas pegadas de boi e no campear em busca do gado, mas durante a lida cotidiana, visto que, foi percebido por mim, durante as vivências etnográficas, em ordenhas, reuniões, festas, cavalgadas e tantos outros momentos.

Foto 7 – Búzio



Fonte: Exposição Vaqueiros (Museu da Cultura Cearense).

Outro aspecto peculiar à profissão de vaqueiro são os sons. Em visita à *Exposição Vaqueiros*³⁰ no MCC, em 2016, pude observar a remissão ao aboio, ao chocalho, ao búzio e ao berrante. No entanto, nas vivências etnográficas da pesquisa, o aboio e o chocalho estiveram presentes constantemente, desde as festas à lida nas

³⁰ Fui a primeira vez a essa exposição, quando tinha 12 anos e cursava a 7ª série do Ensino fundamental. Na ocasião, tive o primeiro encantamento com a cultura do vaqueiro, agora é tema de minha tese de doutoramento.

propriedades. Sendo assim, atendo-me mais atentamente a eles, visto que o berrante, apesar de aparecer durante alguns momentos de festa, é apresentado com um instrumento da cultura pecuária de outros estados, que tem como função primordial chamar o rebanho; e o búzio, por ser um instrumento não citado pelos participantes da pesquisa e referenciado na exposição como característico da criação de gado do litoral cearense em séculos passados (ALBUQUERQUE, 2012), desempenhando a mesma função do berrante.

O aboio é um recurso exacerbadamente presente na cultura vaqueira. Desta feira, segundo Ramalho (2003),

[...] o aboio é a expressão máxima do canto de trabalho do vaqueiro, na solidão da caatinga, à procura de suas reses. Pois esse canto desbravador do sertão povoou de melopéias os caminhos das boiadas, caminhos de idas e vindas, seja em busca de pasto, em direção às feiras ou na volta para as fazendas. (RAMALHO, 2003, p. 104).

A todo momento, nas vivências da etnografia, escutei os aboios dos vaqueiros, desde a toada para conduzir o gado, a que muitos chamam de *aboio de chamamento*; o *aboio de excitação*, para cantar as bravuras e as histórias dos vaqueiros e do sertão; e o *aboio de repente*, cantado por aboiadores que se desafiam a completar e a responder os versos um(s) do(s) outro(s), até que um ovacione o verso do outro publicamente. É válido destacar que essa disputa é amistosa e saudável, pois não é conduzida no clima de rivalidade, mas de empolgação, um aplaudindo e vibrando com o verso do outro, até que espontaneamente a disputa se finda.

O *aboio de chamamento* foi impactante na minha experiência de pesquisa de campo, visto que, por ocasião do fim de uma das vaquejadas da festa do vaqueiro em Morada Nova, acompanhei a separação do gado nos currais e a saída desses animais do parque. Assim, observando essa separação de cima de uma cerca, encantei-me com o modo como aqueles homens conduziam seus animais, que respondiam indo exatamente para a direção desejada pelo vaqueiro. Depois, uma porteira foi aberta e dois vaqueiros montados a cavalo guiam ao som de toadas seus gados, que seguiram a pé numa obediência impecável, todos num passo só, numa única direção. Lindo de ver e de ouvir!

Lançando uma discussão sobre as práticas culturais do Nordeste do Brasil, Antonil (1982) ressalta o modo como os vaqueiros conduzem as boiadas. Desse modo, segundo o autor, “[...] Guiam-se indo uns adiante cantando, para serem desta

sorte seguidos do gado, e outros vêm atrás das reses, tangendo-as, e tendo cuidado para que não saiam do caminho e se amontoem [...]” (ANTONIL, 1982, p. 202). A descrição de Antonil remete diretamente aos aboios de excitação, com seus melodiosos versos cheios de simbologia, que retratam as peculiaridades da vida vaqueira, exaltando seus feitos e desejos, expondo um vaqueiro que ama, se orgulha e é valente diante das adversidades do trabalho e da vida.

Durante a etnografia, rendi-me também aos versos dos vaqueiros, dentre os quais estão vivos em minha memória os momentos depois das reuniões mensais da Associação de Canindé. Momentos esses em que os vaqueiros Moisés Uchoa e Zé Marçal começavam a aboiar os versos, aos quais outros vaqueiros aboiadores também se juntavam, os outros e eu como plateia, em um movimento de admiração e reconhecimento, os aplaudíamos com a satisfação de estarmos exaltando a cultura vaqueira por meio do dom daqueles homens. Todas as vezes que escutei os aboios, a certeza da relevância da cultura vaqueira se renovava em mim, pois era impossível não me emocionar com versos, tão belos e autênticos, vindos de pessoas tão simples e que performatizam a sua luta.

Passando para o outro recurso sonoro da cultura vaqueira sobre o qual me propus a discutir aqui – o chocalho –, é importante destacar que esse instrumento de trabalho é uma das peças fabricadas pelo ferreiro e possui uma grande variedade de formas e tamanhos. Assim, o chocalho, segundo Albuquerque (2012), é o instrumento semelhante a um sino e utilizado para que o vaqueiro consiga localizar a rês por meio do badalar do guizo amarrado ao pescoço do animal.

Foto 8 – Chocalhos



Fonte: Elaborado pela autora.

Em conversa com o vaqueiro Araújo, no Museu do Vaqueiro de Morada Nova, ele me esclareceu que os chocalhos trazem consigo as marcas dos proprietários e das freguesias, para que também fique registrada a propriedade e a procedência do animal. Outra informação relevante diz respeito ao tamanho do chocalho, pois, segundo o vaqueiro Araújo (MORADA NOVA), “quanto maior o chocalho, maior o barulho, os chocalhos grandes são ouvidos de longe”. Assim, os chocalhos são escolhidos de acordo com o propósito de cada vaqueiro para a área onde os animais pastam.

Diante de todos os detalhamentos e as discussões acerca da vida de vaqueiro e as implicações das práticas desses homens para a cultura, a sociedade, a história e a economia do Ceará, passamos para a seção onde tratamos da profissão de vaqueiro, onde discutimos desde a legislação que trata do reconhecimento da profissão à regulamentação de festas, missas e vaquejadas.

3.3 PROFISSÃO DE VAQUEIRO: A LEGALIZAÇÃO E O RECONHECIMENTO

As práticas culturais dos vaqueiros são reconhecidas, na contemporaneidade, não apenas no contexto local, mas também nacionalmente e por meio de leis que as amparam. O amparo legal, por sua vez, é uma maneira de garantir o direito à existência dessas práticas, como tradições culturais vivas que habitam o cotidiano dos grupos pesquisados.

No período da colonização, com a ordem da Metrópole para o remanejamento das boiadas a dez léguas de distância das lavouras de cana-de-açúcar, a profissão de vaqueiro era concebida como uma alternativa de trabalho para índios, negros, mestiços e subalternizados da sociedade da época, já que o sertão era um território desconhecido e desprovido de recursos. Contudo, hoje, a profissão de vaqueiro é, na maioria das vezes, passada de geração a geração nos contextos em que essa cultura é amplamente difundida, mas também há os que, inseridos nesse contexto, escolheram ser vaqueiros, pois, mesmo tendo oportunidade de estudar e seguir outra profissão, se encantaram com a profissão de vaqueiro, como o Vaqueiro João Evangelista (CANINDÉ), que escolheu ser vaqueiro por amor ao ofício. Segundo ele: “Quando eu era juvenzinho, eu podia ter estudado, mas não queria, o que eu queria mesmo era ser vaqueiro, correr atrás de boi, cuidar das vacas. O meu gosto era esse!”.

Para melhor ilustrar os meios legais que garantem a (re)existência da cultura vaqueira e suas práticas culturais na contemporaneidade, trago aqui as leis federais, estaduais e municipais que normatizam as ações relacionadas aos grupos pesquisados nesta investigação etnográfica, a saber:

Quadro 2 – Leis brasileiras relacionadas ao vaqueiro

LEI	DATA COMEMORATIVA	DATA DE SANSÃO	INSTÂNCIA DA LEI
Lei Nº 204 Dia do vaqueiro em Morada Nova	11 de junho	14/06/1960	Município de Morada Nova
Lei Nº 11.928 Dia do vaqueiro nordestino	3º domingo de julho	17/04/2009	Presidência da República
Lei Nº 14.520 Missa do vaqueiro em Canindé	Setembro	08/12/2009	Estado do Ceará
Lei Nº 14.625 Dia estadual do vaqueiro	22 de agosto	26/02/2010	Estado do Ceará
Lei Nº 12.870 Regulamentação da profissão de vaqueiro	-	15/10/2013	Presidência da República
Lei Nº 13.364 Eleva o rodeio e a vaquejada a manifestações da cultura nacional e a patrimônio cultural imaterial	-	29/11/2016	Presidência da República
Lei Nº 16.321 Regulamentação da vaquejada como prática desportiva e cultural, assegurando o bem-estar dos animais	-	13/09/2017	Estado do Ceará

Fonte: Elaborado pela autora.

A primeira vista, observamos, nesse quadro, um panorama que traz duas grandes lacunas, uma de mais de quatro séculos para a homologação da primeira lei relacionada ao vaqueiro em nosso contexto de pesquisa, de 1500 a 1960, e outra de 49 anos, de 1960 a 2009, que negligencia a cultura vaqueira no mundo pós-moderno, o que, indiretamente, omite o vaqueiro como ator social no contexto cearense e brasileiro. Outro fato, ainda mais grave, diz respeito à legalização da profissão, pois, exercida desde meados do século XVI, a profissão de vaqueiro foi reconhecida tardiamente, aproximadamente 450 anos depois das primeiras funções

desempenhadas por esses profissionais em solo brasileiro. Sendo assim, é importante enfatizar o quanto a cultura vaqueira é esquecida e colocada à margem no cenário nacional, quando deveria ser reconhecida como cultura de raiz responsável pela ocupação do sertão brasileiro.

É com o intuito de instigar o debate e a reflexão sobre o reconhecimento do vaqueiro como agente responsável pela colonização do interior do Nordeste, principalmente do Ceará, que discuto aqui as leis a ele relacionadas. Logo, conduzo essa discussão por temática, a fim de explorar de modo mais produtivo cada aspecto levantado por essa legislação.

Início o debate com a Lei municipal Nº 204 que instituiu no Município de Morada Nova o dia do vaqueiro. Esta lei existe desde 1960 e é, cronologicamente, a primeira registrada, que normatiza os festejos relacionados ao vaqueiro no contexto de minha pesquisa. Em Morada Nova, o dia 11 de junho é dia do vaqueiro e também feriado municipal para honrar esse célebre ator social. O feriado do dia do vaqueiro motiva também a Festa do vaqueiro, organizada anualmente pela Associação de Vaqueiros e Criadores de Morada Nova.

A Festa do Vaqueiro de Morada Nova é uma grande comemoração promovida pela Associação, mas que conta com a colaboração da Prefeitura de Morada Nova e do Museu do Vaqueiro. Durante a festa, há cavalgada, missa do vaqueiro, visita ao museu, rodas de conversas com os vaqueiros e os alunos das escolas de Morada Nova, entrega de comendas aos homenageados da festa, leilões para arrecadar fundos para a associação, vaquejada, shows com bandas de forró e, até 2017, houve a escolha da Garota Vaqueira e da Garota Museu do Vaqueiro.

Participei dessa festa durante três anos da pesquisa, de 2016 a 2018, e pude vivenciar de perto cada momento. A festa do vaqueiro de Morada Nova é realmente um acontecimento na cidade e na região, e atrai pessoas de várias partes do estado e do Brasil. Durante a festa, percorrendo as barracas dos vaqueiros, pude também dialogar com eles e suas famílias, então percebi em seus discursos a razão de estarem ali não apenas por ser uma festa, mas por ser um momento de celebração. Segundo Dona Eliene – esposa do vaqueiro Dedé e filha do vaqueiro Egídio -, “estar aqui é muito bom, a gente encontra todo mundo, chama o povo pra vir aqui na barraca,

a gente conversa, os meninos³¹ vão na cavalgada. É muito bonito! A gente espera essa festa o ano todo, pra ver eles de estrelas!”.

Vale ressaltar que nos festejos do dia do vaqueiro em Morada Nova também há a missa do vaqueiro como um momento de culminância da festa, o que enfatiza mais ainda as semelhanças entre os dois municípios pesquisados e a presença da religiosidade no universo do vaqueiro de Morada Nova.

Lei 1 – Lei Nº 11.928: Dia do vaqueiro nordestino



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 11.928, DE 17 DE ABRIL DE 2009.

Institui o Dia do Vaqueiro Nordestino, a ser comemorado, anualmente, no terceiro domingo do mês de julho.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de **PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica instituído, no calendário das efemérides nacionais, o Dia do Vaqueiro Nordestino, a ser comemorado, anualmente, no terceiro domingo do mês de julho.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 17 de abril de 2009; 188º da Independência e 121º da República.

JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA
João Luiz Silva Ferreira

Este texto não substitui o publicado no DOU de 20.4.2009

Fonte: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11928.htm>. Acesso em: 14 out. 2016.

Passo agora para a Lei Nº 11.928 da Presidência da República, sancionada em 2009, em que é possível observar o reconhecimento do vaqueiro do sertão nordestino, o que lhes garante um dia para ser saudado como ator social atuante no povoamento e na colonização do Nordeste brasileiro. Essa lei é de caráter nacional e inaugura em meu contexto de pesquisa uma sequência de publicações jurídicas que reconhecem o vaqueiro como agente ativo até a contemporaneidade em todo o Brasil, principalmente no Nordeste. Um fator intrigante é a denominação que a lei dá ao vaqueiro – vaqueiro nordestino. Por meio dessa denominação é explícito que o vaqueiro é reconhecido como ator social característico do Nordeste do Brasil.

Em nível estadual há duas leis sancionadas no ano de 2009 e que tratam do vaqueiro em uma perspectiva cultural e direcionada a comemorações em honra a

³¹ De acordo com o discurso de Dona Eliene, *meninos* são os vaqueiros e as vaqueiras que vão montados a cavalo.

esse agente da colonização do Ceará. Primeiramente, a Lei Nº 14.625, que institui o Dia Estadual do Vaqueiro no Ceará, que está também inserido no calendário anual oficial de eventos do Governo do Estado, mas não é concebido com feriado.

Lei 2 – Lei Nº 14.625: Dia estadual do vaqueiro

<p>LEI Nº 14.625, DE 26.02.2010 (D.O.11.03.10).</p> <p>Institui o Dia Estadual do Vaqueiro.</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ</p> <p>FAÇO SABER QUE A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DECRETOU E EU SANCIONO A SEGUINTE LEI:</p> <p>Art. 1º Fica instituído o Dia Estadual do Vaqueiro, a ser comemorado, anualmente, no dia 22 do mês de agosto.</p> <p>Art. 2º As comemorações alusivas ao Dia Estadual do Vaqueiro, de que trata esta Lei, passam a integrar o Calendário Oficial de Eventos do Estado do Ceará.</p> <p>Art. 3º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.</p> <p>PALÁCIO IRACEMA, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 26 de fevereiro de 2010.</p> <p>Cid Ferreira Gomes GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ</p> <p>Iniciativa: Deputada Lívia Arruda</p>
--

Fonte: Disponível em: <<http://www.al.ce.gov.br/legislativo/legislacao5/leis2010/14625.htm>>. Acesso em: 14 out. 2016.

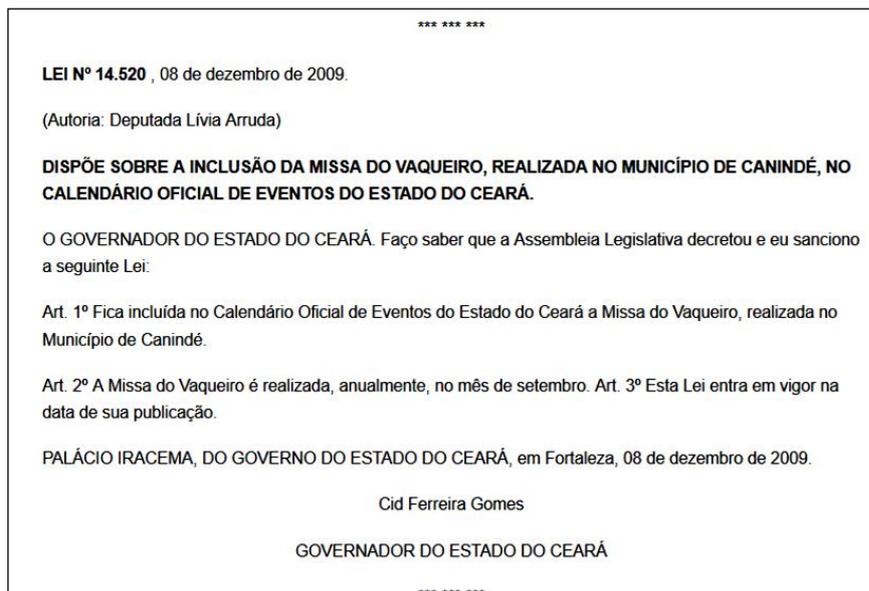
Este dia, segundo os vaqueiros entrevistados durante a etnografia, foi escolhido por ser também o dia do folclore, o que reafirma o vaqueiro como um ser emblemático da cultura cearense e portador do que há de mais original nessa cultura – a origem nordestina. Contudo, a justificativa dos participantes de minha pesquisa induz à tradicional concepção de cultura popular como uma cultura menor, conceito que rebato com o presente estudo assumindo a nomenclatura *cultura de raiz* e provando o protagonismo dos vaqueiros no contexto cearense desde os primórdios da colonização.

A segunda lei estadual é a Lei Nº 14.520, de 8 de dezembro de 2009, que trata da regulamentação de um evento que acontece há muitos anos no município de Canindé, a missa do vaqueiro. Esta missa é celebrada desde 1969 nos meses de setembro em honra ao desaparecimento de Raimundo Jacó, bravo vaqueiro pernambucano.

Em consonância com a Lei Nº 14.520, a missa do vaqueiro de Canindé é celebrada em setembro inserida nos festejos do padroeiro do município, São Francisco. No entanto, há também a missa do vaqueiro celebrada em agosto, por

ocasião da festa do vaqueiro de Canindé, como um momento de culminância nos festejos em homenagem ao dia do vaqueiro.

Lei 3 – Lei Nº 14.520: Missa do vaqueiro em Canindé



Fonte: Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/5480554/pg-1-caderno-1-diario-oficial-do-estado-do-ceara-doece-de-11-12-2009>>.
Acesso em: 14 out. 2016.

A Festa do Vaqueiro de Canindé é uma grande comemoração promovida pela *Associação dos Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé* e que conta com o apoio dos vaqueiros associados, da Prefeitura Municipal de Canindé e dos comerciantes da região para acontecer. Pode acompanhar essa festa nos anos de 2016 e 2017³². A festa inicia com a cavalgada que parte da estátua de São Francisco. Nesse contexto, os vaqueiros se concentram e iniciam o ritual do reencontro com os amigos de profissão. Esse lugar também marca a presença da religiosidade na cultura vaqueira, pois eles manifestam abertamente sua devoção a São Francisco. Daí, todos seguem em cavalgada, dois a dois, pelas ruas de Canindé até o Parque de Exposição da Feira do Bode, na entrada da cidade. Ao chegar no parque, a missa é celebrada em honra aos vaqueiros e, depois, dá-se início aos outros momentos da festa: as homenagens, com a entrega das comendas; a escolha da Rainha do vaqueiro; a distribuição do almoço, e, por fim, a banda de forró inicia a música para que todos dançam até o fim da tarde.

³² Por razões de doença, não pude comparecer à festa de 2018, mas acompanhei os vaqueiros, no referido ano, durante os festejos do padroeiro, São Francisco de Canindé.

Não posso deixar de relatar também que a Festa do Vaqueiro de Canindé é uma expressão cultural muito marcante em minha pesquisa etnográfica, pois, durante a festa, vivi momentos únicos que me marcaram como pesquisadora e pessoa. Ao ver tantos encourados juntos, ouvir os aboios e as histórias, os feitos da lida, as façanhas, emocionei-me de um modo inexplicável. Essa emoção é para mim uma volta ao passado, ao período da colonização, quando o território cearense era tomado por tantos vaqueiros, em meio ao inóspito sertão. Conversando com Dona Tânia – esposa do vaqueiro José Cordulino – ela relata as dificuldades e a satisfação que é participar da organização da festa, pois “é lindo de ver eles todos assim encourados e felizes por esse momento que é deles!”.

Já a Lei Nº 12.870, de 15 de outubro de 2013, da Presidência da República, reconhece da atividade de vaqueiro como uma atividade profissional, o que garante aos trabalhadores desta área os direitos e o *status* de um trabalhador perante o Ministério do Trabalho, com direito de ter sua carteira de trabalho assinada com a denominação de sua real profissão. Este reconhecimento, apesar de ter cinco anos de oficialização, pode ser o caminho para não morrer a profissão de vaqueiro, tendo em vista que os indivíduos dessa atividade são reconhecidos como profissionais, e não apenas como trabalhadores rurais.

Lei 4 – Lei Nº 12.870: Regulamentação da profissão de vaqueiro³³

	Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos
<u>LEI Nº 12.870, DE 15 DE OUTUBRO DE 2013.</u>	
Mensagem de veto	Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.
<p>A PRESIDENTA DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:</p>	
<p>Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.</p>	
<p>Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.</p>	
<p>Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:</p>	
<p>I - realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;</p>	
<p>II - alimentar os animais sob seus cuidados;</p>	
<p>III - realizar ordenha;</p>	
<p>IV - cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;</p>	
<p>V - auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;</p>	
<p>VI - treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;</p>	
<p>VII - efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.</p>	

Fonte: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12870.htm>. Acesso em: 14 out. 2016.

³³ Por razões de extensão, a Lei Nº 12.870 foi exposta nesta seção com recortes. Ver texto completo da referida lei no Anexo A desta tese.

Em diálogo com os participantes, durante a etnografia, ouvi diversas vezes o lamento dos vaqueiros sobre o reconhecimento da profissão, pois, há muito tempo, eles trabalham de sol a sol, sem folga, visto que o cuidado com os animais é diário, e não havia um reconhecimento trabalhista específico para eles. Com bem afirma o vaqueiro José Cordulino (CANINDÉ):

[...] a lei veio favorecer a união dos vaqueiros, fortalecer a nossa causa, fortalecer a associação, o reconhecimento pelo qual a gente luta há muito tempo. E a gente se sente orgulhoso de ter essa lei do nosso lado agora, porque o vaqueiro era menos favorecido, não tinha apoio nenhum! (JOSÉ CORDULINO – CANINDÉ).

Com esse relato do participante da pesquisa, é possível perceber o quanto os vaqueiros agora se sentem vistos pelo mundo do trabalho, pois, apesar de haver uma grande afirmação deles quanto a sua profissão, a falta de reconhecimento da atividade perante a lei afetava-os como cidadãos e sujeitos-vaqueiros, e, não raro, ouvi de muitos: “são quero me aposentar como trabalhador rural, eu sou vaqueiro e agora dá!”.

Outro fator da cultura vaqueira extremamente polêmico é a vaquejada, posto que, no contexto contemporâneo, há por parte de organizações uma preocupação exacerbada com a preservação do meio ambiente e com o bem-estar dos animais. Reconheço essa atitude como legítima, mas diante de uma prática cultural existente há anos e que envolve os agentes da colonização do Nordeste é preciso pensar alternativas que viabilizem a manutenção dessa prática e o respeito pelos animais.

Buscando esse caminho, a Lei Nº 13.364, da Presidência da República, de 29 de outubro de 2016, reconhece a vaquejada e o rodeio como manifestações da cultura nacional e do patrimônio imaterial dos brasileiros, pois essas práticas foram consolidadas no percurso histórico do Brasil e são tradições inseridas em contextos sociais constituídos pelos agentes da colonização.

Lei 5 – Lei Nº 13.364: Eleva o rodeio e a vaquejada a manifestações da cultura nacional e a patrimônio cultural imaterial



Presidência da República
 Casa Civil
 Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 13.364, DE 29 DE NOVEMBRO DE 2016.

Eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestação cultural nacional e de patrimônio cultural imaterial.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei eleva o Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, à condição de manifestações da cultura nacional e de patrimônio cultural imaterial.

Art. 2º O Rodeio, a Vaquejada, bem como as respectivas expressões artístico-culturais, passam a ser considerados manifestações da cultura nacional.

Art. 3º Consideram-se patrimônio cultural imaterial do Brasil o Rodeio, a Vaquejada e expressões decorrentes, como:

- I - montarias;
- II - provas de laço;
- III - apartação;
- IV - bulldog;
- V - provas de rédeas;
- VI - provas dos Três Tambores, Team Penning e Work Penning;
- VII - paleteadas; e
- VIII - outras provas típicas, tais como Queima do Alho e concurso do berrante, bem como apresentações folclóricas e de músicas de raiz.

Art. 4º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 29 de novembro de 2016; 195º da Independência e 128º da República.

MICHEL TEMER
Alexandre de Moraes

Este texto não substitui o publicado no DOU de 30.11.2016

Fonte: Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/lei/L13364.htm>. Acesso em: 17 out. 2018.

Como é possível averiguar, a Lei Nº 13.364 trata especificamente do reconhecimento dessas práticas como culturais, porém, não as regulamenta para que o seu acontecimento siga regras claras em relação ao trato com os animais. Pois, ancoradas no artigo 32³⁴ da Lei Nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, as organizações, que lutam pela preservação e pelo bem-estar dos animais, alegam ser a vaquejada uma prática perversa que mantém os animais em um confinamento apertadíssimo nos currais e que os derruba de modo cruel, visto que favorece a amputação das rabos dos bois e pode causar sequelas físicas.

Em contrapartida, os vaqueiros afirmam ser a vaquejada uma manifestação direta de sua cultura e que estão abertos a adaptação de elementos desaprovados

³⁴ Art. 32. Praticar ato de abuso, maus-tratos, ferir ou mutilar animais silvestres, domésticos ou domesticados, nativos ou exóticos: Pena – detenção, de três meses a um ano, e multa.

pelas autoridades que fiscalizam atividades que envolvem os animais. Sendo assim, os principais interessados pela vaquejada dispõem-se a se adaptar.

Foi nesse contexto de polêmicas e discussões, que a vaqueja foi proibida em 2016, pois o Superior Tribunal Federal julgou como inconstitucional a lei cearense que regulamentava essa prática cultural. Contudo, depois de muitos debates legislativos e jurídicos, o Governo do Ceará sancionou a Lei Nº 16.321, em 13 de setembro de 2017, estabelecendo normas mais rígidas que atendiam aos lamentos dos ambientalistas e dos órgãos fiscalizadores

Lei 6 – Lei Nº 16.321: Regulamentação da vaquejada como prática desportiva e cultural, assegurando o bem-estar dos animais³⁵

<p>LEI N.º 16.321, DE 13.09.17 (D.O. 14.09.17)</p> <p>REGULAMENTA A VAQUEJADA COMO PRÁTICA DESPORTIVA E CULTURAL, ASSEGURANDO O BEM-ESTAR DOS ANIMAIS NO ESTADO DO CEARÁ.</p> <p>O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ. Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:</p> <p>Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a regulamentação da vaquejada no Estado do Ceará, estabelecendo diretrizes que resguardem o bem-estar dos animais envolvidos, bem como a proteção ambiental, sanitária e segurança geral do evento. Parágrafo único. A vaquejada constitui manifestação da cultura popular, protegida pela Constituição da República Federativa do Brasil, nos termos do <i>caput</i> do art. 215 no seu §1º.</p> <p>Art. 2º É considerado vaquejada todo evento de natureza recreativa ou esportiva, de caráter competitivo ou não, na qual uma dupla de vaqueiros num espaço determinado deita o animal bovino na área demarcada. [...]</p> <p>Art. 4º Ficam obrigados os organizadores da vaquejada a adotar medidas de proteção à integridade física do público, dos vaqueiros e dos animais, tendo por diretrizes: [...]</p> <p>Art. 6º É obrigatória, durante todo o evento, a permanência de um médico veterinário destinado a, durante as competições, na condição de responsável pelo bem estar animal, fiscalizar a atuação dos competidores e da equipe de apoio no trato com os animais, podendo suspender a participação dos concorrentes quando, por qualquer motivo, incorrerem em descumprimento dos preceitos previstos nesta Lei. [...]</p> <p>Art. 7º Fica o médico veterinário responsável pela verificação das condições de saúde de cada animal, antes e imediatamente após cada participação no evento, visando sempre à prevenção de maus tratos e à garantia da manutenção da saúde animal, tendo que a opinião do médico veterinário imediata eficácia no sentido de vetar a participação de qualquer animal, seja no início ou durante os trabalhos, sendo a sua desobediência imputada aos promotores e/ou organizadores do evento, os quais poderão responder civil e criminalmente por qualquer dano ocasionado. [...]</p> <p>PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 13 de setembro de 2017.</p> <p>Camilo Sobreira de Santana GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ</p> <p>Iniciativa: DEPUTADO DANNIEL OLIVEIRA e PODER EXECUTIVO</p>
--

Fonte: Disponível em: <<https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/cultura-e-esportes/item/5891-lei-n-16-321-de-13-09-17-d-o-14-09-17>>. Acesso em: 10 jun. 2018.

³⁵ Por razões de extensão, a Lei Nº 16.321 foi exposta nesta seção com recortes. Ver texto completo da referida lei no Anexo B desta tese.

Com a fixação dessas novas normas, percebo claramente que os itens que garantem a segurança do vaqueiro são agora exigidos, como o capacete; já os animais têm mais espaço nos currais e suporte veterinário em regime de plantão durante toda a festa, desde a chegada à saída, além da inserção de um aparato de segurança que protege os rabos, prevenindo a amputação. Desse modo, são notórias as mudanças e, de acordo com minhas observações, foram amplamente aceitas pelos participantes da vaquejada, o que atualmente permite a sua realização.

É válido ressaltar que a vaquejada, além de ser uma manifestação cultural, também tem seu caráter mercadológico, pois há toda uma cadeia de produção e de comércio que circunda esses eventos. Durante as vivências etnográficas e conversando com os vaqueiros, observei que há as famílias que acompanham esses eventos de cidade em cidade com restaurantes itinerantes para vender comida a quem vai para assistir as derrubadas; os shows com artistas da música que atraem o público que compra os ingressos; o seleiro e o ferreiro que fabricam e consertam as peças usadas pelos vaqueiros; os caminhões fretados para transportar bois e cavalos; sem citar o consumo dos animais com rações, água, vitaminas e remédios. A vaquejada é também um mercado!

Por fim, nessa seção, discutimos os caminhos percorridos pelos vaqueiros para a ocupação do território cearense, partindo da compreensão de como esse processo de colonização aconteceu desde o século XVI até a contemporaneidade. Abordamos também as temáticas inerentes à vida do vaqueiro no sertão e que influenciam diretamente no seu modo de vida, como a seca; e as particularidades da cultura vaqueira, como as festas, os animais, as práticas de trabalho de ferrar o gado, aboiar e tanger a boiada. Debates, ainda, a questão do reconhecimento desse profissional do sertão, não apenas numa perspectiva trabalhista, mas cultural e social por meio das leis. Todos os aspectos discutidos foram contemplados a luz dos referenciais teóricos, porém complementados com as experiências vividas na etnografia, que enriqueceram sobremaneira o modo como enxergamos o vaqueiro hoje.

Assim, vejamos agora os procedimentos metodológicos executados nesta pesquisa e como se ocorreu cada um deles no percurso da (net)etnografia.

4 METODOLOGIA: O PERCURSO ETNOGRÁFICO E SUAS PARTICULARIDADES

“O que a pesquisa pode dizer? Isso só podemos indicar após o caminhar, a partir do presente. Mas, vamos contar do passado? Também. Um passado em movimento, que nos atravessa e transforma para o futuro a cada instante.”

(BARROS; KASTRUP, 2015, p. 60).

Nesta seção, apresento os aspectos metodológicos da pesquisa, esclarecendo e justificando os métodos empregados na investigação, além de mostrar o caráter e a natureza do estudo. Descrevo também quem são os participantes da pesquisa, os contextos da etnografia, bem como o detalhamento dos procedimentos metodológicos realizados. Por fim, apresento a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*, juntamente com a nomenclatura abrangida por esse campo para a construção do vocabulário, e os elementos que compõem a última etapa metodológica, análise das relações sígnicas do léxico da cultura do vaqueiro.

Início esclarecendo que o presente estudo foi desenvolvido no âmbito de dois municípios do estado do Ceará que vivenciam a cultura vaqueira de modo representativo e que concentram entre seus habitantes vaqueiros, criadores e interessados pela temática aqui estudada. Mais precisamente, delimito os municípios de Canindé, localizado no sertão, e Morada Nova, situado no Vale do Jaguaribe.

A partir dessa delimitação, busquei as associações de vaqueiros e criadores desses municípios para ter contato com vaqueiros, criadores e conhecedores da cultura vaqueira, de modo a conseguir informações advindas, não apenas do ator social pesquisado e do contexto em que está inserido, mas de outros participantes que vivem esse contexto e, conseqüentemente, que podem enriquecer a pesquisa, não apenas com informações práticas, mas também técnicas.

Para tanto, foi necessária a coleta de um *corpus* que contemplasse fontes documentais orais, escritas e visuais. Logo, os procedimentos buscaram considerar uma coleta de dados que precisava de múltiplos instrumentos de pesquisa, já que o *corpus* da investigação é composto por entrevistas semiestruturadas com vaqueiros, criadores, colaboradores das associações dos vaqueiros e dos museus, bem como pelo acervo dos museus que homenageiam o vaqueiro, pelos materiais cedidos pelas associações e pelos colaboradores durante a trajetória da pesquisa (livros, CDs, DVDs, *folders*, materiais informativos, cordéis etc.), pelo diário produzido durante a

minha permanência em campo e por fotos e vídeos, registros de tantas situações vividas no decorrer da construção desta tese.

Portanto, sigo com os detalhamentos acerca dos métodos e da caracterização da pesquisa, a fim de situar o quadro metodológico do estudo.

4.1 MÉTODOS E ABORDAGENS: OS CAMINHOS DA PESQUISA

Diante do contexto brevemente descrito, destaco que esta pesquisa se trata de um estudo etnográfico de natureza qualitativa e caráter descritivo, cujo objetivo principal é investigar a linguagem do vaqueiro do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural a partir do léxico.

A natureza qualitativa desta pesquisa se deve ao fato de não haver neste estudo, conforme Angrosino (2009), a intenção de analisar números ou observar dados estatísticos, tampouco esgotar a análise do contexto sem considerar as particularidades dos participantes e do meio onde eles vivem.

Em outras palavras, o presente estudo debruça-se sobre as experiências vividas em campo, as interações, as produções dos participantes da pesquisa (cordéis, aboios, relatos, narrativas, opiniões etc.) e tantas outras informações que emergiram nas vivências em campo. Toda essa riqueza de dados se deve ao fato de eu ter me transportado para o contexto real dos vaqueiros, em que pude ter contato com as minúcias do cotidiano vivido por eles, sem mencionar que a vivência em campo foi norteadora do desenvolvimento dos aspectos metodológicos desse estudo, os quais foram “adaptados quando necessário” (ANGROSINO, 2009, p. 54).

Assim, considerando esses aspectos da pesquisa, percebo na metodologia características de alguns métodos científicos. Dentre os métodos observados, destaco o etnográfico, tendo em vista que a aproximação entre mim, pesquisadora, e os participantes da pesquisa configura a investigação como uma observação participante. Outra razão que justifica a ocorrência desse método é o acompanhamento contínuo que fiz durante eventos promovidos pelas associações e comunidades, que contaram com a participação significativa dos vaqueiros de Canindé e de Morada Nova, além da minha presença em momentos rotineiros, como na hora de buscar o gado na fazenda, nos almoços, nas reuniões das associações, entre outros.

O método etnográfico se faz necessário tendo em vista que considero relevantes as vivências com os participantes da pesquisa, as discussões que tive com eles sobre as práticas culturais do labor do vaqueiro e as reflexões que tecemos sobre esses momentos. Foi por meio dessas vivências, discussões e reflexões que pude perceber, a partir do próprio discurso e das ações dos entrevistados e de outros participantes com os quais convivi, como a realidade linguística dos vaqueiros configura-se como um todo coeso, coerente e estruturado para atender às necessidades comunicativas e fixar-se como elemento constituído nas práticas de sua cultura.

Kozinets (2014) afirma que a pesquisa etnográfica é um método da Sociologia que se popularizou com os estudos culturais e que traz consigo uma miscelânea de outros métodos para conseguir se adaptar às necessidades do campo de pesquisa onde se insere o pesquisador. Além disso, esse tipo de pesquisa utiliza diversos componentes para coletar os dados e, assim, dialogar com essas informações para encontrar resultados.

A afirmativa de Kozinets contribui para confirmar que esta pesquisa é de caráter etnográfico. Contudo, menciono que o autor acrescenta mais um conceito, o de netnografia, o qual também se aplica a este estudo. Segundo o autor, a netnografia “[...] usa comunicações mediadas por computador como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um fenômeno cultural ou comunal. [...]” (KOZINETS, 2014, p. 62).

O conceito de netnografia também está presente neste estudo pelo fato de haver um diálogo direto e constante entre mim, pesquisadora, e alguns participantes, sujeitos informantes. Sendo assim, em virtude da distância espacial e da necessidade de estabelecer um diálogo com essas pessoas, decidimos em conjunto, eu e os participantes que se voluntariaram para essa interlocução, manter nossas conversas por meio do aplicativo de mensagens *Whatsapp*.

Outro método bastante presente neste estudo é o método descritivo, que, por sua vez, contribuiu para a composição do produto lexicográfico de base cultural, pois percebi, desde o primeiro momento, que há no *corpus* analisado uma representação significativa das lexias da cultura do sujeito protagonista desta tese, o vaqueiro, o que confirmou a expectativa por registros ricos em detalhes, quanto aos costumes, aos objetos e ao contexto que compõe a realidade linguística que cerca esse ator social tão presente na cultura cearense.

Ressalto ainda que a presente pesquisa tem características de um estudo filológico. Filológico, porque as narrativas proferidas pelos participantes constituem uma tradição oral viva passada de geração a geração, que, após a gravação em vídeo ou em áudio, foram transcritas. Desse modo, o texto oral dito pelos participantes constituiu-se também como texto escrito e faz parte do escopo científico da Crítica Textual, pois, como bem defende Malmberg, “os textos orais são também objeto da Crítica Textual. [...]” (*apud* SILVA, 1994, *web*) e são ainda registros autênticos da língua e da tradição (HAMPATÉ BÂ, 2010).

Corroborando Malmberg e Hampaté Bâ, Serafim da Silva Neto (1960) afirma que a tradição oral é um modo como os textos antigos passavam de geração a geração. Sendo assim, a oralidade não pode ser esquecida no contexto dos estudos da história da língua, já que é reconhecida pela coletividade como parte da história de uma dada comunidade, constituindo-se, nesse contexto, como uma tradição. Assim como os textos escritos são testemunhos do passado nas perspectivas linguística, social e histórica, os relatos das gerações mais antigas são também relevantes para que a sociedade conheça o patrimônio linguístico, cultural e histórico de seus ancestrais. Em resumo, em consonância com Silva Neto (1960), é papel da Filologia investigar esses textos orais que precisam ser também registrados por meio da escrita e estudados no âmbito da linguagem, da cultura e da historicidade, para que fiquem disponíveis para as futuras gerações.

Não posso deixar de mencionar, ainda, que os relatos proferidos pelos participantes se configuram também como testemunhos de uma realidade que carece de registros escritos, mas estão vivos na memória de cada um que conta as suas histórias e as histórias dos conhecidos e dos mais antigos. Este estudo contribui, assim, com o propósito de pesquisa do grupo PRAETECE, pois, a partir da preservação desses relatos, o grupo contribui para a preservação da língua, da história e da memória do Ceará.

Preciso destacar que esta tese se caracteriza, também, como uma pesquisa de campo, porque me transporte para a realidade vivenciada pelos vaqueiros canindeenses e morada novenses, a fim de acompanhá-los e entrevistá-los. Realizei também, dentro do estudo de campo, entrevistas com os colaboradores dos museus (pesquisadores e guias), em Morada Nova e em Fortaleza, em diversos períodos de 2015 a 2018. Logo, cabe aqui a afirmação de Peirano (2014, p. 379), a qual diz que “[...] Desse episódio fica claro que a pesquisa de campo não tem

momento certo para começar e acabar [...]”, o que reitera a pertinência das observações realizadas desde o início desta pesquisa e durante todo o seu andamento.

E, por fim, a presente investigação qualitativa permitiu também a realização de uma análise que culminou na constituição do campo lexical *cultura do vaqueiro* e na organização desse campo em um vocabulário, o que facilitará o acesso de estudiosos e de interessados pelo assunto às informações coletadas durante a etnografia e a netnografia (linguistas, terminólogos, pesquisadores da cultura, historiadores, sociólogos, antropólogos).

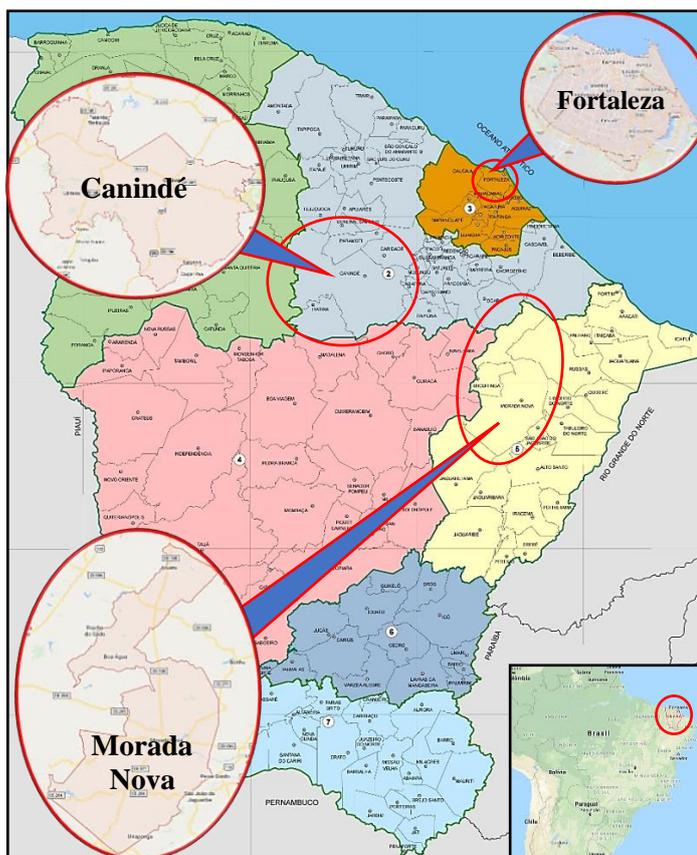
Não posso deixar de mencionar que este estudo faz parte de um projeto de pesquisa maior, intitulado *Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará*, que tem como objetivo estudar manifestações linguísticas, sócio-históricas e culturais expressas por vários grupos sociais que habitam o Ceará. O projeto mencionado foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa da UECE e aprovado sob o parecer Nº 1.875.961.

Na próxima subseção, apresento os detalhamentos a respeito do contexto, do *corpus* e dos procedimentos metodológicos adotados para a realização deste estudo, a fim de que o leitor compreenda melhor as decisões tomadas para que eu pudesse alcançar os objetivos traçados.

4.2 CONTEXTOS DA ETNOGRAFIA: POR ONDE ANDEI...

A pesquisa abrange o *lócus* do estado do Ceará, pois o foco de investigação são lexias do campo lexical *cultura do vaqueiro* no estado, mais exatamente nos municípios de Canindé e Morada Nova. A fim de situá-los em relação ao espaço geográfico, apresento, a seguir, o mapa do Ceará com o detalhe dos municípios.

Figura 7 – Mapa do Ceará com detalhe dos municípios



Fonte: Elaborado pela autora a partir de mapas do IPECE-CE e do Google Maps.

Optei por este contexto de pesquisa, tendo em vista que o vaqueiro é um importante agente da cultura cearense e é sempre mencionado por regionalistas que trabalham pela preservação e reconhecimento da cultura nordestina (ORTIZ, 1985). Outra razão pertinente para esta escolha é por ser o Ceará o meu estado de origem, terra onde nasci, e pelo compromisso que tenho com a valorização da cultura do vaqueiro, pois percebo que há um desinteresse da população em geral pela exploração das potencialidades locais, ou seja, por estudar, por exemplo, o léxico que constitui a cultura do vaqueiro, o que é, antes de tudo, uma forma de valorizar a cultura local, a cultura cearense, a cearensidade.

Morada Nova está localizado na Mesorregião do Jaguaribe, no Vale do Rio Jaguaribe, fica a 167 Km de Fortaleza, às margens da rodovia federal BR 116. O município foi fundado em agosto de 1876, tem uma extensão territorial de 2.779 km² e possui em torno de 63 mil habitantes.

A escolha de Morada Nova não foi aleatória, pois o município é considerado a terra do vaqueiro no Ceará, realizando todos os anos, no mês de junho, uma grande

festa que tem como homenageados vaqueiros que se destacam na atividade no município.

Em Morada Nova, a cultura do vaqueiro é muito forte e está presente em diversos lugares da cidade (museu, monumentos, praças, festas, entre outros). A existência do Museu do Vaqueiro também contribuiu para a escolha do município, visto que uma visita realizada a este equipamento cultural, em 20 de dezembro de 2013, foi a responsável pelo surgimento da temática aqui lançada.

Já o município de Canindé está localizado na Mesorregião do Sertão de Canindé, no Sertão Norte do Ceará, e fica a 118 Km de Fortaleza, às margens da rodovia federal BR 020. O município foi fundado em julho de 1846, tem uma extensão territorial de 3.218 km² e possui aproximadamente 75 mil habitantes.

Quanto à escolha de Canindé, ela ocorreu pela relevância da cultura vaqueira no município no contexto estadual e regional, pelo fato de o grupo de vaqueiros desta cidade ter, como uma de suas lideranças, uma mulher, a vaqueira e mestra da cultura Dina Martins, e pela força da presença do vaqueiro na região do sertão do Ceará. Em Canindé, a cultura do vaqueiro é muito presente, desde a festa do vaqueiro, realizada pela associação todos os anos, em 22 de agosto, até a participação ativa dos vaqueiros do município nas pegadas de boi e vaquejadas da região, nas cavalgadas e em eventos constantes em outros municípios.

O município de Canindé, assim como o de Morada Nova, também conta com um equipamento cultural de exposição de longa duração, a exposição *Vaqueiros do Museu da Cultura Cearense*, situado no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, em Fortaleza, que conta com um acervo reunido com a colaboração de ambos os municípios investigados.

Portanto, tenho como *lócus* de pesquisa o seguinte contexto:

Quadro 3 – Lócus da pesquisa

CANINDÉ	MORADA NOVA
Associação dos Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé (AVABOCRI)	Associação dos Vaqueiros e Criadores de Morada Nova (AVCMN)
Museu da Cultura Cearense do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura do Estado do Ceará	Museu do Vaqueiro de Morada Nova

Fonte: Elaborado pela autora.

A partir de agora, falo mais detalhadamente de cada um dos *lócus* de pesquisa, a fim de justificar a relevância da presença de todos os *lócus* no presente estudo.

Início pela *Associação dos Vaqueiros, Boiadeiros e Pequenos Criadores da Macro-região dos Sertões de Canindé*, doravante AVABOCRI, localizada na cidade de Canindé – Rua Padre Joaquim da Rocha, Nº 1259, bairro Imaculada Conceição – com sede própria (Foto 9). Segundo a vaqueira e mestra da Cultura Dina Martins, a AVABOCRI foi criada em 28 de novembro de 1995 por ela e pelos vaqueiros frequentadores da missa do vaqueiro, na região do sertão do Ceará, em homenagem ao vaqueiro Raimundo Jacó. A AVABOCRI conta atualmente com mais de 200 associados, dos quais 70 são ativos, e seu presidente, o vaqueiro José Cordulino Filho, o qual permaneceu na presidência do início desta pesquisa até agosto de 2017, quando assumiu a atual gestão, o vaqueiro Edilânio Freitas, assessorado pela Mestre da Cultura, vaqueira Dina Martins. As reuniões da associação acontecem mensalmente e o grupo é bastante atuante, participando de eventos religiosos (missas, novenas etc.), promovendo cavalgadas, visitando as festas dos vaqueiros de outras localidades e municípios do Ceará e até de estados vizinhos, como uma maneira de defender o vaqueiro como o trabalhador do campo indispensável e responsável pela manutenção dos animais e da propriedade e merecedor de respeito pela posição que ocupa na história do Nordeste e pela identidade cultural que tem.

Em Canindé, a festa do vaqueiro é celebrada em 22 de agosto, de acordo com a Lei estadual Nº 14.625 que regulamenta a data supracitada como sendo o Dia Estadual do Vaqueiro. Os festejos são organizados pela Associação e, muitas vezes, acontecem em parceria com a prefeitura do município e com os comerciantes da região. Há também a Missa do Vaqueiro que acontece no mês de setembro inserida nos festejos do padroeiro – São Francisco das Chagas de Canindé – e é considerada a data comemorativa mais tradicional para o grupo, não apenas pelo tempo de permanência da tradição, desde 1969, mas também pela ligação que há entre os vaqueiros e a religiosidade. A Missa do Vaqueiro também é regulamentada por lei estadual, Lei Nº 14.520 de 8 de dezembro de 2009.

Foto 9 – Sede da AVABOCRI em Canindé



Fonte: Elaborada pela autora.

Como equipamento cultural de exposição para corresponder ao município de Canindé, discorro a respeito da exposição *Vaqueiros* do Museu da Cultura Cearense, doravante MCC, que faz parte de um grande empreendimento cultural do Estado, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, localizado em Fortaleza – Rua Dragão do Mar, 81, Bairro Praia de Iracema.

A Exposição *Vaqueiros* é classificada como uma exposição de longa duração, pois não há, segundo o MCC, uma data de modificação, tampouco de retirada da composição, tendo em vista a relevância cultural de sua permanência no acervo do MCC, por retratar com fidelidade a realidade vivenciada pelo ator social protagonista desta pesquisa. Desde 1998, essa exposição está à mostra e busca propor ao seu visitante uma oportunidade de reflexão sobre a realidade do contexto habitado pelo sertanejo cearense e ainda impactá-lo com a observação desta cultura tão escassa de recursos, mas muito rica em conhecimento e em sabedoria sobre o contexto local.

Na exposição, pude observar que os instrumentos exibidos são originais e foram cedidos pelas associações AVABOCRI e AVCMN, pelo Museu do Vaqueiro de Morada Nova e por famílias e vaqueiros de outros municípios cearenses que também têm a cultura vaqueira viva em seus contextos, o que favorece a reflexão sobre a cultura vaqueira no Ceará.

Foto 10 – Exposição Vaqueiros do Museu da Cultura Cearense em Fortaleza



Fonte: Elaborado pela autora.

Tratadas as particularidades de Canindé, passo agora para a descrição do contexto de Morada Nova.

Em Morada Nova estão situados dois *lócus* de minha pesquisa, o primeiro deles é a *Associação dos Vaqueiros e Criadores de Morada Nova*, doravante AVCMN, fica localizada em um dos pontos mais altos da cidade de Morada Nova – Rua Luís Saturdino Matos, Nº 7, Largo do vaqueiro –, com sede própria.

Criada em 13 de junho de 1943, à época, a AVCMN chamava-se *Sociedade dos Vaqueiros* e reunia, primeiramente, 37 vaqueiros e criadores da região, que tinham como objetivo fortalecer a atividade e a cultura vaqueira, oferecendo, muitas vezes, apoio filantrópico aos associados e seus dependentes. Ressalto que tive a honra de conhecer um dos sócios-fundadores da AVCMN, o Professor Clovis Pereira Lima, conhecido como Doutor Clóvis. No período da coleta de dados ele estava entre os 101 e 103 anos de idade e ainda era componente da Associação como criador de gados, mas, infelizmente, faleceu após a defesa desta tese.

Hoje, a associação conta com mais de 600 associados de diversas regiões do estado e também de estados vizinhos. Dentre os associados destaco a presença numerosa dos homens, pois, em meio a eles, somam-se apenas 35 mulheres. O presidente da AVCMN, no início desta pesquisa até 2016, era o vaqueiro Luzardo Nogueira Girão, quando assumiu a atual gestão a filha de vaqueiro e agropecuarista Fátima Andrade Girão de Oliveira. Ressalto que ambos levam o sobrenome de umas das famílias mais presentes entre as diretorias da Associação de Morada Nova, a família Girão. Entre os vaqueiros de Morada Nova, destaco também os Andrade, os Bezerra, os Carneiro, os Chagas, os Costa, os Maia, os Mariano, os Rabelo, os Raulino, os Rodrigues, os Santos, os Silva e os Viana, todos eles de famílias reconhecidamente vaqueiras na região.

A AVCMN organiza anualmente a Festa do Vaqueiro em Morada, de acordo com o Dia do Vaqueiro regulamentado pela Lei Municipal Nº 204 de 14 de junho de 1960. Esse dia é um feriado municipal em Morada Nova, mas os festejos acontecem durante uma semana e são promovidos pela Associação em parceria com o Governo municipal de Morada Nova e os comerciantes da região.

Foto 11 – Sede da AVCMN em Morada Nova



Fonte: Elaborado pela autora.

Como dito anteriormente, o outro *lócus* de pesquisa, situado em Morada Nova, é o *Museu do Vaqueiro de Morada Nova*, que fica na Rua Luís Saturdino Matos, S/N, Largo do vaqueiro. O Museu foi criado em 1985 por uma equipe de

colaboradores, composta por historiadores, sociólogos, vaqueiros, descendentes de vaqueiros e interessados pela preservação da memória deste ator social de Morada Nova. O Museu ocupa o prédio da antiga cadeia pública do município e compila um acervo que reúne peças doadas pelas famílias de vaqueiros mais tradicionais de Morada Nova. O acervo do Museu conta com peças que vão desde a indumentária aos instrumentos de trabalho utilizados pelos vaqueiros na lida e no ambiente familiar (em casa).

Atualmente, o Museu é aberto à visitação com visitas guiadas e conta com a colaboração de funcionários da prefeitura e de um colaborador muito ativo e profundo conhecedor da temática, o Professor e historiador Sivaldo Carneiro. É importante destacar que muitos dos colaboradores do Museu são descendentes diretos de vaqueiros tradicionais de Morada Nova, o que ressalta e legitima o gosto pela cultura local.

Foto 12 – Museu do Vaqueiro em Morada Nova



Fonte: Elaborado pela autora.

No que diz respeito ao recorte temporal do período estudado, resolvi não delimitá-lo, já que as associações e os museus possuem em seus acervos documentos, fotos e objetos que datam desde o início do século XIX até os dias atuais, além de os relatos contados pelos participantes serem causos das mais diversas datas. Além disso, não posso esquecer que, nas entrevistas com os vaqueiros, sócios

e sócio-fundadores das associações, os participantes citam fatos que são parte da tradição oral viva dos vaqueiros, muitas vezes ocorridos em tempos indeterminados, o que poderia ampliar ainda mais o recorte temporal de minha pesquisa. Portanto, estimo que este estudo contempla três séculos de tradição vaqueira, tendo em vista que o relato mais antigo, contado durante a etnografia, a *História da pega do Boi Moleque*, data de 1894. Logo, tenho registros dos séculos XIX, XX e XXI.

Depois de detalhar o contexto de realização desta pesquisa, passo para os esclarecimentos acerca dos participantes da etnografia.

4.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA: QUEM SÃO? COMO INTERAGIMOS?

Os participantes da pesquisa são vaqueiros, criadores, profissionais ligados diretamente à cultura vaqueira, visto que os eventos observados (reuniões, missas, novenas e cavalgadas) são frequentados não apenas pelo ator social em evidência aqui, o vaqueiro, mas por responsáveis e simpatizantes pela manutenção desta cultura de raiz no Ceará. Não posso deixar de citar também as vivências nas casas dos vaqueiros, onde tive a oportunidade de estar com eles e suas famílias.

Para uma melhor compreensão da presença e da relevância dos participantes, detalho aqui em quais momentos da coleta dos dados da pesquisa eles estiveram presentes e suas funções no momento da coleta de dados.

Primeiramente, acompanhei os diversos eventos e acontecimentos organizados pelas associações e pelos museus, os quais são frequentados não apenas por vaqueiros, mas pela população dos municípios pesquisados, por turistas e por simpatizantes e curiosos. Durante o cumprimento das agendas das associações, observei os vaqueiros e a comunidade em contato com esta cultura e descrevi no diário de campo não apenas as lexias, mas todas as informações consideradas relevantes para o entendimento e para a descrição do léxico da cultura vaqueira.

Lembro que a observação foi uma ação contínua, que acompanhou todo o andamento da etnografia, acontecendo durante toda a coleta dos dados, apesar de ser o primeiro procedimento metodológico planejado e executado.

No que tange às entrevistas semiestruturadas, elas foram realizadas em quatro formatos, a saber: 1) entrevista individual com os vaqueiros; 2) entrevista em formato de grupo focal com alguns vaqueiros convidados e voluntários; 3) entrevista

com os responsáveis pelas associações de vaqueiros e criadores dos respectivos municípios; e 4) entrevista com os profissionais dos museus.

Observando o quadro a seguir, destaco que todas as entrevistas descritas foram realizadas em ambos os municípios, mas percebi que a participação foi diferente. Isso se deve ao fato de eu respeitar as questões éticas para a coleta de dados, visto que, ao convidar os participantes, nem todos se propuseram a gravar ou até mesmo conversar, direito que lhes é reservado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE, por meio do projeto de pesquisa *Língua e Cultura*. Porém, há casos em que os participantes se voluntariaram e aderiram espontaneamente à pesquisa, o que demonstra o interesse desses atores em contribuir com este estudo e manter viva a memória do vaqueiro também no meio científico.

Dentre os participantes da pesquisa, há homens e mulheres, vaqueiros e vaqueiras, todos colaboraram de algum modo para este estudo tanto por terem tempo disponível quanto por terem vontade de participar da pesquisa de modo mais efetivo. Elenco, no Quadro 4, os participantes com os quais realizei as entrevistas semiestruturadas, sejam elas individuais ou em grupos focais.

Quadro 4 – Participantes das entrevistas semiestruturadas

	CANINDÉ	MORADA NOVA
GRUPOS DE VAQUEIROS	Grupo 1 (9 vaqueiros) Grupo 2 (3 vaqueiros)	Grupo 3 (4 vaqueiros) Grupo 4 (7 vaqueiros)
VAQUEIROS	Vaqueiro 1 Vaqueiro 2	Vaqueiro 3 Vaqueiro 4 Vaqueiro 5 Vaqueiro 6
ASSOCIAÇÃO	Associado 1 Associado 2	Associado 3
MUSEU	Colaborador 1	Colaborador 2 Colaborador 3
	17	18

Fonte: Elaborado pela autora.

Observando o Quadro 4, na linha *grupos de vaqueiros*, tenho os quatro grupos focais reunidos durante a pesquisa. Enfatizo que tais grupos não foram planejados, pelo contrário, eles aconteceram espontaneamente, por iniciativa dos próprios vaqueiros participantes, pois eu havia marcado uma entrevista com um

vaqueiro na associação e, no momento em que me preparava para a gravação dessa conversa, ele chamou os vaqueiros que estavam a sua volta para participarem desse momento e, cada um que passava, ele convidava também para participar. Quando observei com atenção, tinham nove vaqueiros sentados, todos respondendo às perguntas, conversando entre si, comentando e discutindo as respostas uns dos outros. Assim, formou-se o grupo focal 1 de minha pesquisa. Até então, eu ainda não tinha consciência da relevância dos grupos focais para a etnografia.

O segundo grupo só veio mais tarde, em uma nova tentativa de entrevista individual, quando, em uma comemoração na casa de um vaqueiro, o convidei para conversarmos e ele prontamente se preparou para iniciarmos. No momento em que começamos a entrevista individual, outros vaqueiros se aproximaram para participar da conversa também, formando-se, assim, o grupo focal 2. Nesse momento, dei-me conta da riqueza e da particularidade desse procedimento inserido na pesquisa etnográfica, porque eu estava no território deles, então, eles faziam as regras. Desse modo, coube a mim aceitar e perceber que os grupos focais eram muito mais produtivos e espontâneos do que uma entrevista individual que não os deixaria à vontade.

Já consciente da importância dos grupos focais, marquei, previamente, a formação dos grupos 3 e 4 com os participantes, mas saliento que os próprios participantes escolheram quem ia participar, pois se voluntariaram a convidar os amigos para participarem do momento com eles.

Na linha *vaqueiros*, constam os participantes com quem gravei entrevistas semiestruturadas individuais. Eles são vaqueiros e criadores e voluntariaram-se para uma conversa mais detalhada.

Quanto à linha associação, nela registro as entrevistas semiestruturadas individuais que fiz com os presidentes e uma dirigente das respectivas associações, sendo todos eles vaqueiros.

No que se refere à linha museus, nela registro as entrevistas com os guias e pesquisadores das exposições dos museus. Gostaria de destacar que o colaborador 1 não quis gravar entrevista, mas se dispôs a uma conversa informal que foi registrada em diário de campo para que as informações não se perdessem.

Mais adiante, falo de modo mais detalhado sobre as etapas da pesquisa e os procedimentos metodológicos dos quais os participantes fizeram parte.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DO *CORPUS*: COMO TUDO ACONTECEU

Para uma melhor compreensão do planejamento desta investigação, organizo aqui as etapas de pesquisa e os procedimentos metodológicos correspondentes a cada etapa que executei, a saber:

1ª etapa: Observação participante e registro de informações no diário de campo:

Nessa etapa, ocorreram as observações e a familiarização com os *lócus* de pesquisa e com os participantes. Participei dos eventos, das reuniões das associações, das missas, da rotina diária e de outros momentos em que há a participação dos vaqueiros de ambos os municípios pesquisados, a fim de me entrosar com os potenciais participantes da pesquisa, para então selecioná-los e convidá-los a participar das entrevistas e das conversas. Durante esses momentos, também observei os participantes e fiz registros no diário de campo, com o propósito de esclarecer dúvidas e documentar esses momentos vivenciados com os vaqueiros em seu contexto real.

Esse período de aproximação ocorreu de agosto de 2015 a abril de 2016, mas só consegui me inserir no grupo de Canindé em janeiro de 2016 e em Morada Nova em abril de 2016. Antes dessa inserção, fiz algumas tentativas de aproximação, mas sem sucesso, até que fui levada por meus amigos Robério Mesquita e Benedito Francisco Alves a associados de Canindé e Morada Nova, respectivamente, que poderiam me ajudar nessa inserção. Conte com essa ajuda em ambos os municípios e notei que, sem essa ponte construída por esses dois amigos, minha aceitação seria mais demorada que o planejado.

Além das visitas ao contexto real dos participantes, visitei diversas vezes a exposição *Vaqueiros* do Museu da Cultura Cearense, em Fortaleza, e o Museu do Vaqueiro de Morada Nova, com o intuito de conhecer com profundidade o acervo exposto por cada um deles e de apropriar-me dos conhecimentos pertinentes à pesquisa que são contemplados por esses equipamentos culturais.

Ressalto que, nesta etapa, iniciei também a coleta das imagens (fotos), que não apenas registram as realidades observadas sobre o meu olhar, mas ilustram alguns trechos desta tese.

Esta etapa da pesquisa aconteceu durante todo o percurso metodológico, pois a observação participante ocorreu durante a minha permanência em campo, em meio a viagens e vivências, de agosto de 2015 a outubro de 2018; e o registro das informações no diário de campo deu-se durante toda a pesquisa, de fevereiro de 2015 a outubro de 2018.

É preciso relatar que as imersões em campo nos municípios de Canindé e Morada Nova aconteceram de acordo com os convites dos participantes e com as demandas da pesquisa (esclarecimento de dúvidas, gravações de entrevistas e conversas). Para essas imersões, eu me deslocava de Fortaleza aos municípios regularmente e, geralmente, permanecia um dia ou dois, hospedando-me nas casas dos participantes da pesquisa ou de amigos colaboradores. Vale ressaltar que quando havia a necessidade de minha permanência por mais tempo no interior, eu permanecia, como durante as festas do vaqueiro de Morada Nova, quando passei a semana inteira na cidade.

Para melhor ilustrar esse período em campo, apresento aqui um quadro que expõe as culminâncias vividas durante a pesquisa – reuniões, festas, missas, gravações e momentos que me marcaram como pesquisadora:

Quadro 5 – Culminâncias da pesquisa

(continua)

ORD.	LOCAL	DATA	ASSUNTO
01	Canindé	05.03.2016	Reunião da AVABOCRI
02	Morada Nova	14.04.2016	Visita à AVCMN e ao Museu do vaqueiro
03	Canindé	07.05.2016	Reunião da AVABOCRI, gravação do grupo focal 1, festa do vaqueiro nos Targinos (distrito de Canindé), cavalgada, missa do vaqueiro e gravação do grupo focal 2
04	Canindé	04.06.2016	Reunião da AVABOCRI e entrevista com o presidente da associação
05	Morada Nova	09.06.2016	1º dia da Festa do vaqueiro: visita ao Museu do vaqueiro para fotografar o acervo e entrevista com o presidente da AVCMN

Quadro 5 – Culminâncias da pesquisa

(continua)

06	Morada Nova	10.06.2016	2º dia da Festa do vaqueiro: visita ao Museu do vaqueiro para fotografar o acervo, entrevista com o Prof. Sivaldo Carneiro e leilão no Parque de vaquejada
07	Morada Nova	11.06.2016	3º dia da Festa do vaqueiro: missa do vaqueiro, cavalgada, abertura da vaquejada e entrevista individual
08	Morada Nova	15.06.2016	Gravação do grupo focal 3, entrevista individual e visita ao museu do vaqueiro
09	Morada Nova	16.06.2016	Gravação do grupo focal 4, entrevista individual e visita ao museu do vaqueiro
10	Canindé	26.06.2016	Festa do vaqueiro em São Bernardo (distrito de Canindé), cavalgada, pega de boi no mato e entrevistas individuais
11	Canindé	16.07.2016	Gravação da novela “Velho Chico” e entrevista com a Mestra da Cultura, vaqueira Dina Martins
12	Canindé	17.07.2016	Missa e almoço com vaqueiros e amigos
13	Canindé	31.07.2016	Pega da novilha no mato e festa dançante com os vaqueiros
14	Canindé	06.08.2016	Reunião da AVABOCRI
15	Canindé	20.08.2016	Festa do Vaqueiro: cavalgada, missa, almoço e festa dançante
16	MCC	22.10.2016	Visita guiada à exposição Vaqueiros para fotografar o acervo e conversa com o colaborador do museu
17	Canindé	04.03.2017	Reunião da AVABOCRI e entrevista individual
18	Canindé	06.05.2017	Reunião da AVABOCRI
19	Canindé	03.06.2017	Reunião da AVABOCRI e entrevista individual

Quadro 5 – Culminâncias da pesquisa

(continua)

20	Morada Nova	08.06.2017	1º dia da Festa do vaqueiro: abertura da festa e homenagens no Parque de vaquejada
21	Morada Nova	09.06.2017	2º dia da Festa do vaqueiro: cavalgada, missa do vaqueiro no Parque de vaquejada, abertura da vaquejada e entrega das fotos que fiz para os participantes de minha pesquisa
22	Morada Nova	10.06.2017	2º dia da Festa do vaqueiro: entrevista com o Dr. Clovis e conversa com vaqueiros no parque de vaquejada
23	Canindé	01.07.2017	Reunião da AVABOCRI
24	Canindé	19.08.2017	Festa do Vaqueiro: cavalgada, missa, almoço, festa dançante e entrega das fotos que fiz para os participantes de minha pesquisa
25	Morada Nova	08.06.2018	2º dia da Festa do vaqueiro: Roda de conversa com vaqueiros, pesquisadores e alunos de Morada Nova, no Museu do Vaqueiro; cavalgada; missa do vaqueiro no Parque de vaquejada; abertura da vaquejada; e entrega das fotos que fiz para os participantes de minha pesquisa
26	Morada Nova	09.06.2018	3º dia da Festa do vaqueiro: vaquejada e reencontro com participantes da pesquisa
27	Morada Nova	10.06.2018	4º dia da Festa do vaqueiro: encerramento e premiação da vaquejada, e reencontro com participantes da pesquisa
28	Morada Nova	11.06.2018	5º dia da Festa do vaqueiro: alvorada festiva, café da manhã com os vaqueiros, encerramento da festa, conversa com vaqueiros nos currais e visita ao Dr. Clóvis.

Quadro 5 – Culminâncias da pesquisa

(conclusão)

29	Morada Nova	12.06.2018	Entrevista com Ceguinho Aboiador e visita ao museu do vaqueiro
30	Morada Nova	13.06.2018	Visita ao museu do vaqueiro e conversa com o Prof. Sivaldo Carneiro
31	Canindé	29.09.2018	Festejos de São Francisco: cavalgada, missa do vaqueiro, almoço, festa dançante e novenário de São Francisco com os vaqueiros

Fonte: Elaborado pela autora.

2ª etapa: Entrevistas semiestruturadas e grupos focais

Na primeira etapa, pude ter contato com os participantes da pesquisa e conhecê-los melhor para convidá-los para participarem da segunda etapa. Depois da seleção dos participantes – vaqueiros, criadores, colaboradores dos museus e das associações (ver Quadro 4) –, iniciei a efetiva coleta da parte oral do *corpus* por meio de entrevistas semiestruturadas videogravadas tanto individuais quanto nos grupos focais.

Antes das gravações, os convites foram feitos informalmente aos participantes (vaqueiros, associados, colaboradores dos museus), que receberam também esclarecimentos quanto ao propósito da pesquisa e seus trâmites legais. As participações foram voluntárias e aconteceram em dia e horário marcados pelos participantes, mediante a aceitação em participar e a assinatura do *termo de consentimento livre e esclarecido*, doravante TCLE (ver: Anexo D).

Para a filmagem das entrevistas, utilizei primeiramente uma câmera semiprofissional da marca Nikon, fixada a um tripé de chão. Posteriormente, a partir de agosto de 2016, as gravações foram feitas com uma câmera profissional da marca Canon também fixada ao tripé de chão. Destaco que as gravações foram conduzidas tecnicamente por mim, mas, em muitos momentos, contei com o apoio logístico de vários colaboradores, tais como: os próprios participantes, suas esposas, filhos e filhas, e o amigo e pesquisador Benedito Francisco Alves, em Morada Nova.

Durante as filmagens, eu situava os participantes em frente à câmera ligada e ficava atrás ou ao lado do equipamento, de modo que eles olhassem para mim e

esquecem um pouco a presença da câmera. Essa estratégia baixava o grau de vigilância dos participantes com o avançar da gravação, pois eles não precisavam olhar para a câmera, visto que eram induzidos a olhar para mim como em um diálogo. Assim, conduzi todas as gravações das entrevistas.

Para as entrevistas semiestruturadas, adotei um breve roteiro (ver: Apêndice A) que permitiu ao participante não apenas responder os questionamentos levantados, mas acrescentar informações pertinentes, narrar fatos, explicar detalhadamente alguma informação, ou seja, o participante pôde falar livremente sobre a realidade vivenciada pelo vaqueiro. Não foi dado limite de tempo para as respostas, visto que o objetivo era explorar ao máximo as informações ligadas ao universo pesquisado e que vêm à tona por meio dos relatos espontâneos dos vaqueiros e dos colaboradores que conhecem com propriedade a cultura vaqueira.

Para a condução dos grupos focais, também adotei o roteiro de entrevista do Anexo A, mas esse instrumental foi apenas um ponto de partida, pois a conversa era tão produtiva que eles mesmos escolhiam espontaneamente os tópicos sobre os quais queriam falar, fazendo perguntas uns aos outros, lembrando histórias e contando-as.

Destaco aqui o grupo focal 4, cujos resultados são provenientes do trabalho realizado sem roteiro de entrevista e totalmente conduzido pelos vaqueiros. Esse grupo aconteceu em um momento que, para mim, seria a gravação de uma conversa do grupo focal em uma propriedade. No entanto, ao chegar no local da suposta gravação, fui informada de que, na verdade, iríamos pegar um boi no mato. Foi uma experiência única!

Saímos, eu e a vaqueira Thayane no carro e os outros vaqueiros seguiram a cavalo para pegar uma novilha. Durante todo o processo do campear para achar o bicho, eu os acompanhei a pé, filmei diversos momentos, fiz várias perguntas a todos, que respondiam prontamente e com uma riqueza de informações ímpar. Tive o privilégio de presenciar, pela primeira vez, uma pega de boi no mato, foi lindo ver os vaqueiros e a vaqueira correndo numa sintonia ligeira e precisa, e o vaqueiro Dudu abraçar o pescoço da rês e cair junto com ela. Depois, pear, mascarar e amarrar para levá-la à sede da propriedade.

Ver aqueles homens e aquela menina em volta do animal, todos extasiados pela alegria do sucesso da empreitada, foi uma surpresa. Eu não esperava viver tão maravilhosa experiência!

3ª etapa: Delimitação do campo lexical

Depois de concluídas as filmagens e coletadas as devidas observações e informações adicionais no diário de campo, passei para a delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Para tanto, assisti aos vídeos para iniciar a seleção das lexias e, a partir daí, usei as notas de campo como uma autenticação ou complementação das informações contidas nos vídeos.

Concomitantemente, as filmagens foram transcritas, algumas com a colaboração da bolsista de Iniciação científica do Projeto *Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará*, Bruna Uchôa Mota. As transcrições das entrevistas e das demais gravações das missas, das cavalgadas e dos aboios foram realizadas em padrão grafemático, registrando também as expressões dos participantes e adaptando as regras da análise da conversação expostas e detalhadas por Marcuschi (1986) e pelo Manual de Normalização da Universidade Estadual do Ceará (2016).

Como um primeiro critério de seleção das lexias, parti do pressuposto de que toda atividade profissional envolve sujeitos, instrumentos, ambientes de trabalho e implicações sociais. A partir daí, organizei as lexias selecionadas de acordo com as suas afinidades semânticas e analisei quais relações de significado são responsáveis pela organização dessas lexias no campo *cultura do vaqueiro*.

Tracei também as relações pluriunívocas de significações possíveis a partir da delimitação geral do campo lexical em estudo. Como exemplo, posso citar o microcampo eventos religiosos, que, por sua vez, poderia também estar no macrocampo religiosidade (ver: Figura 17).

Depois de delimitado o campo, ordenei os macrocampos, os microcampos, os subcampos, os sub-subcampos e as lexias onomasiologicamente, com vistas a contemplar o propósito fundamental da teoria dos campos lexicais, as relações de significado entre os itens lexicais analisados e a sequenciação lógica dessa relação sígnica.

4ª etapa: Elaboração do vocabulário

Após a delimitação e a organização do campo lexical *cultura do vaqueiro*, passei para a elaboração do vocabulário de lexias dessa cultura.

Ressalto que o vocabulário segue a mesma organização onomasiológica da delimitação do campo – visto ser um dos princípios da teoria dos campos lexicais – e o *corpus* coletado é a fonte principal para a construção das definições e para a seleção dos contextos de uso, visto que o que me interessa é o significado atribuído no contexto estudado e não o geral.

Como suporte para a elaboração das definições e esclarecimento de dúvidas a respeito das variações lexicais e fonéticas, recorri ao diálogo com os vaqueiros participantes da pesquisa e utilizei o *Dicionário Escolar da Língua Portuguesa* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2008), o *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa* (FERREIRA, 2014), o *Vocabulário Portuguez e Latino* (BLUTEAU, 1712) e o *Diccionario de Língua Portuguesa* (BLUTEAU, 1789). Os dicionários utilizados foram escolhidos por serem obras de grande circulação no Brasil, além de compilarem o léxico da língua portuguesa em perspectivas etnológica, histórica e atualizada.

Para a elaboração deste produto lexicográfico, utilizo o software *LexiquePro* (SIL, 2012). Com esse programa, posso compor uma obra padronizada, em que sigo os preceitos da Lexicografia e, posteriormente, posso disponibilizá-la como obra de consulta.

Mais adiante falo, de modo detalhado, sobre a ferramenta aqui citada e sobre o produto resultado desta etapa metodológica.

5ª etapa: Discussão dos resultados

Nesta etapa da pesquisa, faço uma discussão sobre as lexias que compõem o campo lexical da cultura do vaqueiro e as relações sígnicas que permeiam e circundam esse campo.

Ressalto que, a partir dessas lexias e de suas relações semânticas primárias, secundárias, sinonímicas, polissêmicas, hiponímicas e hiperonímicas, percebo o grau de interrelação entre os elementos que constituem a cultura vaqueira em um rizoma que se coaduna ao contexto social há séculos.

Depois de descritos os procedimentos, passo para as particularidades da composição do campo lexical.

4.5 COMPOSIÇÃO DO CAMPO LEXICAL: COMO SURTIU A TEIA

Para a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*, realizei, primeiramente, o inventário das lexias contidas nos dados já coletados em Canindé e em Morada Nova.

Como critério para incluir as lexias no inventário, observei a frequência com que elas apareciam nas transcrições, nas conversas e nas vivências com os vaqueiros. Outra estratégia utilizada foi recorrer aos acervos das exposições dos museus, visto que esses espaços são composições direcionadas para a cultura estudada, ou seja, serviram de parâmetro para incluir e excluir determinadas lexias que, nas primeiras coletas de dados, tive dúvidas se pertenciam ou não ao universo do vaqueiro.

Posteriormente, após uma delimitação prévia das lexias e de qualificado o projeto de pesquisa, em dezembro de 2016, mesmo continuando com o acompanhamento dos eventos, voltei a campo, especificamente com o propósito de conversar com alguns participantes mais interessados em contribuir com a pesquisa e, assim, discutir sobre as lexias e os lugares que elas deveriam ocupar no campo.

Em junho de 2017, após duas tardes de discussão, saí de Morada Nova com 641 lexias delimitadas com a contribuição dos vaqueiros. Fiz o mesmo procedimento em Canindé, em julho 2017, e o número de lexias cresceu para 668.

A partir desse inventário, debruzei-me, de modo incisivo, sobre as análises semânticas, que esclareceram onde cada palavra deveria ficar ou os possíveis lugares que poderiam ser ocupados por cada uma delas no campo lexical *cultura do vaqueiro*, e finalizei o refinamento do inventário com 641 lexias.

Para essas análises, continuei conversando, via aplicativo *Whatsapp*, com os vaqueiros participantes desse nicho de informações de junho a julho de 2017, a fim de enriquecer as acepções das lexias e esclarecer eventuais dúvidas.

Sendo assim, o resultado da delimitação do campo foi: 641 lexias distribuídas em 12 macrocampos, que, por sua vez, estão subdivididos em 41 microcampos, divididos também em 28 subcampos e, conseqüentemente, em 9 sub-subcampos.

Depois de delimitado o campo lexical em estudo, passei para a elaboração do vocabulário, produto lexicográfico que segue os preceitos das Teorias dos Campos Lexicais e da Lexicografia.

4.6 ELABORAÇÃO DO VOCABULÁRIO: COLOCANDO TUDO NO SEU DEVIDO LUGAR

Com o objetivo de descrever os dados de modo sistematizado e de fácil acesso, desenvolvi nesta subseção um modelo de organização para a execução do vocabulário da presente pesquisa. Aqui me detenho à organização do campo lexical *cultura do vaqueiro*, com suas respectivas subdivisões, para o planejamento do vocabulário que surgiu a partir da seleção das lexias da *cultura do vaqueiro*.

Ressalto que, durante a execução da pesquisa, evidenciei a disposição das lexias em uma organização onomasiológica, em que as palavras foram agrupadas em um campo lexical ao qual chamei de *cultura do vaqueiro* e, posteriormente, em macrocampos, microcampos, subcampos e sub-subcampos.

Essa organização é uma estratégia metodológica para a estruturação dos campos lexicais (COSERIU, 1981; ABBADE, 2009), em que é estabelecida uma relação sígnica e hierárquica entre as lexias que compõem o campo lexical delimitado e o percurso de nomeação do campo e de suas subdivisões.

Destaco, ainda, que a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro* foi também reproduzida na organização do vocabulário, pois o léxico selecionado e organizado na terceira etapa metodológica desta investigação já está ordenado onomasiologicamente, o que constata o cumprimento de um dos objetivos específicos de minha pesquisa – organizar o vocabulário do léxico da cultura do vaqueiro com base teórico-metodológica dos campos lexicais.

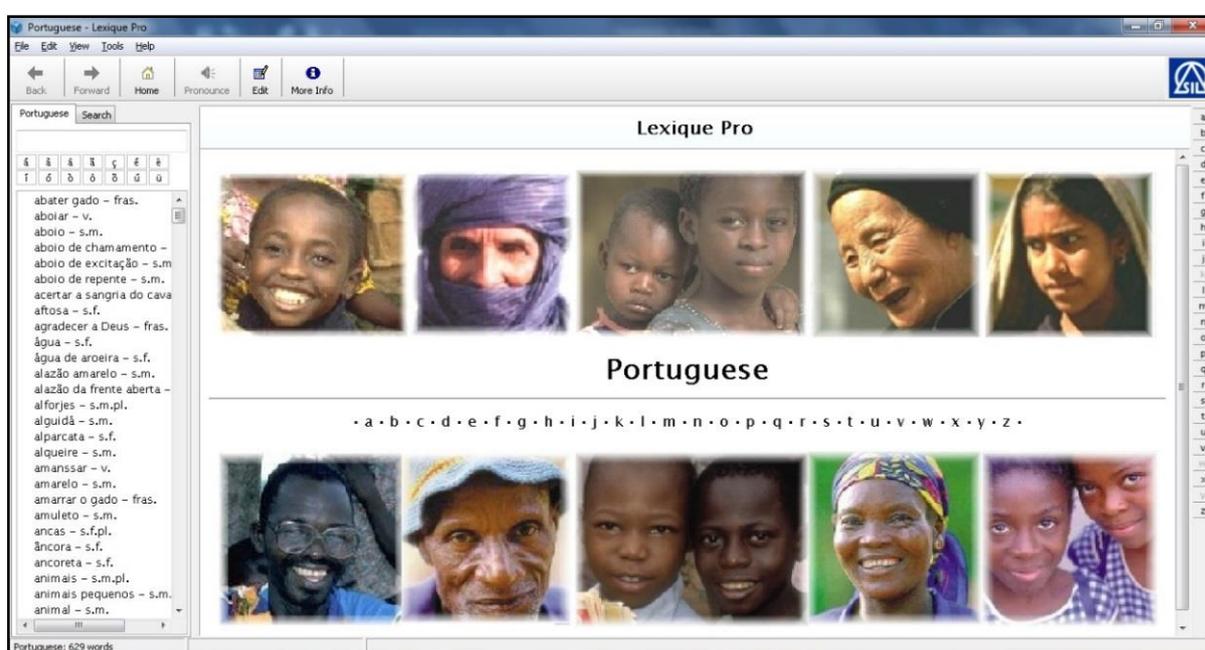
Passada a seleção e a organização dos itens lexicais em seus respectivos macro, micro, sub e sub-subcampos, prossegui com a elaboração dos verbetes que explicam e exemplificam as lexias encontradas no *corpus* analisado.

As informações dos verbetes foram digitadas diretamente no *software LexiquePro* (ver: Figura 8), já que existe, no programa, um espaço predeterminado para cada informação, ou seja, uma microestrutura abstrata foi elaborada e registrada na ferramenta computacional, de acordo com a tradição lexicográfica discutida na subseção 2.2 desta tese, intitulada *Léxico: conceitos e discussões sobre o patrimônio*

da *língua*. Não posso deixar de mencionar que a edição (tipo e tamanho da fonte, espaçamentos, efeitos, cores etc.) e a composição das microestruturas do verbete foram organizadas automaticamente pelo programa, permitindo que houvesse ausência de informações e, conseqüentemente, a exclusão da microestrutura ausente da versão final do verbete.

Para melhor ilustrar o *software*, disponibilizo, na Figura 8, a página inicial do *LexiquePro* e a nomenclatura lançada para a organização do vocabulário da *cultura do vaqueiro*.

Figura 8 – Software LexiquePro



Fonte: Elaborada pela autora.

Saliento que a escolha pelo *LexiquePro* foi motivada por uma experiência anterior com o *software*. Durante o mestrado, essa ferramenta otimizou sobremaneira o trabalho de elaboração e de sistematização das informações do glossário que elaborei. Sendo assim, resolvi adotá-la também para a elaboração do vocabulário do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Além da sistematização das informações, o *LexiquePro* possibilitou a geração de uma versão impressa que foi organizada onomasiologicamente, de acordo com o Quadro 6, a seguir, o que resultou no produto lexicográfico vocabulário da *cultura do vaqueiro*, que, por sua vez, compõe a seção 5 desta tese, intitulada *A linguagem do vaqueiro do Ceará: do campo lexical ao vocabulário*.

Sendo assim, exponho aqui a organização onomasiológica das lexias no vocabulário em seus devidos macro, micro, sub e sub-subcampos:

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

Macrocampo	Microcampo	Subcampo	Sub-subcampos	Lexias
	genéricos	→	→	vaqueirama comitiva comandita curriola sertanejo
sujeitos	vaqueiros	→	→	vaqueiro vaqueiro tradicional vaqueiro profissional vaqueiro encourado vaqueiro sorteador vaqueiro da sorte vaqueiro quarteador vaqueiro montado vaqueiro guia vaqueiro tangerino vaqueiro boiadeiro vaqueiro campeador vaqueiro rastejador vaqueiro danado vaqueiro de curral vaqueiro de manejo vaqueiro aboiador vaqueiro versista vaqueiro associado vaqueiro de vaquejada vaqueiro de pista vaqueiro esportista vaqueiro puxador vaqueiro derrubador vaqueiro esteira vaqueiro mirim cavaleiro cavaleiro do sertão cavaleiro andante homem disposto homem esperto ginete cabra ¹ caboclo filho da casa

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

sujeitos	não vaqueiros	→	→	seleiro ferreiro madrinha do vaqueiro rainha do vaqueiro veterinário prático criador de gado agropecuarista
animais	finalidade	genéricos	→	animais animais pequenos criação bicho gado gado vacum gado solteiro gado solto gado perdido gado malhado rebanho cabeças cabeça de gado rês rês emperrada rês mascarada boiada entrega carrada de gado tirada de gado matriz
		de criação	→	capote galinha d'angola pato cordeiro enjeitado bezerrinho novo bezerrinho vaca mansa vaca parida vaca de primeira cria vaca de leite vaca leiteira boi armado boi bravo boi mandingueiro boi velhaco boi barbatão boi mocho boi manso touro touro reprodutor

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

animais	finalidade	de trabalho	→	cachorro jumento comboieiro burro burro bravo mula carreiro animal animal ruim besta cavalinho cavalo estropiado cavalo bom de gado cavalo de boi cavalo de prado cavalo inteiro cavalo de cobertura cavalo de lote garanhão
				genéricos
	desenvolvimento	fases	dos bovinos	bezerro(a) garrote(a) novilhote(a) novilho(a) vaca boi
			dos equinos	poldrinho(a) poldrete poldro(a) égua cavalo
			dos caprinos	cabrito(a) bodeco(a) novilha de cabra cabra bode
			dos ovinos	cordeiro(a) borrego(a) marram de ovelha ovelha carneiro
			dos suínos	bacurinho(a) bacorote(a) porco(a) varrão
			das aves	pinto(a) pintote(a) frango(a) galinha galo

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

			genéricos	muda
			desenvolvimento	processos
animais	anatomia	genéricos	→	sinal sinal encoberto ferra contra-ferra freguesia
		dos bovinos	→	chifre narina cangote corcova mão umbigo coalho perna ancas rabo
		dos equinos	→	curumim venta francho crina sangria peito pá lombo garupa traseira rejeito
	raças	dos bovinos	→	jersey pé duro crioulo nelore zebu holandês
		dos ovinos	→	mestiça santa inês morada nova dorper
		dos equinos	→	pônei cavalo sertanejo appaloosa mangalarga paint horse quarto de milha sangue inglês

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

animais	cores	dos bovinos	→	preto azeitão lavrado
		dos equinos	→	castanho castanho caboclo rosilho roxo melado alazão amarelo alazão da frente aberta pedrês cardão(ã) gazim
	ações	dos bovinos	→	ruminação
		dos equinos	→	coíce passo marcha choto trote galope
alimentação	genéricos	→	→	comida merenda ração silagem forragem resíduo
	dos vaqueiros	líquidos	→	leite leite mugido leite cru leite de cabra leite de milho café cachaça
		sólidos	→	nata queijo queijo cru coalhada coalhada escorrida manteiga rapadura arroz feijão baião de dois milho cuscuz mão de vaca buchada

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

alimentação	dos vaqueiros	sólidos	→	sarrabulho panelada carne de criação carne assada carne torrada carne de charque carne seca carne do sol carne de porco frango torrado macaxeira beijú tapioca farinha seca farofa pirão
		líquidos	→	água
	dos bovinos	sólidos	→	sal bagaço de capim bagaço de mandacaru palha de carnaúba palma rama de canafístula rama de juazeiro
		líquidos	→	soro
	dos equinos	sólidos	→	alfafa feno
instrumentos de trabalho	indumentária	dos vaqueiros	→	roupa de couro traje de couro paletó de couro chapéu de couro gibão guarda-peito luva perneiras chinelos alparcatas sandálias botas espora roseta
		dos bovinos	→	cabeçada de boi máscara carea argola chocalho chocalho pé de serra arregador

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

instrumentos de trabalho	indumentária	dos bovinos	→	peia peia de mão peia de pé e mão
		dos equinos	→	arreação arreios de cabeça cabeçada cabeçagem professora cabeção breque bridão brídia bride rédeas cabresto peitoral corona coxim sela sela de campear sela de campeiro sela de passeio sela feminina sela masculina selote sobre-capa capa guadraba arção suador alforjes manta rabicho rabichola cilha esteira de montaria loros estribo estribo de passeio
	utensílios	→	→	berrante búzio esteira curiboque polvarina chicote chibata de couro chicote pimba de boi

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

instrumentos de trabalho	utensílios	→	→	chicote de carroça chicote de pear boi chicote peador macaca vergalho corda corda de laçar embira cavalete cangalha cambito talabardão carroça carroça de boi carro de boi junta de boi chavea canga tambueiro fueiro surrão caçua mala de couro sacola de palha mocó âncora ancoreta roladeira pote jarra borracha de couro cabaça cabacinha cuia alguidá pilão batedor de nata prensa faca facão foice chicote pé de bode machado marca de ferrar ferro gancho poço cerca baladeira mourão
--------------------------	------------	---	---	---

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

instrumentos de trabalho	utensílios			<p>porteira porteira de curral porteira de mourão correias varas torno mecânico estiva</p>
	recursos	→	→	<p>aboio aboio de chamamento aboio de excitação aboio de repente grito sebo</p>
atividades laborais	genéricos	→	→	<p>trabalho vida de gado luta de gado peleja pecuária brincadeira de gado</p>
	procedimentos	→	→	<p>tomar os couros tomar as mangas selar o cavalo montar a cavalo sair a cavalo ir para o mato embrenhar no mato entrar na mata cavalgar campear caçar o caminho dar o desconto da madeira buscar o gado passar a vista no gado pegar o boi no mato correr atrás de gado correr vaquejada dar carreira derrubar o boi na faixa pear o boi amarrar o gado mascarar a rês juntar o gado tanger o gado tocar o gado dominar o gado puxar gado aboiar estalar o chicote amansar domesticar botar o animal no cercado fazer o parto da vaca</p>

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

atividades laborais	procedimentos	→	→	fazer parto de novilha banhar o bezerro com leite botar o bezerro para mamar apartar o bezerro tirar leite ordenhar desleitar a vaca fazer queijo botar nas correias tratar o animal banhar os animais zelar o gado proteger o gado criar boi na manga castrar o animal marcar o gado ferrar o gado abater gado consertar a cerca plantar roçado levar mantimento
acidentes de trabalho	genéricos	→	→	corte arranhão pancada estocada chibatada queda
	dos vaqueiros	→	→	queda do cavalo olho furado rosto assado ombro luxado ombro arrancado braço queimado espinhaço batido costela fraturada joelho arrancado
	dos animais	→	→	pescoço dobrado sangria acertada
práticas medicinais	doenças dos animais	→	→	cair mal triste mal do chifre aftosa bicheira umbigo caroado nó nas tripas cólica
	remédios	→	→	cozimento chá chá da casca da ameixa água de aroeira pó de ameixa

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

práticas medicinais	remédios	→	→	espinho de laranjeira espinho de mandacaru graveto de marmeleiro benzocreol querosene
	tratamentos	→	→	lavar a ferida colocar ataduras enrolar nos panos enrolar a pata
ambientes de trabalho	genéricos	→	→	interior mato campo terras propriedade terreno
	internos	→	→	estábulo vacaria cocheira maternidade baia
	externos	→	→	assentamento fazenda fazenda de gado pasto manga setor roçado terreiro cercado caiçara pista de vaquejada curral
geografia	clima	→	→	seca chuva período invernos
	espaço	→	→	lado de baixo lado de cima sertão serra serraria serrote monte pé de serra terra de aluvião vale várzea rio riacho leito ribeira

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

geografia	espaço	→	→	lagoa grota olho d'água
	vegetação	genéricos	→	pastagem rama espinheiro garrancho imprensado cipó madeira madeira fechada madeira alta pau mata mata espinhenta mateira mato fechado caatinga
		rasteiras	→	capim capim malícia capim elefante capim sorgo jetirana
		arbustos	→	cansanção marmeleiro croatazeiro mandacaru jamacaru xique-xique
		árvores	→	bananeira carnaubeira imburana jurema laranjeira mutambeira canafístula juazeiro
medidas	unidade	→	→	cabeça fardo
	peso	→	→	quilo arroba saca unidade animal na perna
	volume	→	→	litro meio litro alqueire quarta costal

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(continua)

medidas	extensão	→	→	palmo metro braça légua hectare
religiosidade	genéricos	→	→	fé reza oração
	entidades	→	→	Deus Deus pai Pai todo poderoso Nosso Pai Nosso Senhor Jesus Cristo Divino Espírito Santo Nossa Senhora Nossa Senhora Aparecida São Francisco Santo Antônio São João Batista São Pedro Menino Vaqueiro Raimundo Jacó
	práticas	→	→	ter fé esperar em Deus agradecer a Deus rezar rezar a Ave Maria rezar o Pai Nosso rezar o terço pedir proteção ter adoração ter devoção se benzer benzer o gado curar o bezerro cruzar a bicheira fazer a despedida
	objetos	→	→	terço rosário medalha santo santinha santinho amuleto
eventos	genéricos	→	→	festa de vaqueiro pega de boi
	sociais	→	→	festa do vaqueiro cavalgada vaquejada

Quadro 6 – Organização do vocabulário

(conclusão)

eventos	sociais	→	→	pega de boi no mato pega de boi na manga pega da novilha festa de apartação
	religiosos	→	→	missa missa de vaqueiro missa do vaqueiro festa do Divino novena de São Francisco

Fonte: Elaborado pela autora.

Além da ordenação onomasiológica do vocabulário como exposto no quadro anterior, foi necessária a fixação de um modelo de microestrutura para os verbetes elaborados, uma microestrutura abstrata, em consonância com a tradição lexicográfica.

Para tanto, inspirei-me em minha experiência anterior de elaboração de glossário terminológico que culminou com a confecção do glossário de termos do campo lexical *violência* nos autos de querela e denúncia do século XIX no estado do Ceará (NUNES, 2014). Portanto, adaptei aqui a microestrutura abstrata idealizada por mim em minha dissertação de mestrado, a fim de atender às demandas do *corpus* da presente pesquisa, como se pode observar:

Quadro 7 – Microestrutura abstrata dos verbetes do vocabulário

**VERBETE = + entrada ± variante ± pronúncia + informação gramatical
+ definição + contexto de uso³⁶ ± sinônimo(s) ± remissiva + campo lexical ± notas**

Fonte: adaptado de Nunes (2014, p. 64).

Ao definir a microestrutura abstrata dos verbetes do vocabulário, algumas microestruturas têm a sua presença indispensável e obrigatória, as quais são introduzidas pelo sinal de mais (+), enquanto outras foram necessárias apenas em

³⁶ Uso aqui o termo *contexto de uso* em lugar de *abonação* para construir uma coerência com a Teoria dos Campos Lexicais, pois o conceito desta teoria parte da linguagem em uso e os exemplos utilizados no vocabulário advêm do *corpus* da presente pesquisa, ou seja, são as falas dos participantes captadas durante a (n)etnografia.

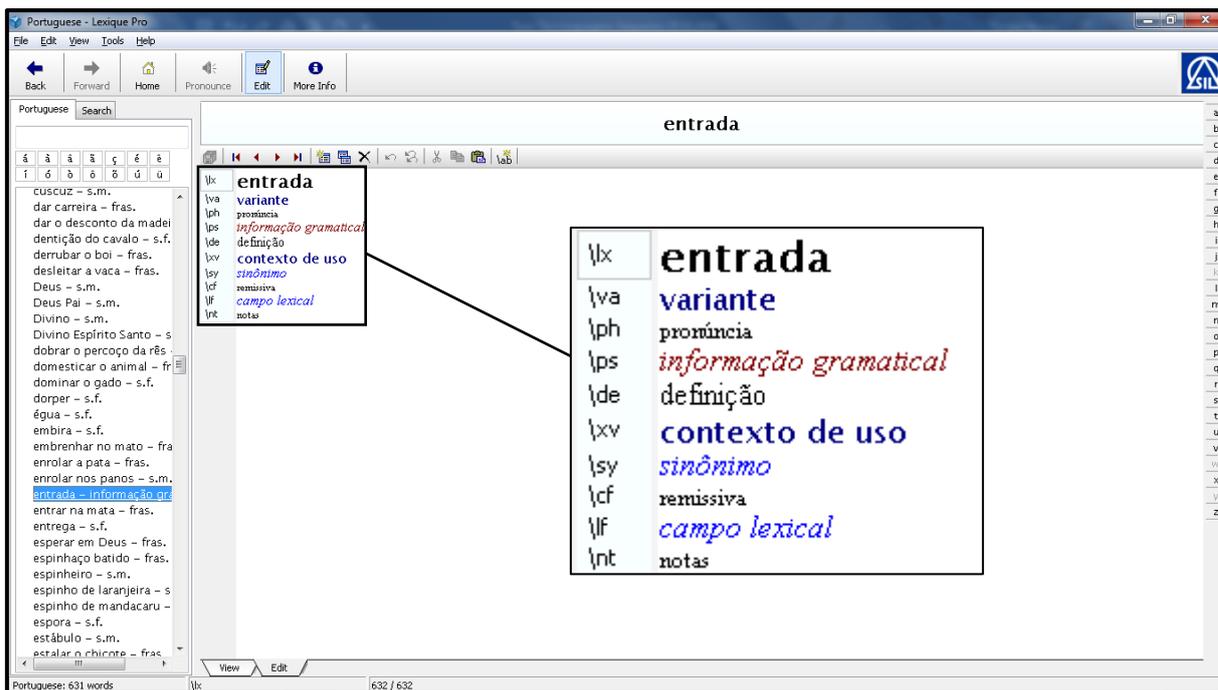
alguns contextos, ou seja, sua presença é facultativa e são introduzidas pelo sinal mais ou menos (\pm).

Sendo assim, a microestrutura abstrata tem como elementos obrigatórios a presença da *entrada*, em que posiciono a lexia da cultura do vaqueiro; a *informação gramatical*, em que coloco a classe e/ou função gramatical da lexia; a *definição*, que comporta o significado da lexia na cultura do vaqueiro, por vezes, o significado pode parecer de uso geral, mas a lexia permanece na delimitação do campo pela representatividade no contexto pesquisado; o *contexto de uso*, que trata do exemplo em que a lexia foi empregada pelos participantes da pesquisa em gravações ou conversas e exemplos relatados nos materiais fornecidos pelos participantes; e, por fim, o *campo lexical*, que traz a posição ou as posições ocupadas pela lexia na delimitação do campo pesquisado, visto que há uma grande recorrência de palavras que se inserem em mais de uma ramificação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Quanto às microestruturas facultativas, tenho, entre elas, a *variante*, posição em que são registradas as variações fonéticas, lexicais ou ainda trocas realizadas pelos participantes da pesquisa ao proferirem as lexias e registradas no *corpus* coletado; a *pronúncia*, microestrutura inserida nos verbetes em que há variantes fonéticas ou trocas, a qual é registrada de acordo com o Alfabeto Fonético Internacional; o *sinônimo*, microestrutura que registra as lexias que vêm na sequência do vocabulário e tem a mesma definição que a lexia da entrada, o que dispensa a definição das palavras sinônimas; a *remissiva*, estrutura presente no verbe de da lexia que é sinônimo de outra lexia já definida, então, ao invés de defini-la, remeto à lexia com definição já elaborada; e, por último, as *notas*, espaço onde são registradas as informações adicionais, interessantes e pertinentes para um melhor entendimento da amplitude do significado da entrada, isto é, são informações que não cabem na acepção, mas complementam o sentido da entrada.

A seguir, temos a microestrutura abstrata aplicada ao *software LexiquePro* para a elaboração do vocabulário.

Figura 9 – Microestrutura abstrata no software LexiquePro

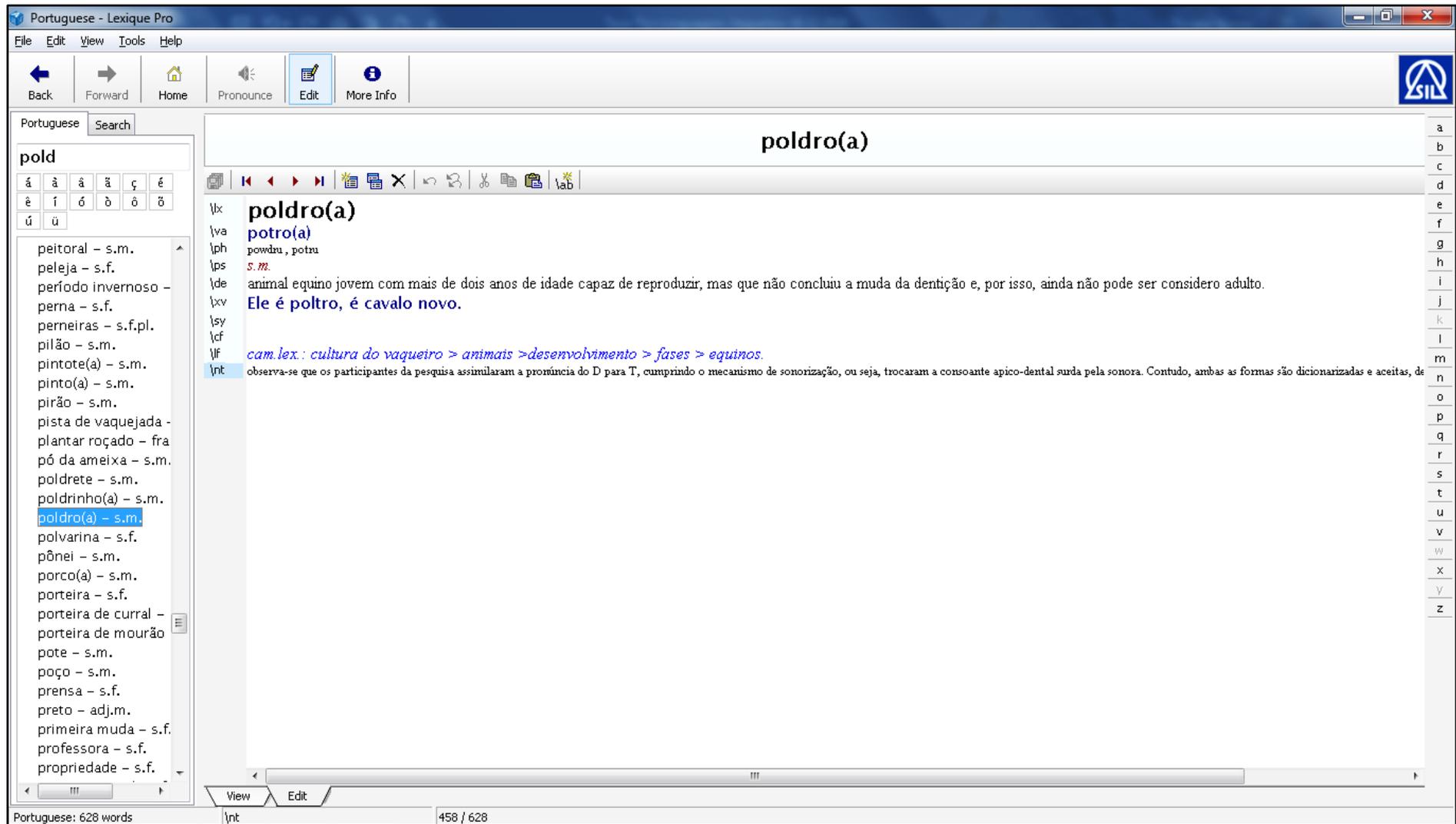


Fonte: Elaborada pela autora.

Partindo da microestrutura delimitada, todos os verbetes foram digitados no programa e cada informação foi inserida no campo destinado previamente para a sua alocação. Concluída a digitação das microestruturas, os verbetes completos foram organizados eletronicamente pelo *software*, que, posteriormente, possibilitou a geração de uma versão impressa para que eu pudesse aplicar a organização onomasiológica do campo delimitado.

Com o propósito de melhor expor o processo desenvolvido com o auxílio da ferramenta computacional, apresento a tela de digitação do verbete *podro* (Figura 10) e, na sequência, a tela de visualização do verbete eletrônico (Figura 11) e da versão impressa gerada pelo programa (Figura 12):

Figura 10 – Tela de digitação do verbete no *software LexiquePro*



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 11 – Tela de visualização do verbete eletrônico no *software LexiquePro*



Fonte: Elaborada pela autora.

Figura 12 – Versão impressa gerada pelo software LexiquePro

poldro(a) (podro(a); potro(a)). [ˈpowdru, ˈpodru, ˈpotru] *s.m.* animal equino jovem com mais de dois anos de idade capaz de reproduzir, mas que não concluiu a muda da dentição e, por isso, ainda não pode ser considerado adulto. **Ele é poltro, é cavalo novo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos.* *Nota:* Observa-se que os participantes da pesquisa assimilaram a pronúncia do D para T, cumprindo o mecanismo de sonorização, ou seja, trocaram a consoante apico-dental surda pela sonora. Contudo, ambas as formas são dicionarizadas e aceitas, de acordo com o dicionário ABL (2008).

Fonte: Elaborado pela autora.

Após a elaboração do produto lexicográfico, foi dada continuidade à pesquisa com a última etapa metodológica, a análise das relações sígnicas do léxico da cultura do vaqueiro, contida na seção seis desta tese, intitulada *Relações Semânticas: o que o campo lexical da cultura do vaqueiro me revelou...*

Agora, passo à síntese metodológica, de modo a ilustrar a metodologia da pesquisa em sua completude.

4.7 SÍNTESE METODOLÓGICA: O CAMINHO PERCORRIDO...

A fim de melhor sumariar a metodologia de minha pesquisa, sistematizo o presente quadro para expor sinteticamente o *modus operandi* por mim executado:

Quadro 8 – Síntese metodológica

(continua)

1. Locus da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Canindé: AVABOCRI • Morada Nova: AVCMN e Museu do Vaqueiro de Morada Nova • Fortaleza: Exposição Vaqueiros – MCC
3. Método e abordagem	<ul style="list-style-type: none"> • Etnografia e observação participante • Natureza: qualitativa
2. Instrumentais de pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevista semiestruturada videogravadas • Grupos focais videogravados • Diário de campo • Whatsapp • Software LexiquePro

Quadro 8 – Síntese metodológica

(conclusão)

3. <i>Corpus</i> da pesquisa	<ul style="list-style-type: none"> • Videograções • Anotações do diário de campo • Fotos • DVDs • Cordéis, panfletos, convites, livretos etc.
4. Etapas metodológicas 4.1. Observação participante e registros no diário de campos	<ul style="list-style-type: none"> • Aproximação dos participantes da pesquisa (Canindé e Morada Nova); • Vivências etnográficas (eventos e cotidiano) • Observação participante • Anotações no diário de campo
4.2. Entrevistas semiestruturadas	<ul style="list-style-type: none"> • Entrevistas individuais (vaqueiros, associados e colaboradores dos museus) • Grupos focais
4.3 Delimitação do campo lexical	<ul style="list-style-type: none"> • Transcrição das entrevistas e grupos focais • Seleção das lexias • Ordenação das relações sígnicas em hierarquias • Estruturação gráfica do campo
4.4. Elaboração do vocabulário	<ul style="list-style-type: none"> • Digitação das informações no software LexiquePro • Geração da versão impressa • Organização dos verbetes na ordem onomasiológica de acordo com a delimitação do campo lexical
4.5 Discussão dos resultados	<ul style="list-style-type: none"> • Discussão das relações sígnicas que permeiam o campo lexical <i>cultura do vaqueiro</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Nesta seção da tese, fiz uma descrição geral dos aspectos metodológicos de minha pesquisa, desde os elementos que a caracterizam como uma pesquisa

etnográfica de cunho qualitativo, os contextos percorridos durante o seu desenvolvimento em campo, passando pelas etapas metodológicas e pelos indivíduos que delas participaram até o modo como cada um contribuiu para a investigação. Detalhei, ainda, os pormenores da delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro* e as informações necessárias para a elaboração do vocabulário onomasiológico dessa cultura. Por fim, apresentei o *software* utilizado para a elaboração do vocabulário, visto que o suporte de uma ferramenta computacional otimiza a sistematização e a armazenagem das informações dos verbetes.

Em continuidade à discussão lançada, apresento, a seguir, na seção 5 desta tese, a exposição e o detalhamento do campo lexical e do produto lexicográfico desenvolvidos na presente pesquisa.

5 A LINGUAGEM DO VAQUEIRO DO CEARÁ: DO CAMPO LEXICAL AO VOCABULÁRIO

“A nossa maneira de viver e de falar é só nossa.
A gente é assim, um povo da terra.”
(WAGNER RAULINO – MORADA NOVA).

Nesta seção, trago os resultados da terceira e da quarta etapas metodológicas da presente pesquisa, visto que apresento o campo lexical *cultura do vaqueiro* constituído e estruturado, e posteriormente o produto lexicográfico resultado da delimitação desse campo e, conseqüentemente, da etnografia.

Aqui também cumpro dois objetivos específicos da pesquisa, a saber:

- a) Constituir o campo lexical da cultura do vaqueiro como uma manifestação linguístico-cultural ainda ativa no estado do Ceará;
- b) Organizar um vocabulário do léxico da cultura do vaqueiro com base teórico-metodológica dos campos lexicais.

Desta feita, a presente seção traz de modo detalhado a composição do campo lexical estudado, as relações de significado responsáveis pela articulação das lexias que nele estão contidas (relações primárias) e, por sua vez, as relações que decorrem da dinamicidade da linguagem no contexto estudado (relações secundárias). É importante destacar que a etnografia ressalta a autenticidade dos resultados, visto que os participantes tiveram uma presença marcante na composição e na análise dos dados coletados durante todo o percurso metodológico.

Outro aspecto trazido nas subseções desta seção é o produto lexicográfico, que foi organizado com vistas a contemplar a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro* e suas particularidades onomasiológicas para o ordenamento das lexias dentro dos macro, micro, sub e sub-subcampos, ou seja, as lexias estão organizadas no vocabulário da *cultura do vaqueiro* a partir de suas afinidades e relações semântica.

Com essa consciência, passo agora para o resultado da delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*, expondo não apenas a estrutura, mas os mecanismos que o configuram como uma rede lexical – coerente e coesa – constituída a partir da realidade linguística dos vaqueiros de Canindé e Morada Nova, no Ceará.

5.1 CAMPO LEXICAL *CULTURA DO VAQUEIRO*: A TEIA E OS FIOS QUE A TECEM

No início dos estudos acerca da realidade linguística do vaqueiro cearense, uma expectativa de composição do campo se fez presente em minhas reflexões, pois, ao pensar no vaqueiro, muitas palavras vinham à minha mente, primeiramente sobre a indumentária, depois sobre os animais, mais adiante sobre o clima, os espaços e as atividades, possivelmente, desempenhadas por eles na faina cotidiana.

Com essa expectativa, debrucei-me sobre as transcrições e os vídeos das entrevistas, sobre o diário de campo com tantas anotações, sobre as fotos e as lembranças das vivências e das culminâncias.

A partir de todo esse material, constitui um primeiro inventário das lexias da cultura do vaqueiro. *A priori*, fizeram parte desse inventário palavras que denominavam a indumentária do vaqueiro, os animais com os quais eles trabalham, as festas, os tipos de vaqueiro, os ambientes de trabalho e as lexias recorrentes nas falas dos participantes.

Tomando esse ponto de partida, o campo lexical começou a se estruturar. Com o avançar das análises, as lexias foram se agrupando nos macros e nos microcampos, primeiramente. Depois da qualificação da pesquisa, com outro nível de discussão das ideias, os subcampos e os sub-subcampos surgiram e reconfiguraram a organização do campo lexical como um todo, suscitando também novas subdivisões a partir do meu retorno ao campo de pesquisa, o que, por sua vez, ocasionou o refinamento da organização da rede lexical.

Como resultado, cheguei à delimitação que apresento aqui constituída por 641 lexias, 12 macrocampos, 41 microcampos, 28 subcampos e 9 sub-subcampos, hierarquicamente organizados, demonstrando como a linguagem do vaqueiro se estrutura na perspectiva do léxico e da semântica, por meio da teoria dos campos lexicais.

Para melhor ilustrar os números apresentados, sistematizo-os no quadro seguinte:

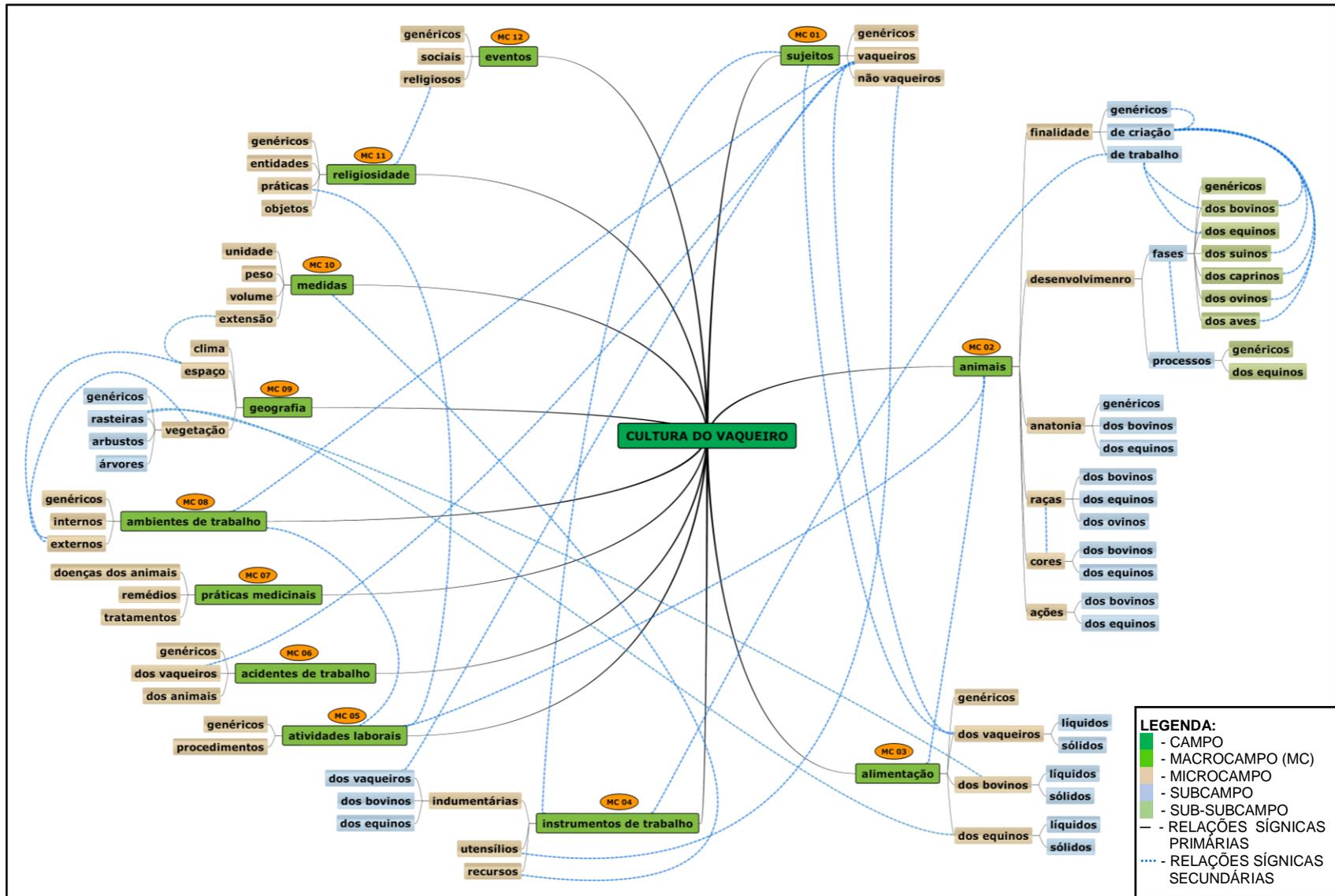
Quadro 9 – Macro e microcampos do campo lexical *cultura do vaqueiro*

MACROCAMPOS	MICROCAMPOS	QUANT. LEXIAS	TOTAL
sujeitos	genéricos	05	47
	vaqueiros	35	
	não vaqueiros	07	
animais	finalidade	59	159
	desenvolvimento	37	
	anatomia	26	
	raças	17	
	cores	13	
	ações	07	
alimentação	genéricos	06	54
	dos vaqueiros	37	
	dos bovinos	08	
	dos equinos	03	
instrumentos de trabalho	indumentárias	61	133
	utensílios	66	
	recursos	06	
atividades laborais	genéricos	06	60
	procedimentos	54	
acidentes de trabalho	genéricos	06	17
	dos vaqueiros	09	
	dos animais	02	
práticas medicinais	doenças dos animais	08	22
	remédios	10	
	tratamentos	04	
ambientes de trabalho	genéricos	06	23
	internos	05	
	externos	12	
geografia	clima	03	55
	espaço	18	
	vegetação	34	
medidas	unidade	02	17
	peso	05	
	volume	05	
	extensão	05	
religiosidade	genéricos	03	40
	entidades	15	
	práticas	15	
	objetos	07	
eventos	genéricos	02	14
	sociais	07	
	religiosos	05	
12	41	641	641

Fonte: Elaborado pela autora.

Desse modo, na figura que se segue, é possível observar o esquema gráfico que representa a estruturação do campo lexical *cultura do vaqueiro*:

Figura 13 – Campo lexical cultura do vaqueiro



Fonte: Elaborado pela autora.

Tendo como ponto de partida o campo lexical delimitado, é perceptível a aplicabilidade dessa organização para a configuração onomasiológica do vocabulário da *cultura do vaqueiro*. Logo, a transpus para o vocabulário apresentado a seguir, de modo a sistematizar as informações em conformidade com suas afinidades semântico-lexicais.

5.2 VOCABULÁRIO DA *CULTURA DO VAQUEIRO*: AS MINÚCIAS DO CAMPO LEXICAL

O vocabulário da *cultura do vaqueiro* é resultado de um empreendimento científico etnográfico, pautado na teoria dos campos lexicais e de princípio léxico-semântico.

De acordo com o *corpus* coletado, o presente vocabulário está sequenciado com base nos princípios lexemáticos e nos sentidos atribuídos pelos participantes da pesquisa às lexias. Sendo assim, o campo lexical da cultura do vaqueiro é composto pela seguinte sequência de macrocampos: 1) *sujeitos*, tendo em vista serem eles os agentes que interagem para que a cultura vaqueira (re)exista até a contemporaneidade; 2) *animais*, pois são a motivação do trabalho desenvolvido pelos vaqueiros; 3) *alimentação*, por ser uma necessidade básica de subsistência; 4) *instrumentos de trabalho*, dado que são objetos e recursos utilizados para o exercício da profissão de vaqueiro; 5) *atividades laborais*, por serem as atividades desenvolvidas pelos vaqueiros em sua faina diária; 6) *acidentes de trabalho*, uma vez que são acontecimentos não previstos na jornada de trabalho dos vaqueiros, mas recorrentes; 7) *práticas medicinais*, são as atitudes corriqueiramente tomadas pelos vaqueiros para zelar pelo bem-estar dos animais; 8) *ambientes de trabalho*, por serem os *lócus* onde os vaqueiros exercem a profissão; 9) *geografia*, por estar relacionada aos aspectos naturais que compõem os *lócus* ocupados pelo vaqueiro; 10) *medidas*, por serem recursos necessários à padronização da compra, da venda e do consumo de produtos, animais, espaços etc.; 11) *religiosidade*, por compilar um aspecto presente na cultura vaqueira desde a colonização e marcar a identidade desse ator social; e, por fim, 12) *eventos*, por serem ações culturais que caracterizam a dinâmica das relações sociais dos sujeitos desse grupo.

Desse modo, apresento, a seguir, o produto lexicográfico resultado de minha trajetória etnográfica em parceria com os vaqueiros de Canindé e Morada Nova.

5.2.1 Macrocampo: Sujeitos

O macrocampo dos *sujeitos* recebe essa designação por comportar as lexias que denominam os atores sociais presentes na cultura vaqueira e observados durante a etnografia. O ponto de partida para a organização desse macrocampo foram as designações de cunho coletivo, seguidas dos tipos de vaqueiro e dos sujeitos não vaqueiros que se fizeram presentes no campo de pesquisa.

Sendo assim, o macrocampo dos *sujeitos* é composto por três microcampos: *genéricos*, para as designações coletivas; *vaqueiros*, para os tipos de vaqueiros; e *não vaqueiros*, para os outros sujeitos que se fizeram presentes no contexto pesquisado.

5.2.1.1 Microcampo: Genéricos

O microcampo *genéricos* é composto por lexias que designam as coletividades, ou seja, referem-se a grupos, e estão ordenadas desde a lexia mais abrangente de caráter positivo, que também se mostrou mais recorrente, à lexia que assume uma posição desprivilegiada no contexto dos vaqueiros.

vaqueirama *s.col.* grupo de vaqueiros composto por muitos sujeitos. **Depois do trabalho, toda a vaqueirama se reunia pra jantar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > genéricos.*

comitiva *s.col.* grupo de vaqueiros que saem para levar o rebanho até o destino onde deve ser entregue. **A gente sempre saia em comitiva de Canindé pro Jaguaribe, onde tinha mais água.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > genéricos. Nota:* A comitiva, de acordo com Alemão (2007), era conduzida por um grupo de vaqueiros em que cada um tinha uma função. A esses vaqueiros chamam: guia, trangerino, rastejador e aboiador.

comandita *s.col.* grupo de vaqueiros que trabalham juntos em que existe uma relação de confiança. **Nós somos da mesma comandita, sempre trabalhamos juntos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > genéricos.*

curriola *s.col.* grupo de vaqueiros que se reúne para beber e comer como momento de entretenimento. **Essas curriolas mancham a imagem do vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > genéricos. Nota:* Este termo possui, segundo os vaqueiros participantes da pesquisa, um sentido pejorativo, pois normalmente está relacionado à vadiagem e à desordem.

sertanejo *s.m.* pessoa que mora ou tem o sertão como seu lugar de origem. **Sertanejo é assim mesmo, não desiste de primeira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > genéricos.*

5.2.1.2 Microcampo: Vaqueiros

O microcampo *vaqueiros* compila as lexias que denominam os tipos de vaqueiros e outras denominações que figuraram como sinônimas a ela no decorrer da etnografia. O microcampo está ainda organizado desde a lexia mais geral *vaqueiro*, seguindo pelas que se referem ao que há de mais tradicional e pelas lexias que tratam dos tipos mais modernos ligados à vaquejada, até os sinônimos de vaqueiro.

vaqueiro *s.m.* trabalhador da propriedade rural responsável pela criação de animais, gerência do espaço e dos recursos necessários para o bom funcionamento da propriedade. **Eu mesmo escolhi ser vaqueiro, porque sempre gostei de cavalo.** *Sinôn.: cavaleiro do sertão.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro>sujeitos>vaqueiros.*

vaqueiro tradicional *s.comp.* vaqueiro que traja a indumentária de couro, utilizando-a como vestimenta de trabalho e criando gado solto em extensões maiores de terra. **Na cavalgada, os vaqueiros tradicionais vão na frente, eles vestem o couro.** *Sinôn.: vaqueiro profissional, vaqueiro encourado.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro profissional *s.comp.* **O vaqueiro profissional cuida mesmo do gado como sempre foi e agora pode ter a carteira assinada como vaqueiro.** *Ver: vaqueiro tradicional.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro encourado *s.comp.* **O vaqueiro encourado é raro hoje, porque, além da roupa ser cara, é pra quem gosta mesmo.** *Ver: vaqueiro tradicional.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro sorteador *s.comp.* vaqueiro que trabalha em regime de divisão da produção com o proprietário dos bois, ficando com um percentagem dos bezerros que nascem. **Meu pai era vaqueiro sorteador, assim ele fez o rebanho dele.** *Sinôn.: vaqueiro da sorte, vaqueiro quarteador.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.* *Nota:* Segundo Girão (1994a), o regime de quartiação consistia no fato de o vaqueiro ficar com um bezerro de cada quatro que nasciam. Esse sistema foi adotado por não haver, à época da colonização do Nordeste do Brasil, recursos para

que os proprietários de terras pagassem salário aos vaqueiro. De acordo com os vaqueiros entrevistados na pesquisa, a porcentagem da quarteação podia variar conforme negociação com o proprietário da terra e dos animais.

vaqueiro da sorte *s.comp.* **Naquela época era comum ser vaqueiro da sorte porque não tinha salário.** *Ver: vaqueiro sorteador. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro quarteador *s.comp.* **Depois de um tempo, o vaqueiro quarteador virava criador de gado, porque ia formando o seu rebanho.** *Ver: vaqueiro sorteador. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro montado *s.comp.* vaqueiro montado a cavalo que se exhibe com satisfação por usar o traje de couro. **É muito bonito ver os vaqueiros montados assim na festa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro guia *s.comp.* vaqueiro que segue à frente do bando, conduzindo a boiada e a comitiva. **O vaqueiro guia tem que ser um homem valente e de visão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. Nota: O vaqueiro guia segue chamando o gado e marcando o ritmo e a direção da caminhada para tirar o gado de um lugar para outro.*

vaqueiro tangerino *s.comp.* vaqueiro que tange o gado a pé na frente da comitiva e da boiada, com o auxílio de um chicote de carroça que segue estalando para ajudar a marcar o passo. **Os vaqueiros tangerinos são raros hoje, eles eram homens muito dispostos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. Nota: De acordo com relatos dos participantes da pesquisa, o vaqueiro tangerino tinha que ser mais esperto que os demais, pois, além de ir à frente, por ir a pé, tinha uma outra percepção do terreno.*

vaqueiro boiadeiro *s.comp.* vaqueiro que toca a boiada junto com a comitiva, cuidando para que os animais não se desgarrem. **Vaqueiro boiadeiro dos bons aqui ainda tem no interior.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro campeador *s.comp.* vaqueiro responsável por procurar o boi perdido da boiada, desgarrado em uma grande faixa de terra. **Meu pai era vaqueiro campeador, vaqueiro danado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro rastejador *s.comp.* vaqueiro que acha o boi perdido pelo rastro, seguindo os sinais deixados pelo caminho. **É difícil achar um vaqueiro rastejador hoje, é uma habilidade em extinção.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. Nota: Ser vaqueiro rastejador é considerada uma habilidade especial entre os vaqueiros, pois só os mais experientes conseguem essa*

proeza. Uma sinal utilizados por muito vaqueiros para identificar se o gado é macho ou fêmea é o rastro de urina, pois o macho urina e pina, enquanto a fêmea urina em cima do rastros, das pegadas.

vaqueiro danado *s.comp.* vaqueiro proativo para resolver situações adversas na propriedade e realizar as tarefas mais difíceis. **Meu pai era vaqueiro campeador, vaqueiro danado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro de curral *s.comp.* vaqueiro que cuida dos animais que são criados em regime de confinamento, em cercados e em ambientes internos de trabalho, na propriedade rural. **Cuidar do gado preso é mais cômodo hoje, por isso tem muito vaqueiro de curral.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro de manejo *s.comp.* vaqueiro que cuida do gado no contexto da propriedade rural e é encarregado de tarefas como ordenhar as vacas, alimentar dos bichos, abater pequenos animais, entre outras. **Hoje, a gente já tem o vaqueiro de manejo, que é esse que fica na vida do campo, tirando leite de vaca, que bota o alimento, mas que não pega o boi no mato.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro aboiador *s.comp.* vaqueiro que entoa aboios, seja para tocar a boiada ou para cantar em homenagem à vida de vaqueiro. **Aqui só tem vaqueiro aboiador dos bons.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. Nota: A habilidade de aboiar é bastante valorizada entre os vaqueiros e eles fazem, muitas vezes, a brincadeira de um responder ou completar o aboio iniciado pelo outro, como em um duelo de repentistas.*

vaqueiro versista *s.comp.* vaqueiro que entoa aboios semelhantes ao repente, podendo ser esse aboio de excitação ou de repente, mas sempre usando temáticas relacionadas ao vaqueiro. **Moisés Uchôa e Zé Marçal são vaqueiros versistas, excelentes aboiadores!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro associado *s.comp.* vaqueiro filiado à associação dos vaqueiros, aboiadores e criadores dos municípios de Canindé e Morada Nova. **Eu estou na associação dos vaqueiro porque é importante pra nossa cultura ser um vaqueiro associado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro de vaquejada *s.comp.* vaqueiro que compete nas vaquejadas esportivas, como vaqueiro derrubador ou vaqueiro esteira, para derrubar o boi e concorrer a prêmios e/ou a troféus. **O vaqueiro de vaquejada é um vaqueiro moderno.** *Sinôn.: vaqueiro de pista, vaqueiro esportista.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

vaqueiro de pista *s.comp.* Durante a festa, os vaqueiros de pista ficaram esperando a sua vez de correr atrás do boi. Ver: **vaqueiro de vaquejada**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

vaqueiro esportista *s.comp.* Meu filho é vaqueiro esportista e já tem muitos trofés. Ver: **vaqueiro de vaquejada**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

vaqueiro puxador *s.comp.* vaqueiro que na vaqueja é o responsável por derrubar o boi entre as faixas, puxando-o pelo rabo. **Na vaquejada o vaqueiro puxador precisa mostrar a força na hora certa.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

vaqueiro derrubador *s.comp.* vaqueiro valente que frequentemente consegue derrubar o boi na vaquejada, nas pegas de boi e na lida diária. **Dudu é vaqueiro derrubador dos bons.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

vaqueiro esteira *s.comp.* vaqueiro que, na vaqueja, é o responsável por manter o boi correndo em direção às faixas e por entregar o rabo do boi ao vaqueiro puxador. **Um bom vaqueiro esteira todo mundo quer.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

vaqueiro mirim *s.comp.* vaqueiro jovem, com idade até 17 anos, que compete na categoria mirim das vaquejadas, como esteira ou derrubador. **Tem vaqueiro de toda idade na vaquejada dos sócios, até vaqueiro mirim.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

cavaleiro *s.m.* vaqueiro quando montado a cavalo. **É bonito de ver os cavaleiros todos reunidos pra festa.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. *Nota:* É interessante o modo como os vaqueiros se referem a si mesmos como cavaleiros, pois esse discurso estabelece a presença do animal de montaria como indispensável, já que os equinos são constantemente presentes no universo cultural desses atores sociais.

cavaleiro do sertão *s.comp.* **O cavaleiro do sertão trabalha de sol a sol, sem folga.** Ver: **vaqueiro**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

cavaleiro andante *s.comp.* vaqueiro que frequentemente campeia no mato a cavalo. **O cavaleiro andante só volta depois de campear e ver que pegou todas as reses.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.

homem disposto *s.comp.* vaqueiro que tem coragem para executar os trabalhos mais difíceis e que exigem dele maior preparo, experiência e resistência. **Só o homem disposto consegue pegar uma rês corredeira dessa.** *Sinôn.: homem esperto. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

homem esperto *s.comp.* **Você viu como ele é um homem esperto? foi pelo caminho que ninguém previa.** *Ver: homem disposto. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

ginete *s.m.* vaqueiro corajoso que monta touro bravo, burro arisco e cavalo chucro. **Ginete é raro por aqui porque o cabra pega qualquer animal.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeito > vaqueiro.*

cabra¹ *s.m.* pessoa que desempenha funções semelhantes a do vaqueiro, pois, além de cuidar do gado, realiza diversos trabalhos braçais na propriedade rural, como um peão. **Toda propriedade tem que ter um cabra, eu aprendi a ser vaqueiro sendo cabra.** *Sinôn.: caboclo. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros. Nota: Na maioria das vezes, o cabra e o caboclo são aprendizes de vaqueiro, porque ainda não desenvolveram todas as habilidades necessárias ao desempenho da profissão.*

caboclo *s.m.* **O caboclo é assim mesmo, é um faz tudo da fazenda.** *Ver: cabra¹. cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

filho da casa *s.comp.* vaqueiro herdeiro do dono da propriedade, mas que trabalha na lida diária para aprender o ofício e cuidar diretamente do que vai herdar. **Sempre fui filho da casa, mas sempre trabalhei de vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > vaqueiros.*

5.2.1.3 Microcampo: Não vaqueiros

O microcampo não vaqueiros é composto pelas denominações dos sujeitos que estão inseridos na cultura vaqueira, mas que não são vaqueiros. A organização desse microcampo segue da lexia mais geral, ligada à origem desses sujeitos, aos sujeitos detentores da terra.

seleiro *s.m.* artesão do couro conhecido por confeccionar a indumentária do vaqueiro e dos animais (equinos e bovinos, por exemplo). **O seleiro é um artista da terra, que veste o vaqueiro com o couro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.* *Nota:* É recorrente que os seleiros sejam também vaqueiros que aprenderam o ofício com outros seleiros.

ferreiro *s.m.* artesão dos metais, que produz peças de uso dos vaqueiros e dos animais. **O ferreiro também é importante para a cultura vaqueira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiro.*

madrinha do vaqueiro *s.comp.* mulher escolhida para representar a tradição vaqueira publicamente, ajudando na organização dos eventos e das reuniões da associação de Morada Nova (AVCMN). **As madrinhas do vaqueiro desfilam em carro aberto na cavalgada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.* *Nota:* O grupo de madrinhas do vaqueiro em Morada Nova é também um apoio logístico para a organização dos eventos da AVCMN.

rainha do vaqueiro *s.comp.* mulher escolhida na festa do vaqueiro para representá-los publicamente. **A rainha do vaqueiro tem que ser uma mulher que conheça a cultura vaqueira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.* *Nota:* Observa-se que a rainha do vaqueiro também tem uma conotação de representante da beleza da mulher vaqueira, pois há ênfase nos aspectos estéticos para justificar a escolha.

veterinário prático *s.m.* pessoa que não possui formação em Medicina Veterinária, mas tem o conhecimento e a experiência com procedimentos para o zelo da saúde dos animais. **Veterinário mesmo é difícil, mas veterinário prático nós temos dois dos bons, um dele é o S. Araújo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.*

criador de gado *s.comp.* pessoa que possui criação de animais bovinos para a venda ou para a produção de carne. **Depois de um tempo, o vaqueiro quarteador acabava virando criador de gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.*

agropecuária *s.m.* pessoa que utiliza de técnicas primárias para a criação de gado e a plantação de pequenas lavouras para subsistência e venda. **É comum encontrar vaqueiros agropecuaristas, mas que também são vaqueiro em suas próprias terras.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > sujeitos > não vaqueiros.*

5.2.2 Macrocampo: Animais

O macrocampo *animais* reúne as designações dos animais presentes na cultura vaqueira, suas utilidades para essa cultura e as particularidades do desenvolvimento e das características físicas desses animais. Desse modo, este macrocampo organiza-os de acordo com as suas finalidades de uso, com o histórico de desenvolvimento físico deles e com os aspectos anatômicos, etnológicos e físicos.

Em suma, o macrocampo *animais* é composto pelos microcampos: *finalidade*, *desenvolvimento*, *anatomia*, *raças*, *cores* e *ações*, como se segue.

5.2.2.1 Microcampo: Finalidade

O microcampo *finalidade* é permeado por designações de animais, de acordo com as suas utilidades na faina do vaqueiro, sendo subdividido em três subcampos que referenciam as designações de cunho generalístico e coletivo (*genéricos*), e as lexias que nomeiam os animais que motivam a atividade laboral do vaqueiro (*de criação*) e os que auxiliam no desenvolvimento do trabalho desses atores (*de trabalho*).

5.2.2.1.1 Subcampo: Genéricos

O microcampo *genéricos* é composto por lexias que nomeiam os animais de modo indeterminado ou que se referem às coletividades, ordenadas desde a lexia de sentido mais genérico e indeterminado a que se refere às coletividades.

animais *s.pl.* designação para todas as espécies de bichos que são criados para venda. **Aqui, meus**

animais são bem tratados, todos bem alimentados e cuidados. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*

animais pequenos *s.pl.* bichos de pequeno porte, como aves, caprinos e ovinos, criados para venda ou subsistência. **Os pequenos animais são a principal alimentação, o que sobra a gente vende.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*

- criação** *s.f.* animal criado para abate, venda e subsistência. **A criação que a gente tem aqui vai desde gado até animais pequenos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*
- bicho** *s.m.* animal de qualquer espécie criado para venda ou abate. **O vaqueiro precisa alimentar os bichos todo dia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*
- gado** *s.m.* animal criado para abate e reprodução. **A principal renda da região é o gado e é assim desde o tempo dos meus avós, tataravôs e por aí vai.** *Sinôn.: rês. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos. Nota: É possível observar que, em determinados contextos, a palavra "gado" designa tanto o animal da espécie dos bovinos quanto os animais de outras espécies também criados para abate.*
- gado vacum** *s.comp.* animal da espécie dos bovinos, entre eles vacas, bois, touros e novilhos. **O Brasil foi colonizado com a criação de ruminante, principalmente o gado vacum.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*
- gado solteiro** *s.comp.* animal criado solto no mato, livre para se alimentar com a pastagem nativa. **Aqui, nessa manga, só tem gado solteiro.** *Sinôn.: gado solto. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*
- gado solto** *s.comp.* **Gado solto era o que mais tinha antigamente, porque não tinha cerca nem curral.** *Ver: gado solteiro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*
- gado perdido** *s.comp.* animal solto no mato e sem localização exata, geralmente pastando em terras que não são de seu proprietário. **Fui muito buscar gado perdido nas fazendas por aí.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos. Nota: Segundo os vaqueiros, hoje é menos frequente haver gado perdido, mas, no passado, quando as fazendas não tinham cercas, era comum.*
- gado malhado** *s.comp.* posição em que o gado se deita sobre as quatro patas e com a cabeça levantada, como em prontidão para se levantar. **O gado malhado reage rápido, parece que tá só observando.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos. Nota: Na maioria das vezes, os participantes da pesquisa usam a lexia "gado malhado" para se referirem ao gado bovino.*
- rebanho** *s.col.* reunião de animais de criação da mesma espécie. **Os rebanhos eram tocados pelos vaqueiros ao som dos aboios.** *Sinôn.: cabeças. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.*

cabeças *s.col.* **Conduzir as cabeças é coisa de vaqueiro.** Ver: **rebanho**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

cabeça de gado *s.comp.* cada unidade dos animais que são criados para venda e abate. **Na minha propriedade, toda cabeça de gado é marcada com a minha ferra.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

rês *s.f.* **A gente vive pra cuidar das reses todo dia, sem folga!** Ver: **gado**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

rês emperrada *s.comp.* animal bovino que não sai do lugar por teimosia. **Uma rês emperrada não tem quem tire do lugar.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos. *Nota:* Segundo os vaqueiros, uma rês emperrada pode ficar por horas no mesmo lugar.

rês mascarada *s.comp.* animal bovino capturado no mato e com a máscara amarrada à cabeça pelos vaqueiros. **O vaqueiro leva a rês mascarada pro curral como um troféu.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

boiada *s.col.* reunião de animais bovinos criados para venda em lote ou para abate. **Já levei muitas boiadas daqui pra Aracati.** *Sinôn.:* entrega, carrada de gado, tirada de gado. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

entrega *s.f.* **Essa entrega precisa ser tocada até o caminhão.** Ver: **boiada**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

carrada de gado *s.f.* **As carradas de gado saiam do sertão pro Jaguaribe quase todo dia.** Ver: **boiada**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

tirada de gado *s.f.* **Quase toda semana levo uma tirada de gado pro Quixadá.** Ver: **boiada**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > animais > finalidade > genéricos.

matriz *s.f.* animal de excelente material genético, preservado do trabalho para a venda desse material genético. **As matrizes são os melhores animais.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > eventos. *Nota:* As matrizes são os maiores animais, os mais bonitos, com a melhor produção de carne e leite.

5.2.2.1.2 Subcampo: Animais de criação

No subcampo *animais de criação* é possível ver compilados os nomes dos animais que são criados pelos vaqueiros para venda ou consumo, isto é, são os animais que motivam a atividade laboral dos cavaleiros do sertão.

Neste subcampo, as lexias estão ordenadas desde os animais de menor aos de maior porte físico.

capote *s.m.* ave de origem africana, de penugem preta pintada de branco, criada para subsistência e venda. **Aqui a gente cria até capote.** *Sinôn.: galinha d'angola. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação. Nota:* É válido destacar que o capote é uma ave que se alimenta dos mesmos grãos e rações que as galinhas, mas também come insetos, inclusive peçonhentos, como o escorpião.

galinha d'angola *s.comp.* **Quando eu era criança, os bichos eram a minha diversão, corria atrás das galinhas d'Ângola, dos carneiros...** *Ver: capote. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

pato *s.m.* ave aquática de bico achatado e patas semelhantes a nadadeiras, criada para venda ou subsistência. **Aqui eu tenho todo tipo de bicho, cavalo, boi, cachorro, até galinha e pato.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

cordeiro enjeitado *s.comp.* filhote de ovino rejeitado pela mãe, que não o reconhece e mantém a distância. **Eu cuidava de tudo quanto era animal, como os cordeiros enjeitados.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

bezerrinho novo *s.comp.* animal da espécie dos bovinos recém-nascido, com poucas horas de vida. **Bezerrinho novo precisa tá sempre perto da mãe pra aprender.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

bezerrinho *s.m.* animal da espécie dos bovinos nos primeiros meses de vida. **Os bezerrinhos mamam muito e precisam ser apartados.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

vaca mansa *s.comp.* animal bovino fêmea que permite ser ordenhada sem esboçar impedimentos. **Uma vaca mansa a gente ordenha rápido porque ela nem se mexe.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

vaca parida *s.comp.* animal bovino fêmea que acabou de dar a luz a um bezerro. **Vaca parida**

precisa ficar com o bezerro por um tempo. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.* *Nota:* a vaca parida, logo depois de o bezerro mamar o colostro, já começa a produzir leite normalmente.

vaca de primeira cria *s.comp.* animal bovino fêmea que acabou de dar a luz pela primeira vez.

A gente precisa ter mais atenção no parto quando a vaca é de primeira cria. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.* *Nota:* os especialistas normalmente chamam o parto da "vaca de primeira cria" de "parto de novilha". A gestação da vaca dura em média de 280 a 290 dias.

vaca de leite *s.comp.* animal bovino fêmea que produz leite e é ordenhada pelos vaqueiros

diariamente. **Na propriedade, sempre tem uma vaca de leite pra fornecer o leite todo dia de manhã.** *Sinôn.: vaca leiteira.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

vaca leiteira *s.comp.* **Todo dia a gente tem que tirar o leite das vacas leiteiras.** *Ver: vaca de*

leite. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

boi armado *s.m.* animal pronto para reagir ou atacar. **Quando o boi armado desembesta a**

correr, só um vaqueiro do bom que pega. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

boi bravo **(boi babro).** [boj 'bravu , boi 'brabu] *s.comp.* animal bovino arisco conhecido por

sua valentia, que não é facilmente capturado pelos vaqueiros. **O boi bravo está montado no mato.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

boi mandingueiro *s.comp.* animal bovino difícil de ser pegue por ser valente e esperto. **Ontem,**

peguei um boi mandingueiro que me cansou a tarde toda. *Sinôn.: boi velhaco.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.* *Nota:* De acordo com os vaqueiros, o boi mandingueiro conhece muito bem a mata onde pasta, pois se esconde e desvia nos caminhos com agilidade.

boi velhaco *s.comp.* **O boi velhaco é esperto e se você não for mais esperto, ele engana**

você. *Ver: boi mandingueiro.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

boi barbatão *s.comp.* animal bovino criado solto no mato, livre para se alimentar da pastagem nativa. **Raimundo Jacó era conhecidos por pegar boi barbatão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.* *Nota:* Boi barbatão era o modo como os bovinos criados no regime de pecuária extensiva eram chamados.

boi mocho *s.comp.* animal da espécie dos bovinos, macho sem chifres, criado para o abate. **Boi mocho é pra fazer carne mesmo, tem nem chifre.** *Sinôn.: boi manso.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

boi manso *s.comp.* **Boi manso é mais fácil de derrubar que touro, é menos resistente.**
Ver: boi mocho. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

touro *s.m.* animal bovino macho que possui o órgão sexual pleno para a reprodução. **Um touro grande assim tem um excelente material genético.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

touro reprodutor *s.comp.* animal bovino macho que possui material genético valorizado para a reprodução, pois é um exemplar da espécie possuidor de saúde e características físicas apreciadas pelos criadores de gado, que o concebem como matriz genética. **Um touro reprodutor vale muito dinheiro, é um animal de qualidade.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.* *Nota:* Há um mercado voltado para a reprodução de bovinos que valoriza exacerbadamente o material genético de animais considerados matrizes. O sêmen desses animais é vendido a altos valores, para gerar rebanhos cada vez mais produtivos para o mercado consumidor de carne e leite, o que, conseqüentemente, aumenta a rentabilidade do proprietário dos animais.

5.2.2.1.3 Subcampo: Animais de trabalho

O subcampo *animais de trabalho* é composto por lexias que designam animais que auxiliam os vaqueiros no desenvolvimento de suas atividades de trabalho, pois esses bichos agem como instrumentos facilitadores das funções desempenhadas pelos vaqueiros.

Aqui as lexias estão também organizadas desde os animais de menor aos de maior porte físico.

cachorro *s.m.* animal da espécie dos caninos considerado pelo vaqueiro mais que uma companhia, um parceiro do trabalho. **Todo vaqueiro que se preza tem um cachorro, ele é um companheiro de trabalho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

jumento *s.m.* animal da família dos equinos asinus de pelagem grisalha em tom de cinza ou marrom, muito utilizado para carga e transporte de pessoas. **A gente carregava os jumentos com os caçuás pra levar farinha e queijo pro mercado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* O jumento tem nas costas uma marca vertical escura, em forma de listra, na base do pescoço, que, segundo os vaqueiros, é a "marca do xixi do Menino Jesus", pois, o menino bebê urinou no colo de Maria quando foi carregado pelo jumento na saída de Belém.

comboieiro (**comboeiro**). [kõboj'ejru , kõbo'ejru] *s.m.* animal do comboio que leva cargas e mantimentos nas costas. **Comboeiro bom anda em qualquer terreno e aguenta a distância que for.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* Os mantimentos são carregados pelos comboeiros em caçuás, surrões, âncoras, ancoretas etc.

burro *s.m.* animal macho da família dos equinos, híbrido e infértil, resultado do cruzamento do jumento com a égua, muito utilizado para cargas e para o transporte de pessoas. **Eu gosto de ter burro por ele anda muito e em qualquer terreno sem reclamar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* Por ser resultante do cruzamento do jumento com a égua, o burro é um animal híbrido infértil, fisicamente mais parecido com a égua, mas de capacidade e resistência do jumento. Quando o filhote desse acasalamento é fêmea chama-se "mula" e quando é macho chama-se "burro".

burro bravo *s.comp.* animal macho da família dos equinos, híbrido e infértil, arisco e conhecido por sua valentia. **Burro bravo é bicho desconfiado, mas mesmo assim ainda é bom, porque anda muito e bebe pouca água.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

mula *s.f.* animal fêmea da família dos equinos, híbrido e infértil, resultado do cruzamento do jumento com a égua, muito utilizado para cargas e para o transporte de pessoas. **A mula é um animal resistente, pode andar léguas sem precisar de água.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* Fêmea do burro.

carreiro *s.m.* animal bovino que puxa o carro de boi. **Os carreiros passavam por aqui no seu passo lento, carregados de coisas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* É válido destacar que o boi foi, desde o Brasil colônia, tração não apenas como carreiro para o carro de boi, mas também para moendas de cana de açúcar e madioca.

animal *s.m.* designação para os equinos que são montados pelos vaqueiros ou pelos moradores da casa. **O meu animal é muito bem tratado, tem que tomar banho e ser escovado todo dia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

animal ruim *s.comp.* equino que está doente ou não tem um bom rendimento de trabalho. **Quando é um animal ruim ele não alcança o boi nem que esteja o melhor vaqueiro montado nele.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

besta *s.f.* animal equino fêmea a partir dos quatro anos, já na fase adulta, com a muda da dentição completa e tenha atingido o pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **Eu tenho uma besta que é boa de correr atrás de boi.** *Sinôn.: égua. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalinho *s.m.* animal equino que ainda não completou o seu crescimento, mas já é montado pelos vaqueiros. **Esses cavalinhos aí já são poldros e todo mundo monta.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalo estropiado (cavalo estrupiado). [ka'valu eʃtru'pjadu , ka'valu eʃtru'pjadu] *s.comp.* equino de idade avançada que aparenta bastante cansaço ou com as patas e os cascos machucados. **O cavalo estropiado precisa de tratamento pra sarar e descansar, as vaquejadas pedem muito do animal.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* Vale ressaltar que, em ambas as ocorrências da lexia, a pronúncia é a mesma para as vogais pré-tônicas o e u, pois, no *corpus* da pesquisa, ela foi majoritariamente percebida como a vogal reduzida [u].

cavalo bom de gado *s.comp.* Animal equino que corre atrás do gado sem o vaqueiro forçar a corrida. **Meu cavalo bom de gado eu não empresto pra ninguém, já peguei muito boi com ele.** *Sinôn.: cavalo de boi. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* Segundo os vaqueiros, o cavalo bom de gado já sabe o caminho que a rês vai percorrer e acompanha passo a passo o percurso até que o vaqueiro derrube o boi.

cavalo de boi *s.m.* **O cavalo de boi é treinado, corre atrás de boi desde cedo.** *Ver: cavalo bom de gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalo de prado *s.comp.* animal equino preparado para corridas de velocidade em terrenos planos. **Um cavalo de prado é forte e preciso pra derrubar o bicho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalo inteiro *s.comp.* animal equino macho que não foi castrado. **Cavalo inteiro é bravo e não gosta de muitos cavaleiros não.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalo de cobertura *s.comp.* animal equino macho que copula com todas as éguas do grupo, sendo reprodutor e líder do grupo. **Cavalo de cobertura é assim, não gosta que outro macho entre no seu espaço.** *Sinôn.: cavalo de lote, garanhão. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

cavalo de lote *s.comp.* **Os cavalos de lote são valentes mesmo, até convivem com outros cavalos em outros espaços, mas no seu território não.** *Ver: cavalo de cobertura. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

garanhão *s.m.* **Aqui a gente monta os garanhões como os cavalos castrados.** *Ver: cavalo de cobertura. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho.*

5.2.2.2 Microcampo: Desenvolvimento

O macrocampo *desenvolvimento* reúne as lexias referentes ao crescimento e ao aprimoramento físico dos animais presentes na cultura vaqueira, estando subdividido em dois subcampos – *fases* e *processos* – que designam, respectivamente, os estágios de crescimentos e as reações biológicas desses animais.

5.2.2.2.1 Subcampo: Fases de desenvolvimento

No subcampo *fases de desenvolvimento* é possível conferir as etapas de crescimento pelas quais passam os animais da cultura vaqueira. Sendo assim, este subcampo está estruturado por sete sub-subcampos que compilam as fases dos animais em suas respectivas espécies, ordenados desde os genéricos, seguindo pelos animais de maior a menor relevância e representatividade na cultura vaqueira.

5.2.2.2.1.1 Sub-subcampo: Genéricos

O sub-subcampo *genéricos* comporta uma lexia que denomina a fase pela qual todos os animais passam.

filhote *s.m.* designação genérica para animal recém-nascido ou muito jovem. **Os filhotes ficam sempre com as mães.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases > genéricos.*

5.2.2.2.1.2 Sub-subcampo: Fases dos bovinos

Neste sub-subcampo, *fases dos bovinos*, estão reunidas as lexias que designam as etapas de crescimentos do gado bovino, desde o nascimento até a fase adulta.

bezerro(a) *s.m.* animal da espécie dos bovinos filhote, até um ano de idade. **Os bezerros são todos apartados de manhã.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos bovinos.*

garrote(a) *s.m.* animal bovino jovem entre dois e quatro anos de idade. **Esses bois maiorzinhos são garrotes, mas ainda brincam.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos bovinos.*

novilhote(a) *s.m.* animal bovino jovem entre quatro e cinco anos e meio de idade. **o novilhote é quase o boi adulto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos bovinos.*

novilho(a) *s.m.* Animal bovino jovem que atingiu a fase adulta, com a maturidade de reprodução. **Quando o boi e a vaca são novilho, já estão no ponto pra dar cria.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos bovinos. Nota: A fêmea dos bovinos é considerada novilha até que emprenhe pela primeira vez.*

vaca *s.f.* animal bovino fêmea já na fase adulta, que atingiu o pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **A vaca deu cria e ficou valente.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases bovinos. Nota: A fêmea dos bovinos só pode ser considerada vaca depois de dar a primeira cria.*

boi *s.m.* animal bovino macho já na fase adulta, que atingiu o pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **O boi era grande demais, deu umas trinta arrobas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos bovinos.*

5.2.2.2.1.3 Sub-subcampo: Fases dos equinos

No sub-subcampo *fases dos equinos*, reunimos as designações para os estágios de desenvolvimentos dos cavalos, desde o nascimento até se tornarem animais adultos.

poldrinho(a) (**podrinho(a); potrinho(a)**). [pow'driɲu , po'driɲu , po'triɲu] *s.m.* animal equino filhote até um ano de idade. **Os poldrinhos já nascem andando, é inscrível as coisas de Deus.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos. Nota:* Ao nascer, o poldrinho tem as pernas compridas, desproporcionais ao seu corpo. Com seis semanas de nascimento, já se alimenta sozinho. Com dois meses, muda o pêlo. E de quatro meses e meio a seis meses de idade, é desmamado.

poldrete (**podrete; potrete**). [pow'dretʃi , po'dretʃi , po'tretʃi] *s.m.* animal equino de um ano de idade que está entrando na puberdade. **Não é bom montar podrete, prejudica o crescimento do animal.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos.*

poldro(a) (**podro(a); potro(a)**). [ˈpowdru , ˈpodru , ˈpotru] *s.m.* animal equino jovem com mais de dois anos de idade capaz de reproduzir, mas que não concluiu a muda da dentição e, por isso, ainda não pode ser considerado adulto. **Ele é poltro, é cavalo novo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos. Nota:* Observa-se que os participantes da pesquisa assimilaram a pronúncia do D para T, cumprindo o mecanismo de sonorização, ou seja, trocaram a consoante apico-dental sonora [d] pela surda [t]. Contudo, ambas as formas são dicionarizadas e aceitas, de acordo com o dicionário ABL (2008).

égua *s.f.* **Quando a égua tá no cio não é bom misturar com os cavalos.** *Ver: besta. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos. / cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de trabalho. Nota:* As éguas alcançam a puberdade entre 15 e 25 meses de idade, podendo procriar com dois a três anos, embora quatro anos seja a idade mais aceitáveis. Depois da primeira gestação, a égua entra no cio novamente em 7 dias. A gestação dos equinos cavалares dura em média 11 meses.

cavalo *s.m.* animal equino macho a partir dos quatro anos, já na fase adulta, com a muda da dentição completa e que atingiu o pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **Cavalo adulto já trocou os quatro dentes.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos equinos.*

5.2.2.2.1.4 Sub-subcampo: Fases dos caprinos

No sub-subcampo *fases dos caprinos*, estão ordenadas as lexias que denominam os estágios de desenvolvimento dos caprinos, desde o início ao completo amadurecimento da vida desses animais.

cabrito(a) *s.m.* animal caprino recém-nascido, considerado filhote, até seis ou sete meses de idade. **Os cabritos também tem o estinto de bater a cabeça.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos caprinos.*

bodeco(a) *s.m.* animal caprino crescido e em processo de maturação do desenvolvimento para ser considerado adulto. **Lá na fazenda tem cabrito, bodeco, cabra...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos caprinos.*

novilha de cabra *s.comp.* animal caprino fêmea jovem, com mais de quarenta e cinco quilos e seis ou sete meses de idade, capaz de reproduzir, mas que não concluiu o processo de maturação do desenvolvimento físico e reprodutor. **A novilha de cabra já pode reproduzir, mas não é bom ainda porque ela não está toda formada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos caprinos.*

cabra² *s.f.* animal caprino fêmea adulto, já em pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **A cabra produz um leite muito valorizado no mercado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos caprinos.* *Nota:* De acordo com os vaqueiros, a gestação das cabras dura em média 150 dias e, assim como as vacas, tornam-se produtoras de leite a partir da primeira gestação.

bode *s.m.* animal caprino macho adulto que cobre as fêmeas para a reprodução. **Os bodes, no geral, são principalmente pra produzir carne.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos caprinos.*

5.2.2.2.1.5 Sub-subcampo: Fases dos ovinos

Neste sub-subcampo, *fases dos ovinos*, estão reunidas as lexias que referenciam a evolução física dos ovinos, começando pela fase de menor idade do animal até a fase adulta.

cordeiro(a) *s.m.* animal ovino macho, considerado filhote. **O filhote da ovelha é cordeiro e não cabrito** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos ovinos.*

borrego(a) *s.m.* animal ovino jovem, antes da fase adulta. **As pessoas vão na feira pra comprar principalmente borregos e marrans de ovelha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos ovinos.* *Nota:* Há uma aproximação entre as fases de borrega e marram de ovelha, visto que não é a idade do animal que determina a denominação, mas o trabalho do bicho, visto que a marram de ovelha é o animal em sua fase mais robusta, no que se refere ao porte físico.

marram de ovelha *s.comp.* animal caprino fêmea jovem, com mais quarenta e cinco quilos e seis ou sete meses de idade, capaz de reproduzir, mas que não concluiu o processo de maturação do desenvolvimento físico e reprodutor. **A marram de ovelha ainda está quase na fase adulta.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos ovinos.*

ovelha *s.f.* animal ovino fêmea adulto, já em pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **As ovelhas são excelentes reprodutoras.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos ovinos.* *Nota:* De acordo com os vaqueiros, a gestação das ovelhas dura em média 152 dias.

carneiro *s.m.* animal caprino macho na fase adulta que cobre as fêmeas para a reprodução. **O carneiro é muito consumido nas festas de vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos ovinos.*

5.2.2.2.1.6 Sub-subcampo: Fases dos suínos

O sub-subcampo *fases dos suínos* comporta as lexias referentes ao ciclo de desenvolvimentos dos suínos, desde filhotes até a fase mais madura.

bacurinho(a) (**bacurim**). [baku'rĩŋu , bacu'rĩ] *s.m.* animal suíno recém-nascido, considerado filhote. **Uma porca dá muitos bacurim numa barrigada só.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos suínos.*

bacorote(a) *s.m.* animal suíno crescido e em processo de maturação do desenvolvimento para ser considerado adulto. **Os bacorotes brincam e comem o tempo todo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos suínos.*

porco(a) *s.m.* animal suíno adulto, já em pleno desenvolvimento físico e reprodutor. **Os vaqueiros sempre criam porcos e outros animais pequenos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos suínos. Nota:* De acordo com os vaqueiros, a gestação das porcas dura em média 115 dias.

varrão (**barrão**). [va'rãw , ba'rãw] *s.m.* animal suíno macho reprodutor de grande porte que copula com todas as fêmeas. **Um varrão aumenta muito a produção dos porcos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases dos suínos. Nota:* Os participantes assimilaram a pronúncia de V para B, visto que substituíram o som fricativo da sonora por a bilabial também sonora.

5.2.2.2.1.7 Sub-subcampo: Fases das aves

E, por fim, O sub-subcampo *fases das aves* reúne as lexias que denominam os estágios de desenvolvimento das galináceas, desde o início ao amadurecimento físico desses animais.

pinto(a) *s.m.* ave doméstica filhote de galinha, nos primeiros dias de vida. **Os pintos quebram os ovos com uns vinte dias.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases das aves. Nota:* Para nascer o pinto, a galinha precisa ser fecundada pelo galo, para depois botar os ovos e chocá-los por aproximadamente 20 dias, quando os pintinhos quebram as cascas dos ovos para nascerem.

pintote(a) *s.m.* ave doméstica filhote de galinha no processo de muda da penugem nos primeiros dias de vida. **O pintote passam o dia ciscando no terreiro pra crescerem logo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases das aves.*

frango(a) *s.m.* ave jovem, ainda não adulta, criada para alimentação e comercialização. **A gente cria frango, pato, capote...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases das aves. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > vaqueiro > sólido.*

galinha *s.f.* ave galiforme criada para venda e subsistência. **As galinhas ganham o terreiro todo dia, passam o dia soltas e à noite vão pro puleiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases > das aves. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > finalidade > de criação.*

galo *s.m.* ave macho criado para reproduzir com as galinhas e proteger a prole dos predadores. **O galo canta todo dia cinco horas da manhã.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > fases das aves.*

5.2.2.2.2 Subcampo: Processos de desenvolvimento

O subcampo *processos de desenvolvimento* reúne dois sub-subcampos – *genéricos* e *processos dos equinos* – que compilam as lexias referentes às reações físicas dos organismos dos animais, que, por sua vez, acontecem como ações involuntárias sinalizadoras de uma evolução biológica.

5.2.2.2.2.1 Sub-subcampo: Genéricos

O sub-subcampo *genéricos* comporta uma lexia que denomina um processo evolutivo de aprimoramento físico pela qual passa todos os animais.

muda *s.f.* processo de renovação pelo qual passa os animais para a substituição dos pelos, da pele e das penas. **A muda dos cavalos marca se eles já são adultos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > processos > genéricos.*

5.2.2.2.2.2 Sub-subcampo: Processos dos equinos

No sub-subcampo *processos dos equinos*, estão as lexias referentes à progressão físicas dos cavalos, desde a denominação do processo como um todo às etapas pelas quais passam os equinos, até concluírem o período de maturação.

dentição do cavalo *s.comp.* processo de troca dos dentes pelo qual passa os cavalos. **Toda a dentição dos cavalos precisam ser acompanhada para evitar complicações.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > processos dos equinos.*

primeira muda *s.comp.* troca dos dentes incisivos da frente (pinças), por volta dos dois anos ou dois anos e meio. **A primeira muda do meu cavalo ocorreu com dois anos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > processos dos equinos.*

segunda muda *s.comp.* troca dos dentes incisivos médios (laterais a pinça), por volta dos três ou quatro anos. **Quando cai o segundo par de dentes, as pinças, aí sim aconteceu a segunda muda, porque vão nascer outros no lugar dos que caíram.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > processos dos equinos. Nota:* O quarto par de dentes, os curumins, começa a nascer lentamente.

terceira muda *s.f.* troca do terceiro par de dentes incisivos, depois dos quatro anos, e crescimento dos caninos (curumins). **Depois da terceira muda do cavalo já é considerado adulto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos. Nota:* Quando os equinos cavaleares trocam o terceiro par de dentes estão quase concluindo a fase de poldro.

igualar os dentes *fras.* concluir o processo de muda dos dentes dos cavalos, por volta dos cinco anos, quando os caninos terminam de nascer. **O animal é adulto quando iguala os dentes, depois que nascem todos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > desenvolvimento > processos dos equinos. Nota:* Segundo os vaqueiros, essa lexia se deve ao fato de quando o processo é concluído os dentes do animal ficam todos iguais, no mesmo nível.

5.2.2.3 Microcampo: Anatomia

O microcampo *anatomia* compila as lexias que denominam as partes do corpo dos animais, sejam elas externas ou internas.

Este microcampo é constituído por três subcampos, ordenados do geral até os animais de criação e trabalho, que tratam respectivamente das lexias da anatomia de âmbito genérico, dos bovinos e dos equinos.

5.2.2.3.1 Subcampo: Genéricos

O subcampo dos genéricos comporta as lexias que designam os elementos da anatomia que são comuns a inúmeros animais da cultura vaqueira ou inseridos pelo homem na anatomia desses animais. Sendo assim, as lexias estão sequenciadas do elemento anatômico de nascença aos produzidos pelo homem.

sinal *s.m.* 1. marca de nascença no corpo dos animais que os distingue dos demais e identifica. 2. marca produzida pelos criadores, nas orelhas dos animais, para marcar a propriedade. **1. Meu cavalo tinha um sinal de nascença bem na cabeça e putro na pata. 2. Marco minhas ovelhas com um sinal parecido com o do meu pai.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > genéricos.* *Nota:* 1. dentre os sinais de nascença dos animais podemos destacar alguns recorrentes entre os cavalos, como "flor" ou "estrela" (uma mancha no auto da testa), "cordão" ou "listra" (uma fina listra do alto da testa ao focinho), "ladre" ou "beta" (uma pequena mancha entre as narinas), "frente aberta" (larga listra do alto da testa ao focinho), "mala cara" (grande mancha que cobre toda a cara do animal), "boca de leite" (mancha que encobre boca, narina e focinho do animal) e "bebe em leite" (pequena mancha que marca apenas a boca do animal). 2. o sinal é normalmente usado para marcar as pequenas criações, como caprinos, ovinos e suínos.

sinal encoberto *s.comp.* marca de nascença do órgão genital dos animais que os distingue dos demais e identifica, mas só é revelado quando o órgão é exposto. **Os sinais encobertos nem sempre são descobertos logo, a gente consegue ver msm quando o animal já é adulto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > genéricos.*

ferra *s.f.* marca estampada na pele do animal, que representa o dono, autentica a propriedade. **A festa de apatação era justamente pra colocar a ferra nos animais.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > genéricos.* *Nota:* A ferra foi por muito tempo impressa na pele dos animais a ferro quente, mas hoje há outras técnicas disponíveis mais modernas e menos dolorosa para os animais, como o óleo e o nitrogênio. Normalmente, os animais são marcados no dorso, próximo ao percoço, ou nas ancas. Todos os animais da criação, até os de trabalho, eram e são marcados até hoje.

contra-ferra *s.comp.* nova marca estampada na pele dos animais já marcados para indicar o proprietário atual. **Tem animal aqui cheio de contra-ferra, aí a gente sabe de quem já foi aquele boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > genéricos.* *Nota:* A contra-ferra deve ser feita sempre à direita ou abaixo da(s) ferra(s) já existente(s).

freguesia *s.f.* marca estampada na pele do animal, que representa o município de origem. **A freguesia é uma homenagem ao padroeiro da cidade.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > genéricos.* *Nota:* Em geral, os animais são marcados duas vezes, uma com a ferra, que representa o proprietário, e outra com a freguesia, que representa o município de origem. O desenho da marca da freguesia é geralmente uma homenagem ao padroeiro do município, por exemplo, em Morada Nova é "ES" de Divino Espírito Santo e Canindé é "F" de São Francisco de Canindé.

5.2.2.3.2 Subcampo: Anatomia dos bovinos

No subcampo *anatomia dos bovinos*, há a denominação dos elementos anatômicos pertencentes ao corpo do gado bovino, que, por sua vez, estão organizadas desde as lexias que nomeiam as partes que estão no alto da cabeça do animal, seguindo da dianteira à traseira do bicho.

chifre *s.m.* ponta óssea recurvada que nasce na cabeça dos bovinos. **O vaqueiro pega o boi pelos chifres e cai junto com ele.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.*

Nota: Os chifres não são uma particularidade dos bovinos, sendo também encontrados em outros ruminantes criados pelos vaqueiros, como ovinos e caprinos.

narina *s.f.* orifícios do nariz do bovino, fossas nasais. **Depois que a rês cai, é só segurar na narina do animal que ela não sai do lugar.** *Sinôn.: venta. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*

cangote *s.f.* pescoço do animal bovino. **O vaqueiro caiu agarrado no cangote da rês.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.*

corcova *s.m.* protuberância nas costas dos animais bovinos que armazena uma reserva de nutrientes para os animais. **O zebu é aquele gado da corcova bem grande, é um bichão!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos. Nota:* A corcova do gado zebu é cheia de reservas nutritivas, e é esse o motivo pelo qual essa espécie é apelidada popularmente de boi de corcova.

mão *s.f.* patas dianteiras dos bovinos. **É preciso amarrar uma mão do boi com a outra, e as pernas também, pra conseguir manejar o animal.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos. Nota:* Essa mesma denominação é adotada também para os membros anteriores de equinos, caprinos, ovinos e suínos.

umbigo *s.m.* parte do canal que ligava o bezerro à vaca pelo ventre, na vida intrauterina. **Aqui a gente trata até o umbigo do bezerro quando nasce.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos. Nota:* o umbigo do bezerro precisa ser tratado até que caia para posteriormente virar apenas uma cicatriz no ventre do animal.

coalho *s.m.* enzima retirada do intestino do bovino, usada para coalhar o leite. **Fiz muito queijo com coalho mesmo do boi, não esses comprimido que usam hoje.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos. Nota:* Foi essa enzima que deu origem ao nome do queijo de coalho.

perna *s.f.* patas traseiras dos bovinos. **Você pode pear uma mão com uma perna cruzadas, ou só as pernas do boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.* *Nota:* Essa mesma denominação é adotada também para os membros posteriores de equinos, caprinos, ovinos, suínos e aves.

ancas *s.pl.* nádegas dos animais bovinos. **As ancas dessa vaca não nega que ela está no ponto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.* *Nota:* As ancas são observadas pelos vaqueiros como um sinal para saber se o animal está no peso ideal.

rabo *s.m.* prolongamento da coluna do animal, cauda. **Na vaquejada o vaqueiro puxa o rabo do boi, mas hoje tem uma proteção que eles chamam de rabo artificial e não machuca.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*

5.2.2.3.3 Subcampo: Anatomia dos equinos

Neste subcampo, *anatomia dos equinos*, estão contidas as lexias que designam as partes do corpo dos equinos cavalares. Desse modo, o subcampo está ordenado desde as lexias que denominam as partes do localizadas na cabeça no animal até à traseira.

curumim (culumim). [kuru'mĩ, kulu'mĩ] *s.m.* quarto e último par de dentes incisivos do cavalo a ser trocado durante o processo de desenvolvimento do animal. **Quando os curumins nascem, o animal já é considerado cavalo adulto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.* *Nota:* O curumim, também chamado de canino, é localizado na parte posterior da boca do animal, depois dos dentes incisivos, e presente apenas em animais machos como um sinal de que ele está adulto e maturado para a reprodução. Quando a égua possui o curumim significa que o animal é estéril, pois apresenta um nível elevado de testosterona no organismo.

venta *s.f.* **A venta do cavalo fusa o tempo todo.** *Ver: narina.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos. / cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia > dos bovinos.*

francho (chanfro). [ˈfrãʃu , ˈʃãfru] *s.m.* parte frontal do rosto dos equinos entre a venta e os olhos. **O breque tem que encostar no francho do cavalo pra ele sentir a puxada e parar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*

- crina** *s.f.* pelugem mais cumprida que vai do topo da cabeça à base do pescoço dos equinos . **Tem cavalo que tem a crina bonita demais, parece cabelo de mulher.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- sangria** *s.f.* parte da frente do cavalo entre o dorso do pescoço e o topo das patas dianteiras. **Quando eu vi o pau tinha acertado mesmo na sangria do cavalo. Foi sangue demais!** *Sinôn.: peito. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- peito** *s.m.* **O peito do cavalo também precisa ser protegido das pancadas da garranjada.** *Ver: sangria. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- pá** *s.f.* osso que une as patas dianteiras ao tronco do cavalo, clavícula. **A pá do cavalo é mais pra frente, igual o nosso ombro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- lombo** *s.m.* dorso do animal equino, onde o vaqueiro posiciona a sela de montaria. **Quando subo no lombo do cavalo, meu destino é cavalgar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- garupa** *s.f.* parte posterior do lombo dos equinos onde é posicionado o rabicho da sela. **Na garupa a gente prende a manta, a mascara e os alforge.** *Sinôn.: traseira. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- traseira** *s.f.* **Pela traseira a gente vê que o animal é robusto, bem nutrido.** *Ver: garupa. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos.*
- rejeto (jarrete).** [re'ʒetu , ʒa'retʃi] *s.m.* joelho da perna traseira de cavalos, bois e outros quadrúpedes, que dobram para trás. **Quando eu era criança e nem alcançava, subia na sela pelo rejeto do cavalo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos equinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > anatomia dos bovinos.*

5.2.2.4 Microcampo: Raças

No microcampo *raças* estão contidas as lexias que denominam as raças dos animais presentes na cultura vaqueira e que foram citados pelos participantes durante a etnografia. Sendo assim, estruturamos este microcampo com três subcampos, que tratam das raças dos animais de criação – bovinos e ovinos – e das

raças dos animais de trabalho – equinos –, ordenando-as pela representatividade perante a cultura vaqueira.

5.2.2.4.1 Subcampo: Raças dos bovinos

O subcampo *raças dos bovinos* é constituído pelas denominações das raças de bovinos presentes na cultura vaqueira, ordenadas desde o menor ao maior porte físico dos animais.

jersey *s.m.* raça bovina de origem europeia de pequeno porte físico e dócil. **O gado jersey é pequeno, mas é resistente.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos. Nota:*

Os gados da raça jersey são resistente aos calor e facilmente se adaptam à mudança de clima.

pé duro (gado pé duro, cavalo pé duro). *s.comp.* animal sem raça definida ou resultante da mistura de várias raças. **O melhor gado pra criar aqui, numa quintura dessa, é o pé duro, por que já é adaptado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos*

cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos. Nota: De acordo com Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016), existe a raça "pé duro" é nativa brasileira, pois veio para o Brasil, onde se adaptou ao clima.

crioulo (criolo). [kri'owlu , kri'olu] *s.m.* raça de bovinos e equinos que se origina da mistura de raças africanas, indianas e europeias. **O gado crioulo tem os chifres bem longos, é uma marca dessa raça.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos.*

nelore *s.m.* raça de gado bovino originária da Índia, que possui pelagem branca e pele preta. **Aqui tem muito nelore porque eles produzem muita carne.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos. Nota:* A esta raça é o conferida uma tolerância extraordinária ao calor, fato que provavelmente contribuiu para a sua adaptação ao clima do Nordeste.

zebu *s.m.* espécie ou subespécie de bovino, geralmente, corpulento e que apresenta uma grande corcova nas costas. **O zebu é aquele gado da corcova bem grande, é um bichão!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos. Nota:* A corcova do gado zebu é cheia de reservas nutritivas, e é esse o motivo pelo qual essa espécie é apelidada popularmente de boi de corcova. Segundo Manelito Dantas (CARNAÚBA, 2016), o gado brasileiro é de origem zebu ou alta cruza zebu.

holandês *s.m.* raça de gado bovino originária da Europa, que possui pelagem malhada e alta produção de leite. **O gado holandês é manso, ideal para ordenha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos bovinos.* *Nota:* As vacas holandêsas são consideradas as maiores produtoras de leite, produzem 70% do leite brasileiro.

5.2.2.4.2 Subcampo: Raças dos ovinos

O subcampo *raças dos ovinos* é composto pelas designações das raças de ovelhas e carneiros presentes na cultura vaqueira, sequenciadas desde o menor ao maior porte físico desses animais.

mestiça *s.f.* animal ovino resultante do cruzamento de raças diferentes, o que gera um animal de raça indeterminada. **Lá na fazenda também tem ovelha mestiça, pra gente começar a ver qual das cruzas que dá mais certo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos ovinos.*

santa inês *s.comp.* animal ovino robusto e de pouca estatura, mistura de raças nordestina e europeia. **A ovelha santa inês dá leite igual as cabras.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos ovinos.* *Nota:* A ovelha "santa inês" é resultado do cruzamento da ovelha "morada nova" com a raça italiana "bergamácia", produtora de leite e lã, o que deu à "santa inês" excelente capacidade leiteira.

morada nova *s.comp.* animal da família dos ovinos robusto e de pouca estatura, de raça desenvolvida no município de Morada Nova no Ceará (Nordeste do Brasil). **Aqui, ovelha morada nova é o que mais tem, essa raça nasceu aqui mesmo em Morada Nova.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos ovinos.* *Nota:* A ovelha "morada nova" é resultado do cruzamento da ovelha "jaguaribe" com outras raças de origem portuguesa, espanhola e indiana, e tem como características não produzir lã, não possuir chifres e ter couro de excelente qualidade. Segundo os vaqueiros participantes da pesquisa, o couro da ovelha morada nova é considerado térmico, pois esfria quando está quente e esquenta qdo está frio, por essa razão é o preferido para fazer borracha de couro e mocós.

dorper *s.f.* raça de ovinos advinda da África do Sul, que se adaptou ao clima do Nordeste. **Aqui já tem gente cruzando dorper com outras raças pra ver o tipo de animal que dá.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos ovinos.* *Nota:* A ovelha "dorper" tem um rápido crescimento, podendo ser abatida a partir dos cem dias de vida, e destaca-se na produção de carne.

5.2.2.4.3 Subcampo: Raças dos equinos

No subcampo raças dos equinos estão as raças de equinos cavалares mais observadas e também citadas pelos participantes na etnografia, estando as raças organizadas de acordo com o porte físico dos animais, iniciando no menor e concluindo a listagem no maior.

pônei *s.m.* animal equino cavalар de pequeno porte originário da Escócia. **As crianças adoram andar nos pôneis, é uma iniciação na montaria.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos.*

cavalo sertanejo *s.comp.* animal equino cavalар de raça indefinida porte físico franzino, estatura mais baixa, mas resistente a condições adversas. **Ter um cavalo sertanejo é bom pra campear grandes distâncias, porque ele aguenta o dia inteiro sem reclamar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos. Nota:* O cavalo sertanejo é esguio, sóbrio, pequeno, rabo compridíssimo, crinas grandes, capaz de resistir a todas as privações, a todos os serviços e a todos os esforços. É o melhor auxiliar do vaqueiro e ele o estima e trata com o maior carinho (BARROSO, 2006, p. 59).

appaloosa *s.f.* equino cavalар de pele e pelugem com pintas pelo corpo, originário da América do Norte. **Tem appaloosa que parece um dalmata, todo pintadinho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos. Nota:* Os animais da raça appaloosa são descendentes de animais vindos da Europa, durante a colonização Americana, porém esses animais foram soltos e tornaram-se selvagens, vivendo à margem dos rios. Tempos depois, os índios americanos do vale do rio Palouse os capturaram e domesticaram, dando-lhes o nome de Appaloosa em homenagem ao rio.

mangalarga (mangalarga marchador). *s.m.* animal equino cavalар de médio porte, originalmente brasileiro. **O mangalarga normalmente marcha macio, por isso que ele é conhecido como marchador.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos. Nota:* O cavalo manga-larga surgiu do cruzamento dos cavalos portugueses com os cavalos de raça indeterminada selecionados pelos fazendeiros brasileiros.

paint horse *s.comp.* animal equino cavalар originário dos Estados Unidos da América, semelhante ao quarto de milha, mas com grandes manchas pelo corpo. **Aquele cavalo malhado é um paint horse.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos. Nota:* A raça "paint horse" surgiu quando os animais "quarto de milha" nasciam com um padrão de pele e pelagem com a mistura de cores, assim, esses animais foram separados, dando origem a uma nova raça.

quarto de milha *s.comp.* animal equino cavalari robusto, originário dos Estados Unidos da América e conhecido por desenvolver velocidade em pequenas distâncias. **Esse quarto de milha faz a prova dos tambores em pouquíssimo tempo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças dos equinos.* *Nota:* A raça "quarto de milha" é resultado do cruzamento entre éguas de "sangue inglês" e os cavalos dos indígenas americanos.

sangue inglês *inglês. s.comp.* animal equino cavalari de dorso mais longo originário da Inglaterra. **O sangue inglês é um animal rápido, muito ágil.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > raças > dos equinos.* *Nota:* O sangue inglês é resultado do cruzamento de éguas inglesas e garanhões árabes e tem por característica marcante a velocidade do galope.

5.2.2.5 Microcampo: Cores

O microcampo *cores* é composto por dois subcampos e compila as lexias que denominam as cores dos animais. Vale ressaltar que o microcampo está ordenado desde os animais de criação aos de trabalho – *cores dos bovinos* e *cores dos equinos*.

5.2.2.5.1 Subcampo: Cores dos bovinos

No subcampo *cores dos bovinos* estão reunidas as lexias que foram aludidas pelos participantes como cores de bovinos, mas que não se restringem a essa espécie. Sendo assim, aqui as ordenamos da cor mais escura à mais clara.

preto *adj.* diz-se da cor de bovinos e equinos que é a mais escura, negra. **O touro preto era valente demais, dava carreira em quase todo mundo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos.*

azeitão *adj.* diz-se da cor dos bovinos que se assemelha ao azeite, pouco esverdeada e pouco acinzentada. [...] **Soube logo que um boi liso azeitão, muito gordo, dos apanhados na vaquejada, começou a rodar no curral, desde a tarde, a ponto de não poder dar uma passada sem corromper.** [...] (PAIVA, 1999). *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos bovinos.*

lavrado *adj.* diz-se da cor dos bovinos que tem tom alaranjado, claríssima e não uniforme. **O boi lavrado se camufla no meio da mata.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos bovinos.*

5.2.2.5.2 Subcampo: Cores dos equinos

Neste subcampo, *cores dos equinos*, estão listadas as lexias que foram citadas como cores de equinos, mas que não se restringem a essa espécie. Desse modo, as lexias estão organizadas também da cor mais escura para a mais clara.

castanho (castanho escuro; castanho claro). *adj.* diz-se da cor de equinos e bovinos que se assemelha à tonalidade de amêndoas, amarronzada. **O cavalo castanho é o mais comum aqui, às vezes mais claro, às vezes mais escuro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos bovinos.*

castanho caboclo *loc.adj.* diz-se da cor de equinos que se assemelha à tonalidade de amêndoas, mas com a crina e a calda em tom mais claro. **O cavalo sertanejo tem a cor castanho caboclo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos.*

rosilho *adj.* diz-se da cor de equinos que têm o pelo avermelhado misturado com pelos brancos. **Meu cavalo rosilho é mais claro, mais clarinho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos.*

roxo *adj.* diz-se da cor de equinos que se assemelha a uma mistura de pelos cinza, branco e preto, e se aproxima ao tom de roxo. **Olha! Aquela é uma burrinha roxa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos.*

melado *adj.* diz-se da cor de equinos que se assemelha ao bege claro com as extremidades do corpo do animal amareladas. **Esse cavalo melado ainda é inteiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores nos equinos.*

alazão amarelo *loc.adj.* diz-se da cor de equinos que apresenta pelagem curta amarelada, com crina e calda mais claras e douradas. **O cavalo alazão amarelo tem a calda e crina mais claras mesmo, parece loiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos.:*

alazão da frente aberta *loc.adj.* diz-se da cor de equinos que apresenta pelagem curta amarelada, com crina e calda da mesma cor, mas a parte frontal da sangria ou da cabeça têm cor mais clara ou branca. **Aqui na festa tem um cavalo alazão de frente aberta. Procura, ele tem uma mancha braca na cara.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos. Nota:* essa cor de pelagem é característica de cavalos árabes e se fixou no Brasil.

pedrês *adj.* diz-se da cor de equino que é mais clara, branca, mas com pequenas manchas ou pintas pretas e cinzas salpicadas pelo corpo. **Meu cavalo já correu muitas vaquejada e pegas de boi, é aquele alí, o pedrês.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos. Nota:* O cavalo não nasce pedrês, primeiramente ele é cardão e, depois de atingir uma idade mais avançada, a cor se modifica para pedrês.

cardão (**cardã**). *adj.* diz-se da cor de equino que é a mais clara, branca. **Quando comecei a ser vaqueiro, meu cavalo era cardão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos. Nota:* O cavalo é considerado cardão quando é total branco, normalmente alça esse padrão de cor até os primeiros anos de vida adulta.

gazim (**gazo**). [ga'zi , 'gazu] *adj.* diz-se da cor de equinos que equivale ao albino. **Aquele cavalo é gazim, todo loirinho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > cores dos equinos. Nota:* Assim como os albinos humanos, os cavalos albinos também tem propensão a dificuldades de visão, por conta da luminosidade, e problemas de pele, pela ausência de melanina.

5.2.2.6 Microcampo: Ações

O microcampo *ações* reúne as atitudes dos animais no cotidiano e é constituído pelos subcampos das *ações dos bovinos* e *dos equinos*, seguindo o mesmo padrão de sequência do microcampo anterior.

5.2.2.6.1 Subcampo: Ações dos bovinos

No subcampo *ações dos bovinos* está citada a *lexia* que designa a ação mais recorrente entre os bovinos, de acordo com os participantes da pesquisa.

ruminação *s.f.* ação de regurgitar e mastigar novamente o alimento já engolido, para auxiliar na digestão. **As vacas passam o dia assim nessa ruminação. Mastiga, mastiga e engole de novo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ações dos bovinos.*

5.2.2.6.2 Subcampo: Ações dos equinos

Neste subcampo, *ações dos equinos*, estão listadas as lexias referentes à reação e ao modo de locomoção dos equinos cavалares, estando ordenadas desde a mais lenta a mais rápida.

coice *s.m.* pancada desferida pelos animais quadrúpedes, principalmente os equinos, com os cacos traseiros. **Essa égua dá coice, é só chegar perto da cria dela.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ação dos equinos.* *Nota:* O animal pode dar coice com as duas patas traseiras, apoiando-se nas patas dianteiras, ou apenas com uma pata traseira, mantendo-se no apoio de três patas.

passo *s.m.* caminhada lenta de baixo impacto para cavalo e cavaleiro. **O passo desse cavalo é firme e macio.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ação dos equinos.* *Nota:* De acordo com os participantes da pesquisa, no passo, o cavalo anda em média a 6 km/h. Existem também variações de passo, como o passo reunido, em que as patas traseiras do animal pisam atrás do rastro das patas dianteiras; o passo médio, em que as patas traseiras pisam em cima do rastro das dianteiras; e o passo longo, em que o animal dá um ultrapasso, ou seja, as patas traseiras pisam à frente do rastro da dianteira.

marcha *s.f.* caminhada em passo acelerado que amortece o impacto para o cavaleiro. **Esse cavalo marcha macio, muito confortável.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ações dos equinos.* *Nota:* A marcha alterna triplos apoios com apoios diagonais e laterais, produzindo a estabilidade do tronco do animal e, conseqüentemente, do cavaleiro. Nesse movimento, o animal passa a maior parte do tempo apoiado, alcançando até 60% do tempo de apoio durante a marcha, o que caracteriza a maciez do movimento.

choto *s.m.* caminhada em passo acelerado sem amortecer o impacto das pisadas, fazendo com que o cavaleiro pule montado à sela. **O andar desse cavalo é choto, quando você chega, já está cansado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ação dos equinos.* *Nota:* De acordo com os vaqueiros participantes, o cavalo que chota pode aprender a marchar se ensinado desde poldro.

trote *s.m.* caminhada em passo acelerado, alternando o apoio das patas em diagonal com pequenos pulos. **O trote do animal é quase um galope, porque ele vai mais rápido, mas não corre.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ação dos equinos.* Nota: No trote, o animal se movimenta em diagonal, levantando ao mesmo tempo a pata dianteira de um lado e a pata traseira do outro, alternando os pares de patas com pequenos pulos, o que ocasiona um tempo de suspensão no ar.

galope *s.m.* corrida suave ou em disparada alternando com o apoio sucessivo das patas traseiras, seguidas das dianteiras e da suspensão das quatro patas. **Quando soltam o boi no brete, o cavalo sai a galope, em disparada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > animais > ação dos equinos.* Nota: Existem dois tipos de galope, o "cânter", suave; e o "veloz", disparada. No galope, as patas traseiras amortecem o impacto da suspensão das quatro patas e as dianteiras impulsionam a próxima suspensão.

5.2.3 Macrocampo: Alimentação

O macrocampo *alimentação* compila as lexias que denominam os alimentos da cultura vaqueira que foram consumidos por eles durante a etnografia e os citados pelos participantes da pesquisa. Assim, esses alimentos estão distribuídos em quatro microcampos – *genéricos, dos vaqueiros, dos bovinos e dos equinos* – que tratam, respectivamente, dos nomes genéricos e indeterminados aos nomes de alimentos que fazem parte das refeições dos vaqueiros dos animais de criação e de trabalho.

5.2.3.1 Microcampo: Genéricos

Neste microcampo dos genéricos, temos o rol das designações gerais referidas na etnografia como relativas à alimentação de vaqueiros e animais, estando elas ordenadas da mais geral a de conotação específica para os animais.

comida *s.f.* alimentação de modo geral, todos os alimentos que fazem parte da alimentação do vaqueiro. **Aqui a comida era pouca em outros tempos, mas nunca faltou.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > genéricos.*

merenda *s.f.* alimento levado para o campo de trabalho nos alforjes ou mocós para servir de refeição quando o vaqueiro tiver fome. **A gente leva a merenda no mocó e, quando vamos comer, ela ainda está fresquinha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > genéricos.* *Nota:* A merenda não tem conotação de refeição principal, como café da manhã, almoço ou jantar, mas como um paleativo para espantar a fome momentânea.

ração *s.f.* 1. alimentação de todo dia que é servida nas refeições principais, pois é a maior fonte de nutrição e energia do vaqueiro. 2. preparado balanceado específico para a nutrição dos animais. **1. Quando chego em casa, a ração tem que tá pronta porque já é horas de botar os bezerros pra mamar de novo. 2. A ração não pode faltar, afinal, é dela que a gente se vale pra alimentar os animais.** *1. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > genéricos.* *2. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos. / cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > sólidos.*

silagem *s.f.* folhagens e gramíneas armazenadas para servir de alimento para o gado no período seco e sem pastagem. **A silagem pode ser guardada por mais de ano, mas precisa está bem resguardada.** *Sinôn.: forragem. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.* *Nota:* A silagem é uma técnica de armazenamento de forragem seca para que os animais por ter o que comer durante os períodos mais secos. Para quem não tem recursos para a construção de um silo, pode usar lonas para a impermeabilização e guardar o material em covas no próprio solo.

forragem *s.f.* **A gente guarda a forragem pro período mais seco, quando não tem mais pasto.**
Ver: silagem. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.

resíduo *s.m.* sobras de origem vegetal comestível da indústria que podem ser aproveitados para a alimentação dos animais, como bagaço de cana-de-açúcar e palha de milho. **O gado aqui geralmente come resíduo misturado com sal e uréia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.*

5.2.3.2 Microcampo: Alimentação dos vaqueiros

No microcampo *alimentação dos vaqueiros*, pode encontrar lexias de denominam os alimentos consumidos pelos vaqueiros participantes da etnografia e os citados por eles como já consumidos ou frequentes em seu âmbito de trabalho. Para melhor exibir essa relação, os dividimos em dois subcampos que comportam os *líquidos* e os *sólidos*.

5.2.3.2.1 Subcampo: Líquidos

No subcampo dos alimentos *líquidos* dos vaqueiros, temos as substâncias ordenadas desde o extraído pelo próprio vaqueiro, que também é um dos frutos de seu trabalho, ao destilado consumidos nos momentos de entretenimento.

leite *s.m.* líquido branco extraído das vacas para a alimentação humana e comercialização. **Essa fazenda é uma grande produtora de leite.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido. Nota:* A principal função biológica do leite é servir de alimento para os bezerros, visto que os bovinos são mamíferos. Quando os vaqueiros se referem ao leite unicamente com a palavra "leite", estão designando o leite de vaca e não de cabra.

leite mugido *s.comp.* leite recém-ordenhado da vaca quem ainda está na temperatura corporal do animal. **O leite mugido é bemquentinho e forte, não é todo mundo que aguenta tomar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido.*

leite cru *s.comp.* leite recém-ordenhado em temperatura ambiente, que ainda não foi cozido ao fogo. **Leite cru é muito forte, pode até fazer mal a quem não tem costume.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido.*

leite de cabra *s.m.* leite ordenhado de animais fêmeas caprinas. **Bom pra queijo é o leite de cabra, é mais suave.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido. Nota:* Segundo os nutricionistas, o leite de cabra é mais nutritivo e de melhor digestão que o leite de vaca .

leite de milho *s.comp.* líquido esbranquiçado resultante da moagem do milho. **Já tomei muito leite de milho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido.*

café *s.m.* bebida quente muito consumida pelos vaqueiros durante a manhã e também após as refeições. **Aqui a gente toma café porque gosta mesmo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido.*

cachaça *s.f.* bebida destilada feita de cana-de-açúcar e muito consumida pelos vaqueiros em festas. **Durante a missa é proibido beber cachaça, esperem pelo menos até que acabe eucaristia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquido.*

5.2.3.2.2 Subcampo: Sólidos

Já no subcampo *sólidos*, temos os alimentos mastigáveis sequenciados desde os derivados do leite, seguidos por grãos e seus respectivos derivados, e concluindo com os alimentos preparados à base de carnes.

nata *s.f.* pasta gordurosa que se acumula na superfície do leite. **Quando ferve o leite, seu sempre tiro a nata e, depois, só tempero.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. Nota:* A partir da nata se fabrica a manteiga.

queijo *s.m.* massa escorrida do leite coalhado, prensada e temperada de acordo com o costume da região. **A gente levava os queijo dentro dos alqueires de farinha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. Nota:* O queijo pode ser temperado com sal e ervas diversas.

queijo cru *s.comp.* massa escorrida do leite cru coalhado, prensada e temperada de acordo com o costume da região. **Queijo cru é difícil demais, só em casa mesmo e se tiver quem faça.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

coalhada *s.f.* alimento feito de leite talhado e adormecido, sendo consumida a massa talhada e o soro. **Coalhada a gente faz na paciência, esquece o leite lá e deixa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

coalhada escorrida *s.comp.* alimento feito de leite cru talhado, sendo escorrido o soro para que se consuma apenas a massa talhada. **Lá em casa a mulher faz tudo de leite, até coalhada escorrida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > os vaqueiros > sólido.*

manteiga *s.f.* pasta gordurosa feita a partir da nata do leite batida. **A manteiga precisa ser bem batida porque, senão, não fica fininha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

rapadura *s.f.* alimento em forma de pequenas barras feito a partir do melaço de cana-de-açúcar apurado e endurecido. **Rapadura é bom com tudo, dá sustância à comida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. Nota:* A rapadura desde o período colonial é a base da alimentação do sertanejo, juntamente com a farinha.

- arroz** *s.m.* cereal utilizado como base da alimentação do vaqueiro em casa. **Tendo arroz com feijão já mata a fome.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.* *Nota:* Se acordo com os vaqueiros participantes da etnografia, a base da alimentação deles hoje é o arroz e o feijão com uma complementação de carne.
- feijão** *s.m.* cereal utilizado como base da alimentação do vaqueiro em casa. **Feijão com rapadura é uma comida forte, deixa o homem pronto pra correr atrás do gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > os vaqueiros > sólido.* *Nota:* Segundo os vaqueiros, os tipos mais populares de feijão no Ceará são o feijão-de-corda, o feijão-verde, o carioca e a fava.
- baião de dois (baião).** *s.comp.* receita feita a base de arroz e feijão cozidos juntos para a alimentação do vaqueiro. **Baião de dois é a comida do cearense, já vem completa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.* *Nota:* De acordo com as observações da etnografia, ao cozimento do feijão do baião de dois são acrescentados diversos tipos de carne bovina e suína.
- milho** *s.m.* espiga com grandes grãos, fruto de uma planta da família das gramíneas. **O milho dá comer de todo jeito, cozido, torrado na brasa...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > sólidos.* *Nota:* O milho veio para o Brasil trazido da África do Sul pelos portugueses durante a colonização.
- CUSCUZ** *s.m.* alimento a base de milho vaporizado muito popular no Nordeste do Brasil. **Cuscuz mata a fome do cabra a qualquer hora. É uma comida forte!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > vaqueiro > sólido.* *Nota:* Assim como o milho, o modo de fazer cuscuz foi também herdado dos africanos.
- mão de vaca** *s.comp.* prato preparado a partir do cozimento do membro dianteiro dos bovinos, sendo composto de carne com osso e tutano. **Uma mão de vaca cozida com pirão é o verdadeiro almoço de vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*
- buchada** *s.f.* prato feito do estômago e das vísceras do bode, normalmente consumido nas residências dos vaqueiros. **Sempre que eu mato bicho, a mulher prepara a buchada de bode** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > vaqueiro > sólido.* *Nota:* O bucho é popularmente conhecido o estômago. O estômago e as vísceras são picados e temperados, pois são colocados em uma trouxinha feita com a pele do próprio estômago e costurada, e por fim, é cozido.

sarrabulho *s.m.* prato feito de sangue, miúdos, gordura e pedaços de carne de porco, cozidos e apurados. **Nem todo mundo come sarrabulho, mas nós vaqueiros gostamos.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. *Nota:* O sarrabulho é um prato de origem portuguesa.

panelada *s.f.* prato feito cozido a base de feijão preto em que se cozinha miúdos de boi e de porco, toucinho, mocotó e carne de charque. **A feijoada é uma refeição completa, vai tudo.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. *Nota:* A feijoada é reconhecidamente um prato de origem brasileira.

carne de criação *s.comp.* carne de animais criados para abate, venda e subsistência. **Carne de criação é só o que a gente come aqui.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólidos.

carne assada *s.comp.* receita preparada para a alimentação do vaqueiro e que pode ser facilmente transportada nos alforjes e no mocó por ser seca. **Quando você leva carne assada nos alforje, na hora de comer ela está uma sadia, nem fria e nem quente.** *Sinôn.:* **carne torrada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.

carne torrada *s.f.* **A gente come também carne torrada, assim dá até pra levar pro mato.**
Ver: **carne assada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > vaqueiro > sólido.

carne de charque *s.comp.* carne de boi salgada e expostas como mantas para secar ao sol. **Quando for preparar a carne de charque, tem que dessalgar.** *Sinôn.:* **carne seca.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. *Nota:* Na atualidade, há outros processos com a utilização de produtos químicos para a produção de carne do sol em escala industrial.

carne seca *s.comp.* **A carne seca era muito produzida aracati, nos tempos antigos.**
Ver: **carne de charque.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.

carne do sol *s.comp.* carne de boi salgada e posta para secar ao vento em lugar coberto. **A carne do sol é um prato bem cearense.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. *Nota:* A carne do sol possui uma maior umidade que a carne de charque.

carne de porco *s.comp.* carne de origem suína. **Aqui a gente come muita carne de porco, só precisa cozinhar bem.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > alimentação > vaqueiro > sólido.

frango torrado *s.comp.* receita a base de frango preparada para a alimentação do vaqueiro e que pode ser facilmente transportada no mocó por ser seca. **Eu sempre levei pro mato carne e frango torrado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

macaxeira *s.f.* raiz fonte de carboidratos para a alimentação dos vaqueiros. **A gente leva pro mato carne torrada, macaxeira e água.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido. Nota: A macaxeira era uma tantas platações cultivadas no período colonial para a subsistência dos colonos.*

beijú *s.f.* alimento a base de macaxeira semelhante a uma tapioca, porém mais duro e denso. **O beijú e a tapioca são herança dos índios.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

tapioca *s.f.* alimento feito à base de goma de macaxeira e assada em formato de folhas. **Pra acompanhar um café a tapioca é uma ótima escolha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação dos vaqueiros > sólido. Nota: No Ceará, a tapioca é geralmente feita com côco.*

farinha seca *s.comp.* alimento a base de macaxeira, em que a raiz é triturada e torrada. **Farinha, rapadura e queijo não pode faltar na casa do vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.:*

farofa *s.f.* alimento preparado ao fogo à base de farinha seca em que são introduzidos temperos e carne. **No churrasco tem que ter farrofa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

pirão *s.m.* mistura empapada de farinha e caldo de carne do cozido. **Um cozido sem pirão fica incompleto.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > sólido.*

5.2.3.3 Microcampo: Alimentação dos bovinos

No que se refere ao microcampo *alimentação dos bovinos*, temos as lexias também distribuídas entre os subcampos *líquidos* e *sólidos*.

5.2.3.3.1 Subcampo: Líquidos

O subcampo *líquidos* contém a lexia em torno da qual há toda uma problemática voltada para a sobrevivência, e que é o líquido básico da alimentação de todos os seres vivos. Contudo, escolhemos aloca-la aqui por ser, de acordo com as vivências etnográficas, o único líquido consumido pelos bovinos.

água *s.f.* líquido essencial à vida utilizado não apenas na alimentação dos vaqueiros e dos animais em geral, mas também para a manutenção da produção agrícola. **Sem água tudo morre seco, de sede.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos vaqueiros > líquidos. Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > líquidos. Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > líquidos.*

5.2.3.3.2 Subcampo: Sólidos

O subcampo *sólidos*, por sua vez, é constituído por lexias que denominam desde alimentos preparados exclusivamente para os bovinos – mineralizados – à vegetação *in natura* disponível nos campos das propriedades.

sal *s.m.* substância chamada de cloreto de sódio, utilizada para a nutrição do gado bovino. **As vacas precisam comer sal constantemente.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos. Nota:* O sal pode ser mineralizado quimicamente para complementar a necessidade nutricional do animal.

bagaço de capim *s.comp.* capim triturado ou seco oferecido ao gado como alimento nos períodos mais secos por ter sido armazenado. **O bagaço de capim também é uma alternativa nutritiva de alimentação para o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.*

bagaço de mandacaru *s.comp.* mandacaru triturado e sem espinhos, oferecido ao gado e como alimento para complementar a alimentação e em maior quantidade nos períodos mais secos. **O gado aqui come ainda bagaço de mandacaru.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.*

palha de carnaúba *s.comp.* palha seca e triturada da carnaubeira, depois de retirada a cera. **Na**

ração a gente pode juntar outros resíduos, como a palha da carnaúba. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.* *Nota:* A palha da carnaúba também é um resíduo da indústria aproveitado para a alimentação do gado, mas desta vez, não da indústria alimentícia.

palma *s.f.* arbusto cactáceo que, retirados os espinhos, serve de alimento para o gado. **A palma**

completa a ração do gado aqui na fazenda. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbusto.*

rama de canafístula *s.comp.* folhagem da canafístula que se mantém firme mesmo no período mais

seco. **Ver a rama da canafístula no meio da secura e ver o gado se alimentando dela, me ajuda a não perder a fé.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.*

Nota: A canafístula é uma planta que consegue manter a folhagem mesmo durante a seca.

rama de juazeiro *s.comp.* folhagem do juazeiro que se mantém firme mesmo durante o período

seco. **A rama de juazeiro fica verdinha ainda depois da seca.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.* *Nota:* O juazeiro é uma planta que consegue manter a folhagem mesmo durante a seca.

5.2.3.4 Microcampo: Alimentação dos equinos

No que no que diz respeito à *alimentação dos equinos*, a exemplo dos microcampos dos vaqueiros e dos bovinos, o organizamos nos setores *líquidos* e *sólidos*.

5.2.3.4.1 Subcampo: Líquidos

Neste subcampo – *líquidos* –, há o líquido recorrentemente consumido pelos equinos durante as competições, mas, segundo os proprietários dos animais, também diariamente administrado como um modo de complementar a hidratação dos animais de montaria.

soro *s.m.* solução ingerida ou injetada nos animais para hidratação. **Durante as provas é bom**

hidratar os animais com soro pra eles não perderem resistência. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > líquidos.*

5.2.3.4.2 Subcampo: Sólidos

No subcampo *sólidos*, é possível observar lexias que denominam alimentos de consumo exclusivo dos equinos cavалares, mas há também em outros micro e subcampos deste macrocampo lexias referentes a alimentos igualmente consumidos pelos equinos.

alfafa *s.m.* erva cumprida de excelente forragem para os animais equinos, bovinos e outros gados.

Meu cavalo gosta é alfafa, come com gosto. *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > sólidos. Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos.*

feno *s.m.* planta da espécie das gramíneas que serve de forragem para os cavalos depois de cortada e posta para secar. **Quando a gente vai pras competições com os cavalos, cada um tem que levar a sua ração, o seu feno.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > sólidos.*

5.2.4 Macrocampo: Instrumentos de trabalho

No macrocampo *instrumentos de trabalhos*, congregamos as lexias que nomeiam os instrumentos usados pelos vaqueiros em sua lida diária, instrumentos esses que vão desde indumentárias utilizadas por vaqueiros e animais, a utensílios manuseados para a realização de tarefas e recursos consumidos e produzidos para o êxito da atividade laboral.

5.2.4.1 Microcampo: Indumentárias

Quanto ao microcampo das *indumentárias*, é possível observar que reunimos os nomes das peças que são utilizadas diretamente nos corpos de vaqueiros e animais. Desse modo, este microcampo elenca as vestimentas dos vaqueiros, dos bovinos e dos equinos, para ilustrar a utilidade e o lugar que esses instrumentos ocupam na cultura vaqueira.

5.2.4.1.1 Subcampo: Indumentária dos vaqueiros

Neste subcampo – *indumentária dos vaqueiros* – congregamos os nomes das peças que compõem a vestimenta desse trabalhador do campo, organizando-as desde o conjunto completo, seguindo pelas peças usadas do alto da cabeça até os pés.

roupa de couro *s.comp.* roupa de couro completa com gibão, guarda peito, perneira, luvas, chapéu e chinelos. **Tenho o maior orgulho de vestir a roupa de couro que ganhei de meu pai.** *Sinôn.: traje de couro, paletó de couro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

traje de couro *s.comp.* . **É com o traje de couro que você reconhece o vaqueiro.** *Ver: roupa de couro. Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

paletó de couro *s.comp.* **Quando o paletó de couro estou pronto pra entrar na mata.** *Ver: roupa de couro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

chapéu de couro *s.comp.* chapéu todo feito em couro com abas curtas e resistente aos impactos da vegetação. **O chapéu de couro é o capacete do vaqueiro no mato.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

gibão *s.m.* jaqueta de couro utilizada para proteger o tronco e os braços do vaqueiro. **Oferto o meu gibão, símbolo da minha proteção.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros. Nota: O gibão é uma peça muito valorizada na cultura vaqueira e é possível observar que em diversas situações os vaqueiros tomam a palavra “gibão” como referência à roupa de couro completa.*

guarda-peito *s.comp.* peça de couro utilizada para proteger o peito do vaqueiro quando entra no mato, visto que o gibão não tem fecho. **O guarda-peito fecha a frente do gibão.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros. Nota: O guarda-peito também é chamado de peitoral em outros estados do país.*

luva *s.f.* peça de couro utilizada para proteger as mãos do vaqueiro. **No mato, a gente se machuca de verdade e a luva protege as mãos.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

perneiras *s.pl.* peça de couro utilizada para proteger as pernas do vaqueiro. **As perneiras ajudam na montaria porque a a gente passa nas garranchada.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

chinelos (chinela(s)). [ʃiˈnelus , ʃiˈnelas] *s.pl.* calçado de couro simples e sem tira que compõe o traje de couro do vaqueiro. **Aos poucos a vaqueirama foi trocando as chinelas pela bota.** *Sinôn.: alparcatas, sandálias. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros. Nota:* A variante “chinelas” é recorrente na fala dos participantes da etnografia. De acordo com os vaqueiros participantes da etnografia, as variantes lexicais “chinelas”, “alpargatas” e “sandálias” são todas reconhecidas pelos vaqueiros.

alparcatas (alpragatas). [awparˈkatas , awpraˈgatas] *s.pl.* **Meu pai era do tempo que usava alpargata, ele era vaqueiros das antigas.** *Ver: chinelos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

sandálias *s.pl.* **Tem gente que também chama o nosso calçado de sandália, todo mundo conhece assim aqui também.** *Ver: chinelos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

botas *s.pl.* calçado de couro mais resistente que substitui as chinelas no traje de couro do vaqueiro por proteger melhor os pés. **As botas são uma marca do homem moderno.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

espora *s.f.* peça de metal com tira de couro, presa às alparcatas ou às botas para espetar o animal de montaria. **As esporas hoje são diferentes, não podem mais ser pontudas.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros.*

roseta *s.m.* peça de metal presa à espora que tem por função espetar diretamente o animal de montaria. **Hoje, precisa mandar fazer a roseta sem ponta, só a rodinha mesmo.** *Cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos vaqueiros. Nota:* De acordo com a Lei Nº 16.321 do governo do estado do Ceará, as esporas pontudas e os chicotes estão proibidos.

5.2.4.1.2 Subcampo: Indumentária dos bovinos

O subcampo *indumentária dos bovinos* reúne as lexias que designam as peças de couro e metal utilizadas no corpo dos bovinos. Sendo assim, as denominações estão sequenciadas desde as peças usadas na cabeça dos gados até a traseira dos animais.

cabeçada de boi *s.comp.* peça de couro e metal que envolve a cabeça do boi para que o vaqueiro o conduza e prenda onde e quando necessário. **A cabeçada de boi é feita pra gente prender os animais nas feiras.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos.*

máscara (mascára). [ˈmaskara , masˈkara] *s.f.* peça de couro utilizada para tapar a visão do gado pego no mato. **A mascára é uma peça que acompanha o vaqueiro desde sempre.** *Sinôn. : careta. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos.*

careta *s.f.* **Tem local que a mascára é careta.** *Ver: máscara. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos. Nota:* A variante "careta" foi designada pelos participantes da pesquisa como uma palavra usada pelos vaqueiros do Sul do Vale do rio Jaguaribe, localidades mais próximas ao sertão do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

argola *s.f.* círculo de metal colocada na narina do boi para amansá-lo e domá-lo. **No boi, a gente sua a argola, o chivote, a peia...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos. Nota:* Os touros também recebem a argola para ficar mais fácil de conduzi-los. No boi utilizado como tração serve de direção, sendo pesa uma corda grande, amarrada dos dois lados, que serve de rédea para manusear o animal

chocalho *s.m.* peça de metal, semelhante a um sino, que produz o barulho para a localização do gado. **Depois de pegar a rês, o vaqueiro mascara ela e põe o chocalho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos.*

chocalho pé de serra *s.comp.* chocalho maior para grandes regiões de pecuária extensiva, como as serras. **O chocalho pé de serra a gente escuta de longe.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos.*

arregador (arreador). [aregaˈdor , areaˈdor] *s.m.* corda feita de cabelo de rabo de gado ou de tucum usada para amarrar o bezerro na mão da vaca quando vai tirar o leite para ele não mamar. **Dá pena, mas a gente tem que prender o bezerro com o arregador, senão ele não deixa a gente tirar o leite da vaca.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária nos bovinos.*

peia *s.f.* peça de couro para amarrar as patas do gado pegue pelo vaqueiro. **A peia é um dos principais instrumentos do vaqueiro para prender o boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

peia de mão *s.comp.* peça de couro própria para amarrar as patas dianteiras do gado pegue pelo vaqueiro. **A peia de mão é menor.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária > dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

peia de pé e mão *s.f.* peça de couro própria para amarrar uma pata dianteira a um para traseira do gado pegue pelo vaqueiro. **A peia de pé e mão é a que a gente mais usa aqui pra prender o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

5.2.4.1.3 Subcampo: Indumentária dos equinos

Já no subcampo *indumentária dos equinos*, agrupamos as lexias que dão nome às peças em couro e metal que são utilizadas diretamente no corpo dos equinos, estando elas apresentadas desde as peças usadas na cabeça do animal até a traseira.

arreação *s.f.* peça de couro e metal que envolve a cabeça dos equinos para que o vaqueiro ou cavaleiro o conduza montado e prenda o onde e quando necessário. **Essa arreação é bem bonita, toda trabalhada!** *Sinôn.: arreios de cabeça, cabeçada, cabeçagem. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

arreios de cabeça *s.comp.* **No arreo de cabeça também tem peça de metal, como o breque.**
Ver: **arreação.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

cabeçada *s.f.* **Uma boa cabeçada é feita sob medida para o cavalo.** Ver: **arreação.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

cabeçagem *s.f.* **A cabeçagem envolve toda a cabeça do animal mas não aperta.**
Ver: **arreação.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentárias dos equinos.*

professora *s.f.* arreação usada para adestrar equinos e bovinos. **A professora é pra fase que o animal tá sendo treinado, mas a gente usa pouco porque ele logo aprende.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos bovinos. Nota: A "professora" possui em sua parte interna algumas pontas metálicas, como pequenos pregos, para espetar o animal quando ele se excede no movimento.*

- cabeção** *s.m.* peça de metal da arreação dos equinos que se posiciona no francho para que o animal pare quando as rédeas forem puxadas. **Esse aqui é o cabeção, ele é um dos freios do cavalo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- breque** *s.m.* peça de metal da arreação dos equinos posicionada dentro da boca do animal para que ele, sentindo o movimento, pare quando as rédeas forem puxadas. **O breque também ajuda a ensinar o animal a parar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- bridão** *s.m.* peça de metal com uma articulação, como uma embocadura, usada em equinos como freio. **O bridão vai na boca no cavalo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota: Muitos treinadores recomendam que o bridão seja a utilizado antes das brídias, principalmente em poldros em fase de treinamento.*
- brídia** *s.f.* peça de metal com um arco, que vai na boca do animal e que faz parte da arreação dos equinos. **A brídia é bem mais dura que o bridão.** *Sinôn.: bride. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- bride** *s.m.* **Os brides são ideais para os cavalos mais acostumados com os arreios.** *Ver: brídia. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- rédeas** *s.pl.* cordas pressas ao bride ou bridão para guiar e direcionar os equinos. **A gente precisa segurar as réas com firmeza pra direcionar bem o animal.** *Sinôn.: cabresto. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- cabresto** *s.m.* **o cabresto serve pra amarrar o cavalo na cerca, no morão.** *Ver: rédeas. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- peitoral** *s.m.* peça, normalmente feita em couro, utilizada para proteger o peito do cavalo quando entra no mato. **O peitoral dos cavalos impede de machucar a sangria.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- corona** *s.f.* peça decorativa em couro que deve ser colocada em cima da sela para oferecer mais conforto ao cavaleiro. **Tenho até hoje a corona do meu pai, é uma peça de estimação e de grande valor sentimental.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota: A corona é um simbolo de elitismo na cultura vaqueira, pois apenas cavaleiros e amazonas mais abastados possuíam uma corona.*

- coxim** (**capa de coxim**). *s.m.* peça de tecido ou pele de animal com pelugem macia utilizada para forrar a sela e oferecer conforto ao cavaleiro. **Usar coxim na sela é um costume antigo, bem antigo aqui. A capa de coxim pode ser de pano também, desde que seja macia.** *Sinôn.: capa de coxim. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- sela** *s.f.* peça para montaria feita em couro e madeira, posta no lombo dos equinos para que o cavaleiro sente confortavelmente. **A sela tem que ser uma segunda pele do animal.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota: De acordo com os vaqueiros, eles usam selas artesanais, confeccionadas por seleiros, como um modo de preservar a tradição e valorizar o trabalho desse artesão.*
- sela de campear** *s.comp.* peça para montaria feita em couro e madeira centímetros mais curta e de acabamento mais rústico. **Essa sela de campear era do pai do Araújo.** *Sinôn.: sela de campeiro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- sela de campeiro** *s.comp.* **A sela de campeiro é mais pra trabalho mesmo porque ela não é volumosa.** *Ver: sela de campear. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- sela de passeio** *s.comp.* peça para montaria feita em couro e madeira, de acabamento mais robusto trabalhado e com mais acessórios. **A sela de passeio é mais confortável mesmo, mas não dá pra fazer os maneijos que a gente faz no mato.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*
- sela feminina** *s.comp.* peça para montaria feita em couro e madeira, com apenas um estribo para que a mulher sentasse com as pernas para um lado só. **A sela feminina era assim mesmo de banda.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota: A sela feminina forçava as mulheres a sentarem para um lado só, porque, no passado, as mulheres não usavam calças, sendo assim, não poderiam montar de pernas abertas no cavalo, posição também condenada pela sociedade até as primeiras décadas do século XX.*
- sela masculina** *s.comp.* peça para montaria feita em couro e madeira, com dois estribos. **A sela masculina é essa comum, que fica uma perna de cada lado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

selote *s.m.* peça para montaria feita em couro, com leve em madeira ou polietileno, de pequeno porte, para ser usada em competições. **Os jóqueis montam em selotes porque são mais leves.**

cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota: O selote é uma peça da montaria moderna, desenvolvido para não pesar no lombo do animal e lhe dar maior desenvoltura para percorrer em maior velocidade.

sobre-capa *s.comp.* peça de couro que cobre a parte superior da sela e protege a parte onde senta o vaqueiro. **A sobre-capa da sela pode também ser trabalhada, bordada, depende do modelo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

capa *s.f.* parte da sela que serve de acabamento para cobrir o arção, possuindo também um caráter decorativo e de proteção dos membros inferiores do vaqueiro. **A capa também tem uma função protetora da perna do vaqueiro.** *Sinôn.: quadraba. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota:* A capa é a segunda camada de couro da cobertura da sela. Existem capas de todos os tamanhos e formatos como capa grande, capa quadrada e capa redonda.

quadraba *s.f.* **A quadraba da sela pode ter vários formatos.** *Ver: capa. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

arção *s.f.* armação de madeira, coberta com couro cru, que serve de base para a estruturação da sela. **O arção sustenta a sela.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota:* Na atualidade, o arção não é feito apenas de madeira, mas de outros materiais, como polietileno e fibra.

suador *s.m.* peça da sela, fabricada em couro, tecido e palha, para amortecer o impacto da sela no lombo do cavalo. **O suador é feito uma almofaça rústica.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota:* Na atualidade, o suador é fabricado em outros materiais mais modernos e confortáveis, como a espuma.

alforjes *s.pl.* peça de couro composta por uma correia grossa, que possui uma bolsa em cada extremidade é posicionada no lombo do cavalo, atrás da sela. **Nos alforjes a gente leva tudo, até comida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

manta *s.f.* peça de couro, em pelo, posicionada na garupa do cavalo para cobrir as ancas e embelezar a montaria. **Eu tenho uma manta de pele de raposa que foi de meu pai, só uso em dia de festa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

rabicho *s.m.* correia da parte posterior da sela que enlaça a cauda do cavalo para prender a sela. **A sela tem o rabicho pra ficar na posição certa e não deslizar pra frente.**

Sinôn.: rabichola. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.

rabichola *s.f.* **A rabichola é presa no rabo do cavalo.** *Ver: rabicho. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

cilha (**cia**). [ˈsiʎa , sja] *s.f.* cinta de couro que abarca a barriga do equino para prender a sela ao animal a ser montado. **Depois de chegar da cavalgada, a gente dá uma afrouchada na cilha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

esteira de montaria (**esteira**). *s.comp.* manta de couro, palha ou tecido que forra a sela para que o cavalo não machuque o lombo. **A esteira de montaria é uma proteção pro lombo do cavalo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos. Nota:* A esteira de montaria é popularmente conhecida apenas como "esteira". Havia a preferência por usar como esteira o couro de outros animais, como carneiro ou raposa, ainda com pelo, pois colocava-se a parte com pelo para baixo, em contato com o pelo do cavalo, e a parte lisa para cima, assim, o pelo da esteira em contato com o pelo do animal, aliviaria o atrito.

loros (**locos**). [ˈlorus , ˈlokus] *s.pl.* tiras de sola fixada ao arção para prender os estribos. **Os loros podem nos ajudar a passar em lugares difíceis, porque nos ajuda a direcionar melhor o bicho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária dos equinos.*

estribo *s.m.* peça onde o cavaleiro encaixa o pé para conduzir o cavalo e se apoiar durante a cavalgada. **Os estribos são feitos, na maioria das vezes, pelos ferreiros.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária equinos. Nota:* Os estribos podem ser confeccionados em diversos materiais, dentre eles metais, couro ou madeira.

estribo de passeio *s.comp.* peça de acabamento artístico onde o cavaleiro encaixa os pés para conduzir o cavalo em ocasiões especiais. **Os estribos de passeio de mamãe fotos todos doados ao museu, ela mesma os desenhou e encomendou ao ferreiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária equinos. Nota:* Os estribos de passeio são peças mais trabalhadas artisticamente, geralmente feitas em metal, para serem usadas em ocasiões especiais, como as festas.

5.2.4.2 Microcampo: Utensílios

O microcampo *utensílios*, por sua vez, traz as lexias referentes aos objetos manuseados e as estruturas utilizadas para o melhor desempenho do vaqueiro em seu contexto de trabalho organizadas desde os instrumentos para chamar o gado, os objetos para açoitar e prender os animais, os meios de transporte e seus acessórios de carga, as armas brancas e as estruturas da propriedade que otimizam o manejo dos animais.

berrante *s.m.* instrumento de sopro, feito de chifres ocos de boi, utilizado para chamar o gado. **Não**

é todo mundo que sabe tocar berrante. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

búzio *s.m.* concha usada como instrumento de sopro para chamar o gado. **O búzio era usado pelos**

vaqueiros do litoral nos séculos passados. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

esteira *s.f.* manta de palha onde o vaqueiro se deita quando precisa passar a noite no mato ou no

estábulo para observar os animais. **A gente estende a esteira e ali mesmo se deita.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

curiboque *s.f.* peça feita de chifre e couro de boi para armazenar fumo. **Quando não tinha**

cigarro pra vender feito, os vaqueiros levavam o fumo no curiboque. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

polvarina *s.f.* pó de pólvora usado como munição da arma de fogo. **a polvarina era a munição de**

antigamente. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chicote *s.m.* peça em couro e metal usada para açoitar o cavalo e estimulá-lo a correr mais. **O**

chicote é peça obrigatória na montaria. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chibata de couro *s.comp.* chicote feito do órgão genital do macho bovino. **Do boi se aproveita**

tudo, até o órgão pra fazer a chibata de couro. *Sinôn.: chicote pimba de boi, vergalho.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chicote pimba de boi *s.comp.* **Existe muitos tipos de chicote, por exemplo, o pimba de**

boi. *Ver: chibata de couro.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chicote de carroça *s.comp.* chicote em madeira e couro ou casca de árvore, e cumprido para alcançar o animal de tração. **O vaqueiro tangerino conduzia o gado a pé, estalando um chocote de carroça.** *Sinôn.: macaca. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chicote de pear boi *s.comp.* peça em couro usada para açoitar o cavalo ou imobilizar a rês. **Também tem o chicote de pear boi, que serve pra açoitar e pear o gado.** *Sinôn.: chicote peador. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

chicote peador *s.comp.* O chicote peador tem um formato um pouco diferente pra ajudar a prender o gado. *Ver: chicote de pear boi. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

macaca *s.f.* A macaca é boa pra conduzir carroça e carro de boi. *Ver: chicote de carroça. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

vergalho *s.m.* A gente usa também o vergalho pra açoitar o animal. *Ver: chibata de couro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

corda *s.f.* fibra vegetal torcida e que serve para amarrar animais e objetos. **A corda também é útil porque a gente pode amarrar o bicho ou uma carga.** *Sinôn.: embira. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

corda de laçar *s.comp.* corda reforçada para imobilizar os animais. **A corda de laçar tem que ficar fácil pra hora da necessidade.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

embira *s.f.* A embira é muito útil para o caboclo do sertão *Ver: corda. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

cavalete *s.m.* peça em madeira usada para auxiliar na montagem da sela e demais elementos da indumentária dos equinos. **A gente guarda a sela os acessórios montados no cavalete.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

cangalha *s.f.* armação de madeira utilizada para prender a carga no lombo dos equinos. **Na cangalha vão os caçoás, as âncoras e toda a carga.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária > equinos. Nota: Acrescenta-se o "cambito" para conseguir prender a carga que não pode ser presa diretamente à "cangalha".*

cambito *s.m.* peça de madeira ou metal utilizada para prender a carga à cangalha posta no lombo dos equinos. **Nos cambitos dá pra carregar as encomenda dos freguês.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

talabardão *s.m.* peça de couro cru que auxilia na acomodação da carga à cangalha e ao cambito, forro. **O talabardão forra a carga pra não estragar no caminho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

carroça *s.f.* carro rudimentar de madeira, com rodas em madeira ou pneu, puxado por equinos. **Essa carroça carrega todo tudo de carga.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

carroça de boi *s.comp.* carro rudimentar todo em madeira (corpo e rodas) puxado por dois ou quatro bois para transporte de carga. **Hoje é muito raro ver carro de boi, mesmo no interior.**
Sinôn.: carro de boi. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

carro de boi *s.comp.* **Ouvir aquele carro de boi passando compassado, vagaroso, é coo voltar no tempo.** *Ver: carroça de boi. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios. Nota: O carro de boi tem a extremidade das rodas revestida por uma faixa de metal.*

junta de boi *s.comp.* peça do carro de boi, feita em madeira, usada para prender os animais lado a lado ao carro. **Os carros de boi são puxados pelos animais aos pares, presos na junta de boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios. Nota: Segundo os vaqueiros participantes da etnografia, cada junta do carro de boi prende dois animais, sendo assim, os carros eram puxados com pares de animais, geralmente dois ou quatro.*

chavea *s.f.* peça de madeira utilizada para prender a canga ao carro de boi. **A chavea laça a canga no carro de boi pra gente conseguir andar com ele pra frente e pra trás.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

canga *s.f.* peça de madeira usadas para prender os bois à junta do carro de boi ou ao arado. **A canga é onde a gente prende a cabeça do animal no carro de boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

tambueiro *s.m.* tira de couro cru, curtido e/ou torcido, usado para prender a cabeça do animal à canga. **O tambueiro parece o fecho da coleira do carro de boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

- fueiro** *s.m.* estacas de madeira disposta ao redor da mesa do carro de boi para segurar a carga e a esteira. **Os fueiros são colocados no carro de boi pra segurar a carga.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- surrão** *s.m.* bolsa ou saco feito em couro para carregar mantimento nas cangalhas. **Os surrões saiam daqui cheios de farinha, queijo, carne seca.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- caçuá** *s.f.* cesto de palha, cipó ou bambu para levar mantimentos no lombo dos equinos. **Os caçuás iam cheios de farinha e queijo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- mala de couro** *s.comp.* peça em couro para carregar objetos e ferramentas de trabalho. **Nas malas de couro eles levavam os remédios pra curar os bezerros.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- sacola de palha** *s.comp.* sacola feita em palha para carregar mantimentos. **Nas sacolas de palhas eles levavam carne.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- mocó** *s.m.* peça de couro usada para levar o alimento dos vaqueiros durante o trabalho no mato. **O mocó era a marmitta do vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- âncora** *s.f.* barril de médio porte utilizado para transportar líquidos. **Nas âncoras eles traziam geralmente água ou cachaça.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- ancoreta** *s.f.* barril de pequeno porte utilizado para transportar líquidos. **As ancoretas eram sempre carregadas nos cambitos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- roladeira** *s.f.* utensílio de madeira ou plástico, com um ou dois pneus em volta, usado para carregar água. **Eu já busquei muita água com roladeira no açude.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > indumentária > equinos. Nota: A roladeira é puxada por uma corda de modo a rolar durante todo o percurso.*
- pote** *s.m.* peça de barro usada para armazenar água nas casas do sertão. **Todo mundo no sertão já tomou água do pote.** *Sinôn.: jarra. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios. Nota: O pote tem a capacidade de deixar a água mais fria que a temperatura do ambiente.*

jarra *s.f.* **Na jarra a água é sempre friazinha, mas tem que tomar com copo de alumínio.**

Ver: **pote**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

borracha de couro (**borracha**). *s.comp.* mantimento feito em couro, onde o vaqueiro armazenava água durante a lida no mato. **Quando a gente ia pro mato, levava carne, queijo e rapadura nos alforjes, e água na barrocha de couro.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

cabaça *s.f.* fruto ocado e ressecado da planta cucurbita que serve de recipiente de água por ter a casca dura. **Eu também levava água na cabaça.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

cabacinha *s.f.* fruto menor ocado e ressequido da planta cucurbita que serve recipiente de água por ter a casca dura. **A cabacinha é a mesma cabaça, mas menor.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

cua *s.f.* peça feita de casca de fruto endurecido, semelhante à cabaça, que serve para manusear água e outros líquidos, grãos e farelos. **A cua sempre foi mesmo usada na cozinha pelas mulheres.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

alguidá *s.f.* peça feita em barro, semelhante a uma vasilha ou bacia, utilizada na cozinha da casa dos vaqueiros e na produção de queijo. **às vezes a gente usava o alguidá até pra cozinhar.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

pilão *s.m.* objeto de duas peças, geralmente feito em pedra e madeira, que serve para pisar, bater e triturar alimentos. **As mulheres pisavam o milho no pilão até ficar bem fininho.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

batedor de nata *s.m.comp.* instrumento presente na cozinha da casa do vaqueiro e utilizado para fazer nata crua ou cozida. **O batedor de nata ficava na queijaria.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

prensa *s.f.* instrumento usado na queijaria para retirar o soro e comprimir a massa do queijo. **Na prensa sai todo o líquido do queijo e quanto mais você aperta e deixa secar mais seco o queijo fica.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

faca *s.f.* arma branca de pequeno porte utilizada pelo vaqueiro para as necessidade diárias no campo. **Todo vaqueiro que se preza tem uma faca para as horas de necessidade.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

- facão** *s.m.* arma branca de grande porte utilizada pelo vaqueiro para as necessidade diárias no campo. **Até hoje, quando precisa, a gente abre a mata com o facão, como faziam os vaqueiros de antigamente.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- foice** *s.f.* instrumento composto por cabo de madeira e fina lâmina de metal curva para cortar a vegetação rasteira. **Hoje tem máquina até pra cortar capim, mas antes a gente cortava na foice mesmo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- chicote pé de bode** *s.comp.* arma branca semelhante a uma pequena espada usada pelo vaqueiro na lida diária. **O chicote pé de bode é usado pra tudo, pra preparar a comida até cortar a corda que não desata o nó.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- machado** *s.m.* instrumento composto por cabo de madeira e grossa lâmina de metal, usado para cartar madeira. **No golpe do machado a gente ia cortando as lenhas pro fogão de casa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- marca de ferrar** **(marca).** *s.comp.* instrumento de ferro com cabo de madeira, usado para marcar a pele dos gados com a ferra do proprietário e a freguesia do município. **As marcas de ferrar são um símbolo não só dos proprietários, mas das famílias que sempre criaram gado aqui.** *Sinôn.: ferro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios. Nota: As marcas de ferrar eram rudimentares no início, sendo encontramos algumas mais antigas com cabos de sabugo de milho e de ossos.*
- ferro** *s.m.* **O ferro foi, por muito tempo, a única cerca que marcava quem eram os donos dos animais.** *Ver: marca de ferrar. cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- gancho** *s.m.* bifurcação de galho que é aparada e usada para pendurar correias, cordas e chicotes. **No gancho do alpendre a gente chegava e pendurava as correias e os chicotes, prontos ali esperando a gente sair de novo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- poço** *s.m.* buraco cavado no solo com o objetivo de extrair água para o consumo de humano e animais. **Aquele posso é a salvação aqui em tempos mais secos, senão não tinha água de jeito nenhum.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

- cerca** *s.f.* divisória que organiza o espaço na propriedade e demarca também o limite entre uma propriedade e outra. **Antigamente não tinha cerca, as fazendas eram um campo só.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.* *Nota:* Atualmente, são comumente vistas as cercas de arame farpado, mas as primeiras cercas eram feitas todas em madeira, sendo a de "pau a pique" a mais comum no Nordeste.
- baladeira** *s.f.* abertura na cerca de arame usada como passagem para vaqueiros e animais, semelhante a um portão. **Nesse cercado, a gente sai pela baladeira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- mourão** *s.m.* estaca grossa de madeira usada para prender os animais e para dar sustentação à cerca e à porteira. **Meu pai chegava e prendia logo o cavalo no mourão pra gente dar banho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- porteira** *s.f.* passagem para entrada e saída de pessoas e animais. **Quando abre a porteira, os animais correm pra pastar, já estão acostumados com os horários.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.* *Nota:* Cada espaço da propriedade tem a sua porteira, currais, mangas, cercados etc.
- porteira de curral** *s.f.* passagem feita em madeira ou metal para entrada e saída de pessoas e animais dos currais. **A porteira do curral precisa ser mais forte pra conter o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- porteira de mourão** *s.f.* passagem feita em madeira, sustentada por dois mourões, para entrada e saída de pessoas e animais. **As porteiras de mourão eram vistas na entradas das grandes fazendas de gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- correias** *s.pl.* instrumento utilizado para sustentar em pé os animais que caíram por desnutrição, sede ou doença. **Colocar um gado nas correias é uma maneira de não desistir daquele animal.** *Sinôn.: varas, torno mecânico.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- varas** *s.pl.* **As varas são uma saída para o gado não morrer ali à míngua.** *Ver: correias.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*
- torno mecânico** *s.comp.* **Lá na fazenda a gente usa o torno mecânico, que é a mesma coisa que as correias.** *Ver: correias.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.* *Nota:* As "correias" e as "varas" são instrumentos fabricados pelos próprios vaqueiros, enquanto o "torno mecânico" é fabricado pela indústria agrícola para cumprir a mesma função.

estiva *s.f.* grade de madeira que forra o chão das baias dos cavalos para que os animais não tenham contato direto com o chão ao deitar. **O cavalo que fica na baia se deita na estiva e no feno.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

5.2.4.3 Microcampo: Recursos

Neste microcampo dos *recursos*, temos as lexias que designam os recursos produzidos e consumidos pelo vaqueiro em seu ambiente de trabalho. Os recursos, por sua vez, estão sequenciados desde o que designa o elemento de produção mais genérica ao produto consumido na lida do vaqueiro.

aboio *s.m.* recurso utilizado para exaltar a cultura vaqueira e guiar e chamar o gado durante o trajeto da comitiva. **O aboio é um orgulho nosso, uma arte que o vaqueiro recebe como dom.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos.*

aboio de chamamento *s.comp.* recurso utilizado para guiar e chamar o gado durante o trajeto da comitiva, toada. **O vaqueiro vai tocando a boiada com a toadas dos aboios de chamamento, pra chamar o gado pro caminho certo a seguir.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos.*

aboio de excitação *s.comp.* versos cantados que falam sobre temáticas ligadas ao vaqueiro e ao sertão com o intuito de animar o momento e interagir com outros aboiadores. **Nas festas e nos encontros, os aboiadores fazem aboios de excitação pra homenagear a cultura vaqueira, a vida de gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos.*

aboio de repente *s.comp.* versos cantados por dois aboiadores que se desafiam a falar das temáticas ligadas ao vaqueiro ou dos assuntos lançados no improviso, como se um respondesse às colocações do outro.. **Os aboiadores quando se desafiam parecem repentistas duelando com poesias. Assim, o aboio de repente fica conhecido.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos. Nota: o "aboio de repente" se assemelha a um desafio lançado entre os boiadores para homenagear a cultura vaqueira, em que os aboiadores respondem ao aboio um do outro, até que um deles exulte o verso cantado pelo adversário, o que findará em clima amistoso o desafio. Nesse desafio, não vencedores, pois o objetivo principal é fazer um momento para falar da cultura vaqueira de modo poético e descontraído.*

grito *s.m.* recurso usado pelo vaqueiro para chamar, reunir e conduzir o gado. **O vaqueiro também tem o costume de levar o gado no grito.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos.*

sebo (**sebo de gado, sebo de carneiro**).*s.m.* gordura densa extraída do animal abatido, usada pelo vaqueiro para hidratar a indumentárias e os instrumentos de trabalho fabricados em couro. **Depois de passar o sebo, a roupa de couro fica toda molinha e bem confortável de vestir.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > recursos.*

5.2.5 Macrocampo: Atividades laborais

O macrocampo *atividades laborais* reúne as tarefas realizadas pelo vaqueiro em sua jornada de trabalho, sendo elas de caráter genérico formadas por lexias simples ou fraseologias que se referem especificamente a para procedimento de trabalho executado. Desse modo o macrocampo é estruturado por dois microcampos, os quais tratam das denominações da faina do vaqueiro como um todo – genéricos – e das tarefas separadamente – procedimentos.

5.2.5.1 Microcampo: Genéricos

No microcampo *genéricos*, temos as lexias que nomeiam a atividades laboral de vaqueiro como um todo, visto a amplitude do sentido das palavras e colocações ditas pelos participantes da pesquisa. Sendo assim, as lexias estão ordenadas desde a mais geral até a que designa de modo mais específico a atividade de vaqueiro.

trabalho *s.m.* designação geral para as atividades produtivas desempenhadas pelo vaqueiro. **É nesse trabalho que eu me realizo, porque sou vaqueiro de coração.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

vida de gado *s.comp.* trabalhar diariamente com o gado, vida de vaqueiro. **A gente é feliz nessa vida de gado.** *Sinôn.: luta de gado, peleja. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

luta de gado *s.comp.* **É essa luta de gado a nossa tarefa diária.** *Ver: vida de gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

peleja *s.f.* **A peleja de todo dia é assim, de gibão no sol quente.** *Ver: vida de gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

pecuária *s.f.* atividade de criar gados que envolve todas as etapas dessa criação. **Foi por causa da pecuária que o Ceará surgiu como estado que é hoje.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

brincadeira de gado *s.comp.* modo como os vaqueiros se referem ao próprio trabalho, principalmente aos momentos de paga de boi no mato. **É essa brincadeira de gado que garante o nosso sustento, o nosso ganha pão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > genéricos.*

5.2.5.2 Microcampo: Procedimentos

O microcampo procedimentos congrega as fraseologias e os verbos referentes aos procedimentos específicos de trabalho dos vaqueiros, estando as lexias organizadas de modo progressivo, pois seguem a ordem que os procedimentos acontecem na lida do vaqueiro, desde o ato de se preparar para o trabalho até a prática esportiva.

tomar os couros *fras.* vestir a roupa de couro para iniciar o dia de trabalho no mato. **Logo de manhã, a gente toma os couros pra entrar no mato.** *Sinôn.: tomar as mangas. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

tomar as mangas *fras.* **Quando o vaqueiro toma as manga é porque é hora de pegar o boi no mato.** *Ver: tomar os couros. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

selar o cavalo *fras.* preparar o cavalo para a montaria, colocando no animal arreios de cabeça, sela e outros instrumentos de trabalho. **Selo meu cavalo pra poder começar a lida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

montar a cavalo (montar o cavalo). [motar a ka'valu , motar u ka'valu] *fras.* subir no cavalo para cavalgar ou trabalhar no mato. **A vida do vaqueiro é pegar boi e montar o cavalo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

sair a cavalo *fras.* ir para o mato montado a cavalo. **Na hora de pegar o boi, a gente sai a cavalo mesmo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

ir para o mato *fras.* ir para o campo fechado de mata nativa trabalhar. **Quando tem boi pra pegar, vou logo pro mato.** *Sinôn.: embrenhar no mato, entrar na mata. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

embrenhar no mato *fras.* **Quando o vaqueiro embrenha no mato pra pegar a rês, só sai quando pega.** *Ver: ir para o mato. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

entrar na mata *fras.* **Pra entrar na mata tem que tá todo armado com a roupa de couro.** *Ver: ir para o mato. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

cavalgar *v.* percorrer alguma distância no lombo do cavalo. **O dia que eu não cavalgar, não trabalhei.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

campear *v.* percorrer o campo em busca do gado ou com o objetivo de realizar outros afazeres. **O vaqueiro campea primeiro, depois é que ele pega o boi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

caçar o caminho *fras.* buscar o caminho em um terreno desconhecido ou depois de se perder no mato. **Depois que escureceu e de tanto andar com a rês, comecei a caçar o caminho de volta.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

dar o desconto da madeira *fras.* correr no mato desviando da vegetação espinhenta que machuca e atrapalha o trajeto. **Quando a gente tá montado num cavalo de bom de gado, é fácil dar o desconto da madeira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

buscar o gado *fras.* pegar o animal no mato e trazer consigo para fazer outro procedimento ou atividade. **Os meninos todo dia tem o afazer de buscar o gado no mato, pra ver como estão as reses.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

passar a vista no gado *fras.* procurar com a visão o animal desejado entre todos os bois do rebanho. **antes de correr, a gente passa a vista no gado pra achar o boi que vamos pegar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

pegar o boi no mato *fras.* perseguir a cavalo o animal que será derrubado, imobilizado e levado ao curral. **O vaqueiro tradicional veste gibão e pega o boi no mato.** *Sinôn.: correr atrás de gado.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

correr atrás de gado *fras.* **Vaqueiro de verdade corre atrás de gado todo dia e não se cansa.** *Ver: pegar o boi no mato.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

correr vaquejada *fras.* participar da competição esportiva vaquejada. **Hoje, os vaqueiros também correm vaquejada para ganhar os prêmios.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

dar carreira *fras.* correr a pista de vaquejada para derrubar o boi. **Os vaqueiros hoje vão dar carreiras para conseguir derrubar os bois na vaquejada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

derrubar o boi na faixa *fras.* colocar o boi no chão, com as pernas para o ar, entre as duas faixas marcadas na pista de vaquejada. **Vaqueiro bom derruba o boi na faixa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

pear o boi *fras.* prender as patas do boi com o auxílio da peia, do chicote peador ou de cordas. **Depois de derrubar, é só pear o boi.** *Sinôn.: amarrar o gado.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

amarrar o gado *fras.* **Com a peia a gente amarra o gado até ele se acalmar.** *Ver: pear o boi.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

mascarar a rês *fras.* pôr a máscara no rosto da rês de modo a impedir a sua visão e acuá-la. **Mascarar a rês faz parte do trabalho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

juntar o gado *fras.* reunir o rebanho a partir das reses pegas no mato. **Às vezes a gente leva o dia todo pra juntar o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

tanger o gado *fras.* conduzir o gado ao destino almejado ao som das toadas do aboio e sem deixar que os animais se desgarrem. **Desde séculos que nós vaqueiros tangemos o gado aqui no Ceará.** *Sinôn.: tocar o gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

tocar o gado *fras.* O vaqueiro atento toca o gado pro caminho certo e nenhuma rês se desgarra. *Ver: tanger o gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

dominar o gado *fras.* tanger o gado com destreza de modo que os animais atendam aos comandos dados. **O vaqueiro experiente domina o gado com facilidade, sem grande esforço.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

puxar gado *fras.* estimular o gado ao som do aboio e do chicote a seguir mais rápido e pelo caminho certo. **Aquele vaqueiro ali é bom de puxar o gado, como ele a boiada andar no passo acelerado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

aboiar *v.* entoar toadas e versos para chamar e conduzir o gado durante o trajeto, ou ainda homenagear o vaqueiro e o sertão. **A boiar é um dom que mostra a paixão que o vaqueiro tem pela vida de gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

estalar o chicote *fras.* fazer um movimento brusco com o chicote longo ou de carroça sem apontar nada para que a tira de couro estale e o som induza a direção dos animais. **O vaqueiro tangerino ia na frente estalando o chicote.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

amansar (amansar o gado; amansar o cavalo). *v.* atividade de domar os animais para que sejam utilizados durante o desenvolvimento de atividades laborais. **Amansar um cavalo é caro, tem gente que prefere comprar manso.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

domesticar (domesticar o animal; domesticar o cavalo). *v.* amansar o animal e ensinar os procedimentos de trabalho para que ele sirva melhor na lida. **Domesticar um cavalo é tarefa que requer paciência.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

botar o animal no cercado *fras.* levar o animal até o curral ou cerca onde ele deve ficar confinado. **A minha tarefa quando comecei a ajudar o pai era colocar os animais no**

cercado todo dia. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

fazer o parto da vaca *fras.* auxiliar a vaca durante o parto, ajudando o bezerro a sair quando necessário. **Como eu sou veterinário prático, as pessoas sempre me chamam pra fazer o parto das vacas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

fazer parto de novilha *fras.* realizar parto da vaca de primeira cria. **O parto de novilha é mais trabalhoso mesmo, é a primeira vez que ela vai se alargar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

banhar o bezerro com leite *fras.* dar banho no bezerro com o leite da vaca que o pariu para que ela o reconheça como seu filhote. **Quando a vaca não aceita o filhote, a gente banha ele com o leite dela.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos. Nota:* Os vaqueiros relatam que na maioria das vezes as fêmeas aceitam seus filhotes, mas há casos em que elas os rejeitam; assim, quando uma vaca cheira o bezerro enjeitado banhado com o leite dela, aceita-o de volta por reconhecer o próprio cheiro cheiro.

botar o bezerro para mamar *fras.* colocar o bezerro perto da mãe para mamar. **Assim que nasce, a gente imediatamente bota o bezerro pra mamar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos. Nota:* É importante que o bezerro mamae os seis primeiros meses, mas o leite das primeiras horas depois do parto, o colostro, é o mais importante de todos, pois tem a função biológica de munir o filhote de anticorpos para torná-lo imune à ameaças invisíveis, como bactérias, vírus, verminoses etc.

apartar o bezerro *fras.* amarrar o bezerro na pata dianteira da vaca ou perto para que ele não mame, mas mantenha o contato físico e visual com a mãe. **Antes de titar o leite da vaca, a gente aparta o bezerro pra ele não mamar tudo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos. Nota:* Depois de mamar o colostro, o bezerro é também apartado da mãe para que não mame toda a produção de leite, apenas o necessário, e tem a sua alimentação complementada com ração.

tirar leite (tirar leite da vaca; tirar leite da cabra). *fras.* ordenhar as fêmeas para obter o leite, matéria-prima bastante comercializada e consumida pelo vaqueiro. **Todo dia tem que tirar leite da vaca e das cabra.** *Sinôn.: ordenhar, desleitar a vaca. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

ordenhar *v.* **Ordenhar as vacas é uma das primeiras tarefas do dia.** *Ver: tirar leite. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

desleitar a vaca *fras.* **Todo dia, de manhã cedo, a gente desleita a vaca.** *Ver:* **tirar leite.**

cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.

fazer queijo *fras.* produzir queijo para venda ou consumo próprio. **O vaqueiro além de tirar o leite, também sabe fazer queijo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

botar nas correias *fras.* levar o animal convalescente para ser amparado pelas correias para que consiga se manter de pé e possa se alimentar. **O vaqueiro tem todo o cuidado quando bota o animal nas correias, dorme até perto, de vigia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

tratar o animal *fras.* cuidar com atenção da alimentação, da saúde e do bem-estar dos animais diariamente. **O vaqueiro tem que ser uma pessoa que gosta de bicho, senão, como ele vai cumprir a tarefa de tratar os animais diariamente?** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

banhar os animais *fras.* dar banho diariamente nos animais para manter a assepsia e também para lhes refrescar nos dias mais quentes. **Depois de campear, o vaqueiro precisar dar banho no cavalo para que o animal se refaça.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

zelar o gado *fras.* cuidar diariamente dos animais, alimentar, banhar, cuidar para que não fique doente. **É tarefa do vaqueiro zelar o gado diariamente.** *Sinôn.: proteger o gado.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

proteger o gado *fras.* **O vaqueiro trabalhar para proteger o gado de toda ameaça.** *Ver: zelar o gado.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

criar boi na manga *fras.* criar os bois soltos em uma grande área cercada, onde, na maioria das vezes, ainda há mata nativa. **Como não existe mais a pecuária extensiva, o vaqueiro ainda cria boi solto na manga como uma maneira de preservar a tradição.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

castrar o animal *fras.* retirar os testículos do animal macho para que ele se desenvolva mais e seja direcionado para abate e produção de carne. **Quando a gente cria o bicho pra abate, a gente castra o animal pra ele se desenvolver mais.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

marcar o gado *fras.* imprimir a ferro quente, na pele do animal, a marca do proprietário e a freguesia do município. **Quando chega animal novo, os vaqueiros se reúnem para marcar o gado.**

Sinôn.: ferrar o gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos. Nota: o ato de marcar o gado a ferro quente requer pelo menos três vaqueiros para realizar o procedimento, um para marcar e dois para amarrar, segurar o animal e preparar a pele.

ferrar o gado *fras.* **Faz parte do ofício ferrar o gado.** *Ver: marcar o gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

abater gado *fras.* matar e sangrar o animal para o consumo da carne na alimentação. **O vaqueiro tem que saber todas as etapas da criação de gado, até abater o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

consertar a cerca *fras.* reparar as cercas quebradas para manter os limites da fazenda. **O vaqueiro também cuida dos limites entre as fazendas, consertando a cerca quando necessário.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos. Nota:* De acordo com os vaqueiros, é frequente o litígio entre grandes proprietários de terra da região pela mudança de lugar das cercas à noite e de madrugada, sem o conhecimento do vizinho; essa prática é conhecida por "grilagem" e é uma ação crimosa qualificada como apropriação indébita.

plantar roçado *fras.* cultivar pequenas lavouras para subsistência. **O vaqueiro também planta roçado de milho, feijão e outros grãos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

levar mantimento *fras.* levar no mocó ou nos alforjes a alimentação quando sabe que ficará muito tempo no mato. **Os alforjes foram feitos para o vaqueiro levar mantimentos para o mato, e como são de couro, conservam a comida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > atividades laborais > procedimentos.*

5.2.6 Macrocampo: Acidentes de trabalho

Neste macrocampo, *acidentes de trabalho*, estão agrupadas as lexias que nomeiam os episódios não planejados, mas que acontecem frequentemente com vaqueiro e animais. Este macrocampo estrutura-se com base em três microcampos que tratam das lexias de sentido impreciso – *genéricos* – e dos acidentes acontecidos com os vaqueiros e com os animais – *acidentes dos vaqueiros* e *acidentes dos animais*.

5.2.6.1 Microcampo: Genéricos

No *microcampo* genéricos, temos as lexias que se referem aos acidentes de modo indeterminado e impreciso, sem detalhes ou determinantes. Sendo assim, os organizamos desde os que causam lesões no corpo aos que não deixam marcas profundas.

corte *s.m.* ferimento mais profundo na pele do vaqueiro ou dos animais que sangra. **Corte é a coisa mais comum aqui, principalmente quando a gente entra na garranchada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

arranhão *s.m.* ferimento superficial na pele do vaqueiro ou dos animais que pode sangrar ou não. **O vaqueiro de verdade sempre leva esses arranhões, não tem medo de se arriscar.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

pancada *s.f.* impacto localizado que deixa uma marca de contusão na pele, mas não corta. **Quando eu vi, foi a pancada na minha cara.** *Sinôn.:* **estocada, chibatada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

estocada *s.f.* **O impacto foi tão grande que fiquei com a marca da estocada nas costas.** *Ver:* **pancada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

chibatada *s.f.* **A chibatada foi grande, chega ficou o roxão.** *Ver:* **pancada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

queda *s.f.* cair com o corpo ao chão, o que pode causar danos posteriores. **Vaqueiro que nunca levou queda, é mentira!** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > genéricos.

5.2.6.2 Microcampo: Acidentes dos vaqueiros

O *microcampo* acidentes dos vaqueiros reúne as lexias que denominam os infortúnios sofridos pelos vaqueiros no desenvolvimento de sua atividade laboral, assim, os sequenciamos a partir daquele que atinge o corpo como um todo, seguindo pelos que lesionam da cabeça aos membros inferiores.

queda do cavalo *s.comp.* cair de cima do cavalo com o corpo no chão. **Queda do cavalo é o que mais acontece quando a gente está trabalhando.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

olho furado *s.comp.* olho que sofreu lesão causada por instrumento pontudo ou pela vegetação. **Foi assim que eu perdi meu olho furado por um galho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

rosto assado *s.comp.* exposição excessiva do rosto ao sol a ponto de causar um queimadura de alto grau. **Eu já assei o rosto várias vezes por não tinha esse negócio de protetor solar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

ombro luxado *s.comp.* deslocamento dos ossos do ombro. **Eu sou todo remendado, já lizei esse ombro várias vezes.** *Sinôn.: ombro arrancado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

ombro arrancado *s.comp.* **Perdi as contas de quantas vezes tive esse ombro arrancado.** *Ver: ombro luxado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

braço queimado *s.comp.* exposição excessiva dos membros superiores ao sol a ponto de causar um queimadura de alto grau. **O sol é tão forte que esse braço foi queimado muitas vezes.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

espinhaço batido *s.comp.* forte pancada na coluna que causa dor. **A pessoa com o espinhaço batido não aguenta nem sentar, coitado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

costela fraturada *s.comp.* ruptura ou rachadura da costela. **Já vi muito vaqueiro que caiu, sentiu muita dor, mas muita dor mesmo, e quando chegou no hospital tava com a costela fraturada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

joelho arrancado *s.comp.* deslocamento dos ossos do joelho. **Um dia desses eu tava com o meu joelho arrancado, mas já estou bem, graças a Deus!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > vaqueiro.*

5.2.6.3 Microcampo: Acidentes dos animais

O microcampo acidentes dos animais é constituído pelas fraseologias que se referem a episódios acidentais ocorridos com os animais. Desse modo, ordenamos as lexias complexas de acordo com a área do corpo do animal atingida, desde as partes mais altas do corpo às mais baixas.

pescoço dobrado *s.comp.* lesão causada quando a rês cai de mal jeito, juntamente com o vaqueiro, e o impacto é amortecido pelo pescoço do animal. **A gente caiu dum jeito tão estranho que a rês ficou com o pescoço dobrado. Mas quando eu bati ela levantou de mal-jeito e o pescoço voltou pro lugar. Graças a Deus!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > animais.*

sangria acertada *s.comp.* lesão causada quando o peito do cavalo é atingido com um golpe que o faz sangrar, causando uma hemorragia. **Esse acidente foi muito triste porque o cavalo teve a sangria acertada e o bichim sangrou até morrer. Não teve jeito!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > acidentes de trabalho > animais. Nota:* Quando os cavalos não usam o peitoral há uma exposição maior dessa parte que corriqueiramente é machucada.

5.2.7 Macrocampo: Práticas medicinais

O macrocampo *práticas medicinais* é dedicado aos animais e nele reunimos as lexias que dão nome às doenças, aos remédios e aos tratamentos administrados pelos vaqueiros para a cura das enfermidades dos animais. Logo, este macrocampo é constituído de três microcampos que compilam, respectivamente, as doenças, os remédios e os tratamentos.

5.2.7.1 Microcampo: Doenças dos animais

Neste microcampo – *doenças dos animais* –, elencamos as enfermidades que acometem bovinos e equinos, ordenando-as desde as que atingem o organismo como um todo até as que se concentram em partes específicas do corpo do animal, a começar da cabeça, indo até as patas traseiras.

cair *v.* estágio de convalescimento do animal diante da desnutrição severa que ocasiona magreza.

Quando a rês cai é difícil se recuperar. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > genéricos. Nota:* Há uma comoção quando um animal cai por conta da fome, todos se mobilizam para cuidar do bicho.

mal triste *s.comp.* doença parasitária que causa anemia profunda e, conseqüentemente, apatia e

falta de apetite do animal, febre e magreza. **Já tive uma bezerra que teve mal triste, passava o dia amoadada a coitadinha.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais. Nota:* O "mal triste" é também conhecido por "tristeza parasitária" e pode ser tratada com medicamento.

mal do chifre *s.comp.* conjunto de sintomas que acometem os bovinos causando lesões nos chifres

ou na base deles. **O gado que tem mal do chifre fica feio o bichinho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais.*

aftosa *s.f.* doença viral de contágio de alto risco que afeta animais que possuem dois dedos nas patas,

sendo os mais afetados os bovinos e os suínos. **Todo ano a aftosa assombra a gente, mas hoje ela está controlada.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais. Nota:* conhecida popularmente como frebre aftosa.

bicheira *s.f.* infecção causada por inseto em um corte aberto na pele dos animais. **O vaqueiro**

precisa tratar logo a bicheira dos animais pra não causar um mal maior. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais.*

umbigo caroadado *s.comp.* infecção do umbigo dos bezerros, causada por contato com bactérias.

Se a gente não cuida do umbigo do bezerro, depois de um tempo, se não cuidar, ele ficar com o umbigo caroadado. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais.*

nó nas tripas *s.comp.* dor abdominal causada por constipação intestinal que pode levar o animal à

morte se não tratada. **Já vi um cavalo se debater de nó nas tripas.** *Sinôn.: cólica. cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais.*

cólica *s.f.* **A cólica pega a gente de surpresa, porque a gente não consegue descobrir de logo**

o que o animal tem. *Ver: nó nas tripas. cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > doenças dos animais.*

5.2.7.2 Microcampo: Remédios

Quanto ao microcampo *remédios*, nele podemos observar as substâncias utilizadas para tratar as enfermidades. Sendo assim, neste microcampo, as lexias estão organizadas desde as substâncias preparadas de modo mais rudimentar às industrializadas, o que mostra a mudança de postura dos vaqueiros perante os remédios utilizados para tratar os animais.

cozimento *s.m.* infusão de ervas, semelhante ao chá, preparada com a para inalação. **A gente também tem o costume de fazer cozimento pra inalação.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

chá *s.m.* infusão de ervas para beber ou lavar a região afetada. **O chá é um santo remédio! Tem chá pra tudo!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

chá da casca da ameixa *s.comp.* infusão de com a casca da ameixa para lavar e sarar ferimentos nos animais durante o trajeto das boiadas. **o chá da casca da ameixa é um santo antisséptico.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

água de aroeira *s.comp.* água onde ficou de molho a casca da aroeira para ser utilizada como remédio para assepsia nos ferimentos dos animais. **O humbigo dos bezerros a gente lava com água de aroeira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

pó da ameixa *s.comp.* substância colocada nos ferimentos para estimular a cura. **O pó da ameixa não faltava no mocó do tangerino, porque era ele que tratava os ferimentos dos animais da comitiva.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

espinho de laranjeira *s.comp.* espinho do pé de laranja usado para tirar as bicheiras. **Só dava pra tirar os tapurus das feridas dos bichos com espinho de laranjeira ou de mandacaru, ou ainda com graveto de marmeleiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

espinho de mandacaru *s.comp.* espinho do pé de mandacaru usado para tirar as bicheiras. **Só dava pra tirar os tapurus das feridas dos bichos com espinho de laranjeira ou de mandacaru, ou ainda com graveto de marmeleiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.*

graveto de marmeleiro *s.comp.* pequeno e fino pedaço de madeira do pé de marmelo usado para tirar as bicheiras dos animais. **Só dava pra tirar os tapurus das feridas dos bichos com espinho de laranjeira ou de mandacaru, ou ainda com graveto de marmeleiro.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.

benzocreol *s.m.* desinfetante utilizado nas infecções das mucosas das cavidades naturais dos animais. **Hoje, a gente usa os remédios de farmácia também. Aqui todo mundo usa o benzocreol.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.

querosene *s.m.* destilado de petróleo usado como antisséptico para tratar os ferimentos dos animais. **A gente também passa querosene para limpar os machucados dos animais.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > remédios.

5.2.7.3 Microcampo: Tratamentos

O microcampo *tratamentos* reúne as fraseologias que designam os procedimentos executados pelos vaqueiros diante das enfermidades dos animais. Diante desse contexto, as lexias estão aqui sequenciadas desde as destinadas à assepsia, as que tratam das imobilizações.

lavar a ferida *fras.* limpar o ferimento com solução líquida. **É preciso cuidado quando for lavar a ferida do bicho.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > tratamentos.

colocar ataduras *fras.* envolver o ferimento com ataduras para que não fique exposto. **A gente trata com todo o carinho os bicho, eles são como nossos filhos! A gente passa remédio, coloca ataduras...** *Sinôn.:* **enrolar nos panos.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > tratamentos.

enrolar nos panos *fras.* **Enrolar nos panos o ferido ajudar a não magoar o machucado.** *Ver:* **colocar ataduras.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > tratamentos.

enrolar a pata *fras.* imobilizar a pata machucada do animal, impedindo que ele agrida mais o ferimento. **Quando a gente enrola a pata, o bicho pisa até mais leve, parece que sabe que tem que cuidar do machucado.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > práticas medicinais > tratamentos.

5.2.8 Macrocampo: Ambientes de trabalho

No macrocampo *ambientes de trabalho*, podemos ver as lexias que dão nome aos espaços ocupados pelo vaqueiro para o desenvolvimento de seu trabalho. Nele há lexias referentes a ambientes de cunho indeterminado e a ambientes fechados e abertos onde o vaqueiro trabalha. Desse modo, o macrocampo é constituído por três microcampos que reúnem as lexias de lugares abrangentes ou indeterminados – *genéricos* – e de ambientes delimitados onde o vaqueiro trabalha – *ambientes internos* e *ambientes externos*.

5.2.8.1 Microcampo: Genéricos

O microcampo *genéricos* é constituído por lexias que designam lugares não determinados, o que nos levou a ordená-las desde o lugar que concentra a maior quantidade de espaço ao que concentra a menor.

interior *s.m.* parte rural do município, mais afastado da cidade e onde os vaqueiros mantêm a criação dos bichos. **Lá em casa, no interior, a gente cria todo tipo de bicho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > genéricos.*

mato *s.m.* conjunto de vegetação nativa, não cultivada pelo homem, onde os vaqueiros criam os animais soltos. **Ir para o mato pegar boi é uma satisfação para o vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

campo *s.m.* lugar de grande extensão com ou sem cercas, onde os vaqueiros campeiam. **É sempre bom está no campo, buscar o gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > genéricos.*

terras *s.pl.* espaço não especificamente delimitado de uma propriedade particular ou pública. **Essas terras são da prefeitura.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > genéricos.*

propriedade *s.f.* fazenda, sítio ou terreno pertencente a particular ou público. **A propriedade da minha família fornece leite.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > genéricos.*

terreno *s.m.* porção de terra utilizada para fim específico. **Tenho umas cabras soltas pra engorda no meu terreno.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > genéricos.*

5.2.8.2 Microcampo: Ambientes internos

Quanto ao microcampo *ambientes internos*, compilamos nele as lexias que nomeiam os lugares cobertos e/ou fechados onde o vaqueiro desempenha, no interior desses ambientes, as suas funções. Assim, elencamos as lexias, a exemplo do microcampo anterior, desde o maior ao menor lugar no que se refere à área.

estábulo *s.m.* grande ambiente coberto onde se abriga os animais de médio e grande porte, como bois, cavalos, ovelhas e cabras. **No estábulo, a gente guarda os bichos na hora de dormir.**
cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > internos.

vacaria *s.f.* ambiente coberto onde as vacas leiteiras ficam recolhidas e são ordenhadas. **Aqui na vacaria, a gente precisa ser rápido pra conseguir ordelhar todas elas de manhã.**
cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > internos.

cocheira *s.f.* estábulo onde ficam guardadas carroças, charretes e animais de montaria. **Os cavalos ficam todos nas cocheiras.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > internos.*

maternidade *s.f.* parte da vacaria reservada para o parto dos bezerros e para tratar das reses caídas que estão convalescendo. **Quando precisa, a gente passa a noite na maternidade só vigiando os bichos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > internos.*

baia *s.f.* espaço cercado, dentro do estábulo, destinado ao confinamento de um equino, onde ele pode ficar solto para que possa comer e descansar. **Cada cavalo tem a sua baia, lá ele fica guardado pra descansar, comer, tomar os remédios. É como se fosse o quartinho dele.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > internos.*

5.2.8.3 Microcampo: Ambientes externos

O microcampo *ambientes externos* concentra as lexias que denominam os lugares abertos onde o vaqueiro trabalha, ou seja, não possuem cobertas e as pessoas podem se considerar expostas ao ar livre. Desse modo, sequenciamos as lexias desde os lugares de maior a menor área, de modo progressivo.

assentamento *s.m.* propriedade dividida entre as famílias para suscitar a produção rural familiar e um meio de vida aos assentados. **Aqui no assentamento, as culturas são cultivadas e animais também.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

fazenda *s.f.* propriedade rural de maior dimensões, podendo ter de lavoura à criação de gado e outros animais. **A fazenda tem que ser uma propriedade produtiva pra dar certo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

fazenda de gado *s.comp.* propriedade rural de maior dimensão, voltada principalmente para a criação de gado. **As fazendas de gado são muitas aqui no Ceará.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

pasto *s.m.* campo de vegetação nativa ou cultivada destinada à alimentação dos animais. **Em setembro, o pasto fica escarso, tudo seca!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

manga *s.f.* área cercada da propriedade, de tamanho indeterminado, onde os vaqueiros manejam, criam os animais e/ou os soltam para pastar e engordar. **Hoje tem pega de boi na manga.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externo.*

setor *s.m.* área da propriedade de responsabilidade de uma equipe de trabalho. **A gente trabalhava junto, cuidamos do mesmo setor por muitos anos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

roçado *s.m.* porção de terra onde se cultiva a agricultura. **Nesse roçado aqui tá plantado milho, só esperando chover.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

terreiro *s.m.* menor porção de terra delimitada e aberta, onde se criam pequenos animais. **Nesse terreiro aqui eu crio galinha, capote, pato...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

cercado *s.m.* pequeno terreno rodeado por uma cerca. **Todo dia eu levo esse potro pro cercado pra treinar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

caiçara *s.f.* 1. lugar cercado, isolado e com porteira, não mais utilizado para as atividades de primeira necessidade, mas que serve para prender os bichos, como um grande e velho quintal. 2. cerca feita com ramos de árvores, paus a pique, varas. **1. Lá na minha propriedade, atrás da casa, a gente tem a caiçara onde eu crio os porcos; 2. O cercado dos cordeiros tem que ser de caiçara.** *1. cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos. 2.*

cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.

pista de vaquejada *s.comp.* área retangular onde o gado é solto para que os vaqueiros corram atrás dele para derrubá-lo entre as faixas. **A pista de vaquejada é o principal lugar da festa.**

cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.

curral *s.m.* lugar cercado onde se prende ou recolhe o gado. **Aqui no curral, os bois espram os caminhões.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.*

5.2.9 Macrocampo: Geografia

O macrocampo *geografia* reúne as lexias que se referem ao clima, ao espaço e à vegetação dos contextos onde o vaqueiro desempenha a sua atividade laboral. Dessa maneira, consideramos os aspectos geográficos como elementos físicos e biológicos que se articulam na configuração dos contextos onde o vaqueiro e os animais se inserem.

Sendo assim, o microcampo *geografia* é constituído por três microcampos que concentram as lexias a respeito do *clima*, do *espaço* e da *vegetação*.

5.2.9.1 Microcampo: Clima

No microcampo *clima*, encontramos as lexias referentes aos fenômenos climáticos citados pelos participantes da etnografia, os quais elencamos desde o mais abrangente e de maior impacto socioeconômico, até o mais pontual.

seca *s.f.* fenômeno climático em que há falta de chuvas e, conseqüentemente, a modificação da vegetação e do modo de vida da região. **Na seca tudo é mais difícil e é preciso controlar com mais atenção a produção e os recursos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > clima. Nota:* A seca acarreta não apenas problemas climáticos, mas sociais e econômicos.

chuva *s.f.* fenômeno natural que garante o abastecimento de água no sertão e a subsistências do sertanejo. **A chuva é o evento mais esperado no sertão!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > clima.*

período invernos *s.comp.* período que se estende de fevereiro a maio quando há uma maior frequência de chuvas. **O período inverso esse ano precisa ser bom, porque os açudes estão todos secos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > clima.* *Nota:* Pela proximidade da linha do equador, há sobre o Ceará uma grande incidência dos raios solares, o que modifica as estações do ano nesse espaço, pois não há a ocorrência das quatro estações; o clima predominante é calor o ano todo, como se fosse verão, e o "período invernos", quando há chuvas em maior frequência.

5.2.9.2 Microcampo: Espaço

O microcampo *espaço* reúne as lexias que dão nome aos lugares sem intervenção técnica humana e que são percorridos pelos vaqueiros durante a sua faina diária. Nessa perspectiva, organizamos as lexias desde os espaços mais amplos aos mais restritos e de menor área.

lado de baixo *s.comp.* direção na qual o sol nasce, nascente. **A gente começa a cuidar dos bichos assim que o sol aponta no lado de baixo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*

lado de cima *s.m.* direção na qual o sol se põe, poente. **Depois de um dia cansativo de trabalho, a recompensa vem do lado de cima, no fim da tarde.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*

sertão *s.m.* região pouco povoada do interior por ser seca e de vegetação, predominantemente, da caatinga. **O sertão é uma terra de adversidades.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.* *Nota:* O sertão tem o seu processo de ocupação relacionado ao ciclo do couro, o que favorece a permanecem de tradições e costumes antigos (CASCUDO, 2005).

serra *s.f.* conjunto de montanhas que ocupa uma grande extensão territorial. **Os vaqueiros precisavam estar preparado para percorrer grandes distâncias, eles subiam e desciam a serra praticamente todo dia.** *Sinôn.: serraria, serrote.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*

serraria *s.f.* **Na serraria, eu sempre usei nos animais o chocalho pé de serra, como tudo era muito longe, eu precisava de um chocalho que fizesse um barulho mais alto que os outros.** *Ver: serra.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*

serrote *s.m.* **O Ceará é cercado por serrotes, tem monte pra todo lado.** Ver: **serra**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

monte *s.m.* elevação de terra que se destaca em relação ao terreno a sua volta. **Desde muito tempo, quando começaram a trazer os gados pra cá, que é difícil andar com os rebanhos nos montes. A gente subia e descia o tempo todo, era muito cansativo, mas a gente gostava.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

pé de serra *s.comp.* região próxima à subida da serra, onde o clima é mais ameno. **No pé de serra a temperatura começa a esfriar e fica mais agradável.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

terra de aluvião *s.comp.* terreno formado por aterros naturais constituídos a partir dos rios desviados pelo homem, sendo assim, onde passava a água, fica apenas a terra do fundo do rio, o barro, o alúvio. **Terra de aluvião é terra molhada.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

vale *s.m.* grande extensão de terra plana à beira de um rio, propício para a pastagem do gados. **A criação de gado se espalhou por todo o Vale do Jaguaribe, pois tinha água para os animais.** *Sinôn.: várzea. cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço. *Nota:* O Vale do Jaguaribe é uma região do estado do Ceará que abrange os municípios de Russas, Morada Nova, Limoeiro do Norte, Jaguaribe, Tabuleiro do Norte, Quixeré, Jaguaratama, Alto Santo, Pereiro, Iracema, Jaguaribara, São João do Jaguaribe, Ererê e Potiretama, pelos quais passam o Rio Jaguaribe e seus afluentes. O Vale do Jaguaribe é sempre citado entre os participantes da pesquisa, não apenas de Morada Nova, mas também de Canindé, por ser uma referência no surgimento da criação de gados no Ceará.

várzea *s.f.* **O gado agora está pastando na várzea, onde ainda tem forragem.** Ver: **vale**. *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

rio *s.m.* curso de água natural que corre de terrenos mais elevados para terrenos mais baixos e deságua noutro rio, mar ou lago. **O rio Jaguaribe foi por muito tempo o caminho das boiadas mais movimentado do Ceará.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

riacho *s.m.* curso de pequeno porte de água natural que corre de terrenos mais elevados para terrenos mais baixos e deságua noutro rio, riacho, mar ou lago. **O rio Jaguaribe foi por muito tempo o caminho das boiadas mais movimentado do Ceará.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > geografia > espaço.

- leito** (leito do rio; leito do riacho). *s.comp.* canal de por onde passa o curso d'água de um rio. **O leito do rio Jaguaribe era acompanhado pelas tiradas de gado que vinham lá de Pernambuco até Aracati.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*
- ribeira** *s.f.* terreno de baixo nível próximo às margens de um rio. **As boiadas percorriam grandes distâncias acompanhando a ribeira dos rios.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*
- lagoa** *s.f.* depressão pouco profunda onde se acumula água doce ou salgada. **A lagoa da Salina faz parte da história da cidade.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*
- grota** *s.f.* depressão na encosta da serra ou de um morro, provocada por águas das chuvas, ou na ribanceira de rios, por águas de enchentes. **As grotas são pequenos reservatórios de água que ajudam a matar a sede dos animais no caminho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*
- olho d'água** *s.comp.* nascente de onde brota água do solo. **É raro achar um olho d'água no meio do mato .** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > espaço.*

5.2.9.3 Microcampo: Vegetação

O microcampo *vegetação* compreende as lexias que denominam os elementos que compõem a flora da região onde os vaqueiros estão inseridos. Logo, observando a biodiversidade desses ambientes, dividimos a vegetação em quatro categorias, que, por sua vez, denominam os seguintes subcampos: *genéricos*, *rasteiras*, *arbustos* e *árvores*.

5.2.9.3.1 Subcampo: Genéricos

No subcampo *genéricos*, reunimos as lexias que se referem à vegetação de modo geral ou a um conjunto vegetativo de designação indeterminada. Sendo assim, sequenciamos as lexias de acordo com o porte, desde a mais rasteira, seguindo pelas trepadeiras, até as conjunturas vegetativas de menor a maior extensão.

- pastagem** *s.f.* área coberta de vegetação rasteira e arbustos que servem de alimento para os animais. **Com essa pastagem dá pra escapar mais dois meses de comida pro grado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- rama** *s.f.* folhagem que brota da vegetação no mato com as primeiras chuvas depois da seca, mata folhada. **Quando a rama começa a nascer a gente se anima para as chuvas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- espineiro** *s.m.* plantas de pequeno porte, nativas da caatinga e do serrado brasileiros, que possuem espinhos por toda a sua extensão. **É bom ter espineiro perto da criação das abelhas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > espineiro > vegetação > genéricos. Nota:* Os espineiros são utilizados por cientistas para a recuperação de solos degradados, pois, por precisarem de poucos nutrientes, permitem a recuperação do solo e previnem de erosões.
- garrancho** *s.m.* vegetação arbórea seca, sem folhas, de galhos finos e pontiagudos que machucam quem adentra a vegetação, podendo ser também árvores mortas e secas amontoadas. **Às vezes a gente se estrepa no garrancho.** *Sinôn.: impressado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- impressado** *s.m.* **O impressado pede da gente uma habilidade no cavalo.** *Ver: garrancho. cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- cipó** *s.m.* Vegetação fechada em que há a predominância de galhos finos e cumpridos. **O boi entrou no mato, no cipó.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos. Nota:* Segundo alguns vaqueiros, pode ser qualquer planta e tem tom de brincadeira.
- madeira** *s.f.* área de vegetação nativa densa, seca e viva. **Homem medroso não encara a madeira.** *Sinôn.: pau. cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- madeira fechada** *s.comp.* área de vegetação nativa muito densa, seca e viva. **Na madeira fechada a gente tem que ir abrindo o caminho com o fação.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- madeira alta** *s.comp.* área de vegetação nativa densa, seca e viva com abundância de árvores de maior porte. **A madeira alta é mais escura e dificulta a visão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*
- pau** *s.m.* **Esse pau sempre machuca a gente, mas não dá pra entrar sem ser assim.** *Ver: madeira. cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

mata *s.f.* área geográfica de flora nativa, onde os vaqueiros soltam os gados. **Aqui a gente cerca uma manga grande e com mata, e solta o boi pra pastar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

mata espinhenta *s.comp.* área geográfica de flora nativa, onde há abundância de plantas cactáceas e outros arbustos com espinhos. **É na mata espinhenta que a gente se machuca mais.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

mateira *s.f.* mata de grande extensão, densa, fechada, seca e viva. **Essa região em setembro é cheia de mateira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

mato fechado *s.comp.* área de vegetação nativa densa, onde o homem ainda não entrou e não há caminhos abertos. **No mato fechado, a gente vai casando o caminho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

caatinga *s.f.* vegetação típica do Nordeste do Brasil, pouco densa, árida e composta por arbustos e árvores de pequeno porte, em sua maioria espinhentos. **Na caatinga, o homem do sertão aprendeu a ser forte a se reinventar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > genéricos.*

5.2.9.3.2 Subcampo: Rasteiras

No subcampo *rasteiras*, compilamos as lexias referentes à vegetação que cresce junto ao chão, e ordenamos as lexias desde o hiperônimo das gramíneas ao capim que alcança o maior crescimento.

capim *s.m.* planta rasteira semelhante à grama e que pode servir de alimento para o gado e outros animais da criação. **O gado come o capim que tiver.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > rasteiras.*

capim malícia *s.comp.* planta rasteira da família das gramíneas considerada erva daninha, possui pequenos espinhos, que arranham animais e pessoas, e não são agradáveis para a alimentação do rebanho. **Depois que você passa, é que percebe que se arranhou no capim malícia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > rasteiras. Nota:* Por possuir espinho e se proliferar rapidamente, impedindo o crescimento de outras espécies de gramíneas mais agradáveis para a alimentação dos animais, o capim malícia é considerado uma erva daninha.

capim elefante *s.comp.* planta rasteira da família das gramíneas que possui folha alongada e é muito utilizada como forragem para alimentar os rebanhos de bovinos, ovinos e caprinos. **A gente guarda esse capim elefante pra fazer forragem pro gado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > rasteiras.* *Nota:* Muitos produtores usam o capim-elefante como forragem por ser uma planta que cresce rapidamente e por apresentar um valor nutritivo considerável para alimentar os animais, principalmente bovinos.

capim sorgo *s.comp.* planta da família das gramíneas de folhagem alongada e com sementes considerada de alto valor nutritivo e agradável para a alimentação do rebanho. **Os bichos comem o capim sorgo também, a gente coloca ele na silagem.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > vegetação > rasteiras.* *Nota:* O sorgo é bastante utilizado no Brasil para a forragem e pastagem, pois apresenta uma alta produtividade e fácil conservação para os períodos de estiagem.

jetirana (retirana). [ʒeti'râna , reti'râna] *s.f.* planta rasteira e trepadeira nativa do Brasil, que produz flores e frutos, e rama por onde puder se fixar. **A retirana enche o caminhos de florzinhas brancas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > rasteiras.*

5.2.9.3.3 Subcampo: Arbustos

O subcampo *arbustos* reúne as lexias que denominam as plantas que alcançam um maior crescimento e assemelham-se a pequenas árvores, com caules mais lenhosos, que, por sua vez, estão organizadas desde o arbusto de menor ao de maior porte

cansação *s.f.* arbusto de pequeno porte com folhas espinhentas e que provoca coceira e irritação na pele de quem tem contato com suas folhas e/ou galhos. **Chegar perto de cansação é coceira certa.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbustos.*

marmeleiro *s.m.* arbusto que dá flores apreciadas pelas abelhas e sementes consumidas pelos pássaros quando caem ao chão. **Aqui em todo lugar tem marmeleiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbustos.*

croatazeiro *s.m.* arbusto que fornece o fruto croatá, nativo da caatinga e semelhante a uma bromélia, mas com espinhos. **O croatazeiro parece muito com o abacaxi.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbustos.* *Nota:* O Croatazeito assemelha-se a uma ao abacaxizeiro.

mandacaru *s.m.* arbusto da famílias das cactáceas, coberta de espinhos, nativa do Brasil e resistente ao clima árido e seco. **O mandacaru não seca com a seca, sobrevive a toda falta d'água.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbustos.*

jamacaru *s.m.* arbusto robusto da família das cactáceas, espinhento, nativo do Brasil e utilizado como alimento para os animais em períodos mais secos, pois mantém-se verde mesmo nos períodos mais de estiagem. **O gado e as cabras comem o jamacaru.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbustos.*

xique-xique *s.m.* arbusto da família das cactáceas, espinhento e abundante na flora do caatinga cearense. **O xique-xique faz parte da paisagem do sertão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > arbusto.*

5.2.9.3.4 Subcampo: Árvores

No subcampo *árvores*, estão as lexias que dão nomes às maiores plantas encontradas no contexto de pesquisa. Essas plantas foram citadas pelos vaqueiros participantes da etnografia e ordenadas no subcampo por nós, a começar pelas menores e seguindo até as de maior tamanho.

bananeira *s.f.* árvore de pequeno porte de folhas alongadas, que produz a banana. **Na nossa casa tem várias árvores frutíferas, inclusive bananeira.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores. Nota:* A bananeira é uma árvore de vida curta, pois morre ao dar o primeiro cacho de bananas; depois, é preciso arrancar o tronco para que um novo tronco brote e dê novos frutos.

carnaubeira *s.f.* palmeira nativa do Brasil que fornece, além da cera, a sua palha para a alimentação do gado. **Subir numa carnaubeira pode até ser fácil, mas quero ver é o cabra descer, por cauda dos espinhos.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores. Nota:* No tronco da carnaubeira há algumas pontas de madeira, como se fossem espinhos, voltadas para cima, o que dificulta a descida.

imburana *s.f.* árvore de médio porte, nativa da caatinga e de folhas e frutos comestíveis, que podem servir de alimento para os animais. **As cabras apreciam a folhagem da imburana.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

jurema *s.f.* árvore de médio porte, nativa da caatinga e de folhas comestíveis, que servem de alimento para os animais. **A jurema é, no período de seca, um dos pequenos pontos verdes que a gente vê no sertão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

laranjeira *s.f.* árvore de médio porte, nativa da Ásia, de copa densa e arredondada, caule com espinhos e fornece muitos frutos. **O espinho da laranjeira é um recurso muito usado na medicina popular.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

mutambeira *s.f.* árvore de médio porte, nativa da Brasil, produz flores amarelas e frutos redondos e escuros, possui sementes comestíveis que apresentam propriedades medicinais, suas folhas podem servir de alimento para o gado, e da fibra de sua casca fabrica-se cordas e correias. **A fibra da mutambeira é muito usada aqui pra fazer corda.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

canafístula *s.f.* árvore de médio porte, nativa do Brasil resistente à seca e que apresenta folhagem mesmo nos períodos mais secos, servindo também de alimento para o gado. **Aqui, quando a gete solta o gado, ele come o que tiver, e sempre tem canafístula verde ainda.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

juazeiro *s.m.* árvore de médio porte, nativa do Nordeste do Brasil, de folhagem resistente e casca amarga. **No matto mesmo, sombra grande e frondosa é a do juazeiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > geografia > vegetação > árvores.*

5.2.10 Macrocampo: Medidas

No macrocampo *medidas*, encontramos as lexias que nomeiam as grandezas que auxiliam na medição de diversos elementos e materiais. Desta feita, este macrocampo é constituído por quatro microcampos que concentram as lexias referentes à *unidade*, ao *peso*, ao *volume* e à *extensão*, de modo a iniciar pelo microcampo que apresentou a forma mais elementar de mensuração, a contagem, até o constituído de elementos mais complexos e de maior escala.

5.2.10.1 Microcampo: Unidade

O microcampo *unidade* apresenta as lexias destinadas ao controle unitário dos elementos, de modo a favorecer a contagem desses componentes. Assim, as lexias estão ordenadas aqui desde a unidade simples até o conjunto que reúne elementos e é concebido como unidade.

cabeça *s.f.* grandeza utilizada para a contagem das unidades de animais vivos. **Cada cabeça de gado desse rebanho foi comprada com muito sacrifício.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > unidade.*

fardo *s.m.* grandeza utilizada para mensurar um conjunto de objetos em que os itens são reunidos a partir de uma padronização. **O algodão a gente comercializa no fardo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > unidade. Nota:* Como exemplo temos as seguintes medidas: Algodão (150-180kg), feno (12-25kg) e alfafa (28-30kg).

5.2.10.2 Microcampo: Peso

Neste microcampo – *peso* –, as lexias designam as grandezas que mensuram a pressão exercida pelos corpos no centro gravitacional da terra. Sendo assim, as lexias são sequenciadas em ordem crescente de escala, até as que são relativas ao peso no nível de suposição.

quilo (quilograma). *s.m.* grandeza utilizada para mensurar o peso. **Esse frango dá quantos quilos?** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > peso.*

arroba *s.f.* grandeza utilizada para mensurar o peso, que representa 14,7 kg e é empregada na comercialização, principalmente, de bovinos e outros animais de grande porte. **Aquele boi deu 23 arrobas. Era um animal grande.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > peso. Nota:* A arroba tem variações de medida entre os países, mas no Brasil e em Portugal equivale a 32 arráteis, ou seja, 16 onças ou 1 libra (ibérica = 1,011 kg), o que corresponde hoje a 14,7 kg.

saca (saco). [*'saka*, *'saku*] *s.f.* grandeza utilizada para mensurar peso e que representa uma quantidade pré-estabelecida de determinado produto. **Uma saca de farinha não pesa o mesmo que uma saca de açúcar, como cada um tem um peso diferente, o volume**

também é diferente. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > peso.* Nota: Como exemplo temos as seguintes medidas: farinha (60kg), açúcar (50kg), café (60kg) e arroz (50kg).

unidade animal (UA). *s.comp.* grandeza utilizada como referência para supor o peso de um bovino vivo e que correspondente a 450kg. **Uma UA é umas das medidas que a gente toma aqui pra vender o boi quando não tem balança.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > peso.*

na perna *s.comp.* grandeza utilizada para supor o peso do animal a fim de negociar sua venda. **Antigamente, a gente só vendia o boi na perna. Não tinha balança!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > peso.*

5.2.10.3 Microcampo: Volume

No microcampo *volume*, estão reunidas as lexias referentes à quantidade de massa presente nos corpos, assim, as ordenamos desde as medidas que se referem à menor quantidade de massa até às que designam a maior quantidade, estabelecendo uma relação crescente de escala.

litro *s.m.* grandeza usada para medir volume, correspondente a um decímetro cúbico de água. **Como não tinha balança, a medida era o litro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.*

meio litro *s.comp.* grandeza usada para medir volume, correspondente a metade de um decímetro cúbico de água. **Lá na mercearia tinha uma caixinha de madeira que marcava meio litro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.*

alqueire *s.m.* 1. grandeza de medida utilizada para comercializar mantimentos que corresponde a 8 litros. 2. grandeza de medida usada para extensões de terra que 110x110 metro ou 1,21 hectares para extensão de terra. **1. Fui muito na bodega separar um alqueire de farinha a pedido de meu pai. 2. Eu herdei do meu pai dois alqueires de terra e comprei os outros dos meus irmãos.** 1. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.* 2. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.*

quarta *s.f.* grandeza de medida usada para mensurar volume e corresponde a 10 litros. **Na casa de papai, era uma quarta de farinha por mês.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.*

costal *s.f.* grandeza usada para medir volume que equivale a 4 alqueires, ou seja, 32 litros. **A gente levava pra cidade os costais de rapadura.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.*
Nota: A medida costal surgiu como uma tentativa de fazer uma correspondência entre volume e a capacidade de carga que os animais conseguiam carregar.

5.2.10.4 Microcampo: Extensão

O microcampo extensão reúne as lexias que dão nome às escalas de medida referentes à dimensão de áreas e distâncias citadas pelos vaqueiros participantes da etnografia. Sendo assim, as organizamos, a exemplo do microcampo anterior, de modo progressivo e crescente, da menor para a maior escala de extensão.

palmo *s.m.* grandeza de medida utilizada para mensurar extensão de superfície que corresponde a 22 cm, medida entre a extremidade do dedo polegar e a do mínimo. **Essa porteira precisa de dez palmos pro gado passar tranquilo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.*

metro *s.m.* grandeza de medida utilizada para mensurar extensão de superfície convencionalizada pelo Sistema Internacional de Unidades. **Um cavalo considerado alto tem 1,5 metros da pá pro chão.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.* *Nota:* O Sistema Internacional de Unidades subdividiu o metro em 100 partes iguais, as quais chamou de centímetros.

braça *s.f.* grandeza de medida utilizada para mensurar extensão de superfície, baseada na medida que vai da palma de uma mão a outra, o que corresponde a 2,2 metros. **Daqui pra onde a gente vai dá mais ou menos uma 100 braças.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.*
Nota: O parâmetro para a medida da braça é baseado em uma pessoa adulta.

légua *s.f.* grandeza de medida utilizada para mensurar extensão de superfície que corresponde a 6.600km. **Daqui pra minha propriedade são quase duas léguas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.* *Nota:* A "légua" e a "braça" eram as medidas oficiais no Brasil até a doção do Sistema Internacional de Unidades, na década de 1970.

hectare *s.m.* grandeza de medida utilizada para mensurar extensão de superfície, correspondente a 10 mil metro quadrados. **Essa fazenda tem mais vinte hectares.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.*

5.2.11 Macrocampo: Religiosidade

No macrocampo *religiosidade*, encontramos as lexias que designam os aspectos relacionados à religião dos vaqueiros ou que remetem às questões de fé e de cresças espirituais. Nesse contexto, o presente macrocampo está constituído por quatro microcampos que reúnem as lexias referentes às questões fundamentalistas de crença, às entidades alvos da fé dos sujeitos, às práticas de fé habituais na conduta dos vaqueiros e os objetos símbolos dessa religiosidade, nomeados, respectivamente, de *genéricos*, *entidades*, *práticas* e *objetos*.

5.2.11.1 Microcampo: Genéricos

O microcampo *genéricos* compila as lexias referentes à fundamentação religiosa e que são inerentes a todas as religiões, iniciando na mais geral, ligada ao acreditar, e finalizando nas manifestações dessa crença.

fé *s.f.* ato religioso de acreditar sem explicação, razão ou justificativa. **A fé da gente não dá pra explicar, simplesmente a gente acredita.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > genéricos.

reza *s.f.* prece, oração ou profissão da fé. **As rezas fortalecem meu contato com Deus.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > genéricos.

oração *s.f.* súplica, pedido ou agradecimento feito com as palavras do cristão e dirigido a Deus, a um santo de devoção ou a uma entidade religiosa. **Todo dia peço a Deus, nas minhas orações, que venha chuva.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > genéricos.

5.2.11.2 Microcampo: Entidades

No microcampo *entidades*, reunimos as lexias que denominam os serem venerados no âmbito da religiosidade. Vale ressaltar que os participantes da etnografia citaram não apenas entidades reconhecidas pela Igreja, mas entidades reconhecidas pela religiosidade da cultura vaqueira, tendo em vista a relevância que esses serem têm no contexto do grupo pesquisado.

Diante desse cenário, sequenciamos as lexias desde a designação mais recorrente e que se refere, segundo os vaqueiros, à entidade religiosa maior, seguindo até os santos católicos e finalizando com as entidades religiosas reconhecidas pela cultura vaqueira.

Deus *s.m.* entidade religiosa maior, invocada pelos vaqueiros como o pai de todos e primeira pessoa da trindade. **Meu Deus, guarda os nossos caminhos!** *Sinôn.: Deus Pai, Pai todo poderoso, Nosso Pai, Nosso Senhor.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Deus Pai *s.comp.* **Deus Pai, criador de tudo e que nos guarda!** *Ver: Deus.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Pai todo poderoso *s.comp.* **Pai todo poderoso, manda chuva esse ano!** *Ver: Deus.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Nosso Pai *s.comp.* **Nosso Pai nos guarda e todo o perigo da profissão.** *Ver: Deus.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Nosso Senhor *s.comp.* **Nosso Senhor é a nossa fé em dias melhores!** *Ver: Deus.* *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Jesus Cristo *s.comp.* entidade religiosa, filho de Deus feito homem e segunda pessoa da trindade. **Jesus Cristo nos provou que temos fraquezas.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Divino Espírito Santo **(Divino).** *s.comp.* Entidade religiosa, terceira pessoa da trindade e padroeiro da cidade de Morada Nova. **Viva nosso padroeiro: Divino Espírito Santo!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Nossa Senhora *s.comp.* entidade religiosa, Maria, mãe de Jesus. **Tenho fé em Nossa Senhora, ela é a nossa mãe!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Nossa Senhora Aparecida **(Nossa Senhora da Conceição Aparecida).** *s.comp.* entidade religiosa, Maria, mãe de Jesus, com a pele escura e padroeira do Brasil. **Nossa Senhora Aparecida é a mãe protetora dos vaqueiros.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.* *Nota:* Em outubro de 1717, Dom Pedro de Almeida, governante da capitania de São Paulo e Minas de Ouro, passava por Guaratinguetá, SP, quando viajava para Vila Rica, MG. A população organizou uma festa para receber o conde de Assumar. Para prepararem a comida, pescadores foram para o rio Paraíba com a difícil missão de conseguirem muitos peixes para a comitiva do governador,

mesmo não sendo tempo de pesca. Os pescadores Domingos Garcia, Filipe Pedroso e João Alves, sentindo o peso de sua responsabilidade, fizeram uma oração pedindo a ajuda da Mãe de Deus. Depois de tentar várias vezes sem sucesso, na altura do Porto Itaguaçu, já desistindo da pescaria, João Alves lançou a rede novamente, não pegou nenhum peixe, mas apanhou a imagem de Nossa Senhora da Conceição Aparecida. Porém, faltando a cabeça. Emocionado, lançou de novo a rede e, desta vez, pegou a cabeça que se encaixou perfeitamente na pequena imagem. Só este fato, já foi um grande milagre. Contudo, após esse achado, eles apanharam tamanha quantidade de peixes que tiveram que retornar ao porto com medo de a canoa virar. Os pescadores chegaram a Guaratinguetá eufóricos e emocionados com o que presenciaram e toda a população entendeu o fato como intervenção divina.

São Francisco *s.comp.* entidade religiosa padroeiro de Canindé. **São Francisco não é só padroeiro dos pobres, nos ensina a ser humildes também.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.* *Nota:* Todos os anos em setembro, nos festejos de São Francisco, há a realização da missa do vaqueiro como parte das programação dos festejos do padroeiro do município.

Santo Antônio *s.comp.* entidade religiosa frequentemente aclamada pelos vaqueiros nas orações das festas. **Santo Antônio, São João Batista e São Pedro também são nossos santos de devoção.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

São João Batista *s.comp.* entidade religiosa frequentemente aclamada pelos vaqueiros nas orações das festas. **Santo Antônio, São João Batista e São Pedro também são nossos santos de devoção.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

São Pedro *s.comp.* entidade religiosa frequentemente aclamada pelos vaqueiros nas orações das festas. **Santo Antônio, São João Batista e São Pedro também são nossos santos de devoção.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.*

Menino Vaqueiro *s.comp.* entidade popular frequentemente aclamada pelos vaqueiros nas orações das festas, para pedir um bom caminho no mato. **Menino Vaqueiro abre os caminhos e nos permita encontrar a rês.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.* *Nota:* O Menino Vaqueiro era um jovem vaqueiro que viveu entre o Ceará e o Piauí, tinha muito amor pela profissão e era considerado um bom rapaz, respeitado por todos; contudo, foi brutalmente assassinado por ladrões de gado ainda jovem.

Raimundo Jacó *s.comp.* entidade popular frequentemente aclamada pelos vaqueiros nas orações das festas para pedir proteção e força para pegar o boi. **Raimundo Jacó, olha por nós! Abre nossos olhos pra enxergar a rês e conseguir derrubar.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > entidades.* *Nota:* Raimundo Jacó foi um vaqueiro valente e destemido, querido por todos por ser uma pessoa humilde e de muitos amigos, sua fama de pegar touros barbatões

corria por todo o Nordeste e despertava a admiração e a inveja de muitos. Em 8 de julho de 1954, um de seus companheiros de trabalho matou-o covardemente pelas costas, por inveja.

5.2.11.3 Microcampo: Práticas

O microcampo *práticas* elenca as lexias referentes às ações executadas pelos agentes da cultura vaqueira no âmbito religioso. Nesse sentido, este microcampo é constituído por fraseologias e verbos que tratam desde o fundamento do ter religiosidade até práticas de fé não ligadas à religião.

ter fé *fras.* acreditar por convicção, sem questionar. **Eu tenho fé que esse ano vai ter chuva, muita chuva!** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

esperar em Deus *fras.* ter paciência para alcançar uma graça pedida a Deus. **Espero em Deus que as coisas melhorem, porque já são 4 anos de seca.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

agradecer a Deus *fras.* agradecer diária e constantemente pelas bênçãos que, segundo os vaqueiros, Deus lhes concede. **Não me canso de agradecer a Deus!** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

rezar *v.* dizer as súplicas ensinadas pela Igreja Católica. **A gente reza todo dia pra Deus ouvir nossas preces.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

rezar a Ave Maria *fras.* repetir a oração da Ave Maria. **Rezar a Ave Maria aproxima a gente de Nossa Senhora.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

rezar o Pai Nosso (**rezar o Padre Nosso**). *fras.* repetir a oração do Pai Nosso. **Rezar o Padre Nosso já foi penitência, hoje é conversa mesmo com Deus.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

rezar o terço *fras.* repetir as orações que compõem as cinco dezenas do terço. **Todo dia eu rezo o terço.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

pedir proteção *fras.* rogar às entidades religiosas pela proteção contra males e perigos. **Peço proteção pra conseguir voltar pra casa, porque ser vaqueiro é uma profissão perigosa.** *cam.lex.:* cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.

ter adoração *fras.* venerar entidade religiosa em virtude de sua fé. **Eu tenho adoração por Nossa Senhora Aparecida.** *Sinôn.: ter devoção. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

ter devoção *fras.* Também tenho devoção por São Francisco de Canindé. *Ver: ter adoração. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

se benzer *v.* fazer o sinal da cruz ou se munir de bênçãos e proteção. **Eu me benzo para que Deus me guarde.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

benzer o gado *fras.* rezar no animal para que o animal se reestabeleça de um mal de saúde. **Eu sempre benzo o gado quando ele está doente.** *Sinôn.: curar o bezerro. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

curar o bezerro *fras.* **Eu curo o bezerro pra cair logo o humbigo.** *Ver: benzer o gado. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

cruzar a bicheira *fras.* rezar na bicheira e fazer o sinal da cruz em cima do ferimento do animal para que ele se reestabeleça de um mal de saúde. **Quando o gado está com a bicheira, eu trago a rezadeira e ela cruza a bicheira pra sarar logo, e sara!** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

fazer a despedida *fras.* se despedir de um vaqueiro falecido com aboios, histórias e cortejo de cavaleiros. **Quando um companheiro da gente se vai, a nossa parte é fazer a despedida.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > práticas.*

5.2.11.4 Microcampo: Objetos

No microcampo *objetos*, reunimos as lexias que denominam os símbolos adotados pelos participantes da etnografia. Sendo assim, ordenamos as designações desde os símbolos mais recorrente e assumidos pelos participantes como mais relevantes, até os menos vistos e, coincidentemente, citados não ligados à religião.

terço *s.m.* peça de contas que contém a terça parte de um rosário. **Eu sempre levo um terço comigo.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos. Nota: o "terço" é composto por cinco dezenas de Ave Maria, além de Pai Nossos, Salve Rainha e Credo.*

rosário *s.m.* peça de contas com as quinze dezenas de Ave Maria. **Nas novenas a gente reza o**

rosário todinho. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos.* *Nota:* As dezenas do rosário representam os momentos da vida de Jesus e dos que com ele conviveram. As cinco primeiras dezenas (mistérios gozosos) falam sobre a preparação de Maria e José para a chegada de Jesus; o segundo grupo de cinco dezenas (mistérios dolorosos) fala do sofrimento do Cristo; e as cinco últimas (mistérios gloriosos) abordam os momentos triunfantes de Jesus.

medalha *s.f.* peça de metal ou plástico onde é impressa a imagem de uma entidade religiosa. **Tenho**

medalha de todos os meus santos de minha devoção. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos.*

santo *s.m.* pequena escultura em madeira, metal, plástico ou gesso da imagem do santo de devoção.

Eu tenho vários santos num altazinho. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos.*

santinha *s.f.* pequena escultura em madeira, metal, plástico ou gesso da imagem de Nossa Senhora.

No meu altar a santinha tem um lugar de honra. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos.*

santinho *s.m.* imagem de um falecido impressa no papel com informações e mensagem de esperança e despedida. **Eu guardo o santinho dos meus amigos, são uma lembrança deles.**

cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade > objetos. *Nota:* O santinho recebe esse nome por ser uma tradição a capa desse material conter a imagem de um santo.

amuleto *s.m.* objeto que representa a fé ou o sentimento nutrido por uma entidade religiosa ou por alguém. **Esse chapéu é o meu amuleto, não corro atrás de gado sem ele.** *cam.lex.: cultura*

do vaqueiro > religiosidade > objetos.

5.2.12 Macrocampo: Eventos

O macrocampo *eventos* congrega as lexias que se referem aos eventos realizados pelos participantes e vividos por mim com eles durante a etnografia. Desse modo, este macrocampo é constituído por três microcampos, que organizam desde eventos de sentido indeterminado, a eventos de âmbito social ou religioso. Assim, o macrocampo é composto pelos seguintes microcampos: *genéricos*, *sociais* e *religiosos*.

5.2.12.1 Microcampo: Genéricos

No microcampo genéricos, estão reunidos os eventos de sentido indeterminado, visto que muitos desses eventos são frequentados pelos vaqueiros, mas não têm uma identidade diretamente relacionada à cultura vaqueira. Sendo assim, os ordenamos desde a festa mais generalizada a mais específica, porém, ainda indeterminada.

festa de vaqueiro *s.comp.* festas dançantes promovidas nos municípios, que têm os vaqueiros e os simpatizantes pela cultura vaqueira como público-alvo. **Festa de vaqueiro é assim mesmo, tem forró, bebida, pega de boi...** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > genéricos.*

pega de boi *s.comp.* festa dançante que tem por momento principal a pega de um boi e a premiação dos vaqueiros. **A pega de boi do Zé acontece todo mês de junho.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > genéricos.*

5.2.12.2 Microcampo: eventos sociais

O microcampo *eventos sociais* é constituído por lexias que dão nome às festas diretamente ligadas à cultura vaqueira e organizadas pelos próprios vaqueiros. Desse modo, as elencamos desde a festa que homenageia exclusivamente o vaqueiro, até as festas motivadas por práticas da lida desses atores há séculos.

festa do vaqueiro (**Festa do vaqueiro de Canindé; Festa do vaqueiro de Morada Nova**). *s.comp.* festa oficial do município em que o vaqueiro é o homenageado. **A festa do vaqueiro é um momento em que os amigos se encontram.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.* *Nota:* Em Canindé, o dia da festa do vaqueiro é instituído por lei estadual e, em Morada Nova, o dia da festa do vaqueiro é feriado municipal também decretado por lei.

cavalgada *s.f.* evento social que reúne cavaleiros para percorrer um trajeto a cavalo. **Sempre acompanho a cavalgada dos vaqueiros.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.* *Nota:* As cavalgadas são, frequentemente, uma introdução para o principal momento das festas dos vaqueiros, a missa do vaqueiro.

vaquejada *s.f.* atividade esportiva inspirada na pega de boi da lida diária do vaqueiro. **Quero**

todo mundo na vaquejada da associação hoje. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.* *Nota:* A vaquejada é regulamentada por lei como uma prática esportiva e cultural do nordeste do Brasil, no entanto, recentemente, em 2017, a prática foi proibida por lei em virtude de um movimento em defesa dos animais. Porém, antes da festa do vaqueiro de Morada Nova, em junho de 2017, a proibição foi revogada e a vaquejada da associação pôde acontecer com algumas adaptações.

pega de boi no mato *s.comp.* festa motivada pela pega de boi em uma grande propriedade de

vegetação nativa. **Eu todos os anos organizo uma pega de boi no mato pra comemorar meu aniversário.** *Sinôn.: pega de boi na manga. cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.*

pega de boi na manga *s.comp.* **Essa pega de boi na manga é esperada por muita gente.**

Ver: pega de boi no mato. cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.

pega da novilha *s.comp.* festa dançante motivada pela pega de novilhas em uma grande

propriedade de vegetação nativa. **A pega da novilha do Romildo é conhecida por toda a região.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.* *Nota:* O prêmio dessa festa são os próprios animais, ou seja, o vaqueiro fica com o animal que pegar.

festa de apartação *s.comp.* festa promovida pelos patrões para reunir o gado solto e separar os

seus animais dos animais das fazendas vizinhas, marcando a ferro quente as cabeças sem ferra. **A festa de apartação era o momento de separar o gado misturado.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > sociais.* *Nota:* "Ocorrendo no final do inverno (estação chuvosa), em junho, ou na época da comercialização do gado, a Festa da Apartação constituía-se um dos principais acontecimentos dos sertões. Nela ocorria a reunião do gado para a divisão e ferra entre fazendeiros e vaqueiros (no caso destes, para pagamento da quarteação) em decorrência do fato dos rebanhos, criados soltos e se reproduzindo livremente, misturarem-se. O fazendeiro, assim, proporcionava o festejo, convocando vaqueiros da própria fazenda e de outras circunvizinhas objetivando reaver as rezes dispersas e selecionar seu gado. Nesse sentido, constituía-se um momento importante de convívio social e mecanismo que assegurava a posse dos animais" (SILVA, 1997).

5.2.12.3 Microcampo: eventos religiosos

E, por fim, temos o microcampo *eventos religiosos*, que congrega as designações dos eventos relacionados ao vaqueiro no âmbito religioso. Logo, ordenamos as lexias desde a mais geral, passando pelo evento realizado em

homenagem ao vaqueiro, até o evento que conta com a participação deles como convidados e/ou organizadores.

missa *s.f.* celebração da Igreja Católica muito frequentada pelos vaqueiros com suas famílias. **Aqui em casa, a gente vai pra missa toda semana.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade.*

missa de vaqueiro *s.comp.* celebração da Igreja Católica em que os vaqueiros são o principal público. **Lá nos Targinos, todo ano, eu organizo uma missa de vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade.*

missa do vaqueiro *s.comp.* celebração da Igreja Católica em que os vaqueiros são homenageados. **Na festa tem que ter a missa do vaqueiro.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade.*

festa do Divino *s.comp.* festa em homenagem ao padroeiro de Morada Nova, o Divino. **Os vaqueiros participam todo ano da festa do Divino.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade.*

novena de São Francisco *s.comp.* nove dias de oração que antecedem a festa de São Francisco. **A novena de São Francisco é uma preparação para o grande dia.** *cam.lex.: cultura do vaqueiro > eventos > religiosos. cam.lex.: cultura do vaqueiro > religiosidade.*

Depois da apresentação, da estruturação e do detalhamento do campo lexical da cultura do vaqueiro e do produto lexicográfico que sistematiza em forma de vocabulário os dados coletados em campo, no decorrer da etnografia, concluo que o campo lexical aqui trabalhado possui articulações semânticas múltiplas e expõe o modo como uma cultura é permeada por relações complexas e diversificadas. Portanto, levanto aqui a bandeira do léxico como aspecto cultural, de modo a defender que a linguagem é o meio pelo qual as culturas marcam a sua presença através dos tempos e podem, no léxico, ser (re)conhecidas e (re)existir em sociedade.

Por fim, na seção que se segue, desenvolvo a discussão acerca das relações sígnicas que permeiam o léxico da cultura vaqueira e que aqui merecem espaço e reconhecimento.

6 RELAÇÕES SEMÂNTICAS: O QUE O CAMPO LEXICAL *CULTURA DO VAQUEIRO* ME REVELA...

“Parece estanho, eu mulher e vaqueira?! Pra mim faz todo sentido! Eu gosto de gado, gosto de cavalo e gosto de mato. Por que não?!...”

(MESTRA DINA MARTINS – CANINDÉ).

Nesta etapa da pesquisa, desenvolvo uma discussão sobre as ramificações e as lexias que compõem o campo lexical *cultura do vaqueiro* e as relações sígnicas que permeiam e circundam esse campo. Essa discussão é realizada com o propósito de cumprir o terceiro objetivo específico desta tese: Estudar as relações de significado responsáveis pela construção e pela delimitação do campo lexical da cultura do vaqueiro na sociedade contemporânea.

Com o foco nesse objetivo, é válido ressaltar que, inspirada no modelo de análise desenvolvido por Faulstich (1980) e fundamentado em Coseriu (1981, 1987), lanço um olhar analítico sobre as lexias e as suas relações semânticas primárias, secundárias, sinonímicas, polissêmicas, hiperonímicas e hiponímicas observadas na delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Esse olhar faz-se necessário para que a cultura do vaqueiro possa ser percebida, a partir de seu repertório lexical, como um todo articulado semanticamente em que há inúmeras relações de sentido entre os elementos culturais que a estruturam em um rizoma, que permeia o contexto linguístico, social e histórico do Ceará há séculos. Foi com esse olhar que iniciei a empreitada etnográfica e adentrei uma realidade linguística até então desconhecida, idealizada e vista apenas pelos livros e pela televisão.

Inserida nesse âmbito, desde o primeiro contato com os participantes no campo de pesquisa, pude aos poucos desmistificar a projeção construída em minha mente sobre esses trabalhadores do sertão, que lutam de sol a sol pela sobrevivência. Sendo assim, diante da realidade linguística dos vaqueiros, fui conhecendo esse universo de uso das palavras, das expressões e das unidades fraseológicas que são de fato deles, que constituem a linguagem deles. Em outras palavras, o domínio discursivo habitado pelos vaqueiros é constituído por um conjunto de elementos que superaram minhas expectativas como pesquisadora e como pessoa que conviveu com esses homens e essas mulheres no decorrer de quase três anos.

Diante desse cenário, das vivências e dos aprendizados, observei a necessidade de sistematizar, inspirada em Faulstich (1980) e com o apoio de recursos visuais, as relações sígnicas emergidas do campo lexical *cultura do vaqueiro* e refletir sobre elas como um aspecto linguístico e cultural.

Sendo assim, as análises aqui desenvolvidas estão apresentadas em três subseções, nas quais trato especificamente dos pares: 1) relações semânticas primárias e secundárias; 2) sinonímias e polissemias; e 3) hiperonímias e hiponímias. Como pode ser observado nas subseções que se seguem.

6.1 RELAÇÕES SEMÂNTICAS PRIMÁRIAS E SECUNDÁRIAS: OS PRIMEIROS SENTIDOS DO CAMPO LEXICAL

Nesta subseção, tenho como propósito expor, de modo detalhado, o raciocínio adotado por mim para a estruturação do campo lexical *cultura do vaqueiro*, a fim de esclarecer a delimitação apresentada nesta tese para o campo estudado e delinear as relações de sentido que sustentam o léxico do vaqueiro como um todo articulado.

Não é minha intenção aqui defender a delimitação desenvolvida nesta tese como o único arranjo possível para o léxico da cultura do vaqueiro, mas discutir as relações semânticas que emergiram de minhas experiências etnográficas e influenciaram o modo como as lexias foram aqui organizadas. Ressalto também que esta delimitação é reflexo da concepção de cultura que assumo nesta pesquisa, pois penso a cultura como processo e em constante transformação, o que me conduziu a perceber outras possibilidades de sentido para o campo já delimitado.

É com esse intento que inicio esta primeira subseção com as relações de sentido primárias e secundárias, ambas responsáveis pelo desenho do campo lexical, que, por sua vez, resultou na organização onomasiológica do vocabulário da *cultura do vaqueiro*, apresentado na seção 5 desta tese.

No primeiro inventário de lexias para a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*, elenquei doze macrocampos que assumem a posição de agrupamentos de lexias e foram nomeados desde os sujeitos até as práticas religiosas. Vale ressaltar que as designações dos macrocampos são consideradas arquilexemas qualificadores que remetem ao traço sêmico comum às lexias do macrocampo (FAULSTICH, 1980). Assim, o campo lexical *cultura do vaqueiro* é composto pelos seguintes arquilexemas:

sujeitos, animais, alimentação, instrumentos de trabalho, atividades laborais, acidentes de trabalho, práticas medicinais, ambientes de trabalho, geografia, medidas, religiosidade e eventos.

A ordem estabelecida para os arquilexemas dos macrocampos foi instituída a partir de uma primeira análise que considerou ser os *sujeitos* os principais agentes de uma cultura; que, por sua vez, existe em virtude de uma motivação, no caso dos vaqueiros, o zelo pelos *animais*; relacionados diretamente com a necessidade básica para a existência, a *alimentação*; seguida pelos objetos que são *instrumentos* para a execução da *atividade laboral* de vaqueiro; na sequência, há os infortúnios que acometem sujeitos e animais, como *acidentes* e *doenças*; passando para os espaços ocupados por esses sujeitos e animais, sejam eles *ambientes de trabalho* ou *geográficos*; na sequência, trago ainda um caráter de *normatização* muito utilizados durante o exercício da profissão; e, por fim, os aspectos sócio-históricos ligados à *religiosidade* e aos *eventos*.

Seguindo essa lógica de organização do campo, os arquilexemas dos macrocampos motivaram novos arquilexemas que, desta vez, dão nome aos quarenta e um microcampo:

I. Sujeitos

- 1) genéricos
- 2) vaqueiros
- 3) não vaqueiros

II. Animais

- 4) finalidade
- 5) desenvolvimento
- 6) anatomia
- 7) raças
- 8) cores
- 9) ações

III. Alimentação

- 10) genéricos
- 11) dos vaqueiros
- 12) dos bovinos
- 13) dos equinos

IV. Instrumentos de trabalho

- 14) indumentárias
- 15) utensílios
- 16) recursos

V. Atividades laborais

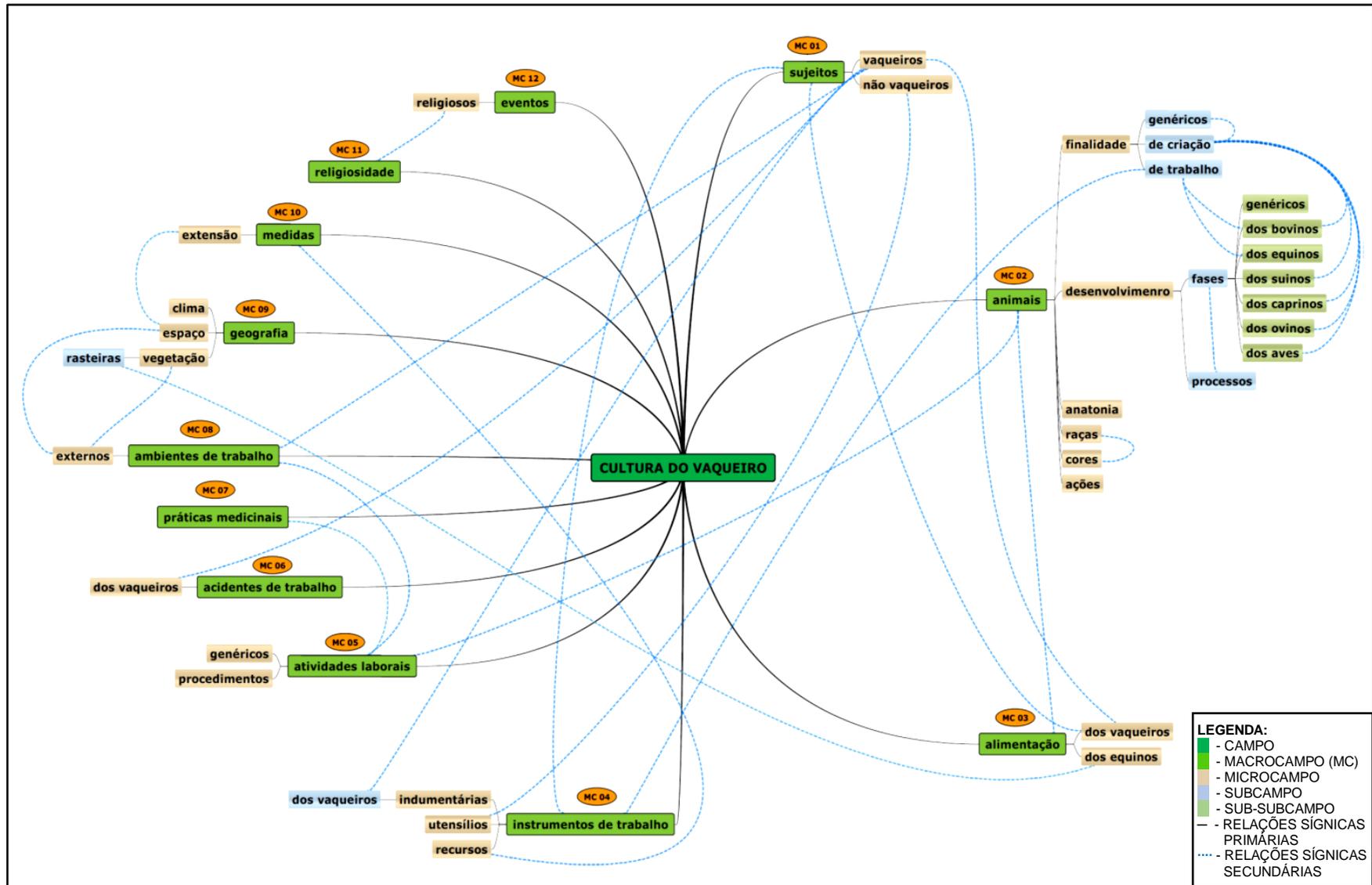
- 17) genéricos
- 18) procedimentos

VI. Acidentes de trabalho	30) vegetação
19) genéricos	X. Medidas
20) dos vaqueiros	31) unidade
21) dos animais	32) peso
VII. Práticas medicinais	33) volume
22) doenças dos animais	34) extensão
23) remédios	XI. Religiosidade
24) tratamentos	35) genéricos
VIII. Ambientes de trabalho	36) entidades
25) genéricos	37) práticas
26) internos	38) objetos
27) externos	XII. Eventos
IX. Geografia	39) genéricos
28) clima	40) sociais
29) espaço	41) religiosos

Considerando essa divisão dos macro e microcampos, assumo-a como as relações semânticas primárias, pois foram a primeiras relações traçadas de acordo com a lógica de pensamento estabelecida para a estruturação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Dando prosseguimento às análises semânticas, depois de fixada a estruturação do campo e de passar pela qualificação da pesquisa, foi possível perceber que as subdivisões da rede léxica e as lexias nela contidas suscitavam outras conexões. Vale ressaltar que essas conexões e as outras conexões, a que chamo de secundárias, não desqualificam as relações primárias traçadas *a priori*, mas complementam a articulação dos elementos lexicais contidos no campo, de modo a enfatizar o princípio que bem defende Abbade (2009) acerca dos campos lexicais, considerando-os como um todo articulado onde as palavras estabelecem entre si uma relação de mútua dependência. Assim surgiram as relações semânticas secundárias, as quais é possível observar representadas pela linha pontilhada azul (....) no diagrama arbóreo na figura seguinte.

Figura 14 – Relações semânticas secundárias do campo lexical *cultura do vaqueiro*



Fonte: Elaborado pela autora.

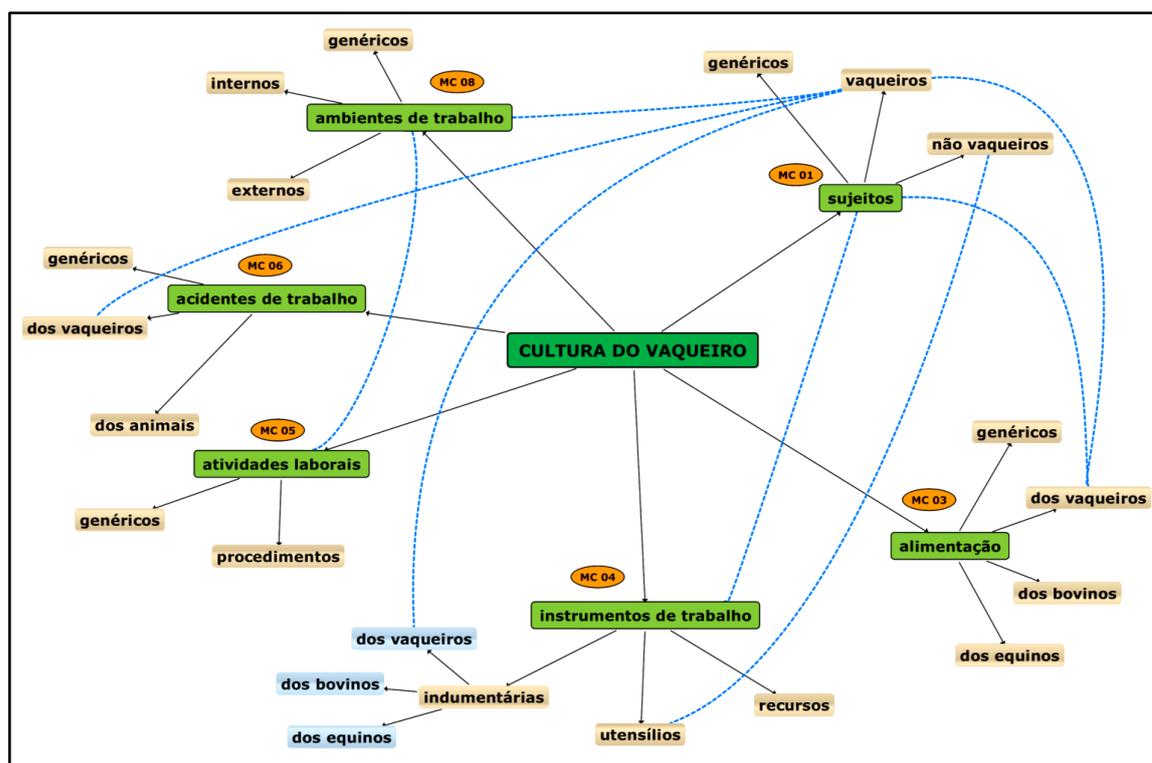
Depois de estabelecidas as relações semânticas primárias, observei que havia outras conexões entre os macro, micro, sub e sub-subcampos delimitados a partir do léxico da cultura do vaqueiro. Sendo assim, ponderei a respeito e cheguei à conclusão de que as relações secundárias são pertinentes e, por isso, não poderiam ser esquecidas na estruturação do campo, pois mostram como o léxico, concebido como o todo articulado, se reconfigurou no processo da etnografia vivido por mim, visto que só percebi as novas conexões depois de explorar outros vieses de observação.

Desta feita, com a intenção de ilustrar as relações semânticas secundárias, apresento e comento, a partir de agora, as que considero mais interessantes, pois são relações sígnicas que se destacaram no desenvolvimento da pesquisa, além de terem se reconfigurado nesse percurso metodológico, assim, começo pelo macrocampo *geografia* (Figura 14).

Nesse macrocampo, é possível observar a relação do microcampo *espaço* com os *ambientes de trabalho externos*, pois, nesses ambientes, a presença de aspectos dos espaços geográficos é marcante e mostra como o território dos acidentes geográficos do relevo, por exemplo, são delimitados pela ação do homem ao demarcar uma fazenda. Há, ainda, outra relação do *espaço geográfico* com o microcampo *medida de extensão*, pois são as grandezas de mensuração de superfície que demarcam os limites políticos desses espaços. E, por fim, observei a relação do subcampo *vegetação rasteira* com o microcampo *alimentação dos bovinos*, já que temos, entre os alimentos consumidos por esses animais, leixas como *bagaço de capim*.

Outro exemplo peculiar são as relações secundárias do macrocampo *sujeitos*, como pode ser visto no próximo diagrama arbóreo.

Figura 15 – Relações semânticas secundárias do macrocampo *sujeitos*

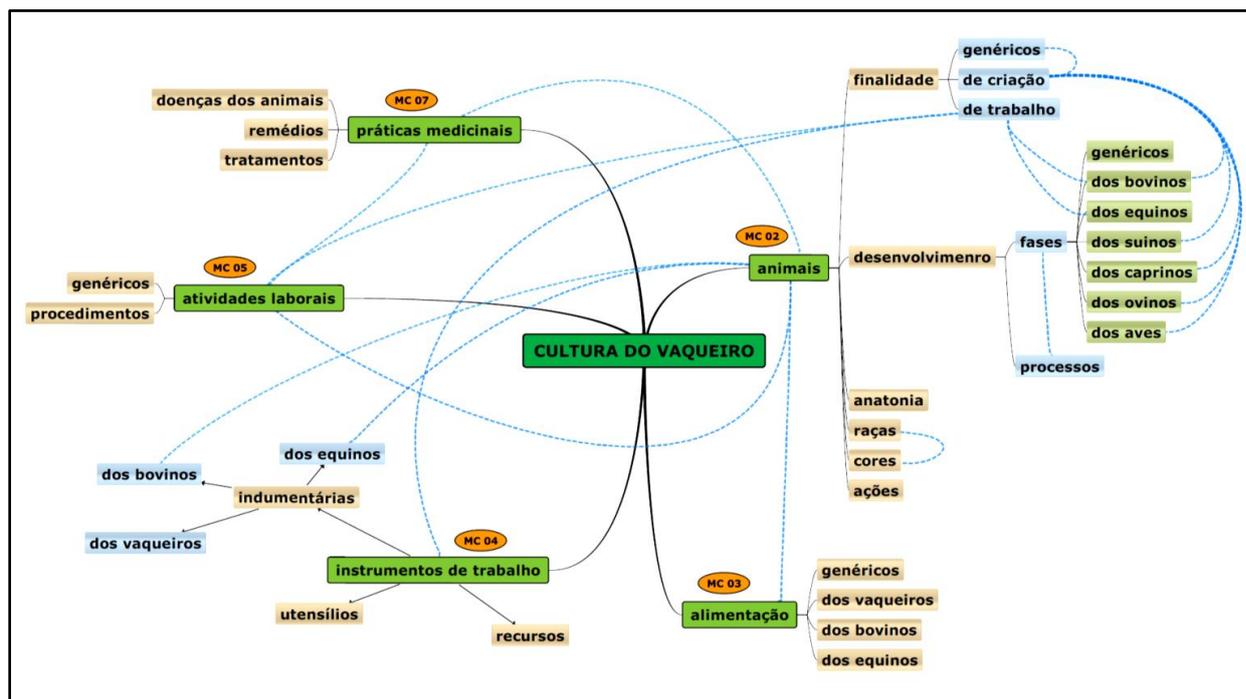


Fonte: Elaborado pela autora.

Essas relações foram traçadas a partir de uma observação que me permitiu enxergar que os *sujeitos* são atores sociais ativos e, por sua vez, retomados em diversos aspectos da cultura vaqueira, como na *alimentação*; nos *instrumentos de trabalho*, desde as *indumentárias* aos *utensílios* e ao macrocampo como um todo; na relação progressiva entre os *ambientes de trabalho* e as *atividades laborais*; e nos infortúnios da profissão, retratados nos *acidentes de trabalho dos vaqueiros*.

É salutar, comentar também as relações do macrocampo *animais*, pois esse macrocampo além de ser o mais detalhado da presente pesquisa, é constantemente retomado na *alimentação*, nas *indumentárias*, nas *atividades laborais* e nas *práticas medicinais*, como é possível ver no diagrama que se segue.

Figura 16 – Relações semânticas secundárias do macrocampo *animais*

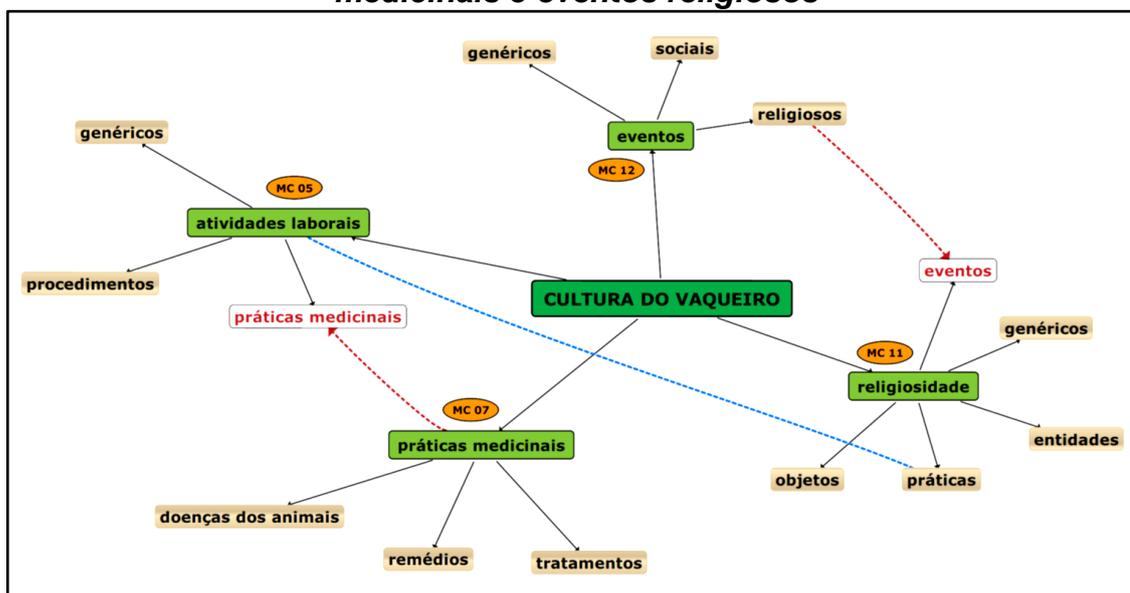


Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda com relação ao macrocampo *animais*, gostaria de destacar as relações secundárias avultadas no âmbito do próprio macrocampo, posto que os *animais de criação*, por exemplo, são referenciados em lexias do subcampo *finalidade* > *genéricos*, como *boiada* e *animais pequenos*. O subcampo *criação* também se relaciona com os sub-subcampos que designam os animais criados para venda e corte, como os *bovinos*, os *suínos*, os *caprinos*, os *ovinos* e as *aves*. Destaco também as relações do subcampo *animais de trabalho*, que se liga internamente com *bovinos* e *equinos*, e externamente com os *instrumentos de trabalho*, pois esses animais também são elementos facilitados da execução de atividades laborais. E por fim, as relações internas ao macrocampo entre as *fases* e os *processos* de desenvolvimento e entre as *raças* e as *cores* dos animais; e as externas, que se estendem dos animais aos macrocampos *atividades laborais* e *alimentação*.

Por último, gostaria, ainda, de comentar sobre as projeções dos microcampos *práticas medicinais* e *eventos religiosos*, como pode-se ver no diagrama arbóreo seguinte.

Figura 17 – Relações semânticas secundárias dos microcampos *práticas medicinais* e *eventos religiosos*



Fonte: Elaborado pela autora.

Nesse contexto, destaco a possível projeção do macrocampo *práticas medicinais*, que poderia também ser um microcampo no macrocampo *atividades laborais*, já que todas essas práticas fazem parte do rol de atribuições da profissão de vaqueiro, apesar de nem todos os sujeitos estarem ao exercício desses procedimentos. O microcampo *eventos religiosos* também poderia ser microcampo no macrocampo *religiosidade*, pois designa diretamente evento de cunho religioso.

Em suma, é possível afirmar que as relações semânticas secundárias são relevantes para a estruturação e para a compreensão do campo lexical aqui estudado, e também importantes para o entendimento da cultura vaqueira qualitativamente, pois foi vivendo a etnografia em diferentes contextos, que fui exposta a situações que me induziram a olhar a realidade linguística dos vaqueiros em múltiplas perspectivas e a compreendê-las como transformadas e transformadoras dos sentidos atribuídos a cada lexia.

Depois de detalhadas as relações primárias e secundárias, prossigo com a considerações a respeito das relações sinonímicas e polissêmicas observadas no campo lexical *cultura do vaqueiro*.

6.2 RELAÇÕES SINONÍMICAS E POLISSÊMICAS: OS SENTIDOS QUE SE CRUZAM NO CAMPO LEXICAL

As relações semânticas de sinonímia e polissemia são inerentes às realidades linguísticas, visto que a recorrência de variações de âmbito lexical configura a instituição de sinônimos, enquanto as variações de sentido, baseadas nos usos dos falantes, instituem as polissemias, de modo enfatizar que as necessidades comunicativas estabelecem novos usos e, por sua vez, outros sentidos às lexias já empregadas nos contextos de comunicação.

No estudo etnográfico acerca do campo lexical da cultura do vaqueiro não foi diferente, pois, primeiramente, pude perceber a existência de uma grande riqueza de lexias no avançar das análises desse campo, e, posteriormente, com a composição do vocabulário, confirmei a presença de sinonímias e polissemias, que contribuíram ainda mais para a complexidade das relações semânticas que estruturam a linguagem do vaqueiro.

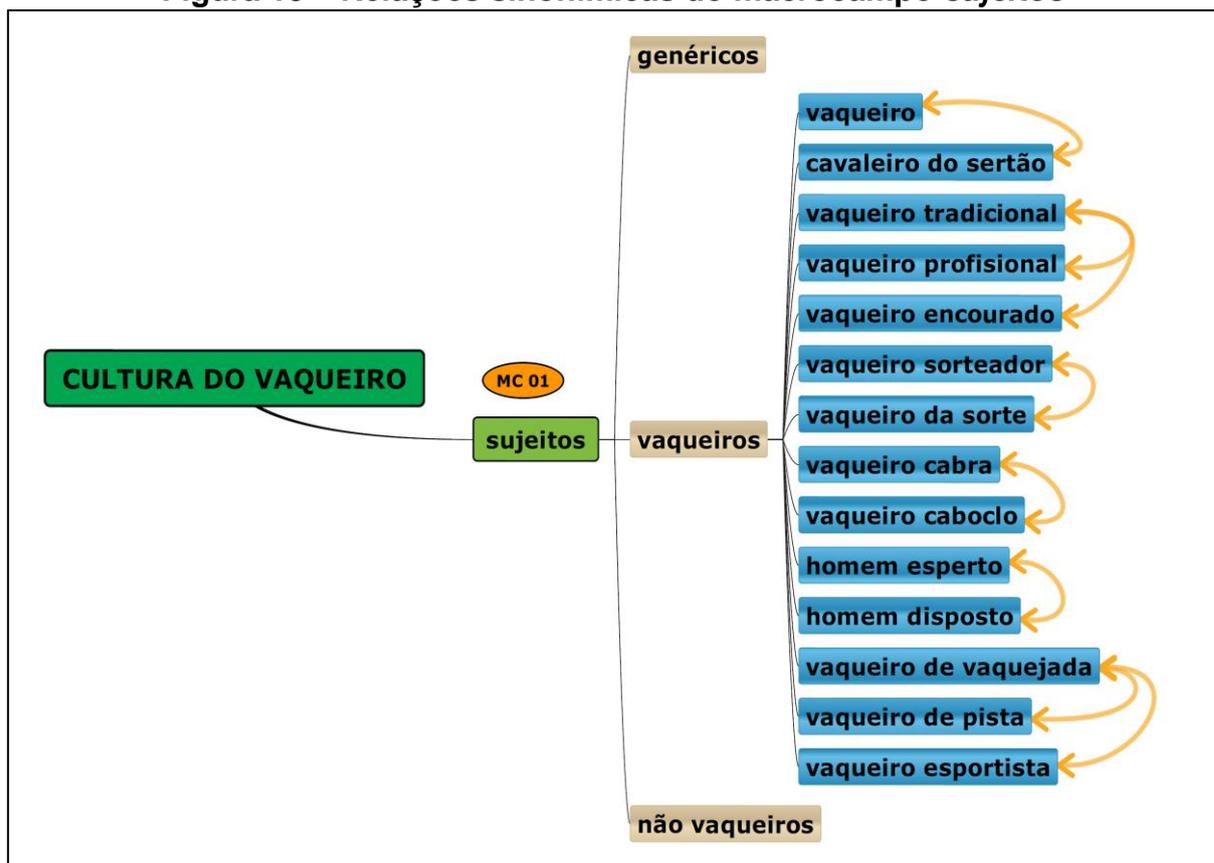
Como bem fez Faulstich (1980), nesta subseção, trago os diagramas arbóreos como um recurso visual para expor, de modo didático e sistematizado, as relações sinonímicas observadas. Desde já, advirto para o fato de estarem inseridas nos diagramas, o recorte que envolve apenas as sinonímias, desde o campo às lexias, pois pelo grande número de lexias comportadas nos macro, micro, sub e sub-subcampos do campo lexical delimitado nesta tese, seria inviável visualmente inserir todas as lexias, quando o meu propósito é ilustrar um fenômeno em um dado recorte.

Para orientar a leitura dos diagramas, destaco a sinonímia, representada por uma seta alaranjada bilateral (↔) que liga lexias diferentes, mas que possuem o mesmo significado, ou seja, essas lexias estão envolvidas em um contexto semântico de relações complexas em que estão unidas pelo mesmo sentido atribuído a todas elas (ULLMANN, 1964). Nessa perspectiva, pode-se observar que a escolha pela seta bilateral é justificada pelo fato de haver uma correspondência entre as lexias estabelecidas como sinônimas, mas que podem ter sido empregadas em contextos sociais, históricos e culturais diferentes para designar o mesmo elemento. Como exemplo, destaco as lexias *máscara* e *careta* (Figura 20), pois *máscara* é a variante majoritariamente citada pelos vaqueiros entrevistados e observados em Canindé e Morada Nova, contudo, no acervo do MCC há referência à lexia *careta*. Diante desse contexto, indaguei os colaboradores do museu sobre a origem dessa variante e foi

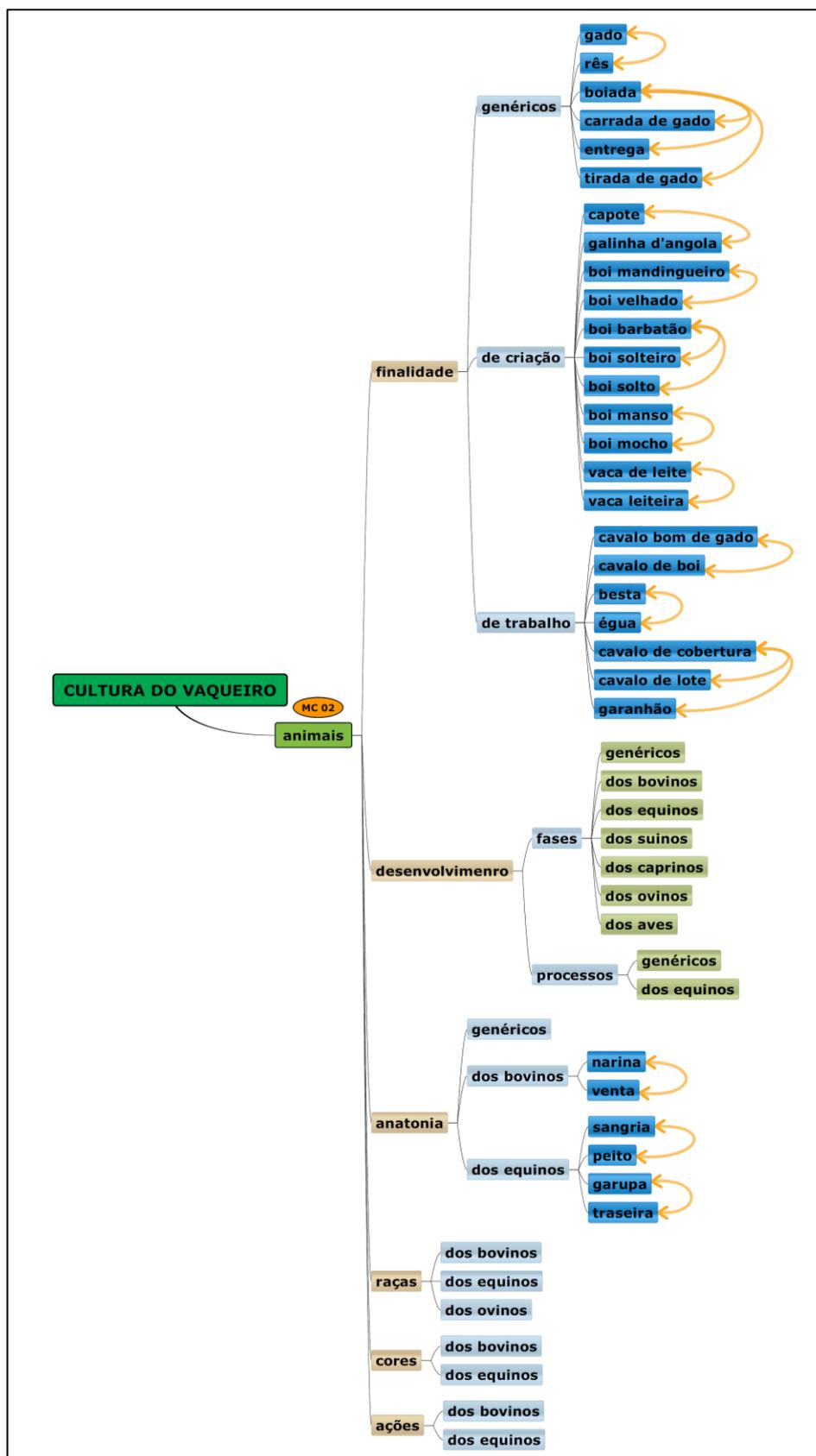
esclarecido que essa lexia foi registrada em contato com vaqueiros da região de divisa com o Rio Grande do Norte, outro estado em que a cultura vaqueira é bastante difundida.

Desse modo, seguem os diagramas arbóreos dos macrocampos que apresentaram o maior número de relações sinonímicas.

Figura 18 – Relações sinonímicas do macrocampo *sujeitos*

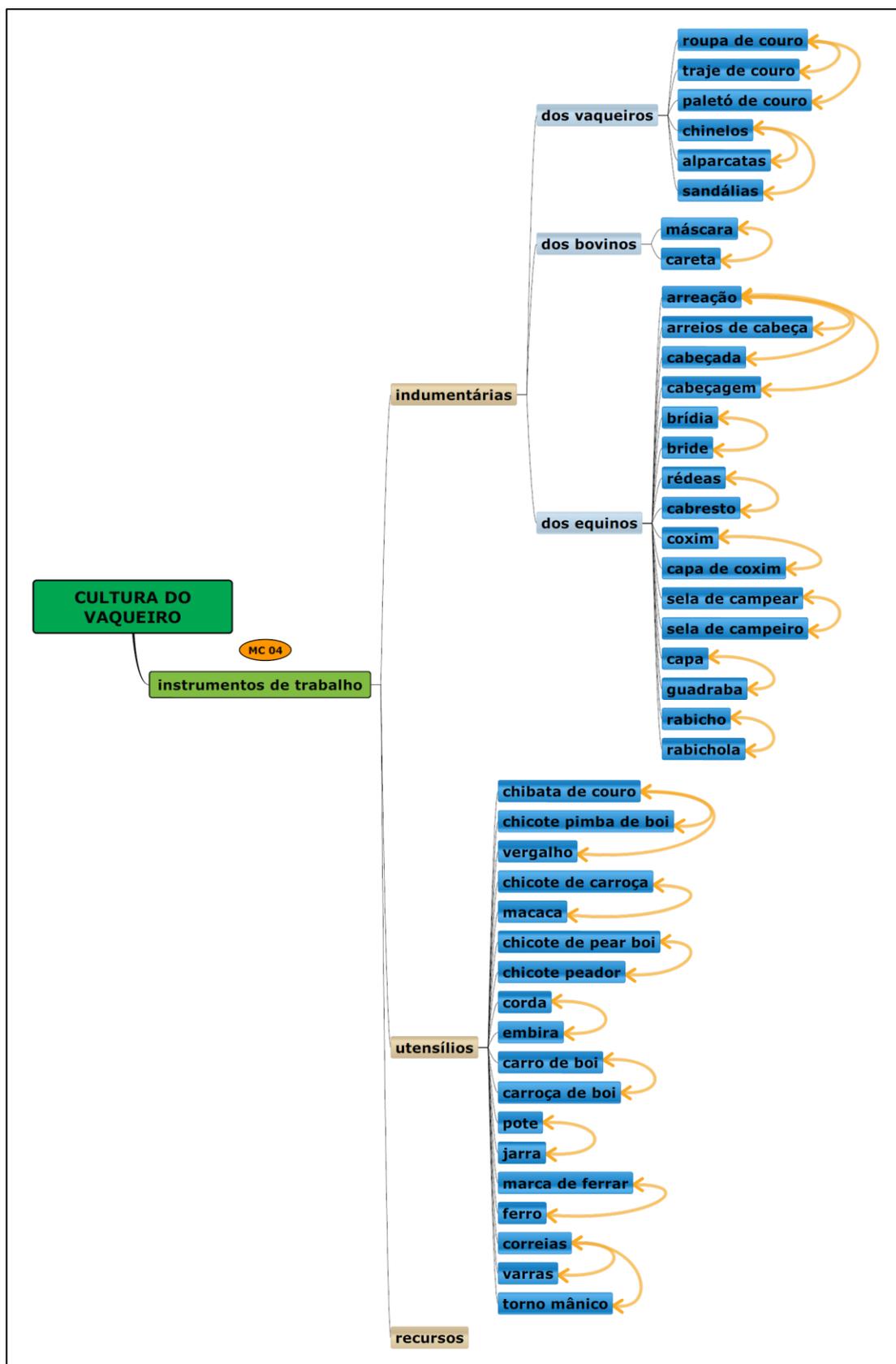


Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 19 – Relações sinonímicas do macrocampo *animais*

Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 20 – Relações sinonímicas do macrocampo *instrumentos de trabalho*



Fonte: Elaborado pela autora.

Além das relações de sinonímia, observei, ainda, as polissemias que se manifestaram nas análises do campo lexical *cultura do vaqueiro* e se confirmaram durante a análise semântica mais detalhada para a composição do vocabulário. vale ressaltar que me ancoro aqui na concepção de polissemia de Ullmann (1964), pois, como destaca o autor, há uma analogia entre as partes envolvidas na relação de sentido em que um elemento pode apresentar mais de um sentido.

Foi baseada nessa concepção que selecionei os verbetes *ração*, *caiçara* e *alqueire* para exemplificar as relações polissêmicas encontradas no campo lexical analisado. Seguem os verbetes:

ração *s.f.* 1. alimentação de todo dia que é servida nas refeições principais, pois é a maior fonte de nutrição e energia do vaqueiro. 2. preparado balanceado específico para a nutrição dos animais. **1. Quando chego em casa, a ração tem que tá pronta porque já é horas de botar os bezerros pra mamar de novo. 2. A ração não pode faltar, afinal, é dela que a gente se vale pra alimentar os animais.** 1. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > genéricos.* 2. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos bovinos > sólidos. / cam.lex.: cultura do vaqueiro > alimentação > dos equinos > sólidos.*

caiçara *s.f.* 1. lugar cercado, isolado e com porteira, não mais utilizado para as atividades de primeira necessidade, mas que serve para prender os bichos, como um grande e velho quintal. 2. cerca feita com ramos de árvores, paus a pique, varas. **1. Lá na minha propriedade, atrás da casa, a gente tem a caiçara onde eu crio os porcos. 2. O cercado dos cordeiros tem que ser de caiçara.** 1. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > ambientes de trabalho > externos.* 2. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > instrumentos de trabalho > utensílios.*

alqueire *s.m.* 1. grandeza de medida utilizada para comercializar mantimentos que corresponde a 8 litros. 2. grandeza de medida usada para extensões de terra que 110x110 metro ou 1,21 hectares para extensão de terra. **1. Fui muito na bodega separar um alqueire de farinha a pedido de meu pai. 2. Eu herdei do meu pai dois alqueires de terra e comprei os outros dos meus irmãos.** 1. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > volume.* 2. *cam.lex.: cultura do vaqueiro > medidas > extensão.*

Observando os verbetes, é possível perceber que as três lexias possuem duas acepções, cada uma com um sentido diferente, mas que não ao mesmo signo, pois designam elementos diferentes em macro e microcampos diferentes. Como exemplo, destaco a lexia *caičara*, pois a primeira acepção da lexia refere-se a um ambiente externo de trabalho, enquanto a segunda, referencia um utensílio de trabalho, ou seja, as acepções utilizadas pelos vaqueiros para um dos âmbitos dessa palavra, a coloca em macrocampos distintos (*ambientes de trabalho e instrumentos de trabalho*) e, conseqüentemente, em microcampos também diferentes (*ambientes externos e utensílios*).

Já a lexia *Alqueire*, também apresenta duas acepções, porém, há uma proximidade entre o contexto dessa variação semântica, pois, em ambas as acepções, a lexia está situada no macrocampo *medidas*, mas em subcampos distintos, pois uma refere-se a volume e a outra a extensão de superfície. Algo semelhante acontece com a lexia *ração*, contudo, a segunda acepção se encaixa em dois subcampos diferentes, visto que se aplica tanto aos bovinos quanto aos equinos.

Diante dessas observações acerca da sinonímia e da polissemia, é possível confirmar a concepção socioterminológica discutida por Faulstich (1998) e Marengo (2016), que partem do princípio de que mesmo em contextos especializados ou específicos de comunicação há variações, pois, os falantes, em suas comunidades de prática, empregam as lexias de acordo com a intencionalidade de seus propósitos comunicativos.

Seguindo essa linha de pensamento, Faulstich (1998, p. 141) defende ainda que “a polifuncionalidade da unidade lexical [...] pode produzir mais de um registro ou mais de um conceito para o mesmo termo”, o que corrobora os achados sinonímicos e polissêmicos como legítimas representações de uma língua viva na tradição dos vaqueiros.

Passo agora para a última subseção, onde discuto a respeito das relações semânticas hiperonímicas e hiponímicas observadas no campo lexical *cultura do vaqueiro*.

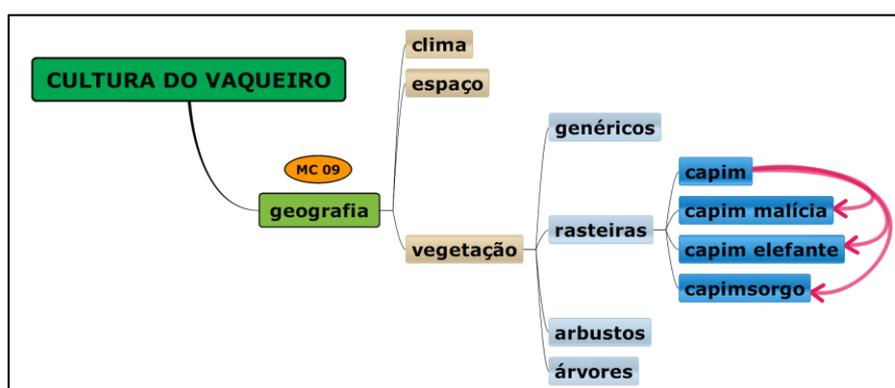
6.3 RELAÇÕES SEMÂNTICAS HIPERONÍMICAS E HIPONÍMICAS: AS HIERARQUIAS DE SENTIDO DO CAMPO LEXICAL

Nesta subseção, debruço-me sobre as relações de hiperonímia e hiponímia observadas no campo lexical *cultura do vaqueiro*, constituído a partir das vivências etnográficas. Voltei-me para esses fenômenos semânticos, por perceber, desde as primeiras experiências em campo de pesquisa, tipos e subtipos de diversos elementos que aguçaram a minha curiosidade. Mais tarde, com a conclusão da delimitação do campo lexical e, posteriormente, com a feitura do vocabulário, esses agrupamentos se confirmaram para que eu os expusesse aqui.

Desta feita, trago as relações semânticas de hiperonímia e hiponímia marcadas conjuntamente, pois, elas estão aqui representadas por uma seta unilateral rosa (\rightarrow), posto que a hierarquia entre as lexias é marcada pela direção da seta, isto é, na base está o hiperônimo que aponta para os hipônimos. Sendo assim, entre as lexias constituintes da cultura do vaqueiro há inúmeras ocorrências de relação hierárquica, partindo do vocábulo genérico para os seus subtipos, por esta razão, a seta aponta do hiperônimo para os hipônimos. Ou seja, a hiperonímia e a hiponímia se instituem como relações sígnicas complexas que articulam em níveis de abrangências de sentido as lexias específicas que, por sua vez, podem ser substituídas, em seus contextos de uso, por uma lexia de sentido genérico que engloba de modo não específico as lexias subordinadas (ULLMANN, 1964).

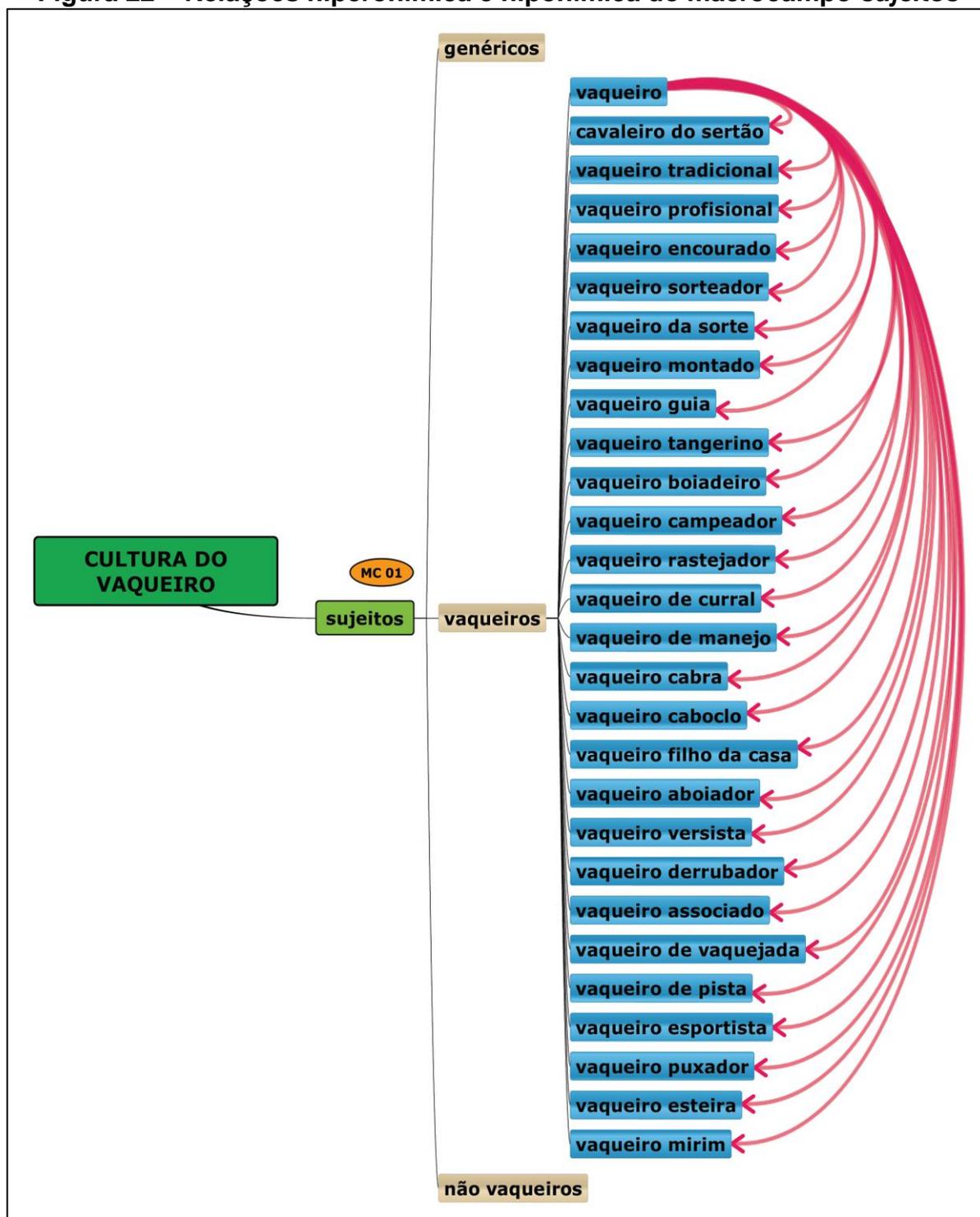
Esclarecidas as concepções de hiperonímia e hiponímia aqui consideradas, passo para os diagramas arbóreos que ilustram os recortes dessas relações no campo estudado.

Figura 21 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo *geografia*



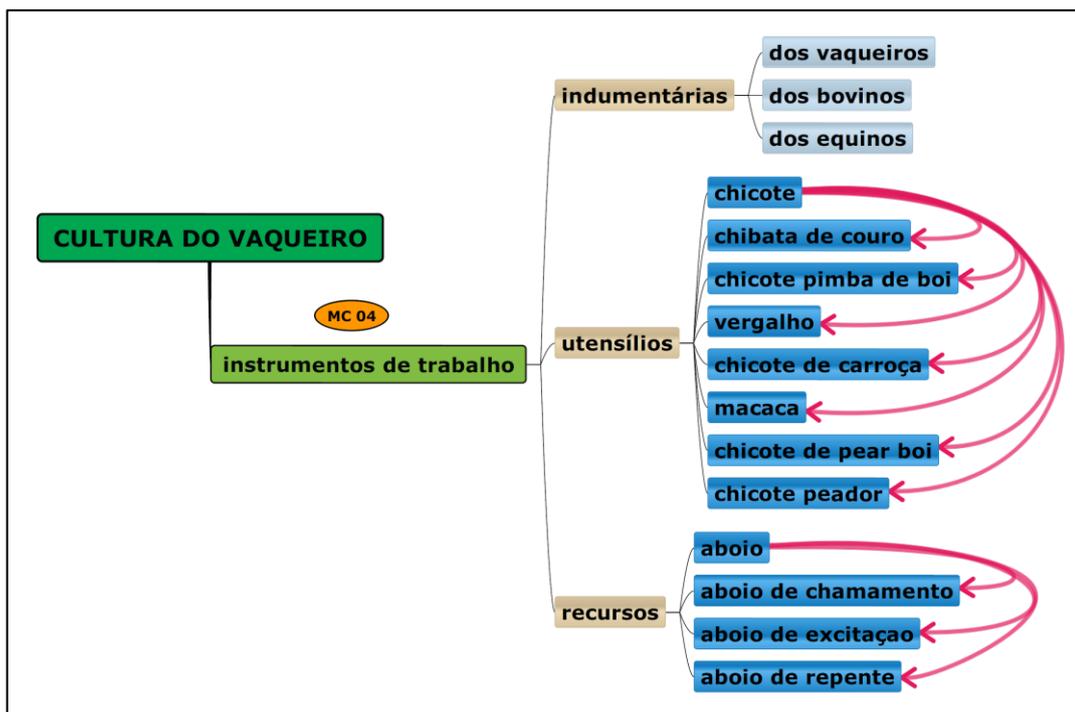
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 22 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo *sujeitos*



Fonte: Elaborado pela autora.

**Figura 23 – Relações hiperonímica e hiponímica do macrocampo
*instrumentos de trabalho***



Fonte: Elaborado pela autora.

Para melhor compreender as relações hiperonímicas e hiponímicas avultadas nos diagramas anteriores, observo que há uma relação lógica entre as lexias ligadas com as setas rosa, pois, por exemplo, no subcampo *vegetação rasteiras* temos *capim* como hiperônimo e *capim malícia*, *capim elefante* e *capim sorgo* como hipônimos, o que confirma que em contexto de substituição ou de referenciação, onde, em ambos casos não haja a necessidade de especificações, o hiperônimo pode ser usado em permuta com os tipos de capim elencados, cabendo ao contexto a determinação do tipo específico de capim do qual se fala.

As mesmas relações sígnicas também podem ser observadas nos diagramas arbóreas das Figuras 22 e 23, onde há os hiperônimos *vaqueiro*, *chicote* e *aboio*, e seus respectivos hipônimos. Contudo, destaco que a sequência de hipônimos referente ao hiperônimo *vaqueiros* é bem mais extensa, o que chama a atenção para afirmar que não há um limite de número de elementos envolvidos nas relações hierárquicas de sentido, que, por sua vez, propicia a construção de cadeias anafóricas que admitem uma possibilidade imensurável de lexias, a depender do recorte do *corpus* em análise.

Findada a análise, percebo que o repertório lexical da cultura do vaqueiro pode ser considerado um todo articulado semanticamente, em que as relações de sentido são responsáveis pela conexão dos elementos culturais que estruturam o campo lexical *cultura do vaqueiro* como um rizoma, que permeia os contextos linguístico, social e histórico do Ceará desde os primórdios da colonização.

Sendo assim, nesta seção, foram expostas, detalhadas e discutidas as relações sígnicas que propiciaram a delimitação e a estruturação do campo lexical *cultura do vaqueiro* e, por sua vez, foi analisado com base nas relações semânticas primárias, secundárias, sinonímicas, polissêmicas, hiperonímicas e hiponímicas observadas na delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Portanto, diante da apreciação das relações semânticas discutidas nesta seção, considero que o campo lexical *cultura do vaqueiro* é um âmbito sociocultural-discursivo que marca a presença dos elementos que compõem a cultura vaqueira por meio das relações de sentido. Assim, o vaqueiro, os animais, a alimentação, os instrumentos de trabalho, as intemperes diárias, os espaços, a geografia, a religiosidade e as manifestações sociais fazem do contexto de atuação desse profissional um contexto único, percebido em suas nuances relacionais que fazem todo o sentido para os vaqueiros e, agora, também para mim.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS: O CAMINHO TEM FIM?

“Onde eu quero chegar?... A lugar nenhum! Eu quero ficar, quero existir nesse mundo que só olha pro futuro e esquece o passado. Quero que meus filhos sejam vaqueiros aqui e que meus netos se lembrem de mim.”

(CLEIGERDUQUE MAIA – MORADA NOVA).

Nos caminhos entre Fortaleza, Canindé e Morada Nova, entre idas e vindas, encontros, reuniões, festas, missas, cavalgadas, conversas... Foi nesse cenário que esta pesquisa se fez, pelos caminhos que trilhei de mãos dadas com os vaqueiros, as famílias, os amigos e tantas pessoas admiráveis que a etnografia me revelou. É com esse sentimento que concluo minha pesquisa de doutoramento, com a emoção de quem viveu cada momento com esses homens e mulheres sempre dispostos a compartilhar comigo um pouco de si e a se doar para a cultura vaqueira de uma maneira que me contagiou nos últimos quatro anos de minha vida.

Foi vivendo a etnografia que o percurso da pesquisa se fez e me conduziu a chegar aos resultados aqui apresentados, na forma do campo lexical *cultura do vaqueiro*, do vocabulário dessa cultura e das tantas reflexões acerca do léxico e da cultura sobre as quais discorro no decorrer das seções desta tese.

Contudo, não iniciei minha pesquisa despreziosamente, pois desde a gênese deste estudo minha intenção era trabalhar com o léxico do vaqueiro com base na teoria dos campos lexicais, desenvolvendo um estudo de campo, em contato direto com os vaqueiros. Sendo assim, busquei um aparato metodológico que me amparou, sobremaneira, no desenvolvimento de minha pesquisa, a etnografia.

Foi no decorrer da etnografia que a pesquisa tomou outra dimensão e, a partir dessa postura etnográfica, os objetivos também se refizeram. Sendo assim, o presente estudo lançou como objetivo geral: Investigar a linguagem do vaqueiro do sertão do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural.

A partir desse objetivo, outras metas também foram definidas e, por sua vez, originaram os seguintes objetivos específicos:

- a) Constituir o campo lexical da cultura do vaqueiro como uma manifestação linguístico-cultural ainda ativa no estado do Ceará;

- b) Organizar um vocabulário do léxico da cultura do vaqueiro com base teórico-metodológica dos campos lexicais;
- c) Estudar as relações de significado responsáveis pela construção e pela delimitação do campo lexical da cultura do vaqueiro na sociedade contemporânea.

Diante desses objetivos, minha pesquisa constituiu-se como um estudo qualitativo, que focalizou no vaqueiro as ações desenvolvidas no campo e construiu, em parceria com esses participantes, o percurso etnográfico, o campo lexical, bem como o vocabulário da *cultura do vaqueiro*. É importante ressaltar que os participantes tiveram voz ativa durante a pesquisa, o que me inspirou para permear este texto com essas vozes. Sendo assim, o discurso dos vaqueiros está presente não apenas nos contextos de uso dos verbetes do vocabulário, mas também nas reflexões acerca da profissão, no contexto sócio-histórico, nos procedimentos metodológicos, nas discussões sobre as relações de sentido e nas reivindicações por reconhecimento e apoio sociocultural.

Nessa perspectiva, seguindo o viés qualitativo, organizei a estrutura desta tese de modo a alcançar os objetivos traçados, construindo um texto pautado por discussões voltadas para o léxico e para a cultura do vaqueiro, mas sem esquecer as bases teórico-metodológicas de fundamentação das discussões e as problemáticas que circundam o contexto vivido pelos participantes da pesquisa.

Desse modo, como dito anteriormente, ratifico que esta tese foi organizada em dez seções, incluindo estas considerações finais, referências, apêndices e anexos, a fim de contemplar as temáticas e as discussões que creio ser pertinentes para o desenvolvimento e o melhor entendimento da pesquisa. Além das seções citadas, seguem ainda as considerações iniciais, que expõem as diretrizes da pesquisa; a seção 2, que traz a base teórica fundamentada nos estudos culturais, nos estudos lexicais, na concepção de realidade linguística e na teoria dos campos lexicais; a seção 3, que compila o percurso sócio-histórico onde se insere o vaqueiro, avultando uma discussão sobre o vaqueiro e o sertão, que traz à tona o passado e a conjuntura contemporânea desses elementos; a seção 4, que detalha as particularidades metodológicas da etnografia; a seção 5, que constitui e apresenta o campo lexical e o vocabulário da *cultura do vaqueiro*; e a seção 6, que traz as análises semânticas acerca das relações de sentido estruturantes do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Partindo do panorama apresentado, não posso deixar de mencionar as discussões desenvolvidas no decorrer desta tese, a iniciar pelo referencial teórico, visto que, além de fazer um panorama sobre os preceitos que embasam os eixos teóricos da pesquisa aqui documentada, enfatizo, a partir desse referencial, a concepção de cultura como processo vivo e dinâmico; a visão sobre o léxico como patrimônio cultural e sócio-histórico da língua; o conceito de realidade linguística como um aspecto linguístico-pragmático; e a teoria dos campos lexicais como um princípio teórico-metodológico propício ao estudo da língua como um construto contextual e em constante transformação. Em suma, as discussões apresentadas no referencial teórico definem o estudo léxico-cultural como pertinente e necessário para o entendimento das relações entre léxico e cultura na contemporaneidade.

Na seção que tratou do contexto sócio-histórico, trouxe para o centro da discussão o vaqueiro e o sertão, o ator social com quem construí minha etnografia, abordando também o contexto habitado por ele desde os primórdios da colonização do estado do Ceará até a contemporaneidade, o sertão nordestino, em meu caso especificamente, o sertão do Ceará. Esta discussão contou com um referencial permeado por estudiosos que discutem as temáticas diretamente relacionadas com a ocupação do território cearense, com a problemática da seca e com os aspectos culturais do estado; constituindo um panorama de descrições, discussões e reflexões responsáveis pelo modo como concebo o vaqueiro, não apenas no contexto de pesquisa, mas como agente responsável pelo povoamento do Ceará, que, apesar de ter a profissão reconhecida legalmente, ainda luta para ser reconhecido cultural, social e historicamente.

Já na seção metodológica, apresentei os aspectos do percurso etnográfico, explicando e justificando os métodos empregados na investigação, além de mostrar como a pesquisa se fez nesse percurso. Descrevi também quem são os participantes da pesquisa, os contextos da etnografia, bem como detalhei os procedimentos metodológicos realizados, apresentei a composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*, as ferramentas utilizadas para a construção do vocabulário, e os elementos que compuseram a última etapa metodológica, análise das relações sócio-culturais do léxico da cultura do vaqueiro.

Na seção em que apresento a delimitação do campo lexical e o vocabulário, cumpro dois objetivos específicos de minha pesquisa – 1) Constituir o campo lexical da cultura do vaqueiro como uma manifestação linguístico-cultural ainda ativa no

estado do Ceará; e 2) Organizar um vocabulário do léxico da cultura do vaqueiro com base teórico-metodológica dos campos lexicais. Sendo assim, a referida seção trouxe de modo detalhado a composição do campo lexical estudado em forma de diagrama arbóreo, as relações de significado responsáveis pela articulação das lexias nele contidas (relações primárias) e as relações decorrentes da dinamicidade da linguagem no contexto estudado (relações secundárias). Não posso esquecer que a etnografia deu a essa seção autenticidade de resultados, visto que os vaqueiros participaram de modo ativo e marcante da composição e da análise dos dados que culminaram na delimitação do campo lexical e no vocabulário da *cultura do vaqueiro*.

Por último, na seção que trata das relações semânticas, etapa em que cumpri o terceiro objetivo específico de minha pesquisa – 3) Estudar as relações de significado responsáveis pela construção e pela delimitação do campo lexical da cultura do vaqueiro na sociedade contemporânea –, desenvolvi uma discussão sobre as ramificações e as lexias que compõem o campo lexical *cultura do vaqueiro* e as relações sígnicas entranhadas nesse campo. Essa discussão foi conduzida não apenas com o foco nesse objetivo específico, mas com o desejo de detalhar e justificar o modo como organizei as lexias, sem esquecer, obviamente, as relações semânticas primárias, secundárias, sinonímicas, polissêmicas, hiperonímicas e hiponímicas observadas na delimitação do campo lexical *cultura do vaqueiro*.

Concluída a exposição das particularidades e das intenções com as quais pautei a produção de cada uma das seções desta tese, ratifico também o cumprimento do objetivo geral de minha pesquisa – Investigar a linguagem do vaqueiro do sertão do Ceará como um patrimônio linguístico, histórico e cultural –, pois esta investigação é constituída na etnografia, que foi sistematizada na composição do campo lexical *cultura do vaqueiro*, que, por sua vez, pode ser conferido nos diagramas arbóreas apresentados nas seções 5 e 6 desta tese; e na feitura do vocabulário que compila a linguagem dos vaqueiros em verbetes, oferecendo a futuros leitores o esclarecimento de sentidos e contextos referentes ao léxico da cultura do vaqueiro.

No que tange o campo lexical constituído, chego à conclusão de que a rede lexical estruturada a partir do recorte do *corpus* de minha pesquisa é apenas o início da constituição da rede lexical da cultura do vaqueiro no Ceará e no Nordeste, já que este estudo pode ser ampliado em continuidade com a pesquisa, estendendo-o a outros municípios e comunidades de vaqueiros do estado do Ceará, ou até mesmo de

outros estados que também tenham a cultura vaqueira presente, como Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e Bahia.

Vale ressaltar que o campo lexical investigado possui articulações semânticas múltiplas e expõe o modo como a cultura vaqueira é permeada por relações semânticas complexas e diversificadas, visto que as informações contidas neste estudo são advindas não apenas de pesquisas bibliográficas, mas, principalmente, dos próprios vaqueiros e das vivências compartilhadas com eles na etnografia. Portanto, reafirmo aqui o léxico como um aspecto cultural, de modo a defender que a linguagem é o meio pelo qual as culturas marcam a sua presença através dos tempos e podem, no léxico, ser (re)conhecidas e (re)existir em sociedade.

Além do cumprimento dos objetivos propostos, outros resultados emergiram durante a realização da presente pesquisa. Um desses resultados se refere a uma contribuição epistemológica para os estudos no âmbito da teoria dos campos lexicais, pois abro uma discussão que lança mão de uma nova concepção de realidade linguística à luz da Linguística Aplicada Indisciplinar, pois a realidade linguística é um conceito-chave da teoria dos campos que ratifica o viés pragmático dessa teoria. Com essa discussão, insiro no panorama dos estudos dos campos lexicais uma abordagem diretamente relacionada à Linguística Aplicada e de viés cultural, tendo em vista que os estudos culturais foram fortemente considerados para o modo como concebo o vaqueiro no âmbito desta tese.

O presente estudo também pode inspirar outras pesquisas que buscam analisar o léxico na perspectiva da cultura, visto que ao realizar a investigação em campo cumprindo o protocolo de base etnográfica, comprovo a viabilidade e a exequibilidades deste tipo de estudo, já que o léxico coletado foi concebido diretamente em seu contexto de uso, em uso e pelos participantes que dele se servem.

Com relação ao *corpus* coletado, é pertinente dizer que a pesquisa de âmbito etnográfico tem tendência a gerar uma grande quantidade de dados, o que exigiu de mim uma organização que enfocasse nos instrumentais de pesquisa para conseguir reunir, catalogar e utilizar os dados de modo eficiente e de fácil localização. Desse modo, lancei mão de recursos como o diário de campo, onde redigi as notas de campo por data; uma pasta catálogo, onde armazenei e cataloguei os materiais doados a mim pelos participantes da pesquisa; e o diretório virtual de arquivos, onde organizei no computador, por data e local, as fotos e os vídeos produzidos nas culminâncias e nas vivências etnográficas. Esse instrumental, permitiu-me conhecer

profundamente os dados coletados e localizar as informações buscadas sem dificuldades, o que garante também a utilização desse material como *corpus* para futuras pesquisas.

Tendo em vista o percurso metodológico desenvolvido e a grande extensão de dados coletados, também utilizei uma ferramenta computacional para a organização do vocabulário, o software *LexiquePro*, que proporcionou a disposição das informações de modo padronizado e coerente. Louvo a utilização desta ferramenta, pois o esforço empreendido para a realização desta tarefa manualmente poderia ter prejudicado o andamento da pesquisa como um todo, já que a etnografia demanda um grande investimento de tempo do pesquisador.

No que se refere ao tempo de permanência em campo durante a etnografia, é fundamental que o pesquisador esteja em campo a longo prazo para garantir a autenticidade dos dados a partir da espontaneidade dos participantes. Quando essa preocupação surgiu em meu percurso de pesquisa, ela já havia sido anunciada por Angrosino (2009) nas discussões acerca da inserção do pesquisador na etnografia, o que me levou a comprovar que a permanência é tão importante quanto a inserção em campo, pois consolidar e manter essas relações é um exercício que exige do pesquisador mais tempo e uma atenção redobrada aos laços construídos com os participantes, já que esses laços são relações humanas que não precisam se desfazer com a pesquisa.

O cultivar os laços reflete diretamente na atitude dos participantes para com o pesquisador, já que, no caminho percorrido durante a etnografia, a aproximação que tive com os vaqueiros, as suas famílias, o contexto dos municípios e os eventos, foram determinantes para que eu entendesse a dimensão desse universo e pudesse captar a linguagem da cultura do vaqueiro com a sensibilidade de quem com eles conviveu e por eles se sentiu tratada de igual para igual, ajudando nos fazeres domésticos, conversando, cooperando e me dispondo no que fosse preciso.

Foi essa aproximação que me confrontou e fez ver que hoje me percebo outra pessoa diante do campo de pesquisa, pois, há 4 anos, eu era apenas uma curiosa, uma pesquisadora que pensava olhar o campo de fora, simplesmente como observadora, cheia de convicções que me conduziam ao purismo científico. No entanto, com a passar de todas as experiências vividas em campo, de todas as surpresas e “peças” que a etnografia me pregou, tenho consciência de que a pesquisa científica precisa ser percebida como humana, com suas imperfeições reveladas, com

suas frustrações contadas, para que outros pesquisadores se preparem e reconheçam os participantes como pessoas e não “sujeitos passivos” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2006).

Essa visão sobre a etnografia, revela que o léxico da cultura do vaqueiro é vivo até a contemporaneidade, o que me levou a repensar uma etapa metodológica que eu pretendia executar na pesquisa, a certificação do léxico, onde eu verificaria com informantes não vaqueiros, de ambos os municípios pesquisados, se eles conheciam o léxico da cultura vaqueira. Logo, minhas observações e vivências em Canindé e Morada Nova revelaram que o léxico do vaqueiro é vivo e latente nesses municípios, o que me levou a retirar essa etapa da pesquisa. Outra razão pela qual deixo essa certificação do léxico para futuros estudos é o fato de que esse procedimento metodológico demandaria um tempo exacerbado, o que poderia ter comprometido o andamento da etnografia como um todo.

Além da certificação do léxico, foi possível ver que o *corpus* coletado e o contexto onde minha pesquisa se desenvolveu carecem de estudos que explorem múltiplos aspectos linguísticos, culturais, sociológicos, antropológicos e históricos, pois a cultura vaqueira precisa ser vista em suas potencialidades. A título de exemplificação relacionada à minha área de formação, percebo que a linguagem do vaqueiro pode ainda ser estudada em vieses terminológicos, fonéticos, variacionistas, morfológicos, sintáticos, discursivos, textuais, entre outros.

Um dos aspectos conclusivos da pesquisa é também o fato de o presente estudo contribuir para o reconhecimento da cultura vaqueira como uma cultura genuinamente nordestina, que traz em seu arcabouço os traços das comunidades rurais do passado, e (re)existe até a contemporaneidade por meio da força de vontade em resistir, preservar e divulgar a tradição responsável pelo povoamento do sertão nordestino e do estado do Ceará.

A cultura vaqueira traz em sua simplicidade os costumes do campo; os traços da alimentação da sociedade de séculos passados; os elementos que organizam as propriedades rurais; a flora e a geografia do Nordeste; as informações que qualificam as raças, as cores, a anatomia e as ações dos animais; as atividades laborais; as intemperes da faina diária, sejam doenças ou acidentes; o instrumental de trabalho do vaqueiro e de outros profissionais apenas citados aqui, como o seleiro, o ferreiro e o veterinário prático, mas que merecem ser também protagonistas de outras pesquisas. Nessa rede de informações, o léxico da cultura do vaqueiro se

revelou, pois é responsável por nomear todo esse repertório de informações elencadas e de extrema relevância para que a sociedade contemporânea compreenda o lugar e o papel do vaqueiro no povoamento e na formação da cultura nordestina.

É minha missão também com este estudo, revelar como a cultura vaqueira é equivocadamente categorizada como *cultura popular*, não rebato aqui a palavra *popular*, tampouco a militância das culturas populares pelo seu reconhecimento, mas o sentido pejorativo atribuído a essa expressão criada pelos estudos culturais hegemônicos para designar as culturas de massa como de menor importância. Por essa razão, reafirmo que a cultura vaqueira merece ser chamada de *cultura de raiz*, pois é com ela que o povo do sertão se fixou como grupo social através dos tempos, e parte dela a gênese das comunidades sertanejas que povoam todo o interior do Nordeste, o que não é diferente no Ceará.

Portanto, é com esse espírito que coloco os vaqueiros no centro de minha pesquisa, uma vez que, com eles construí cada etapa desta investigação, com eles entendi o significado de cada lexia aqui estudada e para eles apresento esta tese de doutoramento, como uma homenagem aos desbravadores do sertão que no lombo do cavalo conduzem os gados pelas veredas da caatinga e fazem dessa atividade um meio de vida que repassam aos filhos e aos netos, deixando um legado de lutas que ainda não acabou, mas precisa ser assumido pelas futuras gerações que continuarão o caminho.

REFERÊNCIAS

ABBADE, Celina Marcia de Souza. **Um estudo do léxico do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: o livro de cozinha da Infanta D. Maria. Salvador: Quarteto, 2009.

ABREU, J. Capistrano de. **Capítulos de história colonial**: 1500-1800. Brasília: Conselho Editorial do Senado Federal, 1998. Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1022>>. Acesso em: 18 out. 2018.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. 2.ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

ALBUQUERQUE, Paloma. Formas de comunicação do vaqueiro com o gado: aboio, berrante, búzio, chocalho. In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 53-56.

ALCÂNTARA, Eudínice. Lembranças da casa do interior. In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 69-72.

ALEMÃO, Francisco Freire. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Fortaleza-Crato, 1859. v.1. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2006.

_____. **Diário de viagem de Francisco Freire Alemão**: Crato-Rio de Janeiro, 1859-1860. v.2. Fortaleza: Museu do Ceará; Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, 2007.

ALENCAR, Claudiana Nogueira de. Pragmática Cultural: uma visada antropológica sobre os estudos da linguagem. In: SILVA, Daniel do Nascimento e; FERREIRA, Dina Maria Martins; ALENCAR, Claudiana Nogueira de (Orgs.). **Nova Pragmática**: modos de fazer. São Paulo: Cortez, 2014.

ANDRADE, Amélia Aguiar. Espaços Públicos e espaços privados nas cidades portuguesas de finais da Idade Média. In: _____. **Horizontes urbanos medievais**. Lisboa: Livros Horizontes, 2003. p. 298-316.

ANGROSINO, Michel. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia; Edusp, 1982. (Coleção Reconquista do Brasil). Disponível em: <<http://www.culturatura.com.br/obras/Cultura%20e%20opul%C3%Aancia%20do%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2017.

ARAGÃO, Raimundo Batista. **História do Ceará**: colonização do Ceará. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986a. v.1.

_____. **História do Ceará**: período 1831-1889. 2. ed. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1994. v.3.

_____. **História do Ceará**: período republicano. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1986b. v.4.

BABOUR, Rosaline. **Grupos focais**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. [S.l]: Hucitec, 2006.

BARBOSA, Maria Aparecida. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia, identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação. In: SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA, 2. ENCONTRO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA TÉCNICO-CIENTÍFICA, 1. Brasília, 1990. **Anais...** Brasília: Universidade de Brasília, 1990. p. 152-158.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, Ieda Maria (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil**. 2. ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. (Cadernos de terminologia n.1).

BARBOSA, Maria Aparecida; TURAZZA, Jani Silva; LAFACE, Antonieta; ORTIZ ÁLVAREZ, Maria Luisa; CALÇADA, Guiomar Franganiello. Reflexões lexicológicas, lexicográficas e terminológicas: o papel da parassinonímia no processo de ensino/aprendizagem do léxico, na língua comum e nas linguagens de especialidade. In: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 30., Marília, [2000?]. **Anais eletrônicos...**, Marília: GEL, [2000?]. Disponível em: <http://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/GEL_XXX/ART16.pdf>. Acesso em: 29 set. 2018.

BARBOSA, Viviane de Lima. A fé no Nordeste: para além da cristandade, uma questão de cultura popular. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 47-52.

BARREIROS; Patrício Nunes; BARREIROS, Liliane Lemos Santana. O vocabulário da ditadura militar nos panfletos de Eulálio Motta. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 385-420, jul./dez., 2015. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v17i2p385-420>>. Acesso em: 30 ago. 2018.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso básico de Terminologia**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2004.

BARROS, Regina Benevides; KASTRUP, Virgínia. Cartografar é acompanhar processos. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Líliana da. (Orgs.). **Pistas do método de cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2015. v. 1. p. 52-75.

BARROSO, Gustavo. **Terra de sol**. 8. ed. Fortaleza: ABC, 2006.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

_____. **Cultura no mundo líquido moderno**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale**. France: Gallimard, 1966. v. 1.

_____. **Problèmes de linguistique générale**. France: Gallimard, 1974. v. 2.

BEVILACQUA, Cleci Regina. Unidades fraseológicas especializadas: novas perspectivas para sua identificação e tratamento. **Organon/UFRGS**, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 119-132, 1998.

BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. **A estrutura mental do léxico**. In: _____. Estudos de Filologia e Linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo: USP, 1981. p. 131-145.

_____. As ciências do Léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia**. 2. ed. Campo Grande, MS: UFMS, 2001. p. 13-22.

BLOMMAERT, Jan; MALY, Ico. Ethnographic linguistic landscape analysis and social change: A case study. **Tilburg papers in culture studies**, Tilburg University, p. 1-28, n.100, 2014.

BLOMMAERT, Jan; RAMPTON, Ben. Language and superdiversity. **Diversities**, London, v. 13, n. 2. 2011. Disponível em: <www.unesco.org/shs/diversities/vol13/issue2/art1>. Acesso em: 10 jul. 2015.

BLUTEAU, Rafael. **Vocabulário Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712. (v. I - VIII).

_____. **Diccionario da Língua Portuguesa**. Reformado e acrescentado por Antonio de Moraes Silva. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. (tomo I - II).

BORBA, Francisco da Silva. **Organização de dicionários: uma introdução à lexicografia**. São Paulo: Unesp, 2003.

BOUTIN-QUESNEL, Rachel; BÉLANGER, Nycole; KERPAN, Nada; ROUSSEAU, Louis-Jean. **Vocabulaire systématique de la terminologie**. Québec: Publications du Québec, 1985. (Cahiers de l'Office de la Langue Française).

BRANDÃO, Tanya Maria Pires. O Vaqueiro: símbolo da liberdade e mantenedor da ordem no sertão. In: MONTENEGRO, Antonio Torres *et al.* (Orgs.). **História: cultura e sentimento**. Recife: Ed. UFPE; Cuiabá: Ed.UFMT, 2008. p. 119-134.

CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología: teoría, metodología, aplicaciones**. Barcelona: Antártida, 1993.

CABRÉ, Maria Teresa Castellví; ESTOPÁ, Rosa Bagot. Unidades de conhecimento especializado, caracterização e tipologia. Tradução de Sue Anne Christello Coimbra. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 20, p. 35-59, jan./jun., 2007.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 4. ed. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003. Disponível em: <<https://pt.calameo.com/read/002628419d6442f1908e8>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CAPANEMA, Guilherme Schurch de. Apontamentos sobre secas do Ceará. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de; GABAGLIA, Giacomo Raja. **A Seca no Ceará**: escritos de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará; Museu do Ceará, 2006a. p. 155-185.

_____. A seca do Norte. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de; GABAGLIA, Giacomo Raja. **A Seca no Ceará**: escritos de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará; Museu do Ceará, 2006b. p. 189-226.

CARDOSO, Sávia. Vaqueiros: política, seca e identidade. In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 35-39.

CARNAÚBA: O amor, a cultura e a fazenda. Diretores: Alexandre Moura, Bruno Lima e Keka Araújo. Elenco: Manelito Dantas. Taperoá, PB: Bairro Novo Criativos / HTV Produções / Seven Audiovisual / Tango Produtora, 2016. 1 vídeo (18min12seg), Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=r0D4TUEcNgQ>>. Acesso em: 10 set. 2018.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Vaqueiros e cantadores**. São Paulo: Global, 2005.

CATENACCI, Vivian. Cultura popular: entre a tradição e a transformação. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 28-35, Apr./June, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000200005#top1>. Acesso em: 12 set. 2018.

CAVALCANTE, Célio Celestino Almeida. Vaqueiro-artesão ou artesão-vaqueiro? In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 61-64.

CONCEIÇÃO, Manoel Célio. **Concepts termes et reformulations**: avant-propos de Maria Teresa Lino et Philippe Thoiron. Lyon: Universitaire de Lyon, 2005.

CORPAS PASTOR, Glória. **Manual de fraseologia española**. Madrid: Gredos, 1997.

COSERIU, Eugenio. **Teoría del lenguaje y Lingüística General**. 3. ed. rev. e cor. Madrid: Gredos, 1978.

_____. **Princípios de semântica estrutural**. Tradução de M. M. Hernandez. 2. ed. Madrid: Gredos, 1981.

_____. **Gramática, Semântica, Universales**. 2. ed. rev. pelo autor. Tradução de M. M. Hernandez. Madrid: Gredos, 1987.

COSTA, Lucimara Alves; CABRÉ, Maria Teresa; ZAVAGLIA, Claudia. A variação terminológica denominativa na Lexicografia no Brasil: pressupostos para se estabelecer as bases teórico-metodológicas para o Dicionário de Lexicografia Brasileira. In: PONTES, Antônio Luciano; ARAÚJO, Edna Maria Martins Araújo; MOREIRA, Glauber Lima; SANTOS, Hugo Leonardo Gomes dos; FECHINE, Lorena Américo Ribeiro (Orgs.). **Perspectivas em Lexicografia e Terminologia**. [livro eletrônico]. Fortaleza: EdUECE, 2018.

CUNHA, Bárbara A. da; LIMA, Lara Andrade. Ao som do chocalho. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 57-60.

CUNHA, Bárbara A. da; NOBRE, Thiago Bruno. O olhar do público sobre a exposição “Vaqueiros”. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 13-17.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões** (Campanha de Canudos). 3. ed. São Paulo: Livreiros, 1905.

DOMINGOS NETO, Manuel. **O que os netos dos vaqueiros me contaram: o domínio oligárquico do Vale do Parnaíba**. São Paulo: Annablume, 2010.

DUBOIS, Jean; GIACOMO, Mathée; GUESPIN, Louis; MARCELLESI, Christiane; MARCELLESI, Jean-Baptiste; MEVEL, Jean-Pierre. **Dicionário de Linguística**. Tradução de Frederico Pessoa de Barros, Gesuína Domenica Ferretti, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum e Valter Khedi. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura**. Tradução de Sandra Castello Branco. 2. ed. São Paulo: UNESP, 2011.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina D. **Cartografias dos estudos culturais: uma versão latino-americana**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. e-book.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

FAULSTICH, Enilde. **Lexicologia: a linguagem do noticiário policial. Para uma análise estrutural de campos semânticos**. Brasília: Horizonte, 1980.

_____. **Base metodológica para a pesquisa em socioterminologia: Termo e variação**. Brasília: Lexterm/UnB, 1995.

_____. Variação Terminológica. Algumas tendências no Português do Brasil. In: **Cicle de conferencies 96-97. Lèxic, corpus i diccionaris**. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra, 1998. p. 135-147.

_____. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. **Acta Semiótica et Lingvistica**. v. 15, n. 1, ano 34, 2010.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2014.

FERREIRA, Jerusa Pires. **Cultura das bordas**: Edição, comunicação, leitura. Cotia, SP: Ateliê, 2010.

FERREIRA, Raimundo Ruberval. **Para um vocabulário semi-sistemático da cultura e da indústria da rede de dormir e um estudo dos movimentos sógnicos constitutivos de sua linguagem**. 1997. 130 f. Dissertação (Mestrado acadêmico em Linguística) – Curso de Mestrado em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 1997.

FREIRE, Paulo. **Virtudes do Educador**. [s.l.]: Vereda – Centro de Estudos em Educação, 1985.

FREITAS, Alice Cunha de. As identidades do Brasil: buscando as identificações ou afirmando as diferenças. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.). **Políticas em linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 227-253.

FRUTIGER, A. **Sinais & Símbolos**: desenho, projeto e significado. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

GECKELER, Horst. **Semántica estrutural y teoria del campo léxico**. Tradução de Marcos Martínez Hernández. Gredos: Madrid, 1976.

GIRÃO, Valdelice Carneiro. Da conquista e implantação dos primeiros núcleos urbanos na Capitania do “Siará Grande”. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994a. p. 25-44.

_____. As charqueadas. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994b. p. 65-80.

GOULART, José Alípio. **Brasil do boi e do couro**: O boi. Rio de Janeiro: GRB, 1965. v. 1. (Coleção Ensaio Brasileiros – Homens e Fatos).

HALL, Stuart. Cultural studies and its theoretical legacies. In: MORLEY, David, KUAN-HSING, C. (Eds.). **Stuart Hall** – critical dialogues in cultural studies. London: Routledge, 1996. p. 277-294.

_____. **A identidade cultural na Pós-modernidade**. 11. ed. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAMPATÉ BÁ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História geral da África I**: Metodologia e pré-história da África. 2. ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

HOGGART, Richard. **The Uses of Literacy**: Aspects of Working-Class Life with special reference to publications and entertainments. Londres: Chatto and Windus, 1957.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. À guisa de introdução: O espaço nordestino – O papel da pecuária e do algodão. In: SOUZA, Simone (Coord.). **História do Ceará**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1994. p. 15-21.

JUCÁ NETO, Clovis Ramiro. **Primórdios da urbanização no Ceará**. Fortaleza: Edições UFC, 2012.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia [recurso eletrônico]**: realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno. Revisão técnica de Tatiana Melani Tosi e Raul Ranauro Javales Júnior. Porto Alegre: Penso, 2014.

KRIEGER, Maria da Graça. Lexicografia: o léxico no dicionário. In: SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de (Org.). **O léxico em estudo**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras UFMG, 2006a. p. 157-172.

_____. **Terminologias em Construção**: processamentos metodológicos. São Paulo: Alfa, 2006b.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia**: teoria e prática. São Paulo: Contexto, 2004.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

MARENCO, Sandro Marcio Drumond Alves. **Variações terminológicas e diacronia: Estudo léxico-social de documentos manuscritos militares dos séculos XVIII e XIX**. 2016. 780 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/LETR-AN6LDS/1636d.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 6 ago. 2018.

MARTINS, Cinthya da Silva. **Bandos do Ceará**: historicidade social discursiva e documental (1670-1832). Curitiba: Appris, 2015.

MATELLART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2004.

MELO, Gladstone Chaves de. **Origem, Formação e Aspectos da Cultura Brasileira**. Lisboa: Centro do Livro Brasileiro, 1974.

MENEZES, Eduardo Diathay. Ariano Suassuna e o imaginário do sertão. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 126, p. 73-88, 2012. Disponível em:

<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2012/02_ArianoSuassunaeoimaginariodosertao-CORRIGIDO.pdf>. Acesso em: 27 out. 2018.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE. **Documentos Históricos:**

Correspondência dos governadores gerais (1704-1714). v.XL. Rio de Janeiro:

Biblioteca Nacional, 1938. Disponível em:

<memoria.bn.br/pdf/094536/per094536_1938_00040.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

MOITA LOPES, Luiz Paulo (Org.). **Por uma Linguística Aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

_____. (Org.). **O português no século XXI: cenário geopolítico e sociolinguístico**. São Paulo: Parábola, 2013.

NOGUEIRA, Rogério. **Vaqueiros**. Diretor: Rogério Nogueira. Vídeo documentário. 93 min, 2015.

NUNES, Ticiane Rodrigues. **Glossário de termos do campo lexical violência no século XIX**. 2014. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Centro de Humanidades, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2014.

NUNES, Ticiane Rodrigues; PINHEIRO, Nadja Maria; XIMENES, Expedito Eloísio. Estudo das denominações étnico-sociais nos autos de querela do século XIX. In: XIMENES, Expedito Eloísio; NUNES, Ticiane Rodrigues (Orgs.). **Estudos filológicos e linguísticos na Bahia, no Ceará e em Sergipe**. Fortaleza: EdUECE, 2018. p. 51-74.

OLIVEIRA, Renata Lopes de. Marcações do tempo através da leitura da natureza. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 41-45.

ORTIZ, Ruiz. **Cultura popular: Românticos e folcloristas**. São Paulo: PUC-SP, 1985.

PAIVA, Manuel de Oliveira. **Dona Guidinha do Poço**. São Paulo: Escala, 1999.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 20, n. 42, p. 377-391, jul./dez., 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v20n42/15.pdf>>. Acesso em: 30 out. 2016.

PEIXOTO, Lílian Marilac Cornélio de Freitas. **A fala do vaqueiro do sertão baiano: análise semântico-lexical**. 2007. 181 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PINTO, Milton José. **Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

PIRES, Jorge André Lopes. O folguedo do Bumba meu boi. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 73-76.

PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: O que é, como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009.

PONZO, Emilio. A ocupação do sertão nordestino pelo gado e pelo vaqueiro. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 19-23.

PORDEUS JÚNIOR, Ismael de Andrade. Cearensidade. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. p. 11-20.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Presença, 1978.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Designação: a arma secreta, porém incrivelmente poderosa da mídia, em conflitos internacionais. **Estudos Linguísticos** (Anais do GEL), v. 27, CD Rom, 2003.

_____. Pós-modernidade e a política de identidade. In: RAJAGOPALAN, Kanavillil; FERREIRA, Dina Maria Martins (Orgs.). **Políticas em linguagem**: perspectivas identitárias. São Paulo: Mackenzie, 2006. p. 61-80.

RAMALHO, Elba Braga. Veredas do aboio. In: CARVALHO, Gilmar de. **Bonito pra chover**: ensaios sobre a cultura cearense. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2003. p. 103-116.

RIOS, Kênia Sousa. Apresentação. In: CAPANEMA, Guilherme Schurch de; GABAGLIA, Giacomo Raja. **A Seca no Ceará**: escritos de Guilherme Capanema e Raja Gabaglia. Fortaleza: Secretaria de Cultura do Estado do Ceará; Museu do Ceará, 2006b. p. 189-226.

ROSA, João Guimarães. Entremeio com o vaqueiro Mariano. In: _____. **Estas estórias**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 113-154.

RUIZ GURILLO, Leonor. Aspectos de fraseología teórica española. **Cuadernos de Filología**, Valencia, Universitat de Valencia, Anejo 24, 1997.

_____. La gramaticalización de unidades fraseológicas irónicas. In: RUIZ GURILLO, Leonor; PADILLA, X. (Orgs.). **Dime cómo ironizas y te diré quién eres**: Una aproximación pragmática a la ironía. Frankfurt: Peter Lang, 2009. p. 371-390.

SANTOS, Danilo Pereira dos. A relação de poder nas marcações de gado. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 65-68.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERAINE, Florival. **Antologia do Folclore cearense**. 2. ed. Fortaleza: EdUFC, 1983.

SIL International. **Lexique Pro 3.6**. Software SIL IVB/Mali, Copy right 2012. Disponível em: <<http://www.lexiquepro.com/download.htm>>. Acesso em 10 ago. 2017.

SILVA, Eliane Santos Leite da. **O campo lexical do trabalho em cartas de vaqueiros e negociantes ao Barão de Jeremoabo**. 2011. 133f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2011.

SILVA, Maximiano de Carvalho e. Crítica Textual: conceito – objeto – finalidade. **Confluência**. Rio de Janeiro, n.7, sem. 1, p. 57-63, 1994.

SILVA, Moisés Batista da. Uma palavra só não basta: um estudo teórico sobre as unidades fraseológicas. **Revista de Letras**, v. 1/2, n. 28, p. 11-20, jan./dez., 2006. Disponível em: <<http://www.revistadeletras.ufc.br/rl28Art02.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2018.

SILVA, Kleber Aparecido da; SANTOS, Leandra Ines Seganfredo; JUSTINA, Olandina Della. Entrevista com Kanavillil Rajagopalan: ponderações sobre linguística aplicada, política linguística e ensino-aprendizagem. **Revista de Letras Norte@mentos** – Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 08 – Estudos Linguísticos 2011/02. 2011. Disponível em: <http://projetos.unemat-net.br/revistas_eletronicas/index.php/norteamentos>. Acesso em: 11 ago. 2015.

SILVA NETO, Serafim da. **Língua Cultura e Civilização**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

SOARES, Mariana Schuchter; SALGADO, Ana Claudia Peters. A paisagem (socio)linguística da cidade de Juiz de Fora/MG: o estudo de um ambiente plurilíngue em tempo real. In: SNICHELOTTO, Cláudia Andrea Rost; SILVA SOBRINHO, José Simão da; STÜBE, Angela Derlise; CAMBRUSSI, Morgana Fabiola; KRUG, Marcelo Jacó; LUZ, Mary Neiva Surdi da (Orgs.). **Anais do XI Encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul**. Chapecó: Universidade Federal de Fronteira Sul, 2014. Disponível em: <http://www.celsul.org.br/evento/anais_celsul_2014/97-bceb011122bd3e04e6d99a4dbbbfde46.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2015.

SOUSA, Alexandre Melo de. Entre seringais e colocações: um estudo toponímico. In: JORNADA NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2. Rio de Janeiro, 2007. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, 2007. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/ijnlflp/textos/entre_serengais_e_coloca%C3%A7%C3%B5es_um_estudo_topon%C3%ADmico_%20alexandre.pdf>. Acesso em: 2 set. 2014.

SOUZA, Ícaro. O vaqueiro e a derrubada do boi: trabalho/esporte. In: SANTOS, Núbia Agustinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros: caminhos para a reflexão**. Fortaleza: IACC, 2012. p. 25-29.

STUDART, Guilherme. Geographia do Ceará. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 37, p. 160-233, 1923. Disponível em: <<https://www.institutodo>>

ceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1923/1923-GeographiadoCeara.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.

_____. **Notas para a história do Ceará**. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal, v. 29). Disponível em: <<http://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/1090>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

STUDART FILHO, Vias de comunicação do Ceará Colonial. **Revista do Instituto do Ceará**, Fortaleza, ano 51, p. 15-47, 1937. Disponível em: <<https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/1937/1937-ViasdeComunicacaodoCearaColonial.pdf>>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SUASSUNA, Ariano. **Ferros do Cariri**: uma heráldica sertaneja. Recife: Guariba, 1974.

TAPETY, Audrey Freitas. **“O vaqueiro no Piauí”**: representações e práticas socioculturais (1960-2000). 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Curso de mestrado em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

THOMPSON, Edward Palmer. **The Making of the English Working Class**. New York: Vintage book, 1963.

ULLMANN, Stephen. **Semântica**: uma introdução à ciência do significado. 2. ed. Tradução de J. A. Osorio Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ. **Guia de normalização de trabalhos acadêmicos**. Organizado por Ana Neri Barreto de Amorim, Francisco Welton Silva Rios e Giselle de Souza Silva. Fortaleza: Universidade Estadual do Ceará, Sistema de Bibliotecas, 2016. Disponível em: <http://www.uece.br/biblioteca/dmdocuments/GUIA_DE_NORMALIZACAO_UECE_V.1_21_08_2016.pdf>. Acesso em: 30 nov. 2016.

VALÉRIO, Júlio César Costa; LIMA, Lara Andrade. A indumentária de couro do vaqueiro nordestino. In: SANTOS, Núbia Agostinha C.; CUNHA, Bárbara A. da (Orgs.). **Exposição Vaqueiros**: caminhos para a reflexão. Fortaleza: IACC, 2012. p. 31-34.

VIEIRA, Natã Silva. **Cultura de vaqueiro**: o sertão e a músicas dos vaqueiros nordestinos. In: Anais do III Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. Salvador: UFBA, 2007.

VIEIRA JÚNIOR, Antônio Otaviano. **Entre paredes e bacamartes**: história da família no Sertão (1780-1850). Fortaleza: Demócrito Rocha; Hucitec, 2004.

VILHENA, Luis Rodolfo. **Projeto e missão**: o movimento folclórico brasileiro 1947-1964. Rio de Janeiro: Funarte, 1997.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários**: uma pequena introdução à lexicografia. Brasília: Thesaurus, 2004.

WILLIAMS, Raymond. **Culture and Society (1780-1950)**. Garden City, New York: Anchor books, 1960.

_____. **Palavras-chave**: um vocabulário de cultura e sociedade. Tradução de Sandra Guardini Vasconcelos. São Paulo: Boitempo, 2007.

XATARA, Claudia; BEVILACQUA, Cleci Regina; HUMBLÉ, Philippe René Marie. **Dicionários na teoria e na prática**: como e para quem são feitos. São Paulo: Parábola, 2011.

XAVIER, Maico Oliveira. **“Cabôcullos são os brancos”**: dinâmicas das relações socioculturais dos índios do Termo da Vila de Viçosa Real – Século XIX. Fortaleza: SECULT/CE, 2012. (Coleção Nossa Cultura – Série Panorama).

XIMENES, Expedito Eloísio. **Autos de Querela e Denúncia...**: edição de documentos judiciais do século XIX no Ceará para estudos filológicos. Fortaleza: LCR, 2006.

_____. **Fraseologias Jurídicas**: Estudo filológico e linguístico do período colonial. Curitiba: Appris, 2013.

_____. **Três modelos de edição e estudo lexical do documento Relação do Maranhão do Pe. Luiz Figueira 1608**. 2017. 230 f. Relatório de Pós-Doutorado (Pós-Doutorado em Filologia de Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação em Filologia de Língua Portuguesa, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

XIMENES, Expedito Eloísio; NUNES, Ticiane Rodrigues. Realidade linguística na Linguística Aplicada Indisciplinar: nova concepção. In: FERREIRA, Dina Maria Martins. **Estudos críticos da linguagem**. Curitiba: Appris, 2017. p. 21-29.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista semiestruturada dos vaqueiros

Universidade Estadual do Ceará
 Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
 Centro de Humanidades
 Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - Doutorado

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Nome:
Data de nascimento:
Profissão:
Tempo de profissão:
Onde mora:
Como ocorreu a escolha da profissão de vaqueiro?
O que é ser vaqueiro?
O que lhe deixa orgulhoso de ser vaqueiro?
O senhor trabalha encourado? Por quê?
Como você trabalha? Que tipos de ferramentas você utiliza usa no trabalho?
Quais instrumentos você usa no cavalo?
O que você come quando está no campo? Fale de uma comida típica do vaqueiro. Qual a sua alimentação no trabalho e em casa?
Que tipo de comida é mais comum para o vaqueiro?
Existe alguma festa do vaqueiro?
Conte-nos uma situação que marcou a sua vida como vaqueiro?
Além do gado, o senhor já trabalhou com outros animais? Quais? Era muito diferente?
Como é ser vaqueiro hoje? E por quê?
Como a Associação ajuda o vaqueiro?

APÊNDICE B – Fotos

CANINDÉ (2016)







CANINDÉ (2017)







CANINDÉ (2018)









MORADA NOVA (2016)







MORADA NOVA (2017)







MORADA NOVA (2018)









APÊNDICE C – Índice Remissivo

A

abater gado (p. 246)
 aboiar (p. 243)
 aboio (p. 238)
 aboio de chamamento (p. 238)
 aboio de excitação (p. 238)
 aboio de repente (p. 238)
 aftosa (p. 250)
 agradecer a Deus (p. 271)
 agropecuarista (p. 185)
 água (p. 220)
 água de aroeira (p. 251)
 alazão amarelo (p. 210)
 alazão da frente aberta (p. 211)
 alfafa (p. 222)
 alforjes (p. 229)
 alguidá (p. 235)
 alparcatas (p. 224)
 alqueire (p. 266)
 amansar (p. 243)
 amarrar o gado (p. 242)
 amuleto (p. 273)
 ancas (p. 204)
 âncora (p. 234)
 ancoretta (p. 234)
 animais (p. 186)
 animais pequenos (p. 186)
 animal (p. 193)
 animal ruim (p. 193)
 apartar o bezerro (p. 244)
 appaloosa (p. 208)
 arção (p. 229)
 argola (p. 225)
 arranhão (p. 247)
 arreação (p. 226)
 arregador (p. 226)
 arreios de cabeça (p. 226)
 arroba (p. 265)
 arroz (p. 217)
 assentamento (p. 255)
 azeitão (p. 209)

B

bacorote(a) (p. 199)
 bacurinho(a) (p. 199)
 bagaço de capim (p. 220)
 bagaço de mandacaru (p. 220)
 baia (p. 254)
 baião de dois (p. 217)
 baladeira (p. 237)
 bananeira (p. 263)
 banhar o bezerro com leite (p. 244)

banhar os animais (p. 245)
 batedor de nata (p. 235)
 beijú (p. 219)
 benzer o gado (p. 272)
 benzocreol (p. 252)
 berrante (p. 231)
 besta (p. 193)
 bezerrinho (p. 189)
 bezerrinho novo (p. 189)
 bezerro(a) (p. 195)
 bicheira (p. 250)
 bicho (p. 187)
 bode (p. 197)
 bodeco(a) (p. 197)
 boi (p. 196)
 boi armado (p. 190)
 boi barbatão (p. 191)
 boi bravo (p. 190)
 boi mandingueiro (p. 190)
 boi manso (p. 191)
 boi mocho (p. 191)
 boi velhaco (p. 190)
 boiada (p. 188)
 borracha de couro (p. 235)
 borrego(a) (p. 198)
 botar nas correias (p. 245)
 botar o animal no cercado (p. 243)
 botar o bezerro para mamar (p. 244)
 botas (p. 224)
 braça (p. 267)
 braço queimado (p. 248)
 breque (p. 227)
 bridão (p. 227)
 bride (p. 227)
 brídia (p. 227)
 brincadeira de gado (p. 240)
 buchada (p. 217)
 burro (p. 192)
 burro bravo (p. 192)
 buscar o gado (p. 241)
 búzio (p. 231)

C

caatinga (p. 261)
 cabaça (p. 235)
 cabacinha (p. 235)
 cabeça (p. 265)
 cabeça de gado (p. 188)
 cabeçada (p. 226)
 cabeçada de boi (p. 225)
 cabeçagem (p. 226)
 cabeção (p. 227)

- cabeças (p. 188)
 caboclo (p. 184)
 cabra¹ (p. 184)
 cabra² (p. 197)
 cabresto (p. 227)
 cabrito(a) (p. 197)
 caçar o caminho (p. 241)
 cachaça (p. 215)
 cachorro (p. 192)
 caçua (p. 234)
 café (p. 215)
 caiçara (p. 255)
 cair (p. 250)
 cambito (p. 233)
 campear (p. 241)
 campo (p. 253)
 canafístula (p. 264)
 canga (p. 233)
 cangalha (p. 232)
 cangote (p. 203)
 cansação (p. 262)
 capa (p. 229)
 capim (p. 261)
 capim elefante (p. 262)
 capim malícia (p. 261)
 capim sorgo (p. 262)
 capote (p. 189)
 cardão (p. 211)
 careta (p. 225)
 carnaubeira (p. 263)
 carne assada (p. 218)
 carne de charque (p. 218)
 carne de criação (p. 218)
 carne de porco (p. 218)
 carne do sol (p. 218)
 carne seca (p. 218)
 carne torrada (p. 218)
 carneiro (p. 198)
 carrada de gado (p. 188)
 carreiro (p. 192)
 carro de boi (p. 233)
 carroça (p. 233)
 carroça de boi (p. 233)
 castanho (p. 210)
 castanho caboclo (p. 210)
 castrar o animal (p. 245)
 cavaleiro (p. 183)
 cavaleiro andante (p. 183)
 cavaleiro do sertão (p. 183)
 cavalete (p. 232)
 cavalgada (p. 274)
 cavalgar (p. 241)
 cavalinho (p. 193)
 cavalo (p. 197)
 cavalo bom de gado (p. 193)
 cavalo de boi (p. 193)
 cavalo de cobertura (p. 194)
 cavalo de lote (p. 194)
 cavalo de prado (p. 193)
 cavalo estropiado (p. 193)
 cavalo inteiro (p. 194)
 cavalo sertanejo (p. 208)
 cerca (p. 237)
 cercado (p. 255)
 chá (p. 251)
 chá da casca da ameixa (p. 251)
 chapéu de couro (p. 223)
 chavea (p. 233)
 chibata de couro (p. 231)
 chibatada (p. 247)
 chicote (p. 231)
 chicote de carroça (p. 232)
 chicote de pear boi (p. 232)
 chicote pé de bode (p. 236)
 chicote peador (p. 232)
 chicote pimba de boi (p. 231)
 chifre (p. 203)
 chinelos (p. 224)
 chocalho (p. 225)
 chocalho pé de serra (p. 225)
 choto (p. 212)
 chuva (p. 256)
 cilha (p. 230)
 cipó (p. 260)
 coalhada (p. 216)
 coalhada escorrida (p. 216)
 coalho (p. 203)
 cocheira (p. 254)
 coice (p. 212)
 cólica (p. 250)
 colocar ataduras (p. 252)
 comandita (p. 179)
 comboieiro (p. 192)
 comida (p. 213)
 comitiva (p. 179)
 consertar a cerca (p. 246)
 contra-ferra (p. 202)
 corcova (p. 203)
 corda (p. 232)
 corda de laçar (p. 232)
 cordeiro enjeitado (p. 189)
 cordeiro(a) (p. 198)
 corona (p. 227)
 correias (p. 237)
 correr atrás de gado (p. 242)
 correr vaquejada (p. 242)
 corte (p. 247)
 costal (p. 267)
 costela fraturada (p. 248)
 coxim (p. 228)

cozimento (p. 251)
 criação (p. 187)
 criador de gado (p. 185)
 criar boi na manga (p. 245)
 crina (p. 205)
 crioulo (p. 206)
 croatazeiro (p. 262)
 cruzar a bicheira (p. 272)
 cuia (p. 235)
 curar o bezerro (p. 272)
 curiboque (p. 231)
 curral (p. 256)
 curriola (p. 179)
 curumim (p. 204)
 cuscuz (p. 217)

D

dar carreira (p. 242)
 dar o desconto da madeira (p. 241)
 dentição do cavalo (p. 200)
 derrubar o boi na faixa (p. 242)
 desleitar a vaca (p. 245)
 Deus (p. 269)
 Deus Pai (p. 269)
 Divino Espírito Santo (p. 269)
 domesticar (p. 243)
 dominar o gado (p. 243)
 dorper (p. 207)

E

égua (p. 196)
 embira (p. 232)
 embrenhar no mato (p. 241)
 enrolar a pata (p. 252)
 enrolar nos panos (p. 252)
 entrar na mata (p. 241)
 entrega (p. 188)
 esperar em Deus (p. 271)
 espinhaço batido (p. 248)
 espinheiro (p. 260)
 espinho de laranjeira (p. 251)
 espinho de mandacaru (p. 251)
 espora (p. 224)
 estábulo (p. 254)
 estalar o chicote (p. 243)
 esteira (p. 231)
 esteira de montaria (p. 230)
 estiva (p. 238)
 estocada (p. 247)
 estribo (p. 230)
 estribo de passeio (p. 230)

F

faca (p. 235)
 facão (p. 236)

fardo (p. 265)
 farinha seca (p. 219)
 farofa (p. 219)
 fazenda (p. 255)
 fazenda de gado (p. 255)
 fazer a despedida (p. 272)
 fazer o parto da vaca (p. 244)
 fazer parto de novilha (p. 244)
 fazer queijo (p. 245)
 fé (p. 268)
 feijão (p. 217)
 feno (p. 222)
 ferra (p. 202)
 ferrar o gado (p. 246)
 ferreiro (p. 185)
 ferro (p. 236)
 festa de apartação (p. 275)
 festa de vaqueiro (p. 274)
 festa do Divino (p. 276)
 festa do vaqueiro (p. 274)
 filho da casa (p. 184)
 filhote (p. 195)
 foice (p. 236)
 forragem (p. 214)
 francho (p. 204)
 frango torrado (p. 219)
 frango(a) (p. 199)
 freguesia (p. 202)
 fueiro (p. 234)

G

gado (p. 187)
 gado malhado (p. 187)
 gado perdido (p. 187)
 gado solteiro (p. 187)
 gado solto (p. 187)
 gado vacuum (p. 187)
 galinha (p. 200)
 galinha d'angola (p. 189)
 galo (p. 200)
 galope (p. 213)
 gancho (p. 236)
 garanhão (p. 194)
 garrancho (p. 260)
 garrote(a) (p. 195)
 garupa (p. 205)
 gazim (p. 211)
 gibão (p. 223)
 ginete (p. 184)
 graveto de marmeleiro (p. 252)
 grito (p. 239)
 grota (p. 259)
 quadraba (p. 229)
 guarda-peito (p. 223)

H

hectare (p. 267)
 holandês (p. 207)
 homem disposto (p. 184)
 homem esperto (p. 184)

I

igualar os dentes (p. 201)
 imburana (p. 263)
 impressado (p. 260)
 interior (p. 253)
 ir para o mato (p. 241)

J

jamacaru (p. 263)
 jarra (p. 235)
 jersey (p. 206)
 Jesus Cristo (p. 269)
 jetirana (p. 262)
 joelho arrancado (p. 248)
 juazeiro (p. 264)
 jumento (p. 192)
 junta de boi (p. 233)
 juntar o gado (p. 242)
 jurema (p. 264)

L

lado de baixo (p. 257)
 lado de cima (p. 257)
 lagoa (p. 259)
 laranjeira (p. 264)
 lavar a ferida (p. 252)
 lavrado (p. 210)
 légua (p. 267)
 leite (p. 215)
 leite cru (p. 215)
 leite de cabra (p. 215)
 leite de milho (p. 215)
 leite mugido (p. 215)
 leito (p. 259)
 levar mantimento (p. 246)
 litro (p. 266)
 lombo (p. 205)
 losos (p. 230)
 luta de gado (p. 240)
 luva (p. 223)

M

macaca (p. 232)
 macaxeira (p. 219)
 machado (p. 236)
 madeira (p. 260)
 madeira alta (p. 260)
 madeira fechada (p. 260)
 madrinha do vaqueiro (p. 185)

mal do chifre (p. 250)
 mal triste (p. 250)
 mala de couro (p. 234)
 mandacaru (p. 263)
 manga (p. 255)
 mangalarga (p. 208)
 manta (p. 229)
 manteiga (p. 216)
 mão (p. 203)
 mão de vaca (p. 217)
 marca de ferrar (p. 236)
 marcar o gado (p. 246)
 marcha (p. 212)
 marmeleiro (p. 262)
 marram de ovelha (p. 198)
 máscara (p. 225)
 mascarar a rês (p. 242)
 mata (p. 261)
 mata espinhenta (p. 261)
 mateira (p. 261)
 maternidade (p. 254)
 mato (p. 253)
 mato fechado (p. 261)
 matriz (p. 188)
 medalha (p. 273)
 meio litro (p. 266)
 melado (p. 210)
 Menino Vaqueiro (p. 270)
 merenda (p. 214)
 mestiça (p. 207)
 metro (p. 267)
 milho (p. 217)
 missa (p. 276)
 missa de vaqueiro (p. 276)
 missa do vaqueiro (p. 276)
 mocó (p. 234)
 montar a cavalo (p. 241)
 monte (p. 258)
 morada nova (p. 207)
 mourão (p. 237)
 muda (p. 200)
 mula (p. 192)
 mutambeira (p. 264)

N

na perna (p. 266)
 narina (p. 203)
 nata (p. 216)
 nelore (p. 206)
 nó nas tripas (p. 250)
 Nossa Senhora (p. 269)
 Nossa Senhora Aparecida (p. 269)
 Nosso Pai (p. 269)
 Nosso Senhor (p. 269)
 novena de São Francisco (p. 276)

novilha de cabra (p. 197)
 novilho(a) (p. 195)
 novilhote(a) (p. 195)

O

olho d'água (p. 259)
 olho furado (p. 248)
 ombro arrancado (p. 248)
 ombro luxado (p. 248)
 oração (p. 268)
 ordenhar (p. 244)
 ovelha (p. 198)

P

pá (p. 205)
 Pai todo poderoso (p. 269)
 paint horse (p. 208)
 paletó de couro (p. 223)
 palha de carnaúba (p. 221)
 palma (p. 221)
 palmo (p. 267)
 pancada (p. 247)
 panelada (p. 218)
 passar a vista no gado (p. 242)
 passo (p. 212)
 pastagem (p. 260)
 pasto (p. 255)
 pato (p. 189)
 pau (p. 260)
 pé de serra (p. 258)
 pé duro (p. 206)
 pear o boi (p. 242)
 pecuária (p. 240)
 pedir proteção (p. 271)
 pedrês (p. 211)
 pega da novilha (p. 275)
 pega de boi (p. 274)
 pega de boi na manga (p. 275)
 pega de boi no mato (p. 275)
 pegar o boi no mato (p. 242)
 peia (p. 225)
 peia de mão (p. 226)
 peia de pé e mão (p. 226)
 peito (p. 205)
 peitoral (p. 227)
 peleja (p. 240)
 período invernososo (p. 256)
 perna (p. 204)
 perneiras (p. 224)
 pescoço dobrado (p. 249)
 pilão (p. 235)
 pinto(a) (p. 199)
 pintote(a) (p. 199)
 pirão (p. 219)
 pista de vaquejada (p. 256)

plantar roçado (p. 246)
 pó da ameixa (p. 251)
 poço (p. 236)
 poldrete (p. 196)
 poldrinho(a) (p. 196)
 poldro(a) (p. 196)
 polvarina (p. 231)
 pônei (p. 208)
 porco(a) (p. 199)
 porteira (p. 237)
 porteira de curral (p. 237)
 porteira de mourão (p. 237)
 pote (p. 234)
 prensa (p. 235)
 preto (p. 209)
 primeira muda (p. 201)
 professora (p. 226)
 propriedade (p. 253)
 proteger o gado (p. 245)
 puxar gado (p. 243)

Q

quarta (p. 266)
 quarto de milha (p. 209)
 queda (p. 247)
 queda do cavalo (p. 248)
 queijo (p. 216)
 queijo cru (p. 216)
 querosene (p. 252)
 quilo (p. 265)

R

rabicho (p. 230)
 rabichola (p. 230)
 rabo (p. 204)
 ração (p. 214)
 Raimundo Jacó (p. 270)
 rainha do vaqueiro (p. 185)
 rama (p. 260)
 rama de canafístula (p. 221)
 rama de juazeiro (p. 221)
 rapadura (p. 216)
 rebanho (p. 187)
 rédeas (p. 227)
 rejeto (p. 205)
 rês (p. 188)
 rês emperrada (p. 188)
 rês mascarada (p. 188)
 resíduo (p. 214)
 reza (p. 268)
 rezar (p. 271)
 rezar a Ave Maria (p. 271)
 rezar o Pai Nosso (p. 271)
 rezar o terço (p. 271)
 riacho (p. 258)

ribeira (p. 259)
 rio (p. 258)
 roçado (p. 255)
 roladeira (p. 234)
 rosário (p. 273)
 roseta (p. 224)
 rosilho (p. 210)
 rosto assado (p. 248)
 roupa de couro (p. 223)
 roxo (p. 210)
 ruminação (p. 212)

S

saca (p. 256)
 sacola de palha (p. 234)
 sair a cavalo (p. 241)
 sal (p. 220)
 sandálias (p. 224)
 sangria (p. 205)
 sangria acertada (p. 249)
 sangue inglês (p. 209)
 santa inês (p. 207)
 santinha (p. 273)
 santinho (p. 273)
 santo (p. 273)
 Santo Antônio (p. 270)
 São Francisco (p. 270)
 São João Batista (p. 270)
 São Pedro (p. 270)
 sarrabulho (p. 218)
 se benzer (p. 272)
 sebo (p. 239)
 seca (p. 265)
 segunda muda (p. 201)
 sela (p. 228)
 sela de campear (p. 228)
 sela de campeiro (p. 228)
 sela de passeio (p. 228)
 sela feminina (p. 228)
 sela masculina (p. 228)
 selar o cavalo (p. 240)
 seleiro (p. 185)
 selote (p. 229)
 serra (p. 257)
 serraria (p. 257)
 serrote (p. 258)
 sertanejo (p. 180)
 sertão (p. 257)
 setor (p. 255)
 silagem (p. 214)
 sinal (p. 202)
 sinal encoberto (p. 202)
 sobre-capa (p. 229)
 soro (p. 221)
 suador (p. 229)

surrão (p. 234)

T

talabardão (p. 233)
 tambueiro (p. 233)
 tanger o gado (p. 243)
 tapioca (p. 219)
 ter adoração (p. 272)
 ter devoção (p. 272)
 ter fé (p. 271)
 terceira muda (p. 201)
 terço (p. 272)
 terra de aluvião (p. 258)
 terras (p. 253)
 terreiro (p. 255)
 terreno (p. 253)
 tirada de gado (p. 188)
 tirar leite (p. 244)
 tocar o gado (p. 243)
 tomar as mangas (p. 240)
 tomar os couros (p. 240)
 torno mecânico (p. 237)
 touro (p. 191)
 touro reprodutor (p. 191)
 trabalho (p. 239)
 traje de couro (p. 223)
 traseira (p. 205)
 tratar o animal (p. 245)
 trote (p. 213)

U

umbigo (p. 203)
 umbigo caroadado (p. 250)
 unidade animal (p. 266)

V

vaca (p. 195)
 vaca de leite (p. 190)
 vaca de primeira cria (p. 190)
 vaca leiteira (p. 190)
 vaca mansa (p. 189)
 vaca parida (p. 190)
 vacaria (p. 154)
 vale (p. 258)
 vaqueirama (p. 179)
 vaqueiro (p. 180)
 vaqueiro aboiador (p. 182)
 vaqueiro associado (p. 182)
 vaqueiro boiadeiro (p. 181)
 vaqueiro campeador (p. 181)
 vaqueiro da sorte (p. 181)
 vaqueiro danado (p. 182)
 vaqueiro de curral (p. 182)
 vaqueiro de manejo (p. 182)
 vaqueiro de pista (p. 183)

vaqueiro de vaquejada (p. 182)
vaqueiro derrubador (p. 183)
vaqueiro encourado (p. 180)
vaqueiro esportista (p. 183)
vaqueiro esteira (p. 183)
vaqueiro guia (p. 181)
vaqueiro mirim (p. 183)
vaqueiro montado (p. 181)
vaqueiro profissional (p. 180)
vaqueiro puxador (p. 183)
vaqueiro quarteador (p. 181)
vaqueiro rastejador (p. 181)
vaqueiro sorteador (p. 180)
vaqueiro tangerino (p. 181)
vaqueiro tradicional (p. 180)
vaqueiro versista (p. 182)
vaquejada (p. 275)
varas (p. 237)
varrão (p. 199)
várzea (p. 258)
venta (p. 204)
vergalho (p. 232)
veterinário prático (p. 185)
vida de gado (p. 239)

X

xique-xique (p. 263)

Z

zebu (p. 206)
zelar o gado (p. 245)

ANEXOS

ANEXO A – Lei Federal Nº 12.870, DE 15.10.2013



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.870, DE 15 DE OUTUBRO DE 2013.

Mensagem de veto

Dispõe sobre o exercício da atividade profissional de vaqueiro.

A **PRESIDENTA DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Fica reconhecida a atividade de vaqueiro como profissão.

Art. 2º Considera-se vaqueiro o profissional apto a realizar práticas relacionadas ao trato, manejo e condução de espécies animais do tipo bovino, bubalino, equino, muar, caprino e ovino.

Art. 3º Constituem atribuições do vaqueiro:

I - realizar tratos culturais em forrageiras, pastos e outras plantações para ração animal;

II - alimentar os animais sob seus cuidados;

III - realizar ordenha;

IV - cuidar da saúde dos animais sob sua responsabilidade;

V - auxiliar nos cuidados necessários para a reprodução das espécies, sob a orientação de veterinários e técnicos qualificados;

VI - treinar e preparar animais para eventos culturais e socioesportivos, garantindo que não sejam submetidos a atos de violência;

VII - efetuar manutenção nas instalações dos animais sob seus cuidados.

Art. 4º A contratação pelos serviços de vaqueiro é de responsabilidade do administrador, proprietário ou não, do estabelecimento agropecuário de exploração de animais de grande e médio porte, de pecuária de leite, de corte e de criação.

Parágrafo único. (VETADO).

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 15 de outubro de 2013; 192º da Independência e 125º da República.

DILMA ROUSSEFF
Guido Mantega
Antônio Andrade
Manoel Dias
Gilberto Carvalho

Este texto não substitui o publicado no DOU de 16.10.2013

ANEXO B – Lei Estadual Nº 16.321, DE 13.09.2017

LEI N.º 16.321, DE 13.09.17 (D.O. 14.09.17)**REGULAMENTA A VAQUEJADA
COMO PRÁTICA DESPORTIVA E
CULTURAL, ASSEGURANDO O BEM-
ESTAR DOS ANIMAIS NO ESTADO
DO CEARÁ.****O GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ.**

Faço saber que a Assembleia Legislativa decretou e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a regulamentação da vaquejada no Estado do Ceará, estabelecendo diretrizes que resguardem o bem-estar dos animais envolvidos, bem como a proteção ambiental, sanitária e segurança geral do evento.

Parágrafo único. A vaquejada constitui manifestação da cultura popular, protegida pela Constituição da República Federativa do Brasil, nos termos do *caput* do art. 215 no seu §1º.

Art. 2º É considerado vaquejada todo evento de natureza recreativa ou esportiva, de caráter competitivo ou não, na qual uma dupla de vaqueiros num espaço determinado deita o animal bovino na área demarcada.

§ 1º A dupla de vaqueiros é constituída por:

I - vaqueiro-puxador – Competidor responsável por entrelaçar o protetor de caudas do boi entre as mãos e deitar o bovino na faixa demarcada no colchão de areia;

II - vaqueiro-esteireiro – Competidor responsável por direcionar o boi e condicioná-lo até o local da faixa, emparelhando-o com o vaqueiro-puxador, além de entregar o protetor de cauda do boi ao vaqueiro-puxador.

§ 2º A presente Lei é de observação obrigatória, em sua integralidade, por todos os envolvidos na vaquejada, sejam eles os promotores do evento, os competidores e equipe, pessoas do apoio, locutores, curraleiros, médico veterinário, árbitros, fiscais e segurança privada.

§ 3º Os competidores são julgados pela destreza, domínio e habilidade em posicionar o bovino na área demarcada como determinam as regras de pontuação.

§ 4º Deverão obedecer às normas do Regulamento Geral de Vaquejada orientadas pela Comissão Técnica Permanente de Bem-Estar Animal - CTBEA e Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA:

I - as regras para inscrição, categoria(s), julgamento, classificação e desclassificação, pontuação, rodízios, disputas, fiscalização, segurança, o bem estar das pessoas e animais envolvidos no evento;

II - as dimensões, espaçamentos e localização das faixas de início, pontuação e final de prova;

III - o posicionamento, o espaçamento e as instalações dos bretes, currais e a pista de competição;

IV - as categorias dos competidores.

§ 5º A competição será realizada em espaço físico apropriado, com dimensões e formato que propiciem segurança aos vaqueiros, animais e ao público em geral.

§ 6º A pista/arena onde ocorre a competição deve, obrigatoriamente, permanecer isolada por cerca, não farpada, contendo placas de aviso e sinalização informando os locais apropriados para acomodação do público, ficando terminantemente proibido qualquer tipo de material cortante na área da pista.

Art. 3º A vaquejada poderá ser organizada em modalidades predefinidas dentro do amadorismo e profissionalismo, sendo explicitada na divulgação e inscrição dos vaqueiros em torneio patrocinado ou organizada por pessoa física ou jurídica, pública ou privada.

Art. 4º Ficam obrigados os organizadores da vaquejada a adotar medidas de proteção à integridade física do público, dos vaqueiros e dos animais, tendo por diretrizes:

§ 1º Quanto aos animais:

I – proibição da participação de qualquer animal que possua ferimentos com sangramentos;

II – proibição ao uso de bois com chifres pontiagudos, que ofereçam riscos aos competidores e/ou cavalos, exceto bovino com protetor de chifres;

III – utilização de arreios que não causem ferimentos ao cavalo;

IV – transporte dos animais em veículos apropriados, de acordo com a espécie, oferecendo-lhes conforto, bem como instalação de infraestrutura que garanta a integridade física dos animais, tudo em tamanho adequado à quantidade de indivíduos prevista, e que tenham sombreamento, água e alimentação suficientes;

V – cada bovino não deve correr mais de 3 (três) vezes, por competição;

VI - o brete deverá ser cercado com material resistente não perfurante ou cortante e com piso de areia frouxa não inferior a 20 (vinte) cm de altura;

VII – proibição do uso de objetos perfurantes, cortantes e de choques no gado bovino envolvido no evento;

VIII – só participarão do evento animais com as exigências sanitárias contempladas;

IX – o piso da pista de corrida deve possuir camada de 30 (trinta) cm de areia frouxa e não inferior a 40 (quarenta) cm entre as faixas de pontuação formando colchão de areia, sendo capaz de minimizar possíveis acidentes;

X – É vedada a participação de bovino sem o protetor de cauda, o qual será de responsabilidade dos organizadores na qualidade, estado de conservação e entrelaçamento na forma adequada.

§ 2º Quanto aos competidores:

I – garantir o uso obrigatório de capacete apropriado para o esporte equestre, calça comprida, botas e luvas;

II – proibição do uso de objetos perfurocortantes na lida com os animais na pista, dentre os quais: bridas, esporas com roseta cortante, chicotes que provoquem ardor e outras agressões que provoquem dor aguda e/ou perfurações;

III – no tempo hábil os fiscais, juiz de pista ou responsável pelo evento examinarão os equipamentos dos competidores. Serão examinados os seguintes itens:

a) a luva baixa ou, no máximo, com 5 (cinco) cm de altura no pitoco (ou toco), sem quina e nem inclinação;

b) equipamentos de freios instalados nos arreios dos cavalos;

c) ferimento ou lesão que demonstre o mal-estar do animal;

IV - após a apresentação, não será permitido o açoite, freios bruscos e solavancos ásperos nas rédeas que possam lesionar o animal;

V - o vaqueiro que provocar maus tratos nos animais, em qualquer momento do evento e não obedecer à solicitação de contenção dos organizadores será desclassificado.

§ 3º Quanto aos promotores e/ou organizadores:

I - promover capacitação das pessoas envolvidas com o evento para orientar o público, bem como os proprietários e tratadores, quando houver maus tratos aos animais;

II - exigir as disposições dos incisos do art. 5º da Lei Estadual nº 14.446/09, que trata da prevenção, controle e erradicação das doenças dos animais;

III - oferecer atendimento de primeiros socorros e uma ambulância de plantão durante o evento;

IV - oferecer médico veterinário com estrutura para atendimento de emergência durante as provas;

V - liberar a pista somente após vistoria prévia da luva e equipamentos usados para comando e montaria, e havendo a não adequação das exigências previamente estipuladas, o competidor sofrerá pena de desclassificação.

Art. 5º Os promotores e/ou organizadores dos eventos, suas equipes de apoio e juízes, assim como os competidores, têm obrigação de preservar os animais envolvidos no esporte, sendo que qualquer maltrato proposital a qualquer dos animais participantes do evento acarretará a responsabilização civil e criminal daquele diretamente envolvido na ocorrência e a sua imediata desclassificação.

Art. 6º É obrigatória, durante todo o evento, a permanência de um médico veterinário destinado a, durante as competições, na condição de responsável pelo bem estar animal, fiscalizar a atuação

dos competidores e da equipe de apoio no trato com os animais, podendo suspender a participação dos concorrentes quando, por qualquer motivo, incorrerem em descumprimento dos preceitos previstos nesta Lei.

Parágrafo único. A presença de médico veterinário fornecido pelos organizadores não impede a presença de médicos veterinários da ADAGRI – Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Ceará, caso esses desejem realizar acompanhamento e/ou fiscalização sanitária do evento.

Art. 7º Fica o médico veterinário responsável pela verificação das condições de saúde de cada animal, antes e imediatamente após cada participação no evento, visando sempre à prevenção de maus tratos e à garantia da manutenção da saúde animal, tendo que a opinião do médico veterinário imediata eficácia no sentido de vetar a participação de qualquer animal, seja no início ou durante os trabalhos, sendo a sua desobediência imputada aos promotores e/ou organizadores do evento, os quais poderão responder civil e criminalmente por qualquer dano ocasionado.

Art. 8º Nada impede a realização de eventos musicais simultaneamente à realização da vaquejada.

Art. 9º Fica proibida a utilização de sons de carro e dos chamados “paredões de som” na área dos animais, sem prejuízo da realização de eventos musicais em seus locais apropriados.

Art. 10. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 11. Ficam revogadas as disposições contrárias.

PALÁCIO DA ABOLIÇÃO, DO GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ, em Fortaleza, 13 de setembro de 2017.

Camilo Sobreira de Santana
GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ

Iniciativa: **DEPUTADO DANNIEL OLIVEIRA e PODER EXECUTIVO**

ANEXO C – Parecer substanciado do Comitê de Ética da UECE



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Língua e Cultura: As realidades de linguagem do Ceará

Pesquisador: EXPEDITO ELOISIO XIMENES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 60475316.9.0000.5534

Instituição Proponente: Centro de Humanidades

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.875.961

Apresentação do Projeto:

O presente projeto insere-se na linha de pesquisa 01, Linguagem, tecnologia e ensino, do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, e também na linha 01, Memórias e historicidade, do Mestrado Interdisciplinar em História e Letras, ambos da Universidade Estadual do Ceará, e busca desenvolver um estudo voltado para a relação linguagem e cultura em grupos sociais, profissionais e regionais situados no estado do Ceará. O estudo objetiva investigar a linguagem dos grupos pesquisados como uma manifestação cultural do estado do Ceará e pretende analisar a identidade do povo cearense como um ator ativo social, cultural e linguisticamente. Buscamos também, com essas abordagens de estudos da linguagem, compor produtos lexicográficos, terminográficos e de outros aspectos lexicais e discursivos que registram as tradições culturais de nosso estado, a partir da linguagem utilizada pelos representantes desses grupos.

A pesquisa se desdobrará em subprojetos (pesquisas de doutorado, de mestrado, de especialização, de graduação e de iniciação científica), que executarão a metodologia proposta e comporão o estudo como um todo, confluindo para o alcance dos objetivos traçados. Como meios para chegarmos às redes léxico-culturais e aos aspectos discursivos e semânticopragmáticos, observaremos as realidades de linguagem dos participantes da pesquisa in loco, considerando os métodos pragmático, palavras e coisas e terminológico

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.875.961

para estruturação dos diversos usos da língua como o campo lexical de cada grupo pesquisado e os marcadores discursivos dentre outros. Assim, aspiramos sistematizar e analisar esses aspectos que revelam as realidades linguísticas do estado do Ceará e que são indispensáveis para percebermos e divulgarmos a cultura desse estado por intermédio da linguagem praticada pelos cearenses em cada grupo cultural específico.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Investigar as manifestações linguísticas, sócio-históricas e culturais expressas por vários grupos sociais que habitam o Ceará.

Objetivo Secundário:

- Investigar a realidade linguística e a identidade cultural do estado do Ceará expressas por meio da língua em uso pelos atores sociais como sujeitos ativos;
- Realizar estudos linguísticos sob vários vieses teórico-metodológicos que deem conta das

relações de significado e das manifestações culturais dos atores sociais investigados;

- Realizar estudos dos marcadores discursivos encontrados na oralidade, visando organizar um banco de dados que contemplem as propriedades formais e funcionais dos marcadores encontrados;
- Organizar glossários de termos da língua e da cultura dos grupos sociais cearenses.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

A pesquisa não oferece riscos físicos e psicológicos aos participantes, tendo em vista que há uma relação cordial entre participantes e pesquisadores.

Benefícios:

A pesquisa contribuirá sobremaneira para a preservação da linguagem e da cultura dos diversos grupos pesquisados, colocando-os em evidência social e academicamente.

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.875.961

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é de extrema relevância para a construção de um levantamento cultural do léxico cearense.

O pesquisador fez as considerações sobre os riscos da pesquisa, deixando este item adequado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O pesquisador fez o TCLE adequando-o as exigências do CEP.

Recomendações:

Aprovação

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

projeto aprovado

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_762101.pdf	17/11/2016 11:05:07		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	MODELO_TCLE_reformulado3.docx	17/11/2016 11:03:26	EXPEDITO ELOISIO XIMENES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_Lingua_e_Cultura_PRAETE_CE_06_09.doc	06/09/2016 00:23:12	EXPEDITO ELOISIO XIMENES	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto_ASSINADA.pdf	06/09/2016 00:19:27	EXPEDITO ELOISIO XIMENES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
CEARÁ - UECE



Continuação do Parecer: 1.875.961

FORTALEZA, 24 de Novembro de 2016

Assinado por:
ISAAC NETO GOES DA SILVA
(Coordenador)

Endereço: Av. Silas Munguba, 1700

Bairro: Itaperi

CEP: 60.714-903

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3101-9890

Fax: (85)3101-9906

E-mail: cep@uece.br

ANEXO D – Termo de consentimento livre e esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O(a) senhor(a) está sendo convidado(a) a participar da pesquisa **Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará**. Que tem como objetivo estudar manifestações linguísticas, sócio-históricas e culturais expressas por vários grupos sociais que habitam o Ceará. E organizar glossários, publicações e documentários em vídeo para divulgar essas culturas linguísticas.

Dessa forma, pedimos a sua colaboração nesta pesquisa, respondendo a uma entrevista sobre o tema acima proposto que poderá ser gravada em vídeo se o(a) senhor(a) concordar. **Como esta pesquisa não oferece riscos físicos e psicológicos aos participantes, garantimos que esta não trará nenhuma forma de prejuízo, dano ou transtornos e que o(a) senhor(a) tem liberdade para decidir quando participará e se mantém o interesse em participar. Todas as informações obtidas neste estudo serão mantidas em sigilo e sua identidade não será revelada.** Vale ressaltar, que sua participação é voluntária e o(a) senhor(a) poderá a qualquer momento deixar de participar deste, sem qualquer prejuízo ou dano. Comprometemo-nos a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e para documentário e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos e de revistas especializadas e/ou de encontros científicos e de congressos, sempre resguardando sua identificação. **Destacamos, ainda, que este estudo trará como benefício aos participantes dos grupos sociais do Ceará a preservação de seu patrimônio linguístico, cultural e histórico, contribuindo para a divulgação e para a valorização social e acadêmica desses grupos.**

Todos os participantes poderão receber quaisquer esclarecimentos acerca da pesquisa e, ressaltando novamente, terão liberdade para não participar quando assim não acharem mais conveniente. Contatos com o pesquisador Expedito Eloísio Ximenes pelos telefones (85) 99630.5033 ou (85) 98855.8581 e/ou pelos e-mails expedito.ximenes@uece.br e praetece2010@gmail.com.br.

O Comitê de Ética da UECE encontra-se disponível para esclarecimentos pelo telefone: (085) 3101.9890/3101.9600 – Endereço Av. Dr. Silas Munguba, 1700 – Campus do Itaperi – Fortaleza- Ceará. E-mail: cep@uece.br. Horário de funcionamento: de segunda a sexta-feira, de 8h às 12h e de 13h às 17h.

Este termo está elaborado em duas vias sendo uma para o sujeito participante da pesquisa e outro para o arquivo do pesquisador.

Eu, _____ tendo sido esclarecido a respeito da pesquisa, aceito participar da mesma.

Fortaleza, ____ de _____ de _____.

Assinatura do participante

Assinatura do pesquisador

ANEXO E – Transcrições das entrevistas semiestruturadas³⁷**GRUPO FOCAL 1**³⁸

Data da gravação: Canindé, 7 de maio de 2016.

Local da gravação: AVABOCRI

Participantes: João Evangelista (V1), Moisés Uchoa (V2), Luciano (V3), José Massal (V4), José Moreira (V5), Pedro (V6), Antônio Viana (Mitônio – V7), Cesar (V8), Welder (V9) e Ticiane Nunes (P).

P: Vamo lá tá gravando! Comece o senhor?

V1: João Evangelista de Abreu.

P: O senhor nasceu quando?

V1: Quatro de dezoito de sessenta e quatro!

P: Dezoito do quatro de sessenta e quatro. E o senhor, Sr. Moises?

V2: Moises Paulo Uchoa, nasci no dia 19 de dezembro de 1932, às cinco horas da manhã.

P: Até a hora, viu! (risadas).

V3: Eu sou Luciano Soares, nasci em mii... em 11 de maio de 1965.

P: E o senhor, S. José Massal?

V4: Meu nome é José Ferreira da Cruz, conhecido por José Massal, na região do Brasil, nasci em mil novecentos...mil novecentos... setenta e quatro anos vou completar no dia 21 de maio... eu sei que eu tô completando!

P: A gente depois faz as contas!

(Pessoas falando ao mesmo tempo)

P: Pode falar, pode falar.

V5: Eu sou José Moreira Gomes, nasci no trinta e seis, no dia 2 de março.

P: E você S. Pedro?

V6: Pedro Costa Freitas, nasci em 1950, dia 18 de outubro.

P: E ela aí que já entrou...

P: Pronto, então vamos lá! Primeiro quero saber se vocês são todos vaqueiros?

V6: Todos somos vaqueiros!

V2: E o nome dele? (apontando para outro senhor).

P: E o sr. me diga seu nome e sua idade!

V7: Pá tirar foto não! Tenho mó horror de foto.

V2: teu nome e tua idade! Ela quer a data!

P: Não tá pegando ele, não tá pegando, não tá pegando! Repita aí! Pode repetir! Repita! Repita seu nome, seu nome...

V7: Antonio Viana Vaz.

³⁷ As transcrições estão aqui apresentadas em caráter de amostragem, as demais estão compiladas nos arquivos que compõem o *corpus* do projeto de pesquisa *Língua e Cultura: as realidades de linguagem do Ceará*.

³⁸ Transcrição de Bruna Uchoa Mota, bolsista de iniciação científica – IC/UECE, do projeto de pesquisa *Língua e cultura: as realidades de linguagem do Ceará*.

P: Pronto! Então vamos fazer o seguinte, vamos começar né, de fato. Todos vocês são vaqueiros?!

V6: eu sou.

P: Todo mundo trabalhou criando gado? Quem ainda trabalha cuidando do gado?
(muitos falando ao mesmo tempo)

Todos: eu sou, eu sou, nós vai assim ganhando a vida.

P: E o senhor? O senhor também? O senhor?

V4: Nós trabalha sim, só que nós não somos vaqueiro de fazer plantado, todo dia trabalha com o gado e tudo assim, fulano vai prantar batata, fulano cuida do gado, nós trabalha com o gado, mas também plantando.

V3: Nós trabalha mais fazendo filho.

P: Nem que seja orientando, mas ainda tem contato?

V4: Não sou mais vaqueiro, porque não pego mais no mato.

P: Não, mas continua vaqueiro!

V4: pega assim... nós bota nos corredor.

P: Todos vocês moram aqui no município de Canindé?

Todos: Com certeza (falam baixo e juntos).

P: As localidades? Todos moram... Qual localidade que o senhor mora?

V7: Distrito Vasinha do Curú.

P: E o senhor seu Moises, mora aqui mesmo na sede, né?

Moises: É.

P: Luciano?

Luciano: Fazenda Rio São Paulo.

V4: Canindé.

P: Já tá aqui na sede né?! E o senhor?

V5: Canindé também.

P: E o senhor, S. Pedro?

Pedro: São Bernardo.

V7: Moro por acolá, onde tinha veado e mocó.

(vozes juntas risadas)

V2: Eu, o Moises Paulo Uchoa, em mil novecentos e quarenta e cinco, eu tinha treze anos, vesti o primeiro gibão, de outa pessoa porque eu não tinha, aí aparecia aquele gado pra mim trazer pra cidade pra abater, que eu sou do interior, e ai eu comecei a querer bem o gibão, aquela coisa todinha, e ai o negócio ainda tá aqui armado, vaqueiro né, num luto mais com gado, mas eu adoro ver o gado lá.

P: e vocês? Podem falar, fiquem à vontade... - Vai, Luciano!

V3: eu comecei a trabalhar com gado de menino, criança ainda, e para dizer verdadeiramente, corri mesmo foi depois de trinta ano que aprendi correr mesmo e ainda hoje faço serviço, hoje trabalho ainda.

P: Oh, muito bem!

V5: e eu trabalhei na fazenda Liramar, morei dezoito anos, trabalhei na fazenda Liramar, desde dez anos, a minha luta era com o gado, aí com o tempo, o patrão morreu né, aí eu, aí eu só ia pra tirar leite, antes durante dez anos estava com gado.

V4: eu, nasci na fazenda lagoa do Germano, hoje ela é conhecida por lagoa do Massal, na beira do curral, só não nasci porque a mãe correu pra dentro de casa, senão era pra tá tirando leite assim pela boca, mas eu nasci bem na beira; fui crescendo, fui tenho que ganhar a vida, a mãe me botou na escola com 7 ano, não leio, porque o meu instinto só pensava em montar, montar, depois arruma um patrão pra tá do lado dele. Eu fui trabalhar com esse vaqueiro velho grosseiro, aí meu professor foi quando as provas foi que eu chego... até agora na luta, por aqui por acolá, num sou mais vaqueiro, mas vô olhar alguém pegar gado, uma pega acolá em tal canto, eu vou lá, não vou pegar porque eu fico muito envergonhoso porque os vaqueiro hoje é mole, não são que nem antigamente no tempo desses homens aqui, vaqueiro hoje só monta 60, 50 kg, pro boi pra botar no mato, primeiro os homens conta lá atrás de boi uns 4 légua de distância... pegar boi, hoje num pega.

(risadas)

P: e o Senhor, S. Pedro?

V6: desde de 8 pra 9 anos, comecei na luta, assando mandacaru, palma pro gado, era as ração da época, era menino, ajudava papai nessas época, de lá, de cá tá com quatro anos, mais ou menos, que não quis mais trabalha, sendo pesado serviço ruim bom fiz e gostei, num faço mais porque cansei, vontade ainda é, dou no couro, fico danadinho quando um cavaco novo não pega um boi (risadas), minha vontade é de dar nele (risadas).

P: fica com raiva porque não pega né!? (rsrs) e o Senhor? (muitas falas simultâneas)

V7: comecei cedo com vinte e um ano de idade bebi muito leite, bebi muito leite cru do peito da vaca, era bom, bemquentinho e era sadio, hoje em dia o leite é tudo misturado com água num é! Num tem mais gosto nenhum, e num tem mais força, num tem mais sustança, o queijo do mesmo jeito, bota aqueles comprimido, cê come da dor de barriga do diabo, se lasca (risadas) morre envenenado.

V6: montava no queixo de um toro de trezentos quilo eu ia com ele no chão, hoje? Dizem Pedro é mentira, mar num é não, pegava na perna, tava era pegado.

P: e vocês? Vocês escolheram ser vaqueiros? Como foi? Como foi que vocês foram ser vaqueiros?

V1: nós tem um bife de coró de uns animai véio ainda.

P: como foi que vocês escolheram?

V7: ainda tem uns trajes de couro de uns animais veio ainda.

Vaqueiro laranja: bom, eu escolhi ser vaqueiro seguinte sabe, quando eu comecei a andar rapazinho né, e aí o pessoal ia buscar na fazenda lá né, e aí eu ainda meio dia andando atrás de vaqueiro cum boi nu mês do mato, reparando ele passar, a quebrada de pau que ele dava, eu atrás olhando, com vontade de mar um podia comprar um cavalo na época, mar eu vô sê vaqueiro, mar eu vou ser, me empreguei numa fazenda, aí fui sê comprei um cavalo...

P: aí foi ser vaqueiro...

V7: ...aí fui sê vaqueiro, tem o nome de vaqueiro porque o boi deu, até hoje na minha vida cavalo de boi só vi esse, até hoje montava uma mulher, um menino, o que segurasse ele pegava, eu corri atrás de um toro mar um amigo meu, ele dizendo Massau nunca vi um cavalo igual ao teu, babou, pelejei pra não... tem não, tem o nome dele, o nome dele é Ingi, nós num podia criar, tinha que pagar o homem.

V6: tu é muito rim... tem pelo menos um retrato dele.

V1: Rapaz, é o seguinte, eu mermo escolhi pra ser vaqueiro, porque eu tive oportunidade muito boa pra estudar, que me deram, me deram oportunidade pra estudar, me deram oportunidade pra mim ser mecânico, me deram oportunidade pra mim sê marceneiro, tudo isso pra mim e eu escolhi sê vaqueiro de livre e espontânea vontade, porque queria sê vaqueiro, hoje tô arrependido de ter sido pra isso, eu num fui aprender a ler por causo de mim, meus pais me deram e eu num quis, largava a escola e ia atrás de gado, cinquenta e dois ano, andando nos mato, e acho bom ainda, tô na associação de vaqueiro por que acho bom, num tenho nome, mar é bom.

V7: Mas uma vez fui atrás do gado no ano de sessenta e quatro, ai eu me ariei, dentro dos mato. Ô bocado rim, ai eu ouvi o chocalho, bater, bater, ai eu fiquei assim quais deitado no chão, ai foi que voltou o sentido o gado tava tocando assim distante, assim como broca, pra mim a chocalhada, era no meio do mundo se ariano é coisa rim, procurava um canto, voltava pro mermo corredor, cê parece que fica amarrado viu, é coisa rim, cê se aria dentro dos mato, e o caba andando só, Ave-Maria né, caba sofre dentro dos mato só.

P: Sr. Moises tá doido pra falar! Fala Sr. Moises!

V2: Eu comecei a vaqueiro, meu avô era criado de gado, o avô de Zé Massal era vaqueiro de do meu avô, meu avô tinha fazendo no São Serafim, tinha um terrenim, os divido morador dessa lagoa era os Massau, chamado lagoa era os Massau, Massal era apelido, os Massal o avô dele que era meio dos Massal ai ficaram chamando hoje por lagoa dos Massal, porque meu avô morreu, aí os Massal compraram os terreno da lagoa, lagoa do Mané Vicente, hoje é a lagoa dos Massal num tem quem conheça por outro nome, aí eu desde pequeno fui logo começando, novinho ia pra festa de vaquejada e via eu aboiando aquela coisa todinha e muitos outros que foro me acompanhando e hoje é um rapazinho que alegra muito a vaquejada e a brincadeira de gado e essa turma todinho aqui, todos eles me conhece e eu conheço ele tudinho, tudo somos pessoas capacitada, ninguém pode dizer que somos aqueles vaqueiro, que de qualquer maneira nós tá quais tudo aposentado, pessoa num pode dizer que é...

P: Mas tem a experiência...

V2: ...faz dez ano que num dou uma queda num boi mas tenho minha roupa de coró guardada.

P: Eu quero ver vocês depois encourado, gente vou dá uma pausa.

(PAUSA)

V9: Apaixonado eu me criei foi correndo atrás de gado, milhões de história que eu vi em vaquejada, e toda garotada tem aquela animação, e os mais velhos ensinam o que já sabe, e isso que me cabe no meu grande coração, é muito bom você ver o boi mandingueiro corre muito ligeiro e vaqueiro indo atrás e derrubar com aquela animação, pegar o boi de murão e o que e o eu quero mais (palmas).

V2: tá pegando ele?

V1: cadê o vaqueiro César tá pegando ele?

V6: e aí dá duro véio?

Antonio: o meu quengo!

V6: se num tá... só tu e o Pai sabem

V1: tá pegando?

P: agora tá, agora tá, agora tá. (rsrs)

V4: boia também César...

P: Aboia também?

TODOS: Aboia. Aboia, aboia.

V1: Pai dele é vaqueiro!

P: Ele num vai aboiar? Vai aboiar não rapaz?

V6: Evangelista! (meio que chamando a atenção)

P: oh então deixa eu fazer outra pergunta né? Eu vi que vocês são muito festeiros né, vocês vivem né de é...se reunir nos grupos, nas outras localidades né, pra fazer, pra comemorar sempre esse prazer de ser vaqueiro né, queria que você me dissessem assim, as localidades, hoje tem festa agindo, o que é que é as festas pra gente assim ter uma noção, hoje...né? Que festa é essa lá?

V2: é uma missa dos vaqueiro em comemoração ao dia do vaqueiro (rápido), em todas região que nós visitamos nós somos convidados, e em homenagem a celebra a missa em homenagem ao vaqueiro e ai a gente participa Ipajé, Itapebussu, Antoim, Prado (rápido)todas essas regiões, Baturité, Moró, Pentecoste, São Bernadotodas essas localidade Sobral, até Acaraú, Fortaleza também bonito

V4: eu e esse camarada aqui já fizemos três show em Fortaleza (rápido, ele continuou falando e não dá pra entender)

V1: a festa maior do dia do vaqueiro é dedicado dia do vaqueiro, é dia 22 de agosto, mais esse ano vamos fazer dia 20 que é sábado, dia 22 é na semana.

P: é na segunda-feira...

V2: Lá em frente a churrascaria do Doquinho... olhando o lado direito e tá lá os alpendrão aquelas coisas.

P: Deixa eu perguntar outra coisa, eu tinha certeza que vocês né, como vaqueiros devem ter alguma situação que assim, algum caso que aconteceu, que vocês apostam de contar né, eu queria escutá-los! Rsrs

V6: sempre é carreira de boi

P: pois conte aí uma rsrs em especial

V6: nas época que nós ia campear longe de casa, as vezes acontecia até de da gente e só, um dia aconteceu comigo, pras quatro e meia da tarde mais ou menos, tenha (rápido) ali perto da serra de pingá, encontrei cum ele lá tinha dado uma chuva pouco tempo, quando senti um cheirinho de podre ..., um boi caído na frente, monge assim né ai espantou né, ai puxei o rabo dele descendo, (fala rápida) andei muito tempo assim que nem um tejo quando (fala rápida) batendo no meu espinhaço quando eu me virei e botei (fala rápida) ele indo tava no chão, quando levantou-se o pescoço ainda tava dolorido assim (rápido) ficava faltando fogo, penava de buxo do..., os estriba no chão (fala rápida) né todos que faz isso não é bem pouquinho, cavalo fazer isso né (fala rápida) mas cavalo bom é bem longe um do outro, é que nem puxar (fala rápida) é que nem puxar cachorro com onça, cavalo com toro e toro com roda.

Vaqueiro verde: Paz, minha dedicação sê vaqueiro o caba sempre tem uma dedicação assim, eu tinha seis anos de idade e eu via os vaqueiro correndo atrás de boi, ai... eu, eu vi assim um cara dizer, o melhor vaqueiro foi fulano de tau que pegou o boi fulano de tau, eu tinha seis ano de idade ne já atrais de andar a cavalo por alí, e tudo mas num deixavam, eu fui e dizia assim: rapaz eu quero ser vaqueiro esperto pá mim pegar o boi mais brabo ai eu fiquei me dedicando a... até que um dia eu cheguei a ser ainda nos canto que eu trabalhava, de pegar

muito boi brabo, assim a negada dizia, dizendo a merma coisa que eu tinha visto falar quando eu tinha seis ano.

V2: Já tinha aquela fama, mas a bravura do vaqueiro pra pegar boi no mato é uma cultura muito perigosa e num é pra todo mundo, um bucado anda a cavalo mas pra pegar boi no braço...

V5: Tem medo.

P: É difícil

V5: né pra todo mundo não.

V1: Até aqui hoje tem boi bravo mas muito difícil porque de primeiro, hoje já tão ficando tão moderno pra você criar, você andava daqui pá Santa Quitera, antigamente num tinha uma cerca hoje cê for contar talvez passe dois dia e você num conte de tanto cercado que tem.

V7: Antigamente a gente andava nos mato via boi, mula, bezerro nos mato, e isso aí que era brabo, hoje é tudo na cuia, na cocheira, hoje os bezerro já sai tudo morto.

Vaqueiro Verde: Os vaqueiros lá Zé Massal?

V1: Os Lopes. era os Lopes e os Preventino, era. Os Lopes, teve uns meninos ((fala rápida)). Ali descendo bem ali no ri do lado da casa grande

*****TODOS FALANDO AO MESMO TEMPO, ÁUDIO DISTANTE*** (Entrevistadora toma a frente)**

P: Só pra gente fechar, vocês não me contaram como vocês faziam essa... ele me falou que já dormiu, duas noites no mato, com certeza você, o senhor, precisou se alimentar de alguma maneira, o senhor Zé Massau disse que levava nos alforjes carne seca.

V1: Eu dormi duas vez mas num foi encariada, fazenda onde eu trabalhava, era uma fazenda de catorze mil hectare de terra, ainda hoje tem essa fazenda lá e agora ela já foi desmatada muito, antes tinha muito mato, que você andava duas três légua só nas mata, eu corri atrás de uma vaca, lá tem m lugar que chama saco dos veado, que chama lá tem um olho d'água isso era já quais de tarde quando eu fui pegar a vaca que eu terminei de amarrar a vaca já era de noite umas sete hora com a vaca amarrada, tava que nem ele aqui (gesticula tocando no vaqueiro ao lado) eu não sabia mais pra donde é que tava, no inverno correndo agua pá todo canto isso...isso...isso... foi sabe quando oitenta e quatro, mil novecentos e oitenta e quatro, aí pronto eu fiquei a toa eu soltei essa vaca, porque eu digo não ela vai caça caminho e a vaca queria ir pra um canto e eu tirava ela por outro, ai pronto terminei já tarde, eu disse rapaz eu tô perdido, eu num sei pra donde é que eu ia, peguei a vaca, amarrei a vaca, peguei e disse: aqui eu vô amanhecer o dia só fiz tirar o cavalo, tirei a cela da grota assim dei um banho nele, no escuro assim de noite só, que a gente usava um isqueiro, uma coisa ainda e lá ajeitei, amarrei o cavalo, fiquei, botei a roupa de couro molhado no chão molhado, mais difícil molhado da terra, na terra era mais ruim, num dormi não mas fiquei lá a noite todinha, ai quando o dia clareou eu percebi que tava no terreiro de casa, ai só fiz botar a cela no cavalo, acabar soltei a vaca fui embora num gastei uma hora pra sai do curral. Ariei que num sabia pra donde era que eu ia.

*****muitas falas sussurradas****

V4: Tem o vaqueiro e o vaqueiro, vaqueiro bom é esse cabra aqui (fala apontando), o caba que é bom vaqueiro, que sai pro campo sem medo, pra terra esquisita donde só tem passarinho ((fala rápida)) termina muito cansado, com sede, calor pode ta machucado((fala rápida)) pede a Nosso Senhor, Jesus me leva daqui quando o sol se pô, quando o boi solto se vira pega a briga depois da briga se vira, se deita o vaqueiro de tão cansado, que as vez

três da tarde sem cumer, sem bebê, olha pra todo lado, sofrendo de derreter e o boi no centro da bumba(essa palavra não era audível) vaqueiro encontra um porte ele amarra, “vô deixar tu amarrado que amanhã bem cedinho Deus querendo venho buscar, ele amarra o boi tira a carga que vinha machucando ((fala rápida)) às oito hora da noite, tira a cela do cavalo, dá bain nele ai é um vaqueiro que sabe trata primeiro do cavala, ele pro derradeiro

V6: Nem que sempre dizia se era pá ir l apo nojosa pegar boi fulano de tau já sabia de tarde se matava um frango, se torrava, ficava no mocó, inda hoje lá em casa usa as vezes até pra levar pro roçado quando trabalhar na noite, a gente bota no mocó, menino vale a pena viu, outro dia trazer aqui uma coisinha pra ocê provar o que vem dento viu, tive a ideia aqui , no mocó.

V1: Mocó é um deposito de botar comida feito de coró de boi.

P: é tipo a borracha é?

V2: Não, é couro! um saco de coar café!

P: Sim, entendi. Então vocês já levavam pronto, era?

V6: É sim, e pode passar tempo, carne seca, farofa, até três dia pode comer, é mermo que ter saído naquele instante, num é quente, mas é sadia, gostosa, pega gosto.

V4: carne de porco pra botar dento.

V7: Carne de porco, farofa.

V6: Fui professor dessas coisas assim, pato, capote queijo, rapadura, de tudo enquanto, só tô velho mas conheço de tudo enquanto, conheço um pouquinho, levei porco a pé lá de casa pra serra de Baturité fiz muitas vezes não, até duas vezes, até hoje o povo ne acredita, lá da minha casa monte alegre onde nasci, nessa idade só tive duas casa onde nasci e onde tô hoje tudo enquanto tirar na bica agua pra gado na seca tirava mais de um metro

V7: Carregava até areia no couro do boi.

V6: Pronto, fui pra tudo amansava boi brabo, pra tudo.

V1: Hoje é diferente.

V6: Vamos encerrar pra nós ir pr'ali!

P: S. Moisés tá querendo encerrar, fale aí?!

V2: Maior sofrimento que eu tive na luta de gado foi já é depois de... num faz muito tempo não no ano de mil novecentos cinquenta e sete e eu passei um ano em Fortaleza, ensinando meu filho a abater gado, aí ele comprou uma vaca com bezerrinho novo, aqui na fazenda onde eu morava 30Km daqui pra lá pra levar pra Fortaleza, complicado carregar gado, eu aqui a cavalo tangendo um bezerrinho de três mês sai lá da fazenda onde eu vim dormi aqui no Canindé, daí o bezerro já querendo cansar, eu tirei quatro dia ((fala muito rápida)), eu entrava pra dento do mato amarrava o bezerro botava um chocalho na vaca e ela não saia dali quatro dia no parque santa fé, hoje é Joao vinte e três ali em Fortaleza, quatro dias de pé pra Fortaleza.

V6: 60 gado.

V1: A surpresa maior que eu tive de gado nós já tava todo mundo já cansado pra tu ver o que é um empregado, tava todo mundo cansado, corria atrás de gado todo dia, todo mundo cansado duas hora da tarde tava gritando, ai quando chegou lá, “reunião agora de tarde todo mundo faltar não, doutor vai ligar mas vô logo dizer o que é ele vendeu mil e duzentas mulinha e vaca da premera via deu prazo pra entregar de sessenta dia”, ai pronto, mermo que dá pancada rsrs.

******Muitas falas, todos se levantam e o vídeo encerra*****

GRUPO FOCAL 3³⁹

Data da gravação: Morada Nova, 15 de junho de 2016.

Local da gravação: Pátio da Secretaria de Agricultura do Município de Morada Nova

Participantes: João de Deus Girão Filho (V1), Joaquim Bezerra de Araújo Filho (Araújo – V2), José Wagner Raulino (V3), Francisco Gleison Lemos Girão (V4), Ticiane Nunes (P) e Benedito Francisco Alves (C).

P: Bom dia, né! Gostaria que vocês dissessem o nome de vocês, né, e a idade ou a data de nascimento, pode começar, S. João!

V1: José Joao Filho, vinte sete de quarenta e quatro.

V2: Joaquim Bezerra de Araújo Filho, conhecido como Araújo, no dia cinco de setembro de quarenta e três.

V3: José Wagner Raulino, conhecido como Wagner Raulino, nascido em dezenove de novembro de mil novecentos e sessenta e três.

V4: Francisco Gleison Lemos Girão, conhecido como Gleison, nascido em 16 de maio de 1971.

P: Gente! Primeiramente, obrigado né por cada um de vocês está aqui e todos vocês são vaqueiros?

V4: Sim!

V2: Sim!

Vaqueiro 3: somos vaqueiro sim!

P: E o senhor, seu João?

V1: Fui né (rsrs).

P: Vocês todos moram aqui em Morada Nova?

Vaqueiros: sim.

P: todos? Todos na sede? Onde?

V2: de Morada nova.

P: Mas daqui da sede?

V4: hoje estamos todos quatro numa sede.

V3: No meu caso eu nasci no interior, nasci na fazenda, mas hoje moro na cidade.

P: Qual a localidade S. Wagner?

V3: Que eu nasci? Nasci numa fazenda chamada barro vermelho, que era de propriedade de Sr João Evangelista, João Batista Evangelista, o qual vaqueiro da fazenda era o pai do Araújo aqui, que era Sr Joaquim Bezerra de Araújo, eu nasci nessa fazenda, e em 1970, ai eu precisei sair (o vento atrapalha o áudio novamente).

P: Vocês todos já estão aqui na sede morando fixo né? Certo!

V3: É, morando na cidade, mas com as atividades na fazenda né, no interior.

P: Certo, quanto tempo vocês têm de profissão? Quanto tempo vocês são vaqueiros desde quando?

V2: Eu comecei pequeno ainda, inclusive eu comecei na fazenda barro vermelho, na qual meu colega falou, qual meu pai, era vaqueiro, que naquela época ele era vaqueiro e gerente, que

³⁹ Transcrição de Bruna Uchoa Mota, bolsista de iniciação científica – IC/UECE, do projeto de pesquisa *Língua e cultura: as realidades de linguagem do Ceará*.

nessa época eu num conhecia essa palavra de gerente, mais e ai se era uma facilidade, época boa, eles doavam muitas vacas pros moradores criar família, chegava um morador lá, falava que era conhecido dele, sr. Evangelista, o proprietário, quando falava Sr. Evangelista, me dê uma vaca pra mim comer leite, ele dizia vá lá pro cumpadre Joaquim, lá se me meu pai desse tava dado, se num desse também não adiantava ele voltar porque quem resolvia era meu pai, isso era uma maravilha, tempo bom, e eu comecei garoto, sendo jóquei de cavalo de prado, tenho até um aperna torta aqui que foi quebrada e emendada lá em casa pelo meu pai mermo, isso em 60, 1960, quando foi em 1969 chegou a desapropriação é... pra montagem do perino de irrigado de Morada – Nova, na qual em 70 nos deixamos as propriedade lá, passamos a viver aqui na cidade, lá na cidade, e até hoje eu esse prazer, essa coisa maravilhosa de ta aqui desse jeito, eu tô com calor mas tô feliz, pra mim isso daqui é mais um ano de vida..

V3: A vista da gente da uma carreira no mato, ne Araújo, independente da gente dá uma carreira no mato, nós estamos aqui no ar condicionado, eu num tô com as minha perneira, que eu tô acidentado, mas o clima de uma roupa de coró ele é muito alto, você dentro de uma roupa de coró você sofre muito, as vezes chega até a passar mal, pelo calor que ela junta, pela hora e o calor da mata, mata seca, você chega até a passar mal em determinados momentos.

P:E a gente tava falando de por que vocês serem vaqueiros, desde quando vocês são vaqueiros? Sr, Araujo falou desde criança...

V2: Desde criança, nasci por exemplo na fazenda, dentro de vacaria, tirando leite, nosso patrão tinha uma propriedade aqui e tinha outra ali, a uns 45km, na ribeira do Palhano, lá e quando era por exemplo em maio a gente fazia, tirava esse gado daqui, tava na várzea na terra de aluvião, e ai gente secava a pastagem, e lá já tava (fala muito rápida) virava pra lá, teve uma vez que a gente ficou, eu, meu irmão, um rapaz que trabalhava com a gente, que campeava também, era esperto, e o meu pai, alimentava 120 vaca só nós quatro, sei que era 30 vaca pra cada um, sei que num tinha conversa não, er ao serviço que tinha que fazer.

V3: E quando terminava perguntava, o que vamos fazer?

V2: Tirava o leite todinho, o leite era só pra fazer queijo, num tinha venda de queijo nem nada, o que que acontecia pegava o queijo jogava dentro de um caixao com farinha que ele não resseca, a farinha fica cheirosa, é a vida né, a vida vai ensinando, toda hora, tirava um comia, tirava outro, assim era vida do vaqueiro do modo geral, quando tinha um animal que saía de um canto pra outro, ai tem por exemplo a ferra que João pode falar até melhor ate melhor que a gente, a gente conhecia a ferra de quase todo os aqui a redor, das adjacências, as vezes corria atrás de animal enganado e quando pegava dizia isso aqui é de fulano, ai dizia Joao de Deus te animal de vocês lá no meio dos nosso

V3: Animal no caso boi, boi, vaca, bovino. Eu lembro eu quando era menino saía lá da sede da fazenda barro vermelho, saía lá pro escudeiro as carradas de queijo, agora como saia essas carradas de queijo? Saía de carroça, carroça de boi né, saía daqui 46km pra juntar la fazenda do escudeiro pra tirar pra fortaleza, onde tinha o mercado consumidor do queijo, aqui pra nós o consumo, mercado de queijo é muito pequeno mas fortaleza o mercado maior, tirava o consumo e saia pra lá o queijo. Queijo artesanal, o nosso queijo era artesanal.

P: Todo artesanal né, o processo

V3: Feito com coalho ne, num tinha nada de produto químico, industrializado era tudo natural, tudo artesanal.

P: S. Wagner, o senhor é vaqueiro há quanto tempo?

V3: Eu comecei tirano leite das cabra, seno menino, ai fui crescendo, fui crescendo e me apaixonei por lombo de cavalo e até hoje vivo em lombo de cavalo, é a ultima carreira que dei foi aqui na carreira do Gleison no ano passado que fumo pegar uns boi lá, foi a ultima carreira que eu de ai dai pra ca me acidentei e ai num corri mais, num corri mais mas ate o ano passado a gente corria no mato.

P: E voce Gleison é vaqueiro desde quando ?

V4: Eu posso dizer que nasci vaqueiro por que sou fi de vaqueiro sou neto de vaqueiro e birneto de vaqueiro, quando nasci dentro de curral praticamente, e ai meu pai vei embora passou algum tempo morando dentro das propriedades do meu avô, tinha três propriedade, quando era no período invernososo ia pra um, na época seca ia pra outro, fazia essa saída de uma canto pra outro como meu colega aqui já falaram, perdia muito período de inverno e de seca, ai meus pais vieram embora pra cidade pra gente estudar, mas nunca perdi esse vinculo de fazenda, sempre gostei, gostava muito de criar ovelha, cordeirozinho enjeitado, quem cuidada e quem alimentava era eu, depois me apaixonei por cavalo, meu pai foi e me obrigou a tirar leite de vaca, eu aprendi até hoje inda sei, tem esse dom ainda, até o dia de hoje a gente ainda faz alguma coisa não é mais aquele vaqueiro de antigamente, como os vaqueiro de antigamente, que pegava boi no mato, hoje eu considero que existe três tipos de vaqueiro, até falando pros menino aqui (concordo) e eles concordaram comigo. Vaqueiro mesmo que o nome pesa mais é o vaqueiro que pega o boi no mato, esse é o vaqueiro tradicional, o vaqueiro mesmo, que é o nome mais certo com a profissão, aquele que bota roupa de couro, pega seu cavalo entra na mata, la ele se depara com o a rês que tem que ser pego esse sim é o vaqueiro tradicional, e hoje a gente já tem o vaqueiro de manejo, que e esse que fica na vida do campo, tirando leite de vaca, que bota o alimento mas que não pega o boi no mato e atualmente mais recente o vaqueiro que vive de vaquejada(vaqueiro de pista) vaqueiro de pista, profissional, antigamente era só um lazer, os vaqueiro que pegava boi no mato, ele se reuniam final de semana e tinha aquela vaqueja, que era mais como um lazer deles, hoje esse vaqueiro de pista é como uma profissão, quase que como um meio de vida pra manter suas famílias, ai nessa onda vai continuando, as gerações vao passando a evolução vai chegando, mas se a gente deixar a cultura num muda. Hoje vai ficando como uma cultura pra gente.

P: E S. Joao? Senhor é vaqueiro desde quando?

V1: (Barulho de vento) Numa fazendo chamada "Manoel Lopes", (Barulho de vento) meu pai foi vaqueiro lá em 1933 à 1959, eu nasci em 44 no mês de julho, eu comecei a pasturar curral com 7 pra oito anos, comecei a tirar leite, tinha 10 anos ai fui seguindo o que meu pai criava que era gado, ai quando fiquei mais adulto, comecei a campear mais os vaqueiros, morava com a gente lá os vaqueiro mais de campo mermo como a gente chama, e hoje num ando mais nem no mato porque não tem vista mais, nem mais idade pra isso, mas fui gente de viver em cima de cavalo, solo a solo como diz o ditado, e ai me case em 68 passei a ser proprietário de terras ne, de gado também e ai vem ai, seguindo isso ainda hoje tenho uma pequena fazenda, rebanho de gado bovino, segue isso ai.

P: Certo! E Gente como foi que vocês escolheram essa profissão? Como foi que isso aconteceu vocês poderiam falar um pouquinho?

V2: Isso, isso... o companheiro aqui frisou muito bem,a gente começava com 7,8 anos ou antes em ajudar o pai da gente no curral, o pai ia tirar o leite, dizia:" vá botar o bezerro", ele tava terminando de desleitar uma vaca aqui ele já gritava: "bote outro", a gente tinha obrigação de conhecer o bezerro de saber de quem é, quando botava dizia:" essa daqui é da floresta", "entrou o bezerro da goiaba", lá em casa teve nome de vaca que a gente colocou nome de gaiola, arapuca, 121, existia nome gente existe de toda diversidade que você achar que teve,

então a gente começou com aquilo, terminou avalia, buscar o cavalo, as dificuldade, quanta vezes eu pelava mão passava encostada no joelho do cavalo pra botar o dedo do pé lá no joelho na mão do cavalo, de lado, pegava na crina, passava a perninha aqui pra subir no próprio cavalo, eu era pequeno, nem todo canto tinha um toco que ficava na uba na época pra subir. E aí a gente foi ficando com aquilo e foi achando q aquilo era uma coisa boa para gente, que montar naquele cavalo sem aperrear ninguém, por ninguém ser humano quer ser sujeito a ninguém ele quer ser livre de espontâneo até que a gente aprendeu uma maneira de subir no cavalo, muitas vezes soltava o boi na massa e o boi corria atrás da gente e a gente do jeito que vinha bufo em cima do cavalo, a gente vai se apaixonando pelo o que vai fazendo e gostando também (pelo rejedo) pois é pelo rejedo, você pega um cavalo, num tem condição de subir pelo rejedo.

P: O que é rejedo?

V2: É a parte de tras da p perna do cavalo, (joelho), no joelho de trás porque a mão ela dobra assim(faz gestos) as perna é pra frente, o joelho é pra trás, subia a escadinha, dava certo, botava os dois dedos do pé, subia por trás, subia pela garupa, ai eu fui crescendo naquele negocio e tal, pai deixa eu ir também? Não, não, tem que ficar, dá a agua ao cavao tal, dá a agua a vaca também, cuidar do bezerro num sei o que barababá, até que um dia ele foi e disse “um bora”? E tinha um cavalinho velho lá em casa que era do meu irmão, meu irmão foi trabalhar em Fortaleza, e o cavalo ficou lá, o nome do cavalinho pequeno, vou chamar pelo nome de piau...

V3: Lembra do Muçambê?

V2: Lembro. Ai por exemplo eu pego esse cavalinho, ajeitei uma celinha lá e tal, uma celinha velha que tava lá recuado tal, eu ajeitei coloquei no piau e comecei a andar, da fé lá está os homens levando boi, ai leve esse, lá vai eu tocando, quando foi um belo dia lá está a gente nessa tirada de gado que eu falei no começo, ai foi tinha um roupa de couro, eu vim no vizinha aqui pedi uma roupa de couro emprestado, ai eu dizia pai deixa eu encourar, eu comecei indo, eu ia no meio da carga, nos mantimento(vento) levando alimentação.

V3: Queijo, carne seca, farinha, rapadura

P: Era o de comer durante o trabalho?

V1: sim! Chegava meio dia fazia uma parada, lá aquela pessoa, aquela senhora lá que a gente já tinha conhecido, fazia questão de fazer alimentação, quantos são ? são 8 são 10, ai cortava a carne num sei o que, ai foi eu pedi “pai, deixa eu ir encourado? Tem roupa de couro não meu filho, tem eu vi pedi o senhor (não entendo o nome), lá emprestado, ai foi ele disse, pois vá, ai foi eu fui, quando chega a meio dia come lá e tal abrindo a boca, olhar o gado quintal enquanto o sol esfriava, quando a gente almoçava, ai na hora voltou uma bezerra, ai meu pai grita Araújopega a bezerra, eu num tive o que fazer, correr atrás da bezerra,

V2: Ai a bezerra entrou no mato, ai eu disse rapaz eu num vou apanhar não, ai cutuquei o cavalo, quando dei fé a bezerra rolou, ela caiu, quando ela caiu quais cai por cima de mim, eu já tava no chão, ai quando eu peguei a bezerra aqui senti o cavalo bater no peito, peito do cavalo no peito que eu tinha deixado aqui certo? Era o Zé braço, cidadão superesperto ai quando ele chegou e olhou, tá bom já tá pegando bezerra desse jeito, aquilo pra mim avemaria jogou eu lá em cima, certo. Ai eu comecei...

Gleison: Foi a primeira vez que pegou ?

V2: Ou eu pegava ou ia apanhar era uma ordem que meu pai dava, a gente quando eu era criança, a gente tem uma coisa muito importante que hoje não tem quem olhe...Meu pai conversando com outra pessoa eu passasse no meio, quando eu passasse no mei, quando a

peessoa saísse era difícil a gente não apanhar, existia respeito, é tanto que eu digo olha quem apanhou de cipó, e cinturão, de corda, lá a gente tinha pau de criar boi, não existe ladrão nessa época pra cá, a gente apanhava com aquilo que ele tivesse pego na hora, ali foi missão hoje nós temos projetos defendendo num sei o que, muito bem parabéns quem inventou isso certo:? Só que ai parece que os mal feito de criança fazendo mal feito, então era pra ser obrigado todo e qualquer criança tá lá, já que num existe a lei a proteção, era pra ter uma obrigação também e num tem ai pois é pra mim minha vida foi isso, eu fazia duas coisa com maior orgulho possível não de senhor mais do que os outro do prazer que me trazia o orgulho ou o orgulho me trazia o prazer era jogar bola ou andar encourado mais os vaqueiro, armaria esse dois ai eu esqueço até da primeira namora e me lembro disso, me desculpa mas a verdade é essa, consciente oh saindo daqui(bate no coração).

P: Sim, sim tem que ter paixão (rsrs)! E vocês os outros como foi que vocês foram ser vaqueiros? Como foi que ocorreu? Como foi que aconteceu essa escolha de ser vaqueiro?

V4: A história é muito parecida com que o Araújo contou por que a gente nasce dentro, e aquilo mesmo a gente vai começando a botar o bezerro, depois vai começando a ir pegar o cavalo, depois vai começando a campear, deixar o gado as vaca de leite naquele cercado pra depois meio dia ir buscar pra poder apartar os bezerro e ai quando você pensa que não você está dentro da coisa e não quer mais sair, é no sol quente é acordando de madrugada, dormindo tarde nós num hora não tem final de semana mas nós num quer sair, parece que é paixão, acho que é paixão mermo, acho que nem amor é acho que é paixão mermo.

V2: Eu acredito que sim paixão pelo animal abençoado,

V4: É paixão, paixão gostosa, é paixão gostosa, num é paixão que leva a infelicidade não, é paixão que leva a felicidade total, você se sente bem!

V3: Você se sente bem com aquilo em viver em conviver nessa vida sertaneja sentindo o cheiro do arrotto do gado, levando coice do cavalo, você se sente bem, hoje eu tenho uma netinha que o primeiro presente que eu dei pra ela foi um poldrinho e segundo foi um chapéu de couro, viu.

P: O que é isso um poldrinho?

V3: Poldrinho é filho duma égua com cavalo, cavalo novo, quando nasce é um poldrinho se for macho se for fêmea é uma poldrinha.

P: É e tem depois disso?

V3: A idade do poldrinho novo, quando cresce a gente vai começar a amansar ai vira poldro, ai passa a ser um poldro, depois de 3 anos passa a ser um a cavalo.

P: Então quanto tempo pra ser cavalo? Até ser cavalo mesmo

V3: Três anos, é pela dentição!

P: É pelo que?

V3: Pela dentição, dentição do animal, nasci o animal quando ele troca os primeiros dentes da frente ele fez a primeira muda, quando ele troca os segundos laterais segunda muda, os de trás terceira muda, então é, quando, poldro primeira e segunda, e igualha com a terceira muda é cavalo.

V1: Tem uns dentes pequenos é chamado com?

V3: Culumim, uns dentes mais atrás chamado culumim!

V2: E só tem no animal macho, no animal fêmea não tem!

V4: Normalmente, quando o animal fêmea tem esses dois culumim, que são esses dois dentes nas laterais, ela normalmente não procria, ela é infértil, ela tem hormônio de cavalo.;

P: Masculino, né?! Então como é que se dá o desenvolvimento da égua? Do animal fêmea?

V3: É o mesmo procedimento! Mesma coisa! Só muda o sexo!

V4: Poldro/poldra, cavalo/égua, e aí, quando chega na fase de égua, é a fase de reprodução, fase de criar.

****Falam todos juntos****

V2: Depois que parir, depois de sete dias, ela volta a entrar no cio de novo.

P: Aí já pode?

V2: Já pode acasalar de novo!

V1: Aí, são onze pra parir!

P: Onze meses. O sr. Araújo faz parto de bicho né Sr. Araújo?

V2: Isso, isso!

P: conta um pouquinho sr. Araújo como é?! Vocês também fazem?

Todos: eu fiz também (as falas se misturam).

P: Você também?

V2: Todos nós fazíamos...

V3: Todos nós fazíamos!

V2: Agora eu levanto a mão pro céu e agradeço a Deus, quantas vezes te em gancho aqui, como já tive a oportunidade, porem em 2013, 05 de setembro, dia que eu tava completando mais uns aninhos, graças a Deus que eu fico feliz eu estava fazendo uma visita ali a uma senhora que a gente trabalhou junto ali, ela tava completando 90 anos, ai tava conversando com ela e tudo, ai o telefone tocou era um veterinário que estava na fazenda, perguntando onde eu tava (o vento não deixa a fala ser ouvida por alguns segundos), ai ele disse rapaz eu tô aqui com uma bezerra enganchada, dá pra você vir, eu pensei rapaz(muito vento), meti a mão, e disse isso aqui só tira de dependurar, o que que é dependurar um animal? Pega, bota o animal, amarra as pernas, pendura de perna pra cima, pra poder dá espaço, desce o corpo pra poder a gente trabalhar, você tem trato ai com guinche, ai abri o bicho umas 4 hora da tarde quando foi umas 10h da noite nós botamos a bezerra pra fora (vento) num consiga botar lá, atravessada lá, com a corda no pescoço, botei na narina no pranche aqui, por baixo por dentro da outra corda, quando saiu ele disse: rapaz como é que você bota um cabresto num animal desse lá dentro, cansado respirando fraco já, eu disse se eu disser a você eu deixo de ganhar dinheiro, pronto, a resposta foi essa (srs) e com isso eu tenho desenganchado muito, muito bicho, muitos. Último parto que eu fiz de uma égua eu vou daqui uns trinta e tantos quilometro, quando cheguei lá que eu vi eu disse rapaz assim vocês num tira não, não por que tá colado dentro, ainda num vi nem um feto colado, não mas vocês tão puxando aqui uma mão e uma perna ai o, cara endoidou, rapaz você acha que nós somos doidos, num sei o que, mas rapaz! ai foi e eu disse: rapaz eu tô dizendo, eu! aqui é uma mão e uma perna, você quer ver?! eu vou provar pra você, como isso aqui é uma perna, ai peguei uma faquinha que eu levava e cortei, um traçozinho no casco ai chamei: "Raimundim venha cá por favor empurre essa perna pra dentro"?! Empurrou e a perna foi, certo, aí vai o que que faz? O que que não faz? Isso o animalzinho com a cabeça fora, uma mão e uma perna, toda enrolada, ai foi lá fui ajeitando e não achava pra sair, encontrava a outra mão, o animal tava morto, bora ver que isso pode depois querer sair e prejudicar o animal. Ai quê que eu fiz... peguei a dita faquinha,

botei uma corda cabeça pedi o menino pra puxar e disse pega a cabeça, voltei o pescoço do animal ne e ai fui buscar a outra mão, fui buscar a outra mão, fui atrás de desenrolar o pescoço, pescoço tava enrolado, quando terminou, tiramos, botou no chão, você tá vendo? qual foi o casco que eu cortei? Ai foi esse aqui! Como é que você sabe? Rapaz vou lhe dizer, a mão, os nervos ficam por trás e a perna fica na canela, pela frente, ela dobra pra trás então o nervo é pra frente! Aí foi e ensinei lá pra eles, eles podem até aprender e fazer melhor do que eu!